



**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**  
**JÚLIO DE MESQUITA FILHO**  
**Faculdade de Ciências e Letras**  
***Campus de Araraquara***

*DENISE SILVA*



**ESTUDO LEXICOGRÁFICO DA LÍNGUA TERENA**  
Proposta de um dicionário bilíngue Terena-Português



Araraquara-SP  
2013

DENISE SILVA

**ESTUDO LEXICOGRÁFICO DA LÍNGUA  
TERENA:** proposta de um dicionário bilíngue terena-  
português

Tese de Doutorado, apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutor em Linguística e Língua Portuguesa.

**Linha de pesquisa:** Estudo lexicográfico e línguas indígenas (Estudo do léxico; Análise fonológica, morfossintática, semântica e pragmática.)

**Orientadora:** **Profa. Dra.** Cristina Martins Fargetti

**Bolsa:** CAPES

Silva, Denise

Estudo lexicográfico da língua terena: proposta de um dicionário bilíngüe terena-português / Denise Silva – 2013  
292 f. ; 30 cm

Tese (Doutorado em Lingüística e Língua Portuguesa) –  
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”,  
Faculdade de Ciências e Letras (Campus de Araraquara)  
Orientador: Cristina Martins Fargetti

1. Lexicografia. 2. Línguas indígenas. 3. Língua terena.  
I. Título.

DENISE SILVA

# **ESTUDO LEXICOGRÁFICO DA LÍNGUA TERENA:** proposta de um dicionário bilíngue terena- português

Tese de Doutorado, apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutor em Linguística e Língua Portuguesa.

**Linha de pesquisa:** Estudo lexicográfico e línguas indígenas (Estudo do léxico; Análise fonológica, morfossintática, semântica e pragmática.)

**Orientadora:** Profa. Dra. Cristina Martins Fargetti

**Bolsa:** CAPES

Data da defesa: 28/08/2013

**MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:**

---

**Presidente e Orientador: Profa. Dra. Cristina Martins Fargetti**  
UNESP/Araraquara

---

**Membro Titular: Profa.Dra. Gladis Massini-Cagliari**  
UNESP/Araraquara

---

**Membro Titular: Prof. Dr.Odair Luiz Nadin da Silva**  
UNESP/Araraquara

---

**Membro Titular: Profa. Dra. Ana Suelly Arruda Câmara Cabral**  
UNB

---

**Membro Titular: Profa. Dra. Claudete Cameschi de Souza**  
UFMS/CPAQ

**Local:** Universidade Estadual Paulista  
Faculdade de Ciências e Letras  
UNESP – Campus de Araraquara

Ao povo terena da Terra Indígena de Cachoeirinha que gentilmente nos recebeu em suas comunidades, moradas, seio familiar, proporcionado-nos não só o convívio e a amizade, mas, sobretudo a confiança em ceder, compartilhar seus saberes culturais e linguísticos, sentimentos de pertença, histórias, lutas, angústias, perspectivas...

## **A todos, sobretudo...**

Os terena de Cachoeirinha, em especial aqueles que dedicaram horas a ensinar-me um pouco da sua língua e cultura;

Os professores terena: Aronaldo, Maria de Lurdes, Maisa, Anésio, Celinho, Ondina, Sebastião, Quintino, Jáiro, Genésio, Amarildo, Elizeu, pela paciência e dedicação em refletir, explicar, rever, construir junto, durante a coleta, a análise, o registro e a revisão de dados;

A minha orientadora Cristina Martins Fargetti, pela orientação segura e objetiva, pelos trabalhos em conjunto, pelo respeito e dedicação, pela amizade, pela compreensão e pelas oportunidades proporcionadas;

A Coodenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela bolsa concedida durante o doutoramento;

Os professores do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da UNESP/Araraquara,

O professor Aryon Rodrigues, pelo envio do material produzido sobre a língua Terena;

As Professoras Rosane Berlinck e Gladis Massini-Cagliari, pela participação e contribuições durante a banca de qualificação e pela rigorosa leitura do trabalho;

Os colegas do Curso de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da UNESP/Araraquara, pelo convívio e amizade.

Os colegas do Laboratório de Estudos Interculturais Indígenas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (LEIIND), em especial Daniele, Diego e Thaís, pela disponibilidade em ajudar nas diversas situações;

A professora Marlene Durigan, pelos conhecimento partilhados no mestrado, pelo incentivo e pelo respeito.

A Paula Renata Cameschi de Souza, pela solidariedade e pelo grande suporte para o projeto gráfico do trabalho;

À professora Claudete Cameschi de Souza, Coordenadora do Laboratório de Estudos Interculturais Indígenas e Gestora do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da UFMS/Campus de Aquidauana, pela oportunidade de participar dos projetos de pesquisa e extensão e da Licenciatura Intercultural Indígenas Povos do Pantanal.

Meus pais, pela torcida, pelo carinho e pelo apoio;

À Ana Luísa, motivação maior para continuar e aqui, hoje, estar.

AGRADEÇO.

Avo malinga ya, avo malinga ya, avo malinga ya  
Nonjoti unati ya xeti ya, ininjoponeatikomo ukeaku  
Ihâroti ya indóponeamo, uhá kali kixoku éno mo ho'openo.

Manirapomo itúkeovo hó'openo óvoku iyea kurûte  
Itukoamo pêno ôko ya indopóneati úkeaku ya ihâroti.

Avo malinga ya, avo malinga ya, avo malinga ya  
Nonjoatimo kali unáti yea, kali xêti, ininjóponeati úkeaku ya ihâroti,  
Ininjóponeati kali mótoki kixoku êno vokómo hó'openo  
Manirapomo itúkeovo hó'openo ya kurûte itukoamo pêno

Eu estou longe, eu estou longe, eu estou longe  
Avisto uma mensagem boa, acharei fontes amanhã,  
Alcançarei todo o sentido do pássaro

Era um pássaro, um ninho de pomba  
O ninho que alcancei no crepúsculo da manhã

Eu estou longe, eu estou longe, eu estou longe  
Avistarei uma pequena mensagem  
Que achei no crepúsculo da manhã  
Achei um pedacinho de couro do pássaro  
Era um pássaro pombo e seu ninho.

(Canto do koixomoneti Quintino da Silva)

## RESUMO

Reconhecidas as lacunas no conhecimento científico acerca de línguas indígenas apontadas por Rodrigues (2002), Seki (1999) e Moore (2008), esta pesquisa realiza um estudo lexicográfico da língua Terena falada na Comunidade Cachoeirinha (Miranda-MS). Elegeu-se a variedade falada nessa Comunidade Indígena de Cachoeirinha pelos critérios da acessibilidade e da frequência de uso da língua Terena. Ancorado em Haensch et al (1982), Carvalho (2001) e Welker (2005), o trabalho estuda essencialmente o léxico da língua Terena, com o objetivo de organizá-lo em forma de um protótipo de dicionário bilíngue Terena-Português. Antecedendo os verbetes que materializam a proposta, apresentam-se: aspectos histórico-geográficos sobre a família linguística Aruak, sobre a educação indígena e sobre a etnia Terena e sua distribuição no território brasileiro (Seção I); descrição detalhada da metodologia da pesquisa, seus princípios, instrumentos e procedimentos de campo ou de análise (Seção II); descrição, com base em trabalhos anteriores (BUTLER; EKDAHL, 1979; SILVA, 2009; ROSA, 2010; NASCIMENTO, 2012, entre outros), da fonética (fones consonantais e vocálicos), morfologia e sintaxe de nomes, pronomes e verbos (tempo, modo, aspecto) da língua Terena (Seção III); discussão de conceitos básicos da lexicografia e da lexicologia, bem como de questões teórico-metodológicas pertinentes à elaboração de dicionários bilíngues (Seção IV). Na Seção V da tese, sistematizam-se os dados das seções anteriores, explana-se a proposta e apresenta-se estrutura do projeto de dicionário, bem como critérios de seleção das entradas e questões relacionadas a macro e microestruturas, no intuito de orientar o consulente. A versão reduzida da proposta de dicionário Terena-Português é apresentada sob a forma de anexo, contemplando as decisões lexicográficas de agora e visando a uma obra de maior fôlego no futuro. Tanto as análises linguísticas quanto o banco de dados que compõem o trabalho podem servir de base para futuras pesquisas envolvendo o Terena ou outras línguas Aruak, para comparação entre a variante falada na Cachoeirinha e as demais, entre outras. Além disso, o trabalho pode ser tomado como ponto de partida para a elaboração de materiais didáticos de apoio ao ensino da língua Terena por professores indígenas.

**Palavras – chave:** Lexicografia, Línguas indígenas, língua terena.



## RÉSUMÉ

Reconnaissant les lacunes des connaissances scientifiques sur les langues amérindiennes évoquées par Rodriguez (2002), Seki (1999) et Moore (2008), cette recherche constitue une étude lexicographique de la langue terena parlée dans la communauté Cachoeirinha (Miranda-MS). Nous avons choisi la variété parlée dans cette communauté selon les critères d'accessibilité et de fréquence d'usage de la langue. S'appuyant sur les travaux de Haensch et al (1982), Carvalho (1001) et Welker (2005), ce travail porte principalement sur le lexique de la langue terena, l'objectif étant de l'organiser sous la forme d'un prototype de dictionnaire bilingue terena-portugais. Précédant les entrées qui matérialisent la proposition, nous présenterons : les aspects historico-géographiques de la famille linguistique arawak, l'éducation amérindienne ainsi que l'ethnie terena et sa distribution sur le territoire brésilien (Section I) ; la description détaillée de la méthodologie de recherche, ses principes, instruments et méthodes - de terrain comme d'analyse - (Section II) ; la description, s'appuyant de travaux antérieurs (Butler, Ekdahl, 1979, Silva 2009, Rosa 2010, Nascimento 2012 entre autres), de la phonétique (phones consonantiques et vocaliques), de la morphologie et de la syntaxe des noms, pronoms et verbes (temps, mode, aspect) de la langue terena (Section III) ; le débat à propos des concepts de base de la lexicographie et de la lexicologie tout comme des questions théorético-méthodologiques pertinentes pour l'élaboration de dictionnaires bilingues (Section IV). Au niveau de la section V de la thèse, nous avons systématisé les données des sections antérieures, exposé la proposition et présenté la structure du projet de dictionnaire, ainsi que les critères de sélection des entrées et questions liées aux macro et microstructures, ceci afin d'orienter le lecteur. La version réduite de la proposition du dictionnaire terena-portugais est présentée sous forme d'annexe, évaluant les décisions lexicographiques actuelles et visant à devenir à l'avenir un travail de grande portée. Les analyses linguistiques tout comme la base de données qui composent ce travail peuvent servir de modèle pour de futures recherches portant sur le terena ou d'autres langues arawak, en particulier pour comparer la variété parlée à Cachoeirinha et les autres. Par ailleurs, ce travail peut être considéré comme étant le point de départ de l'élaboration de matériel didactique d'appui pour l'enseignement de la langue terena.

**Mots-clés** : lexicographie, langues amérindiennes, langue terena.

## LISTA DE MAPAS

Mapa 1: Localização da Aldeia Cachoeirinha.....	22
Mapa 2: Família Aruak.....	26

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Localização das Línguas Indígenas Brasileiras .....	23
Quadro 2: Tronco de linguas macro-arahuaicano.....	25
Quadro 3: Fonemas consonantais Terena propostos por Bendor-Samuel (1960).....	58
Quadro 4: Fones vocálicos da língua Terena segundo Bendor Samuel (1960).....	58
Quadro 5: Fonemas consonantais Terena propostos por Eastlack (1968).....	58
Quadro 6: Fonemas vocálicos Terena propostos por Eastlack (1968).....	59
Quadro 7: Fonemas consonantais Terena propostos por Butler (1978).....	59
Quadro 8: Fonemas vocálicos Terena propostos por Butler (1978).....	59
Quadro 9: Fones consonantais da língua Terena falada na Cachoeirinha Silva (2009).....	60
Quadro 10: Fones vocálicos do Terena de Cachoeirinha Silva (2009).....	63
Quadro 11: Relação fonema x grafema.....	64
Quadro 112: Quadro elaborado por Nascimento (2012) para sistematizar o sistema pronominal da língua Terena.....	72
Quadro 13: Quadro proposto por Rosa (2010, p. 102) para explicar a estrutura morfológica nominal do terena.....	84
Quadro 14: Quadro elaborado por Rosa (2010, p.149) para demonstrar a estrutura morfológica verbal terena.....	94

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Exemplo de verbete do trabalho de Almeida.....	36
Figura 2: Imagem utilizada para ilustrar o lema <b>eró'uxo</b> .....	37
Figura 3: Imagem utilizada para ilustrar o lema <b>huvêona</b> .....	37
Figura 4: Imagem utilizada para ilustrar a página de abertura da letra <b>X</b> .....	38
Figura 5: Imagem utilizada para ilustrar o lema <b>kásati</b> .....	38
Figura 6: Imagem utilizada para ilustrar o lema <b>itúmuko</b> .....	38
Figura 7: Imagem utilizada para ilustrar o lema <b>ramá'u</b> .....	39
Figura 8: Imagem do guia de campo utilizado para a coleta de dados.....	53
Figura 9: Imagem da página de abertura do programa <b>Brasil 500 pássaros</b> .....	54
Figura 10: Imagem de uma ficha do banco de dados na língua Terena utilizando o programa Toolbox.....	55
Figura 11: Exemplo de verbete elaborado com o auxílio do programa Toolbox.....	55
Figura 12: Imagem de uma ficha do banco de dados na língua Terena utilizando o programa FLEX.....	56
Figura 13: Imagem de verbetes elaborados com o auxílio do programa FLEX.....	56
Figura 14: Esquema elaborado por Butler e Ekdahl (1979), exemplificando o processo de alçamento vocálico na formação da 2 ps.....	72

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ISA	Instituto Socioambiental
SIL	Summer Institute of Linguistics
UCDB	Universidade Católica Dom Bosco
FUNAI	Fundação Nacional do Índio
SEMEC	Secretaria Municipal de Educação e Cultura
SEED	Secretaria de Estado de Educação
UFMS	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Flex	FieldWorks Language Explorer
n.	Nome
v.	Verbo
adj.	Adjetivo
adv.	Advérbio
NEO.	Neologismo
Do Port.	Empréstimo

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>15</b>
<b>1. OS TERENA: INFORMAÇÕES SOCIO-HISTÓRICAS E LINGUÍSTICAS ..</b>	<b>19</b>
1.1 O povo Terena .....	19
1.2 Demografia e localização .....	21
1.3 Os Terena da comunidade indígena de Cachoeirinha.....	21
1.4 A família linguística Aruak e a língua Terena .....	23
1.5 Estudos anteriores .....	27
1.6 Análise do trabalho “O léxico da língua Terena: proposta do dicionário infantil-bilíngue Terena-Português” .....	29
1.7 Educação escolar indígena na Reserva Indígena Cachoeirinha, Miranda/MS. ....	40
1.7.1 Escola Municipal Indígena “Pólo Coronel Nicolau Horta Barbosa” .....	42
<b>2. METODOLOGIA DE PESQUISA .....</b>	<b>46</b>
2.1 O córpus .....	48
2.2 Trabalho de Campo .....	50
<b>3. ASPECTOS GRAMATICAIS DA LÍNGUA TERENA .....</b>	<b>57</b>
3.1 Aspectos fonéticos .....	58
3.1.1 Inventário dos fones consonantais .....	60
3.2 Aspectos morfológicos e gramaticais.....	65
3.2.1 Sistema Pronominal .....	67
3.2.2. Nomes .....	76
3.2.2.2 Posse .....	78
3.2.2.3 Gênero.....	84
3.2.2.4 Número .....	85
3.2.3 Verbo .....	86
3.2.3.1 Consoantes temáticas .....	86
3.2.3.2 Tempo: Morfema de tempo futuro: {-mo}.....	87
3.2.3.3 Modo: realis/irrealis .....	89
3.2.3.4 Aspecto.....	93
<b>4. LEXICOLOGIA E LEXICOGRAFIA .....</b>	<b>96</b>
4.1 O léxico .....	96
4.2 O Conceito de Palavra .....	96
4.2.1 Critérios para delimitar palavra .....	103

4.3	Lexicologia e Lexicografia.....	104
4.4	Léxico e dicionário.....	105
4.5	Tipologias e classificações de dicionários .....	106
4.6	Lexicografia bilíngue.....	109
4.7	Classificação dos dicionários bilíngues.....	110
4.8	Estrutura do dicionário bilíngue .....	111
4.9	Equivalente.....	112
<b>5.</b>	<b>A PROPOSTA DE DICIONÁRIO TERENA-PORTUGUÊS.....</b>	<b>115</b>
5.1	Programa .....	115
5.2	Fonte .....	116
5.3	Ordem alfabética.....	116
5.4	Macroestrutura .....	116
5.5	Microestrutura .....	116
5.6	Entrada lexical .....	117
5.7	Classe gramatical.....	119
5.8	Empréstimos .....	120
5.9	Equivalência .....	120
5.10	Neologismo .....	121
5.11	Nome científico .....	122
5.12	Exemplos .....	123
5.13	Remissivas .....	124
5.14	Ilustrações .....	124
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>128</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>130</b>
	<b>APÊNDICE .....</b>	<b>137</b>

Apêndice I - Proposta de Dicionário Terena-Português

Apêndice II - A pesquisa no Cotidiano da Aldeia

## INTRODUÇÃO

De acordo com Rodrigues (2005, p.35), atualmente são faladas no Brasil 181 línguas indígenas. O autor enfatiza que esse número admite pequena margem de erro, para mais ou para menos, em decorrência da imprecisão e, em alguns casos, da distinção entre variedades tão pouco diferenciadas que não dificultam a comunicação entre seus respectivos falantes.

Rodrigues (2002, p.17) salienta que os índios do Brasil não são um povo: são muitos povos, diferentes de nós e diferentes entre si, cada qual com seus usos e costumes próprios, “com atitudes estéticas, crenças religiosas, organização social e filosofia peculiares, resultantes de experiências de vida acumuladas e desenvolvidas em milhares de anos”, bem como por falarem diferentes línguas, o que os distingue de nós e entre si. Essas diferenças, sejam elas entre as línguas indígenas, ou entre estas e as demais línguas, envolvem aspectos fonéticos, fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos, que ainda não foram (ou sistemática ou satisfatória e exaustivamente) descritos.

Segundo o autor, "é provável que, quando os europeus chegaram ao Brasil, há mais de quinhentos anos, o número de línguas indígenas fosse o dobro do que é hoje" (p. 19). Essa redução decorreu de diferentes fatores, quais sejam:

O desaparecimento dos povos que as falavam, em consequência das campanhas de extermínio ou de caça de escravos, movida pelos europeus e por seus descendentes e propostos, ou em virtude das epidemias de doenças contagiosas do Velho Mundo, deflagradas involuntariamente (em alguns casos voluntariamente) no seio de muitos povos indígenas; pela redução progressiva de seus territórios de coleta, caça e plantio e, portanto, de seus meios de subsistência, ou pela assimilação, forçada ou induzida, aos usos e costumes dos colonizadores. (RODRIGUES, 2002, p. 19)

Moore (2008, p. 01) salienta que, de todas as línguas indígenas brasileiras, apenas 13% possuem uma descrição completa (descrição da gramática, coletânea de textos, dicionário); 38% possuem descrição avançada (tese de doutorado ou muitos artigos); 29% possuem descrição incipiente (dissertação de mestrado ou alguns artigos) e 19% não possuem nada de importância científica. Ainda segundo o autor, 21% dessas línguas estão ameaçadas de extinção em curto prazo, sobretudo em decorrência do número reduzido de falantes e da baixa transmissão à nova geração. A situação das demais línguas também é precária, em face



do grau de perigo: “O grau de perigo foi subestimado no passado, devido à falta de informações sólidas sobre as línguas em regiões remotas e devido também à confusão entre o número de falantes e ao tamanho da população dos grupos indígenas” (MOORE, 2008, p.01.)

Nesse sentido, Rodrigues (2005, p.36) aponta que, em âmbito mundial, tem-se considerado que qualquer língua falada por menos de 100 mil pessoas tem sua sobrevivência ameaçada e necessita de especial atenção. De acordo com o autor, todas as línguas indígenas no Brasil têm menos de 40 mil falantes, e a Tikúna, falada no alto Solimões, apenas ultrapassa a marca de 30 mil. O aspecto mais grave está, porém, no outro lado do espectro demográfico, nas línguas infinitamente minoritárias, com populações que não vão além de mil pessoas. Diante desse quadro, “é tarefa de alta prioridade e urgência a pesquisa científica que visa à documentação, análise, classificação e interpretação teórica dessas línguas, que em sua grande maioria só existem aqui”. De acordo com o autor, “igualmente prioritária é a promoção de ações que visem a assegurar aos povos indígenas as condições necessárias para continuar transmitindo suas línguas às novas gerações”.(RODRIGUES,2005, p.36).

Sobre a importância do trabalho linguístico junto às línguas indígenas brasileiras, Seki (1999, p. 288) ressalta que a linguística indígena no Brasil deve priorizar a “elaboração de descrições de boa qualidade, com terminologia acessível a estudiosos não familiarizados com abordagens teóricas particulares”. De acordo com a autora, ao mesmo tempo em que isso representará uma contribuição para a linguística, permitirá também atender, em parte, à demanda das comunidades indígenas, quanto à documentação de suas línguas e culturas. Seki enfatiza a necessidade de um trabalho voltado para o tratamento de fenômenos dessas línguas do ponto de vista de construção de teorias, de modo que o trabalho linguístico contribua para tornar essas línguas visíveis ao meio científico. A autora chama atenção para a responsabilidade social dos linguistas na luta pela manutenção das línguas e dos aspectos culturais das comunidades indígenas, destacando o importante papel do falante na investigação de suas línguas.

Por reconhecermos as diferenças linguísticas apontadas por Rodrigues (2002) e as lacunas no conhecimento científico acerca de línguas indígenas evidenciadas por Seki (1999) e Moore (2008), o objetivo de nossa pesquisa é realizar um estudo lexicográfico da língua Terena<sup>1</sup> falada na Terra Indígena de Cachoeirinha (Miranda-MS). Elegemos, para descrição, a variedade falada na Comunidade Indígena de Cachoeirinha, localizada no município de Miranda-MS. A escolha obedeceu aos critérios da acessibilidade (já desenvolvemos pesquisas

---

<sup>1</sup> A língua Terena, pertencente à família linguística Aruak, é falada por aproximadamente 16 mil pessoas, residentes em comunidades localizadas nos estados de Mato Grosso do Sul e São Paulo.

e projetos de ensino e extensão na Comunidade em questão), do número de Terena (é uma das áreas de maior concentração de Terena no Estado de Mato Grosso do Sul) e da frequência do uso da língua na comunidade (na Cachoeirinha é falada por quase toda a comunidade).

O trabalho está organizado em cinco seções, conforme descrevemos a seguir.

Na seção I– Os Terena: informações sócio-históricas e linguísticas –, nossos objetivos são apresentar uma breve explanação sobre o povo Terena e expor informações gerais sobre características de sua língua, tais como afiliação genética, além de uma breve revisão de bibliografia pertinente ao estudo dessa língua e à educação indígena.

A seção II– Metodologia de pesquisa – descreve os procedimentos metodológicos adotados no desenvolvimento da pesquisa de que este trabalho é resultado. Apresentamos as fases da coleta de dados, o que inclui a preparação, os instrumentos empregados e os procedimentos adotados no levantamento do corpus, explicamos como foram organizados os dados, a fim de prepará-los para análise e, por fim, mas não menos importantes, os passos seguidos na descrição dos dados, à luz dos princípios teóricos adotados, cujas indicações bibliográficas surgem ao longo do texto.

Na seção III– Aspectos da língua terena –, apresentamos uma breve revisão dos aspectos fonológicos e morfológicos da língua. Tais informações servirão de base para a elaboração do verbete, bem como para orientar o consulente sobre a estrutura da língua. Cabe ressaltar que as informações apresentadas nessa seção constituem uma sistematização de estudos anteriores.

A seção IV– Lexicologia e lexicografia – discute alguns conceitos, dando ênfase para questões teórico metodológicas voltadas para a elaboração de um dicionário bilíngue, que nortearam a elaboração da nossa proposta.

Na seção V– A proposta de dicionário terena-português – há uma sistematização das seções anteriores por meio da explicação da proposta; nele apresentamos a estrutura do projeto de dicionário, a seleção das entradas, questões relacionadas à macro e à microestrutura, no intuito de orientar o consulente para uma melhor compreensão do trabalho.

Finalmente, apresentamos as considerações finais e uma versão reduzida de um dicionário terena-português, em anexo, que contempla nossas decisões lexicográficas, visando uma obra de maior fôlego no futuro.

Diante do exposto, este trabalho destina-se tanto ao povo Terena quanto aos estudiosos das línguas indígenas brasileiras e a qualquer pessoa que tenha interesse em informações sobre essas línguas, especialmente as pertencentes à família linguística Aruak, na qual a língua Terena se insere. Tanto a análise linguística quanto o banco de dados podem

servir de base para futuras pesquisas envolvendo a língua e o povo Terena, tais como: comparação do Terena com outras línguas relacionadas; comparação entre a variante falada na Cachoeirinha e as demais; reconstrução de suas estruturas com a finalidade de constatar a evolução histórica das línguas que possuem origem comum; verificação de universais ou categorias gramaticais e a aprendizagem da língua Terena. Além disso, este trabalho servirá como ponto de partida para a elaboração de materiais didáticos que sirvam de apoio ao ensino da língua Terena por professores indígenas.

# 1. OS TERENA: INFORMAÇÕES SOCIO-HISTÓRICAS E LINGUÍSTICAS

## 1.1 O povo Terena

A história do povo Terena é marcada por permanências e mudanças. Bittencurt e Ladeira (2000, p. 107), apontam que o modo de viver dos terena mudou muito, os contatos com outros povos indígenas, com os portugueses e brasileiros, fizeram com que muitos dos hábitos fossem transformados. Tais mudanças podem ser vistas no trabalho e na relação com a terra e seus produtos, nas construções das casas, nas vestimentas, nos alimentos, entre outros hábitos. Por outro lado, muitas coisas resistiram ao contato, entre elas a língua, as festas, as relações familiares, a política, o artesanato, entre outras manifestações culturais.

Segundo Ladeira (2001), o povo Terena é considerado como o único subgrupo remanescente da nação Guaná no Brasil. Por meio de sucessivas levadas migratórias, que se intensificaram em meados do século XVIII, esse povo cruzou o Rio Paraguai em direção ao atual Estado de Mato Grosso do Sul, proveniente do Chaco Paraguai/Boliviano, região também conhecida como Ênxiva, segundo a história oral Terena<sup>2</sup>. Faziam também parte desses Guaná os Layana, Kinikinawa e Exoaladi.

Sobre a estrutura social do povo Terena, Cardoso de Oliveira (1976, p.35-36) aponta que:

Tradicionalmente, a estrutura social terena estava dividida em dois grupos distintos e socialmente sobrepostos: o grupo dos cativos ou kauti (neologismo criado para designar os “cativos” obtidos na guerra ou nas sortidas organizadas para a captura) e o grupo social dominante Xané, o grupo “daqueles que somos nós”, os Terena propriamente ditos, e que se dividiam por sua vez em dois grupos: um, o dos “chefes” e suas parentelas, denominados Naati, e o dos homens comuns ou o povo, denominado Waherê. O casamento entre estes dois grupos era vetado. Dividiam-se ainda os Terena, com exclusão dos Kauti, em duas metades cerimoniais, Xumonó e Sukirianó, cujas funções eram regulamentar o comportamento mágico-religioso.

Segundo Cardoso de Oliveira (1976, p.21), os Terena são considerados como os índios que mais contribuíram para a formação do centro oeste brasileiro, seja como produtores

---

<sup>2</sup> Marchewicz (2006) desenvolveu uma abordagem do discurso Terena (mesclando AD francesa e AD Crítica), em que analisou falas (entrevistas) de índios Terena de diferentes comunidades sul-mato-grossenses sobre crenças e mitos. A autora constatou que a imagem que eles têm de si é de sujeitos subordinados às crenças e aos mitos do povo Terena, que, aceitando essa cultura, garantirão sua existência, reafirmando sua identidade.

agrícolas, seja como mão de obra aplicada nas fazendas, em especial depois da guerra do Paraguai, sem esquecer, ainda, o papel por eles desempenhado naquele conflito, quando foram levados a lutar contra o exército paraguaio.<sup>3</sup>

Após o término da guerra do Paraguai, algumas comunidades desapareceram, grupos locais mudaram de lugar, outros foram incorporados a comunidades tribais mais estabilizadas. O fato é que a população Terena, embora tendo sido espoliada da maior parte do seu território, ou provavelmente por isso mesmo, passou a ocupar pequenos nichos, que se ofereciam viáveis à sua instalação, por mais precária que fosse. Alguns desses lugares foram transformados em comunidades indígenas pelo Serviço de Proteção ao Índio (SPI) e outros continuam a aguardar essa providência, sem a qual os grupos locais remanescentes não resistirão ao cerco e à pressão da sociedade regional, no sentido de lhes tomar as terras e de engajá-los às colônias de fazendas. A história das relações interétnicas registra grande número de comunidades que desapareceram no passado, levando seus componentes a se ligarem a fazendas ou permanecerem como um contingente móvel, indo das fazendas às povoações e cidades, imersos num contínuo processo de destribalização (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1976, p.70).

Embora esse relato feito por Cardoso de Oliveira esteja datado da década de 1970, hoje a situação do povo Terena não é diferente. Os Terena ainda vivenciam a luta pela terra, por meio de ações de retomada do território tradicional, atualmente ocupado por propriedades rurais vizinhas às comunidades, no intuito de mobilizar a sociedade e de pressionar os órgãos responsáveis pela demarcação

Segundo Ladeira (2001, p.7), os índios Terena que vivem em comunidades indígenas tiram sua subsistência da agricultura, em especial de mandioca e feijão; muitos trabalham para destilarias de álcool no corte de cana-de-açúcar; outros vivem do trabalho temporário em fazendas. Muitas mulheres desempenham trabalho doméstico ou trabalham na confecção do artesanato (cerâmica e cestaria) e venda de produtos nas ruas, mercados municipais e feiras das cidades, conforme pudemos constatar durante as atividades de campo.

Cabe ressaltar que, as mulheres tem ocupado outros espaços na sociedade, como na saúde e na escola atuando como professoras, merendeiras, secretárias, auxiliar de serviços geriais, agentes de saúde. O mesmo ocorre com os homens que plantam, colhem, são professores, agentes de saúde, vigilantes dos prédios públicos da aldeia, são funcionários da SESAI e da FUNAI.

---

<sup>3</sup> Para maiores detalhes a respeito desse assunto, sugerimos a leitura dos trabalhos de Bittencourt e Ladeira (2000) e Marchewicz (2006).

## 1.2 Demografia e localização

Segundo dados site do Instituto Socioambiental (ISA), os Terena perfazem hoje uma população aproximada de 16 mil pessoas, organizadas em grupos que vivem em comunidades indígenas localizadas nos municípios de Campo Grande, Nioaque, Dois Irmãos do Buriti, Sidrolândia, Anastácio, Aquidauana e Miranda. Há também famílias Terena vivendo na comunidade dos índios Kadiwéu, no município de Porto Murtinho, e na dos Guarani-Kaiowá, no município de Dourados. Fora do estado de MS, encontram-se famílias Terena vivendo junto aos Kaingang na comunidade Aribá, região de Bauru – SP e junto aos Pareci em Mato Grosso, no entanto a maior concentração está nos municípios de Miranda (Área Cachoeirinha) e Aquidauana (Área Taunay/Ipegue).

Azanha (2003), em relatório circunstanciado de identificação e delimitação da comunidade indígena de Cachoeirinha, aponta que as comunidades indígenas dos índios Terena no estado de MS são constituídas de oito pequenas ilhas de terras: Taunay/Ipegue, Cachoeirinha, Nioaque, Lalima, Limão Verde, Pilad Rebuá, Buritizinho ou Tereré. Essas comunidades foram requeridas ao estado de Mato Grosso na década de 1920 pelo extinto SPI, e hoje estão cercadas por fazendas e espalhadas pelos municípios de Miranda, Aquidauana, Anastácio, Dois Irmãos do Buriti, Sidrolândia, Nioaque e Rochedo, conforme se visualiza no mapa que segue, em que se pode constatar o distanciamento entre os falantes apontado por Rodrigues (2002, p. 17-18), ao referir-se às diferenças apresentadas em uma mesma língua em espaços geográficos diferentes: “Embora constituídas a partir de princípios e propriedades comuns, as línguas estão sujeitas a grande número de fatores de instabilidade e variação, que determinam nelas forte tendência à constante alteração [...]”. Acrescenta o autor que isso decorre da divisão de uma comunidade humana em novas comunidades, reduzindo o contato entre as pessoas separadas e, em consequência, aumentando “a diferenciação linguística entre os grupos humanos correspondentes”.

## 1.3 Os Terena da comunidade indígena de Cachoeirinha<sup>4</sup>

Azanha (2003) aponta que os primeiros relatos sobre a localização da comunidade indígena de Cachoeirinha surgem no ano de 1844, por Francis Castelnau em, “duas léguas e um terço a noroeste de Miranda”. Essa localização continuou confirmada pelos vários registros oficiais do Império, mesmo depois da Guerra do Paraguai, e pelos depoimentos dos

velhos índios da comunidade Cachoeirinha. A área de Cachoeirinha foi delimitada por Rondon e concedida ao extinto SPI pelo estado de Mato Grosso, em 1948, correspondendo a uma superfície de 2.660 hectares. Nessa pequena gleba estão distribuídos os seguintes núcleos residenciais (setores), que formam as comunidades propriamente ditas:

**Sede:** é o núcleo mais antigo da comunidade e também onde se localiza o posto da FUNAI. Compõe-se, segundo dados da FUNASA, de 164 residências, com uma população total de 1.325 pessoas; **Argola:** área de roças mais antigas, hoje formada por 38 moradias, com uma população de 485 pessoas; **Babaçu/Campão:** também área de roças, cuja maior parte da população é composta por descendentes de migrantes da comunidade Lalima; possui 78 casas e uma população de 504 pessoas; **Morrinho:** localizada próxima à sede, conta hoje com 31 residências e uma população de 234 pessoas; **Lagoinha:** setor mais recente, conta com 16 casas e uma população de 72 pessoas. Em todas as comunidades Terena, há hoje o **setor**<sup>5</sup> que é a unidade social mais inclusiva, dotada de autonomia política, ou seja, possui um cacique e um conselho tribal que responde pelas relações políticas de cada setor. (AZANHA, 2003, p.01)

Abaixo um mapa com a localização da Aldeia Cachoeirinha.



**Mapa 1:** Localização da Aldeia Cachoeirinha. Fonte: <http://www.neppi.org/fz> acessado em 31/01/2006.

<sup>4</sup> As informações contidas neste tópico foram coletadas em Azanha (2003), Resumo do relatório circunstanciado de identificação e delimitação da terra indígena Cachoeirinha.

<sup>5</sup> Setor é uma denominação encontrada em Azanha (2003) para as comunidades localizadas dentro da terra indígena de Cachoeirinha.



### 1.4 A família linguística Aruak e a língua Terena

Segundo Rodrigues (2005, p. 35), a classificação das línguas é de natureza genética: incluem-se, numa mesma classe, línguas que apresentam evidência de terem a mesma língua ancestral, como foi o caso das línguas românicas, que provêm do latim falado no Império Romano. Um conjunto de línguas que compartilham a mesma origem é chamado de família linguística. No Brasil, existem atualmente 43 famílias, algumas com apenas uma língua. Por outro lado, em algumas famílias há propriedades comuns que, segundo o autor, “só podem ser explicadas por uma origem comum mais remota do que as que justificaram a constituição de cada família”. A partir dessas evidências, institui-se uma classe genética mais abrangente e de maior profundidade temporal, o tronco linguístico.

No Brasil, encontram-se dois troncos linguísticos: um bem estabelecido, o tupi, que compreende dez famílias linguísticas, e outro, com um caráter ainda hipotético, o macro-jê, compreendendo doze famílias. Vejamos, a seguir, o quadro proposto por Rodrigues (2005), em que figuram as famílias linguísticas, com as respectivas línguas, a sigla dos estados em que são faladas e o número de falantes:

Famílias e línguas indígenas do Brasil   Localidade   n° de falantes		Famílias e línguas indígenas do Brasil   Localidade   n° de falantes	
<b>Aikáná</b>	Aikaná, RO, 264	<b>Maxakali</b> , tronco Macro-Jê	Maxakali, MG, 802
<b>Arawá</b>	Barawá, AM, 215; Deni, AM, 736; Jaramazdi (Karaçapani), AM, 800; Jarawá, AM, 150; Kulina (Madhá), AC e AM, 2315; Paumari, AM, 870; Zuruá, AM, 143	<b>Mawé</b> , tronco Tupi	Mawé (Sistéré), AM e PA, 7.134
<b>Arikém</b> , tronco Tupi	Karitiána, RO, 256	<b>Monó</b> , tronco Tupi	Arãça do Beiradão ou do Aripuanã, MT, 57; Aná, RO, 58; Cuiabá, MT e RO, 1.900; Gavião (Ikôro, Digüti), RO, 436; Mondé, RO, Patêr (Sul de Rondônia), RO, 920; Zoró, MT e RO, 414
<b>Aruak</b>	Apariná (Ipuriná), AC e AM, 2779; Baniwa do Içana, AM, 5141; Baré, AM, 0; Kámpa (Akariká), AC e AM, 813; Kurupó, AM, 1.115; Macoré (Manchner), AM, 459; Mehinkú (Meinagó), MT, 199; Paikú, AP, 918; Paresi, MT, 1.293; Sakama (Erawendé-awé), MT, 320; Tacána, AM, 55; Teréna, MS e SP, 15.795; Wapitána, RR, 6.500; Warekína, AM, 491; Waurá, MT, 321; Yawalapití, MT, 208	<b>Mundurukú</b> , tronco Tupi	Kuruyá, PA, 8; Mundurukú, AM e PA, 7.500
<b>Aweté</b> , tronco Tupi	Aweté, MT, 138	<b>Múra</b>	Múra, AM, 7; Rãná, AM, 389
<b>Bora</b>	Maranhá, AM, 613	<b>Nambikwára</b>	Lakoné, RO, 1; Latundé, RO, 20; Marimã, MT, 103; Nambikwára do Sul, MT, 663; Sapané, RO, 15
<b>Bororo</b> , tronco Macro-Jê	Bororo, MT, 300; Umutina, MT, 0	<b>Ofayé</b>	Ofayé (Opayé, Ofayé-Xavéras), MS, 57
<b>Chiquitá</b>	Chiquito (Chiquitano), MT, 2.000	<b>Páno</b>	Amawáka, AM, 2207; Katukína, AC e AM, 318; Kaxarari, AM e RO, 269; Kaxinawá, AC, 3904; Konôbo, AM, 250; Kulina (Kulina), AM, 20; Marubo, AM, 1.043; Mátá, AM, 829; Nákari, AC, 458; Poyenwa, AC, 403; Xawanáwa (Arawá), AC, 200; Yamunáwa, AC, 618; Yawanáwa, AC, 450
<b>Guaitkurú</b>	Kadiwéu, MS, 1.592	<b>Punuborá</b> , tronco Tupi	Punuborá, RO, 2
<b>Guató</b> , tronco Macro-Jê	Guató, MS, 57	<b>Ramaráma</b> , tronco Tupi	Káro, RO, 184
<b>Irãntze</b>	Irãntze, MT, 326; Mynky (Minkú, Menky), MT, 78	<b>Rikbaká</b> , tronco Macro-Jê	Rikbaká (Rikbaktsá, Canoero), MT, 909
<b>Jabutí</b>	Arikapú, RO, 19; Jabuti (Jeomotiá), RO, 123	<b>Samukó</b>	Chamaçoco, MS, 40
<b>Jê</b> , tronco Macro-Jê	Kaingáng, PR, SC, SP e RS, 25.000; Kayapó (Mebengoké), MT e PA, 8.148; Paçará, MT e PA, 202; Suyá, MT, 334; Tapayúna, MT, 58; Tembá, MA, PA e TO, 4.445; Xavéna, MT, 9.602; Xerintá, TO, 1.814; Yokling, SC, 757	<b>Tikúna</b>	Tikúna (Tukúna), AM, 32.613
<b>Jurúna</b> , tronco Tupi	Jurúna (Yudjá), MT, 278; Xipáya, PA, 2	<b>Trumá</b>	Thumá, MT, 120
<b>Kanóé</b>	Kanóé, RO, 6	<b>Tukáno</b>	Arapáso, AM, 328; Bará, AM, 39; Bararána, AM, 61; Desána, AM, 1.531; Jurú, AM, 35; Karapaná, AM, 42; Kubéwa, AM, 287; Miriti-Tapóya, AM, 95; Pirá-Tapóya, AM, 1.004; Sirilána, AM, 17; Tuyúka, AM, 593; Wanána, AM, 447
<b>Karajá</b> , tronco Macro-Jê	Jivaké, TO, 919; Karajá, GO e TO, 2.500; Kambiolá, TO, 185	<b>Tupari</b> , tronco Tupi	Alantá, RO, 6; Kapikriwá, RO, 0; Makuráp, RO, 2.677; Sakiribá, (Meçulm, Maçulm), RO, 68; Tupari, RO, 338; Wayoró (Ajuró), RO, 15
<b>Karibó</b>	Araá do Xingu (Ukarangmá), PA, 195; Bakari, MT, 950; Galbi (Gariba), AP, 28; Hékaryúna, AM, 3087; Ipéng (Tékó), MT, 319; Ingarikó, RR, 675; Katapáso, MT, 415; Kapóng (Patamóna), SO; Kaxuyána, PA, 69; Kukúru, MT, 417; Makwó, RR, 16.500; Matipó, MT, 119; Nahukwá, MT, 105; Taulipóng (Tawesó, Patomó), RR, 532; Tiriyo (Tinkó), PA, 735; Waimiri (Waimiri-Atoro), AM, 931; Waiwakí, AM e RO, 2.020; Wayúna, PA, 415; Yetsuána (Mayongóng), RR, 421	<b>Tupi-Guaraní</b> , tronco Tupi	Amozéwa, RO, 83; Anambé, PA, 2; Apiaká, MT, 2; Araweté, PA, 278; Assunji do Tocantina (Akwáwa), PA, 303; Assunji do Xingu (Awaeté), PA, 108; Auzá-Auzá, MA, 2; Avá-Canoero, GO, TO, 16; Diahó (Diamo), AM, 50; Guajá, MA, 280; Guajajára, MA, 13.100; Guaraní (Kaká, Mbyá, Nhandéva), ES, MS, PR, RJ, RS, SC e SP, 30.000; Juma, AM, 7; Kapapó (Lutá), MA, 800; Kamayurá, MT, 359; Karipúna, RO, 1; Kayatá, MT, 1.000; Língua Geral Amazônica (Nheengatu), AM, 3.000; Parakurá, PA, 800; Parintári, AM, 156; Saui do Tocantina (Mucútre, Awaeté), PA, 185; Tapirapó, MT, 438; Tembá, PA, 820; Tenharim, AM, 585; Uruewawau, RO, 87; Wayampi, AP, 525; Xetá, PR, 3; Zo'é (Jo'é, Puturi), PA, 152
<b>Katukína</b>	Kanamarí, AM, 1327; Katawixi, AM, 7; Katukína, AM, 289; Tsurihá-djápá (Tschom-djápá), AM, 100	<b>Tzapakúra</b>	Kijutim, RO, 27; Orowin (Oro Win), RO, 50; Torá, AM, 51; Urupá, RO, 150; Wari (Pakaanáwa), RO, 1.930
<b>Kokáma</b>	Omaljua, Cambéba), língua mista, AM,	<b>Yanomâni</b>	Yanomâni (Ninám, Sanumá, Yanomám, Yanomámi), RR, 11.000
<b>Kronák</b>	Krenák (Botocudo), MG, 6	<b>Yaté</b> , tronco Macro-Jê	Yaté (Carijó, Fúnió), PE, 2.930
<b>Kwazá</b>	Kwazá (Kwayá, Coelá), RO, 25		
<b>Máku</b>	Máku, RR, 1		
<b>Makú</b>	Dáw (Kamó), AM, 83; Húpda, AM, 1.4317; Nadé, AM, 4807; Yuhup, AM, 400		

Quadro 1: Localização das Línguas Indígenas Brasileiras. Fonte: Rodrigues (2005, p.37)



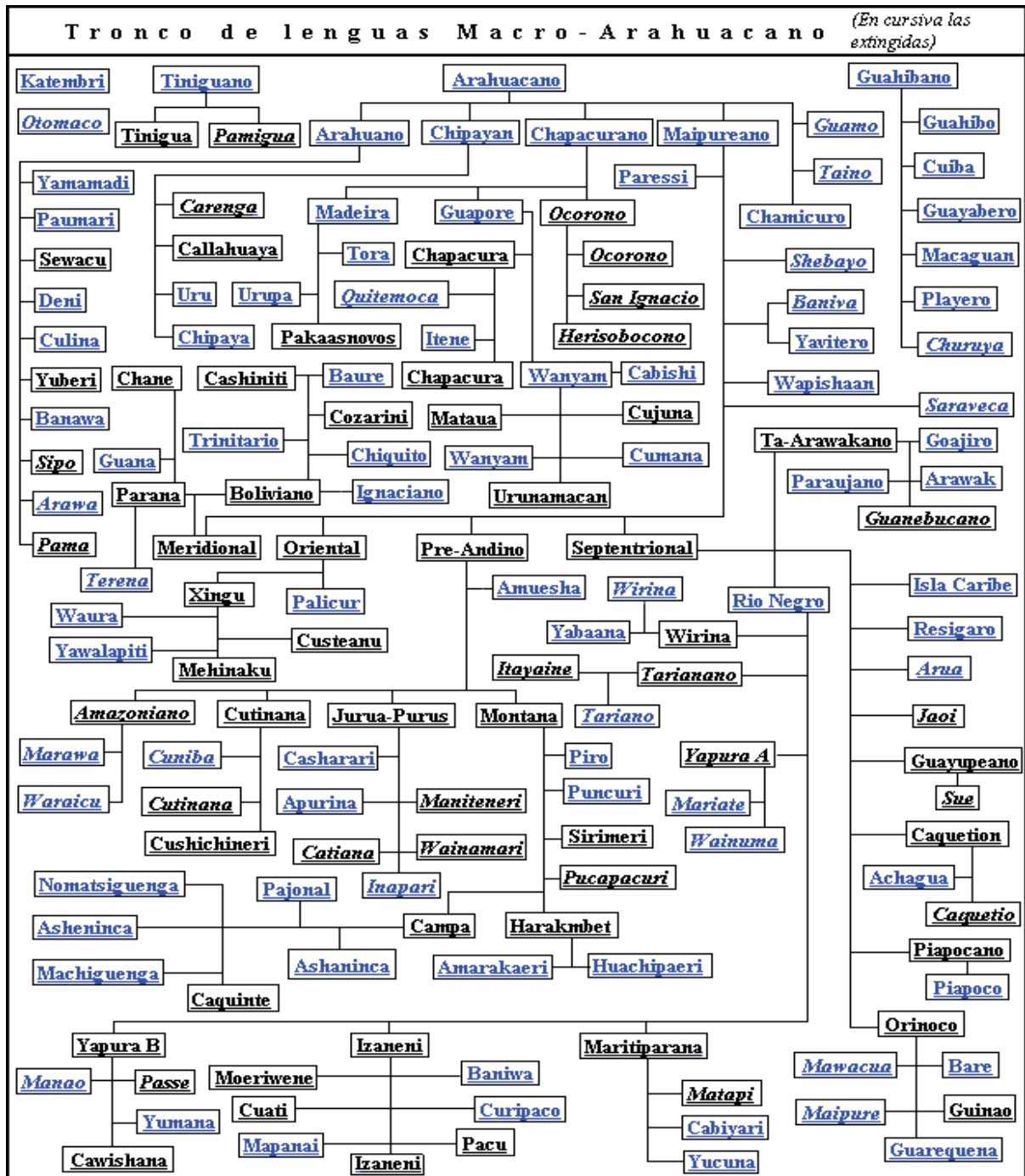
Rodrigues (2002, p.64) esclarece que Aruak ou (arawák) é uma língua falada na costa guianesa da América do Sul, na Venezuela, na Guiana, no Suriname e na Guiana francesa. Acrescenta o autor que:

Essa língua, também conhecida como Lokomo, foi falada em algumas ilhas Antilhas, como Trinidad. Quando os europeus iniciaram sua colonização na região do Karib, os Aruak aí dividiam e disputavam o mesmo espaço com os karib, e foi com uns e outros que aqueles tiveram seus primeiros contatos com a população nativa e com suas línguas. Tal como aconteceu com o nome karib, também o nome Aruak veio a ser usado para designar o conjunto de línguas encontradas no interior do continente, aparentadas à língua Aruak. Esse conjunto também foi chamado de Maipure ou Nu-Aruak e corresponde ao que Martius há mais de um século chamou de Guck ou Coco.

Ainda segundo Rodrigues (2002), as línguas da família Aruak encontram-se na ampla região guianesa, intercaladas entre as línguas da família Karib, de onde se estendem para o oeste, até as cabeceiras dos afluentes esquerdos do rio Orinoco, e para sudoeste, especialmente ao longo do Rio Negro e seus afluentes mais setentrionais, em especial no Içana. Mais ao sul e mais a oeste encontram-se línguas aparentadas, entre o Japurá e o Solimões e , ainda, ao sul deste último, em seus afluentes, como o Purus e o Juruá, ou em afluentes do Maranhão, no Peru, como o Ucaiáli. Outras línguas da família Aruak acham-se mais ao sul; por um lado, ao noroeste amazônico da Bolívia; por outro lado, no oeste de Mato Grosso e em outras partes do Centro-Oeste. A língua desta família falada mais ao sul é o Terena, a leste do rio Paraguai, em Mato Grosso do Sul (e na região de Bauru, conforme mencionamos anteriormente).

Embora um grande número de línguas da família Aruak esteja sendo estudado no Brasil e também em outros países, como Bolívia, Peru e Venezuela, ainda há poucos estudos comparativos que permitam conhecer as relações entre as línguas da família. Segundo Aikenvald (1999) “até o momento, nenhuma língua Aruak com possíveis exceções do Lokomo e o Resigaró, conta com uma gramática consisa (fonologia, morfologia, sintaxe) dicionário e coletânea de textos”. Essa falta de estudos afeta, sobretudo, línguas ou grupos de línguas a quem se tem atribuído a família Aruak, mas até agora sem evidências claras.

A organização da família Aruak, conhecida em países da América do Sul como tronco Macro-Arahuacano, pode ser visualizada no quadro a seguir:



Quadro 2: Tronco de lenguas macro-arahuaicano<sup>6</sup>

O quadro apresenta todas as línguas (do mundo) que compõem a família ou tronco Aruak; as línguas identificadas com a cor azul são as línguas vivas e, com a cor preta, as línguas já extintas. De acordo com Aikhenvald (1999), Aruak é a família linguística que tem o maior número de línguas na América do Sul. No Brasil, as línguas da família Aruak

<sup>6</sup> <http://www.proel.org/index.php?pagina=mundo/amerindia/arawak>

encontram-se nas regiões norte (Apurinã, Baniwa, Palikur, Pareci, Piapoko, Tariana, Wapishana) e na região oeste (Mehinaku, Waurá, Yawalapiti no parque Xingu- MT, Terena e Kinikinau<sup>7</sup> no estado de Mato Grosso do Sul). Essa distribuição está representada no mapa a seguir:



Mapa 2: Família Aruak<sup>8</sup>

<sup>7</sup> A língua Kinikinau foi dada como extinta pelo *Handbook of South American Indians* (1963), no entanto Souza (2008), em sua tese de doutorado *KOENUKUNOE EMO'U: a língua dos índios Kinikinau*, retoma 3 hipóteses sobre a língua: 1) a língua Kinikinau teria sido substituída pelo Kadiwéu; 2) o contato com o Kadiwéu, terena e português teria crioulistado a língua; 3) a língua falada pelos índios Kinikinau seria o Terena. A autora refuta as três hipóteses e afirma que a língua Kinikinau está viva, sendo essa muito semelhante ao Terena.

<sup>8</sup> Fonte: PROEL <http://www.proel.org/index.php?pagina=mundo/amerindia/arawak>

A língua Terena é falada por um grande número de indígenas, mas o seu uso e frequência são desiguais nas várias comunidades e terras indígenas. Por exemplo, em Dois Irmãos do Buriti e em Nioaque, são poucas pessoas que a utilizam. Em outras localidades, como Cachoeirinha, em Miranda, a língua é falada por quase toda a comunidade.

Segundo Ladeira (2001), grande parte das comunidades Terena localizadas no estado de Mato Grosso do Sul não mantém o uso da língua tradicional, a não ser em algumas áreas específicas, como no caso da A. I. Cachoeirinha, no município de Miranda. Entretanto, por meio do Projeto de extensão: “Keukapana ra vemo’u e Yakutipapu” e do projeto de pesquisa: “Educação escolar indígena: língua, raça, cultura e identidade”, desenvolvidos nas comunidades da região, com o envolvimento direto de pesquisadores do Departamento de Educação do Câmpus de Aquidauana (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul), constatou-se que, em algumas, como, por exemplo, Limão Verde e Ypêgue, os mais velhos conhecem e utilizam a língua, mas a maioria dos jovens e crianças não a utilizam, valendo-se da língua portuguesa para se comunicarem. As comunidades que a utilizam apresentam variações que parecem comuns, se considerarmos que a fala é que a faz viva e real. Por outro lado, a dinâmica da língua e as transformações culturais por que passaram/passam os Terena interferem nessas variações, modificam a língua, inclusive com empréstimos que estão sendo a ela incorporados .

### **1.5 Estudos anteriores**

Ainda são poucos os estudos sobre as línguas indígenas, e a maioria das pesquisas preocuparam-se com as famílias Tupi, Jê, Karib e Aruak. Mesmo pertencendo à família Aruak, a língua Terena não foi objeto de muitas investigações. Por meio de um intenso levantamento bibliográfico, constatamos que, embora haja um número significativo de trabalhos sobre o Terena, grande parte deles aborda questões culturais, educacionais e sociolinguísticas, e a primeira descrição da língua foi feita pelos missionários do Summer Institute of Linguistics (SIL) na década de 1960.

Sobre o trabalho dos missionários, autores como Rodrigues (1997), Leite (1981) e Seki (1999) consideram que a qualidade do material resultante dos trabalhos linguísticos desenvolvidos pelos missionários é muito variável: “mesmo quando apresenta boa ou mesmo alta qualidade técnica, é necessariamente limitado pelos objetivos missionários”.

De acordo com Leite (1981), o problema maior está na falta de visão de conjunto,

a falta de uma visão de conjunto da língua estudada: os trabalhos abordam aleatoriamente aspectos cuja relevância não fica patente de imediato. Assim, tem-se ora uma descrição sobre o verbo em Terêna, ora notas sobre os substantivos em Kayabi, uma fonêmica Xerente e uma descrição de aspectos do Xavânte. Inexiste o material que os estudiosos de línguas em geral e antropólogos tanto almejam: uma gramática com terminologia descritiva acessível e dicionários (LEITE, 1981:63)

Essa falta de um conjunto organizado dos resultados dos estudos da língua é visível nas cartilhas em língua Terena, embora saibamos que, para a elaboração da ortografia e das cartilhas, foram necessários estudos fonéticos, fonológicos, morfológicos, semânticos e sintáticos da língua, embora seu caráter preliminar e inconcluso.

Em nosso levantamento bibliográfico sobre os Terena, encontramos 153 trabalhos. Destes, 112 discutem questões históricas, antropológicas e culturais; 6 discutem questões educacionais e 38 discutem questões linguísticas, dos quais apenas um discute o terena dentro da família aruak, 5 trazem algum estudo sobre o léxico, 13 descrevem algum aspecto da língua, 8 propõem material (cartilhas) sobre o ensino da língua e 8 abordam aspectos sociolinguísticos. Daremos enfoque aos trabalhos linguístico-descritivos.

Os primeiros trabalhos descritivos sobre a língua Terena foram elaborados por missionários, na década de 1960. Nessa época, destacam-se Bendor-Samuel (1960), “Some problems of segmentation in Terena”; Bendor-Samuel (1961), “An outline of the grammatical and phonological structure of Terena”; Bendor-Samuel (1963a), “A structure-function description of Terena phrases”; Bendor-Samuel (1963b), “Stress in Terena”; Ekdahl e Grimes (1964), “Terena verb inflection”; Bendor-Samuel (1966), “Some prosodic features in Terena”; Eastlack (1968), “Terena (Arawakan) pronouns”; Ekdahl e Butler (1969), “Terena dictionary”. Nos anos de 1970, Butler (1977), “Derivação verbal em Terena”; Butler (1978), “Modo, extensão temporal, tempo verbal e relevância contrastiva na língua Terena”. Em 1991, Tourville dedica um capítulo da sua tese de doutorado para explicar, com base em teorias fonológicas não lineares, o morfema nasal em Terena. Recentemente foram defendidas 4 dissertações de mestrado discutindo aspectos da língua terena: Silva (2009) “Descrição Fonológica da Língua Terena (Aruak)”, Matrins (2009) “Fonologia da Língua Terena”, Rosa (2010) “Aspectos Morfológicos do Terena (Aruak)” e Nascimento (2012) “Aspectos Gramaticais da língua Terena”.

Encontramos, ainda, três abordagens sociolinguísticas sobre a língua Terena: Garcia (2007), “Uma análise tipológica sociolinguística na comunidade indígena Terena de Ipegue: extinção e resistência”, Ladeira (2001), “Língua e história: análise sociolinguística em

um grupo Terêna”, e Reis (1990), “O conflito diglósico português-Terena em Limão Verde: um estudo de sociolinguística indígena”.

### **1.6 Análise do trabalho “O léxico da língua Terena: proposta do dicionário infantil-bilíngue Terena-Português”<sup>9</sup>**

Neste momento, apresentaremos a análise de dicionário bilíngue Terena-Português, realizado anteriormente (ALMEIDA, 2005); os demais estudos sobre a língua serão retomados posteriormente, em uma seção destinada a informações sobre a estrutura da língua.

O trabalho “O léxico da língua Terena: proposta do dicionário infantil-bilíngue Terena-Português” é uma dissertação de mestrado, defendida em 2005, no Instituto de Letras da UNB, e está organizado em 7 capítulos: Introdução, 1) O povo e a língua terena; 2) Levantamento dos dados e estabelecimento do córpus; 3) Fonologia e morfofonologia; 4) Gramática; 5) Léxico e dicionário; 6) O dicionário terena; 7) Apresentação do dicionário; Conclusão; Referências bibliográficas. Possui 175 páginas; 2.700 entradas; 147 ilustrações. De acordo com a autora, o “dicionário destina-se ao povo terena, atingindo segmentos diferenciados dessa sociedade cultural, as crianças na primeira fase de escolarização, o ensino fundamental, que terão oportunidade de buscar novas informações acerca da própria língua terena que queiram aprendê-la ” (ALMEIDA, 2005, p.171).

É uma proposta que, de acordo com a tipologia de dicionário proposta por Haensch et alii (1982), pode ser caracterizada como dicionário infantil, de caráter linguístico (não enciclopédico), bilíngue, descritivo, semasiológico (alfabético), com fins educacionais.

O córpus do trabalho foi organizado a partir de: textos do SIL (a partir de listas de palavras cedidas por missionários em 1960); lista de 300 palavras coletadas junto a acadêmicos indígenas da UCDB (Universidade Católica Dom Bosco); mini-dicionários (listas de palavras) produzidas por indígenas acadêmicos da UCDB; dados analisados, comparados e processados no programa Ztermino (lexterm UNB).

A macroestrutura possui a seguinte organização: Entrada por ordem alfabética, sendo consideradas entradas as palavras gramaticais, palavras simples, palavras derivadas de raízes do português, as reduplicações e as onomatopéias. Na macroestrutura, deixou-se de

---

<sup>9</sup> Sobre a crítica de dicionários, Haensch (1997, p. 237) tece as seguintes considerações: “Ante el alud creciente de diccionarios de toda clase que se van publicando, unos excelentes o buenos, otros mediocres y hasta malos, una actitud crítica es más necesaria que nunca. Donde no hay crítica y solo indiferencia, no hay siquiera um estímulo para mejorar estas obras de consulta. La crítica no tiene que ser ni puramente elogiosa ni malintencionada, sino objetiva”.

apresentar introdução, prefácio, bibliografia, entre outras informações gerais, por tratar-se de um dicionário que faz parte de uma dissertação.

A microestrutura apresenta: a categoria gramatical (nome, pronome, adjetivo, advérbio, fraseologismo verbal, verbo transitivo, verbo intransitivo, verbo causativo e expressões), equivalência em português e remissiva. Não há tratamento para as variações, embora, no texto que antecede o dicionário, a autora afirme ter observado variações de uma aldeia para outra; não há exemplos de utilização dos lexemas; não há tratamento de homonímia, polissemia, sinonímia, antonímia, etc. Em alguns casos, o verbete apresenta a indicação de empréstimo do português [do port]: *álunoe n. [DO PORT.] aluno*; em outras entradas, como em "mbásia" a informação é omitida.

O trabalho, incluindo os capítulos que precedem o dicionário, é uma compilação de trabalhos anteriores, em especial dos trabalhos missionários, e visa à tradução de uma língua para a outra, não considerando os princípios do trabalho etnográfico, da linguística descritiva e da lexicografia bilíngue. Apresenta informações desencontradas, inclusive sobre o povo. No resumo, os terena possuem uma população de 250 pessoas; na introdução, 5 mil<sup>10</sup>, no capítulo 1 o número é de 17.139, não contabilizados os terena que vivem em Dourados (com os Guarani), Porto Murtinho (com os Kadwéu) e nos estados de SP (com os Kaingang) e MT (com os Paresi).

As informações fonológicas e gramaticais foram baseadas nos trabalhos dos missionários, elaboradas na década de 1960, tendo em vista que os terena “estão em contato” com a sociedade não índia e sofreram um processo de aculturação lexical. Contudo, qualquer trabalho linguístico deveria estar amparado/baseado no trabalho de campo. Assim, por ser um estudo baseado em análises antigas, o trabalho pode ser considerado como ultrapassado, e não pode representar com fidelidade uma variedade atual da língua, uma vez que lança mão de dados do passado, sem contudo ter preocupação diacrônica

Kietzman<sup>11</sup> (1958), ao fazer um estudo comparativo com listas (lista de vocábulos para o fichário de comparação linguística do Museu Nacional) coletadas junto a informantes terena de três faixas etárias diferentes, aponta que a língua e a cultura terena, já naquela época, estavam passando por um processo de mudança.

A mudança linguística é um fato natural nas línguas vivas, pois, conforme aponta Yaguello (2001, p. 279), na língua se inscreve a passagem do tempo. Lentamente,

---

<sup>10</sup> Nos trabalhos do SIL da década de 60 os terena são apresentados como uma população de 5 mil pessoas.



inexoravelmente, a língua muda. Mas, a cada instante de sua mudança a língua, enquanto permanece viva, isto é, falada, realiza um sutil equilíbrio entre ganhos e perdas. Ela não é nem jovem nem velha, mas constantemente renovada.

Assim, o trabalho lexicográfico envolvendo línguas indígenas deve contar com um cuidadoso trabalho de campo, inclusive na escolha da variedade a ser descrita. O lexicógrafo possui a autonomia na escolha da língua e da faixa etária a ser documentada, no entanto essa escolha envolve critérios e deve ser justificada, decidida com a participação da comunidade e apresentada na introdução do trabalho, para que o consulente saiba que os lexemas refletem a língua falada por uma determinada faixa etária ou aldeia.

Como foi discutido acima, a autora não apresenta as decisões lexicográficas, sendo visível um distanciamento entre o suporte teórico e o dicionário propriamente dito<sup>12</sup>, além disso não apresenta uma discussão sobre a ortografia da língua.

O trabalho apresenta definições inadequadas, equivalentes imprecisos e remissivas que, ao invés de ajudar o consulente, o confundem, em especial se estamos falando de uma obra destinada a crianças nas séries iniciais do ensino fundamental.

Exemplos de alguns verbetes que apresentam definições e/ou equivalentes inadequados:

(01)

1. Áikopeti, n. instrumento usado para picar, faca (p.68);
2. Pirítai, n. espécie de peixe (p. 141)
3. Pirítauna, n. tipo de faca com lâmina dos dois lados.
4. Tapi'ina, n. galinha.
5. Puyîti, n. parte do membro inferior situada entre a coxa e a perna.
6. Ambákana, n. estômago (p.69).
7. Éheuko<sup>13</sup>, vt. Falar português, ter nacionalidade; (p.74)

---

<sup>11</sup> A discussão levantada por Kietzman foi por nós retomada na disciplina “Seminários de Linguística Histórica”. Aplicamos o mesmo questionário aplicado por Kietzman, por meio da comparação dos dados coletados em três gerações com os do pesquisador, e conseguimos comprovar a implementação da mudança na língua.

<sup>12</sup> Nos capítulos que antecedem o dicionário a autora explica que “os nomes alienáveis possuídos recebem o sufixo –na, como áhara “enxada”; áharana “enxada dele”. No entanto em algumas entradas como piritauna “faca” e tapi'ina “galinha” estas informações são desconsideradas.

<sup>13</sup> O que sente uma criança indígena, em processo de alfabetização, no caso da aldeia Cachoeirinha, em fase de aquisição do português, encontrar no dicionário que para ter nacionalidade é necessário falar o português? Exemplos como estes mostram a necessidade de rigor lexicográfico, conhecimento de lexicografia bilíngüe e de aspectos socioculturais e antropológicos da língua a ser dicionarizada.



8. Asáko,n.frio (p.71)
9. Kasáti,vt. Estar frio, temperatura baixa v. ikaxáxoti (p.107)
10. Ikaxáxoti, vi, fazer frio, mudar a temperatura. V. asáko (p.92)
11. Evakáxu,n.capivara (p.76)
12. Nikítiniki,n. animal que vive na água e tem pelo, capivara. (p.129)
13. Hahapú'iti,n. pássaro preto do canto muito agradável (p.80).
14. Harará'iti,n.vermelho próximo do marron (p.80).
15. Marara'iti, adj. Vermelho (p.121)
16. Hâvoti,n.pé (p.81)
17. Héruruna, n. marca de pata. Ver hérurxoá. (p.82)
18. Héruru'okoa, n. ficar com as marcas da pata (p.82)
19. Héruruxoa, n. deixar as marcas da pata, patada, cavalo. (p.82)
20. Heve mánga, n. (Neol) árvore que tem como fruto a manga, mangueira. (p.82)
21. Hîkexo, fr.v. ter pulgas no corpo. (p.83)
22. Hikokópae, n. planta usada para remédio (p.83)
23. Hô'o, n. grosso como mel, mais para o sólido do que para o líquido, suco, molho. (p.85)
24. Hó'openo, n. bicho que voa, pássaro, insetos. (p.85)
25. Ho'ouke, n. saliva dos olhos, lágrimas (p.85)
26. Hovôvo, n. sapo grande que pula alto. (p.86)
27. Ímake, fr.v. ser cozinheira, cozinhar. (p.93)
28. Ímaxo,vi, cozinhar. (p.94)
29. Ivóyokone,n.planta bulbosa, planta que produz bulbo. (100)
30. Kâ'i, n. macaco pequeno que viaja em bando. (p.104)
31. Karápa, n. animais que comem carnes de outros animais ou pessoas, urubu. (p.106)
32. Karávatina, n. pântano salgado. (p.107)
33. Koáyera, n. o que sai do estômago da vaca. (p.109)
34. Kohoróuketi, fr.v. ter olhos azuis (p.111)
35. Kúxeaka, n. macaco marrom e pelo curto, bugio. (p.117)
36. Mahúkoxeti,n, tronco, mais quadrado, menos cubo (p.121);
37. matusuti, n. animal que tem rabo (p.122)
38. Mayane kámo, n. tipo de mamífero semelhante ao porco, tapir, anta. (p.122)
39. Tikoá, n. espécie de animal, anta (p.152).

40. Mbásya, n. vasilha, bacia.(p.122)
41. Mbaxeru,n. manta de por no cavalo, baixeiro. (p.122)
42. Mbôvo, n. a parte mais alta do membro superior, ombro.
43. Mûyo,n. corpo do animal; muyôti, n. espécie de animal do mato. (p.126).
44. Náranga, n. fruto da laranjeira, laranja (128)
45. Opúne,n. avaporação (p.135)
46. Pâhoti, n. abrir a boca, estar com sono. (p.139).
47. Sikékoxe,n. espécie de árvore. (p.148)
48. Ta'e,n. espécie de pássaro conhecida como papa sebo. (p.151)
49. Tûti, n. cabelo das mulheres. (p.153).

Os exemplos apresentados apontam a falha metodológica na elaboração dos verbetes. Os exemplos 1 e 2 são glosados como “faca” e de acordo com nossos dados, "faca" é “piritau”; já "piritau" é “faca dele”, uma vez que o sufixo –na indica nomes alienáveis possuídos. Encontramos as mesmas falhas nos exemplos 4 e 6.

Sobre as remissivas, como já dissemos, ao invés de auxiliarem o consulente, o confundem, como podemos verificar nos exemplos 8, 9 e 10; 17 18 e nos exemplos 19 e 27 e 28. O papel da remissiva é estabelecer a relação de significado, uma vez que a ordem alfabética quebra essa relação.

Encontramos equivalentes errados e definições incompletas e subjetivas nos exemplos relacionados à fauna e à flora, como nos exemplos 2, 11, 12, 13, 22, 24, 26, 29, 30, 31, 32, 35, 37, 38, 39, 47 e 48. Para ilustrar, vejamos o exemplo 13 **Hahapú’iti** ‘pássaro preto do canto muito agradável’ (p.80). o verbete apresenta uma definição incompleta ou subjetiva, para o consulente fica a dúvida de qual o nome do pássaro ( popular e científico)?

Nos exemplos 5, 23, 25, 33, 36, 42, 43, 45, 46, e 49 podemos verificar a imprecisão nos equivalentes, uma vez que ao invés do equivalente, a autora apresenta uma definição confusa, como em **5 Puyiti** cujo equivalente é ‘parte inferior situada entre a coxa e a perna’,ao invés de uma definição o correto seria apresentar o equivalente ‘joelho’.

Outra falha do trabalho diz respeito às informações culturais, para as quais os equivalentes apresentam uma visão preconceituosa, como no exemplo 7, de que se depreende que para ter nacionalidade é preciso falar o português; o mesmo pode ser visto nos exemplos 21 e 34.

As falhas apontadas evidenciam a necessidade de um trabalho de campo detalhado, com a utilização de guias, e também do cuidado na seleção das abonações para não oferecer

ao consulente informações equivocadas ou preconceituosas, da importância do nome científico nos exemplos de fauna e flora e das imagens nas informações culturais.

Sanromán (2009, p.1) aponta que para elaborar a microestrutura de dicionários é necessário conhecer a unidade lexical da língua, o que, segundo o autor, implica necessariamente:

- Conhecer a sua forma oral e escrita (pronúncia e ortografia).
- Conhecer as suas variações formais (gênero, número, etc.) assim como a capacidade para formar novas unidades (derivação, composição, etc.).
- Conhecer as suas capacidades combinatórias, as relações possíveis com outras unidades no co-texto (combinações livres, colocações, frases, etc.).
- Conhecer os seus significados ou acepções, assim como as possibilidades de uso pragmático-contextual e retórico (contextos de uso, registos, domínios, usos metafóricos, fórmulas de rotina, variantes diacrónicas, geográficas, estilísticas, etc.).

Em princípio, quanto mais informação deste tipo estiver consignada e convenientemente etiquetada num dicionário, melhor será a obra lexicográfica. Isto é, um dicionário não deverá apenas ser avaliado pelo número de entradas que recolhe – a sua **macroestrutura** – mas pelo tratamento que se dá – na **microestrutura** – às vozes recolhidas.

Entendemos, portanto, por microestrutura o conjunto de informações linguísticas e enciclopédicas contidas num artigo lexicográfico encabeçado pela entrada ou lema.

Eis alguns elementos que conformam a microestrutura:

- (1) Definições e acepções do lema
- (2) Transcrição(-ções) fonética(s) ou figurada(s) do lema.
- (3) Etiquetagem gramatical (informações, restrições ou explicações ortográficas, morfológicas, sintáticas, semânticas, lexicais, etc.).
- (4) Etiquetagem enciclopédico-cognitiva (áreas de conhecimento, etc.).
- (5) Etiquetagem pragmático-retórica (restrições e informações pragmáticas, retóricas e/ou contextuais).
- (6) Expressões pluriverbais formadas pelo lema mais outra(s) palavra(s), em forma de subentradas
- (7) Exemplos e abonações.
- (8) Equivalentes e tradução dos exemplos na L2 (no caso dos dicionários bilingues).

Mesmo sendo um dicionário bilíngue, destinado a um público infantil, tendo em vista os aspectos culturais da língua terena, os verbetes poderiam ter um carácter enciclopédico, em especial para os lexemas referentes à fauna, à flora e à cultura do povo, trazendo informações relevantes e apresentando dados etnográficos.

Nesse sentido, Sanromán (2009, p.7) discute o papel das informações enciclopédico-cognitivas, o que, segundo o autor, refere-se “à informação relativa às áreas de conhecimento, matéria ou especialidade, usos tecnolectais ou dialectais, com etiquetas como:

BRASIL, BIOLOGIA, BÍBLIA, CULINÁRIA, ESCOLAR, etc”. Para o autor esse tipo de informação é “extremamente importante uma vez que a mudança da área de conhecimento não é irrelevante na descrição lexicográfica de uma palavra porque vai implicar sempre uma mudança no tipo de definição utilizada”. Para exemplificar, o autor cita a unidade lexical “ovo”: “Não será a mesma definição a que se utilizará para o sentido de ovo como ‘alimento’, dentro do marco de referência da linguagem cotidiana ou da alimentação, que a definição de ovo para o sentido de ‘célula’, dentro do marco de referência da Biologia”.

Como veremos nos exemplos a seguir, a autora da obra não se atentou para essas informações, um exemplo é a entrada “**Koixómoneti**, n. pajé, feiticeiro, médico, bruxo”. A autora olha para a cultura terena com o olhar do não-índio. Para o não índio, pajé, feiticeiro, médico, bruxo pode ter o mesmo significado, mas para os povos indígenas não, o que torna a definição preconceituosa.

É uma obra que se apresenta como elaborada de acordo com a teoria lexicográfica, entretanto, apresenta sérios problemas metodológicos, a maioria deles advindos da falta de um trabalho de campo e de um maior conhecimento dos aspectos antropológicos e culturais do povo.

O trabalho tem um capítulo dedicado a informações sobre o povo e a língua terena, a história do povo, sua localização e seus costumes: vestuário, estratificação social, cerimônia e casamento, crenças e rituais religiosos, lendas mitológicas (sic!), cerâmica, cestaria, tecelagem e culinária. No entanto, os verbetes não trazem estas informações; ao contrário, reflete a desvalorização dos aspectos culturais. Exemplos:

(02)

1. Xiripa, n. vestuário do feiticeiro, tipo de saia.
2. Káuti, n. pessoa que trabalha para os outros, escravo.
3. Xúmono, n. divisão da sociedade terena.
4. Súkirikeono, n. outra metade da tribo.
5. Kohíxoti kipâhi, n. dança do bate-pau.
6. Itákaxo, vt. Chocalhar.
7. Koipíhapatina, n. alma, espírito da pessoa morta.
8. Koixómoneti, n. pajé, feiticeiro, médico, bruxo.
9. Yunakalú, n. festa da semana santa, páscoa.
10. Híhi, n. espécie de bolo de mandioca cozido na folha da bananeira.

11. Lapápe, n. farinha de mandioca assada na brasa, beiju.
12. Telé'o, n. marcar o corpo, tatuar.
13. Ohoko, vt. Sacudir o chocalho para lançar feitiço.
14. Órekexo, v. cozinhar bocaiúva para fazer molho.
15. Úve, n. constelação conhecida como sete estrelas.
16. Xâne, n. forma antiga como os terena eram denominados
17. Xómoyuna, v. fazer mingau de milho.
18. Xómoyuxovo, vc. Tornar-se mingau
19. Yuhina, n, barbante, fio feito de casca de árvore.

O trabalho apresenta 147 ilustrações, numa média de 2 figuras por página. Apresenta ilustrações para lexemas como 'coral', 'ácaro', 'canudo', 'trem', 'neve', 'termômetro', 'bagagem', entre outros, que não precisariam estar ilustrados, pois não são especificamente da cultura terena, além disso algumas ilustrações são equivocadas, como na entrada Tikoá "tamanduá" que é ilustrada pela figura de uma anta.



**Figura 1:** Exemplo de verbete do trabalho de Almeida (2005, p.152)

Sobre as ilustrações, Welker (2005, p.230) aponta que, na falta de equivalente ou quando uma explicação não consegue descrever com exatidão o referente ou a ação, a ilustração seria ideal. No entanto, o autor apóia-se em Lemberg (2001, p.118 *apud* Welker 2005, p.230) para afirmar que as imagens têm que ser ilustrações inequívocas, e cita como mau exemplo uma imagem do Grande Dicionário de Língua Portuguesa, que, no lema "saltar", apresenta um atleta fazendo salto em altura. Segundo o autor, a imagem leva o consulente a pensar que "saltar" signifique "praticar salto em altura". A obra analisada

apresenta problemas com as ilustrações, trazendo ilustrações erradas como no caso do exemplo citado acima, a figura de uma “anta” para ilustrar a entrada “tamanduá”.

O equívoco com a ilustração acima evidencia a necessidade de um cuidadoso trabalho de campo, com o auxílio de guia e se possível a posterior conferência dos dados com imagens, uma vez que a relação entre o nome de um animal nas duas línguas (Terena-Português) envolve questões que vão além do equivalente, depende do conhecimento do pesquisador referente a fauna e flora, do domínio do português pelo informante, e da classificação que os indígenas fazem da fauna e flora, que pode ser diferente da do não índio.

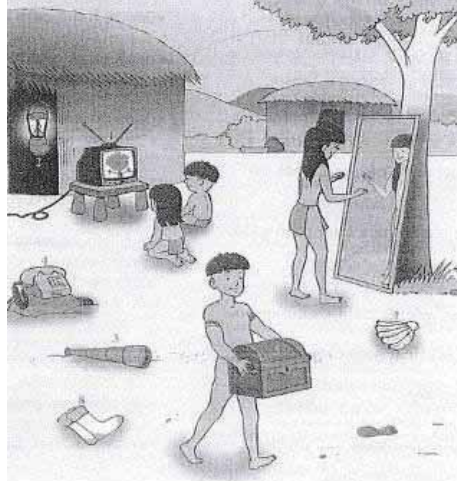
Abaixo alguns exemplos de imagens utilizadas no trabalho:



**Figura 2:** Imagem utilizada para ilustrar o lema **eró'uxo**. fr.v. estar com muita sede, sedento.(ALMEIDA, 2005, p.76)



**Figura 3:** imagem utilizada para ilustrar o lema **huvêona**, n. rio de agua cristalina (ALMEIDA, 2005 p. 87)



**Figura 4:** imagem utilizada para ilustrar a página de abertura da letra X (ALMEIDA, 2005 p.161)



**Figura 5:** imagem utilizada para ilustrar o lema **kásati**, vt. estar frio, temperatura baixa. V. ikaxáxoti (ALMEIDA, 2005 p.107)



**Figura 6:** imagem utilizada para ilustrar o lema **itúmuko**, vt. esta no alto, em cima como sol do meio dia. (ALMEIDA 2005, p. 100)





**Figura 7:** imagem utilizada para ilustrar o lema **ramá'u**, vc. cobrir-se. (ALMEIDA, 2005 p.145)

Seriam mais produtivas se somente palavras da cultura terena fossem ilustradas. As ilustrações resumem-se em imagens estereotipadas, descontextualizadas, com vistas apenas à cultura brasileira.

Diante das falhas apresentadas no trabalho de Almeida (2005), julgamos necessária a elaboração de uma nova proposta. Temos como objetivo estudar o léxico da língua Terena, defini-lo e organizá-lo em forma de uma proposta/projeto de dicionário bilíngue, Terena-Português, e para tanto aplicaremos a fundamentação teórica da lexicografia, buscando critérios para macro e microestruturas bem definidas e adequadas.

Por se tratar de uma língua pouco estudada, julgamos importante discutir informações sobre a fonologia, morfologia e sintaxe da língua, para que o leitor compreenda a organização e o funcionamento da língua, essenciais para a elaboração do dicionário. Tais informações serão baseadas nos trabalhos já existentes: Butler e Ekdahl (1979), Silva (2009), Rosa (2010), Nascimento (2012), além de outros trabalhos. No entanto, todos os dados foram testados nos trabalhos de campo realizados para esta pesquisa.

Procuramos trazer uma apresentação dos lemas de forma o mais clara possível. Outro ponto a ser considerado diz respeito à autoria. Nossa intenção foi desenvolver um trabalho que atendesse os interesses da comunidade, principalmente dos professores, uma vez que a finalidade principal desta proposta é cumprir com uma solicitação dos próprios terena de poderem estudar, registrar e reaprender a sua língua materna.

Maia (2006, p.118) chama atenção para o fato de que em alguns dicionários de línguas indígenas a participação do indígena é secundária, sendo os índios apenas fornecedores de dados linguísticos para a elaboração dos verbetes. O autor enfatiza, ainda, que, na elaboração de uma proposta de dicionário para uma língua indígena, algumas questões



devem estar bem definidas (respondidas): como deve ser o dicionário de uma língua indígena? Quem será/serão seus autores? Para quem deverá servir? Para os não-índios? Para os pesquisadores? Para o povo indígena? Como serão os verbetes? Como serão representados os verbos? E as diferenças dialetais? Haverá definições, sinônimos e antônimos?

A resposta a estas perguntas está diretamente ligada às decisões lexicográficas para a elaboração da macro e da microestrutura do dicionário, cabendo ressaltar que o lexicógrafo deve apresentar e, se possível, explicar essas informações ao consulente.

Nincao (2008, p.189), apoiando-se em Grinevald (2000 *apud* NINCAO 2008), aponta a necessidade de uma maior integração entre linguistas e ações educacionais para falantes de línguas indígenas, assim como a necessidade da formação de linguistas indígenas falantes de sua língua materna, já que estes possuem a “intuição íntima e profunda” que os falantes têm de sua língua e que o linguista externo à comunidade nunca poderá adquirir.

Nincao (2008, p. 189), a partir de experiência com trabalhos de leitura e escrita junto a professores terena, enfatiza que, de todas as discussões feitas a respeito de ensino de LI na escola, a que menos aparece é a discussão relativa à própria língua. Fala-se em ensinar a língua, mas não em conhecê-la do ponto de vista interno. Privilegia-se o professor indígena falante da língua, mas não se cria espaço curricular nos cursos de formação de professores indígenas, que focalize a LI do ponto de vista de sua fonética, fonologia, morfologia, sintaxe, semântica, pragmática, pelo menos em termos gerais.

No intuito de caracterizar o público alvo a quem nosso trabalho será destinado, apresentaremos a seguir o processo de escolarização na aldeia Cachoeirinha.

### **1.7 Educação escolar indígena na Reserva Indígena Cachoeirinha, Miranda/MS.**

A seguir, apresentaremos o processo de escolarização na reserva indígena Cachoeirinha em diferentes momentos, das primeiras iniciativas até os dias atuais. Nosso objetivo é refletir sobre a história da educação indígena na aldeia e discutir a implantação da escola indígena. Os resultados mostram que há por parte da comunidade empenho e preocupação em fazer com que a escola indígena específica, diferenciada, intercultural, bilíngue não seja apenas uma exigência da legislação, mas sim uma realidade no processo de escolarização da Reserva.

A história da educação escolar indígena no Brasil tem seu início nos primeiros tempos da colonização, a partir do contato das sociedades indígenas com os colonizadores,

que introduziram a escola, e que assumiu várias facetas: catequese, formar mão de obra, incorporar os índios à nação.

A educação indígena no Brasil começou a receber atenção especial no contexto do movimento pelos direitos indígenas há cerca de três décadas, tomando forma através das grandes reuniões organizadas pela União das Nações Indígenas — UNI —. Dentro deste panorama de lutas por direitos é que começou a ser pensada essa “escola indígena”, que, independentemente da sua roupagem tanto informal, (pelo contato com os brancos), quanto formal, (escolas oficiais e instituições missionárias que atraem o índio pelas novidades que apresentam), sendo bem aceita pelo fato de o indígena querer compreender a realidade dos brancos, inclusive como forma de defesa contra exploração e dominação, embora o panorama dessa educação indígena tenha sido um só, marcada pelas palavras de ordem “catequizar”, “civilizar” e “integrar” ou, em uma cápsula, pela negação da diferença.

Historicamente, algumas conquistas já foram alcançadas no âmbito legal, como, por exemplo:

A constituição de 1988, assegura às comunidades indígenas o uso de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem (art 210), devendo o Estado proteger as manifestações das culturas indígenas (Art. 215); (Constituição Federal 1988)

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), 1996, garante uma educação bilíngue e intercultural, com o objetivo de proporcionar aos índios, suas comunidades e povos a recuperação de suas memórias históricas, a reafirmação de suas identidades étnicas e a valorização de suas línguas e ciências (Art 215); (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9.394/96)

O parecer nº 14/99 da câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação, que dá origem à Resolução nº 03/99, que fixa diretrizes nacionais para a estrutura e funcionamento das escolas indígenas, admitindo que o ensino deve ser ministrado nas línguas maternas das comunidades atendidas, como uma forma de preservação da realidade sociolinguística de cada povo (Art 2º). (Parecer nº 14/99 da câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação)

Meliá (1978, p.75) coloca que existe uma relação muito estreita entre a língua, a cultura e a identidade étnica, afirmando que “a perda da identidade étnica, geralmente vem precedida da perda da cultura e da língua”; sendo assim, a manutenção da língua é fundamental para a preservação da identidade indígena.

### **1.7.1 Escola Municipal Indígena “Pólo Coronel Nicolau Horta Barbosa”**

De acordo com relato oral do ancião da aldeia, Felix Antonio, de 72 anos, para a pesquisa de mestrado de Maria de Lurdes Elias Sobrinho, o primeiro líder da Aldeia Cachoeirinha foi o senhor Josezinho Felipe, conhecido pelos terena como “Kali Sini” (pequena onça). Kali Sini era um grande líder guerreiro que lutou muito em favor de sua comunidade, defendendo-a de seus inimigos. Baseado no depoimento de Felix, em 1940, o cacique Timóteo dividiu Cachoeirinha em setores que são: Morrinho (Kali Mopô’i), Argola (Âkulea) e Campão Babaçu (Pù’iti Exáte), com o objetivo de organizar a plantação da roça, e para melhor atender a comunidade. Segundo Roberto Cardoso de Oliveira (1976), de acordo com o censo regional de 1954, a aldeia Cachoeirinha já contava com 834 habitantes. Contudo a população da aldeia citada continuou aumentando e, assim, o espaço físico foi ficando cada vez mais reduzido.

A escola indígena de Cachoeirinha, “Coronel Nicolau Horta Barbosa”, até 1991 estava sob a coordenação da FUNAI, depois foi passada a responsabilidade para a Secretaria Municipal de Miranda. O ancião Felix relatou que a escola foi construída em 1929 e as primeiras professoras foram a esposa e a sobrinha do Chefe do Posto. Em relato oral, Brasiliano Elias contou que as aulas aconteciam das 10:00 às 11:00 horas da manhã; era uma hora de aula todos os dias.

Até 2001, a escola era extensão da Escola Municipal Rural “Pólo Raimundo dos Santos”, que fica em Duque Estrada, Município de Miranda. Com o Decreto nº 1.262, de 26/08/2002, a Escola de Cachoeirinha passou a ser Escola Municipal “Pólo Indígena Coronel Nicolau Horta Barbosa”. Esta criação baseou-se nos direitos que a Constituição Brasileira de 1988 garante aos povos indígenas: o direito a uma educação escolar indígena diferenciada intercultural e bilíngue. Com base nesse contexto, implantou-se o ensino da língua terena como qualquer outra disciplina, como se fosse a segunda língua dessa comunidade, pois continua prevalecendo o ensino da língua portuguesa, como se a primeira língua das crianças terena fosse esta.

O funcionamento dessa escola quanto ao seu currículo segue o modelo que a Secretaria Municipal de Educação elabora sem nenhuma diferenciação nos seus conteúdos com relação à especificidade de cada comunidade indígena, principalmente quando essa comunidade tem uma língua diferente que precisa ser preservada e respeitada enquanto caminho para o desenvolvimento cognitivo da criança na sua aprendizagem.

No período de 2005 a 2007, sob a coordenação pedagógica da Professora Maria de Lourdes Elias Sobrinho, tivemos a oportunidade de acompanhar a elaboração de alguns projetos, em parceria com a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e com o Museu antropológico da Universidade Federal de Goiânia.

Com a parceria com o Museu antropológico da Universidade Federal de Goiânia, por meio da antropóloga Rosani Moreira Leitão, no ano de 2007, foi desenvolvido o projeto: “Yuhó’ikoti Yoko Yutóxoti Ya Emó’u”. Foi um começo da caminhada na concretização de um currículo baseado na língua da criança. Desta parceria resultou a edição do primeiro material didático em língua Terena elaborado pelos professores.

A experiência, adquirida por nós, nesse período de coordenação mostra a importância de construir juntos: secretaria de educação, entidades e comunidade indígena, para construção de uma escola indígena diferenciada, intercultural e bilíngue. Entendemos que esses são os caminhos que se deve tomar para que as escolas tenham realmente características de uma escola específica para as comunidades indígenas, isto porque as comunidades todas tem as suas diferenças culturais próprias, que precisam ser respeitadas.

Um dos projetos elaborados foi a implantação de alfabetização no ano de 2007, na língua terena, resultado de vários debates com professores e pais de alunos. De acordo com a professora terena Maria de Lourdes, foi um grande desafio, pois não tínhamos material didático específico, não houve capacitação de professores para trabalhar a sua própria língua na alfabetização. A língua terena nunca foi usada na escrita, sempre na oralidade, mas entendemos que a criança deve ser alfabetizada na sua língua, a qual ela domina. Assim, em conjunto com os professores, foi elaborado um livro para a alfabetização.

A escola municipal oferece a educação infantil e fundamental. Até 2.000 indígenas cursavam o ensino médio na cidade, o ensino médio na aldeia começou a ser oferecido pela Secretaria de Estado de Educação como extensão da Escola Estadual Caetano Pinto, visando a atender um decreto do Estado que oferecia uma educação por alternância para poder privilegiar alunos que queriam estudar, mas não podiam por motivos de trabalhos, acesso difícil e outras particularidades que viveram no passado. No ano de 2006, o governo do estado de Mato Grosso do Sul criou a Escola Estadual Indígena Cacique Timóteo, localizada na Aldeia Cachoeirinha. No período matutino é oferecido ensino médio para os indígenas da aldeia Cachoeirinha e suas extensões; no período vespertino o espaço é cedido para o ensino fundamental da escola municipal.

Não se pode mais pensar uma sala no fundo de quintal quando se refere a uma comunidade indígena, pois os indígenas também acompanham as transformações sociais e,

nessas mudanças, necessitam uma escola adequada para que possam usar as tecnologias e assim trabalharem as suas questões. Contudo, as escolas que estão dentro das aldeias ainda são um sonho, pois o fato de ter a língua terena dentro de 45 minutos na sala de aula, com professores indígenas, não constitui uma escola indígena, uma vez que ela não tem autonomia para construir seu próprio currículo, que possa atender tanto o conhecimento indígena e quanto o não-indígena. Assim, tornar a escola com ensino de qualidade é pensar na formação intercultural de professores indígenas<sup>14</sup>, é problematizar a tendência de incorporar os conhecimentos ocidentais sem nenhuma reflexão quanto à cultura indígena. Nesse sentido, Bhabha (1998) coloca que os indivíduos no mundo globalizado sofrem ao questionar suas raízes, com isso desconstruindo sua identidade e portanto, uma escola indígena que contemple os dois conhecimentos na sua grade curricular favorecerá aos indígenas, dando condições para superar a influência de fora e afirmar sua identidade.

O não reconhecimento das diferenças leva o índio à desvalorização de sua cultura, negando a sua própria identidade (HALL, 2006, p.11). O autor coloca como deslocamento cultural do indivíduo passando por séries de desconstruções de sua identidade como indígena, vendo a cultura indígena em constante mudança, pois vivemos no mundo globalizado, e essa globalização irá trazer novas identificações “globais” e novas identificações “locais” (HALL, 2006, 78).

É importante ressaltar a distinção estabelecida em 1978, por Bartolomeu Meliá, entre “Educação Indígena e Educação Escolar Indígena”. Segundo Meliá, “Educação Indígena” refere-se às formas próprias de educação que os povos indígenas sempre tiveram. Culturalmente significadas, essa educação é feita a partir da transmissão oral dos valores, conhecimentos e história de cada um desses povos. “Educação Escolar Indígena”, por outro lado, refere-se à introdução sistemática, via aparato escolar, de conhecimento não-indígena nas aldeias. Esse processo é consequência do contato dos povos indígenas com a sociedade envolvente.

Assim, a trajetória do povo e sua língua, com ênfase nos aspectos históricos, demográficos e geográficos, em especial da Aldeia Cachoeirinha, acrescidos de reflexões

---

<sup>14</sup> Cabe ressaltar que, desde o ano de 2009, está em andamento o Curso de Licenciatura Intercultural Indígena Povos do Pantanal, por meio de uma parceria da UFMS, UEMS, SED e Secretarias Municipais de Educação e com recursos do FNDE por meio do PROLIND, que é um programa de apoio à formação superior de professores que atuam em escolas indígenas de educação básica. O edital de convocação nº 3, de 24 de junho de 2008, estimula o desenvolvimento de projetos de curso na área das Licenciaturas Interculturais em instituições de ensino superior públicas federais e estaduais. O objetivo é formar professores para a docência no ensino médio e nos anos finais do ensino fundamental das comunidades indígenas. O corpo docente é composto por professores pesquisadores cujas pesquisas envolvem os povos do pantanal e os discentes são indígenas das 9 etnias de Mato Grosso do Sul.

sobre a família linguística Aruak e síntese dos estudos anteriores descrito nesta seção expressam os caminhos percorridos pelo povo, as influências sofridas pela cultura e língua por meio do contato com a sociedade envolvente. Com o objetivo de justificar a elaboração de uma nova proposta de estudo lexicográfico da língua terena, analisamos o trabalho "O léxico da língua terena: proposta do dicionário infantil bilíngue terena-português" e tecemos algumas considerações sobre a educação escolar indígena na aldeia cachoeirinha, já que a proposta de dicionário aqui exposta propõe-se a transformar-se em um dicionário escolar.

## 2. METODOLOGIA DE PESQUISA

No intuito de apresentar ao leitor os passos do desenvolvimento de nosso trabalho, nesta seção, abordaremos detalhadamente a metodologia utilizada na coleta de dados, bem como um breve histórico do trabalho realizado com o povo terena de Cachoeirinha.

A pesquisa linguística para descrição de línguas consiste, em sua essência, de dois momentos: a pesquisa de campo e a análise dos dados coletados. Para realizar o trabalho de campo, foram necessários, inicialmente, estudos relacionados à prática do trabalho de campo, como a forma de intervenção do pesquisador, o perfil e características dos falantes, com base nas obras de Samarin (1967), Kibrik (1977) e Abbi (2001).

Fargetti (2013, p.15), aponta algumas particularidades do trabalho de campo visando estudos do léxico de língua indígena,

Para estudos do léxico, deve-se ter em mente que o trabalho de coleta de dados precisa ser diferenciado. Na maior parte dos casos, o que se coletou com o objetivo de entender a gramática da língua não é adequado para o estudo do léxico em si e sua aplicação prática na elaboração de um dicionário. Os dados que já se tem podem ser pontos de partida para nova documentação e descrição, mas em geral não são completos ou viáveis. Por exemplo, podemos ter a sentença “a canoa está no rio”, elicitada a partir do português, com fins por exemplo de entender o comportamento do substantivo “canoa” nesse caso, o verbo em questão, se há, e a forma de locativo. Mas talvez tal sentença não ocorra em evento de fala espontâneo, talvez seja pragmaticamente impossível para o falante, embora gramatical, que a forneceu para cumprir uma tarefa... Assim, incluí-la no dicionário da língua não seria interessante. Outros exemplos poderiam ser melhores, se escolhidos em conjunto com os falantes da língua, principais usuários da obra lexicográfica posteriormente.

A metodologia seguida no trabalho de campo com a língua terena consistiu em coletar dados linguísticos junto à comunidade indígena de Cachoeirinha. Por se tratar de uma língua com poucos registros documentais, a pesquisa envolveu duas atividades básicas: 1) coleta e transcrição dos dados; 2) análise e interpretação dos dados coletados. Os dados foram gravados usando-se gravador digital e transcritos, ainda em campo, para conferência e análise

junto aos falantes bilíngues. Também foram utilizados, como fonte de dados, o diário de campo do pesquisador e conversas informais com os indígenas.

O questionário foi organizado e aplicado junto aos informantes em sessões individuais. Outros mecanismos de coleta de dados também foram aplicados, como o diário de campo utilizado pela pesquisadora, o registro de falas espontâneas, interferência de membros da comunidade no momento da coleta e textos orais em terena, que versavam sobre questões do cotidiano do informante. Esta última fonte (os textos orais) foi importante para verificar o comportamento dos verbos no momento da fala, em um contexto significativo para o informante, pois, na coleta de sentenças isoladas, apenas, não é possível verificar as ocorrências dos morfemas da língua de uma forma significativa.

Nossa pesquisa com a língua terena teve início no ano de 2004, durante o curso de Pedagogia, quando em vários momentos tivemos a oportunidade de conhecer a realidade das escolas indígenas da Região Aquidauana (IBGE).

Após o término do curso de Pedagogia, no ano de 2005, fomos contratada pela Prefeitura Municipal de Miranda/MS para coordenar a Secretaria Municipal de Educação (SEMEC) e acompanhar a implantação das escolas indígenas do município, que até então funcionavam como extensões das escolas rurais.

Por dois anos acompanhamos a rotina das escolas indígenas e participamos de projetos de pesquisa e extensão voltados para a questão. Por meio dessa experiência tivemos a oportunidade de vivenciar as dificuldades da educação escolar indígena, em especial aquelas relacionadas ao ensino da língua materna, seja pela falta de material, seja pela falta de formação do professor ou ainda pela não aceitação da língua indígena na grade curricular.

Esse contexto levou-nos a pensar sobre a língua e constatamos que a falta de estudos linguísticos era talvez o maior impasse para o ensino da língua. Foi então que começamos a pesquisar sobre o assunto, conversar com professores, coletar textos de alunos e professores sobre o tema. Esse interesse pela língua terena levou-nos a procurar o mestrado em Letras, onde desenvolvemos a dissertação de mestrado “Descrição fonológica da língua Terena (Aruak)” defendida em 2009, na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/Campus de Três Lagoas.

Durante o mestrado foram realizadas quatro pesquisas de campo, que resultaram num banco de dados com aproximadamente 10 horas e 1.400 itens lexicais. O interesse nas questões voltadas para o ensino da língua levaram-nos a procurar o programa de Pós Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da UNESP, no intuito de desenvolver um estudo lexicográfico da língua.



Assim, os dados que compõem o *córpus* deste estudo lexicográfico foram sendo levantados ao longo da minha formação acadêmica, sendo esses: alguns textos coletados durante a graduação e a atuação na coordenação, os dados da dissertação, coletados durante o mestrado, os dados cedidos por Rosa (2010), além dos dados coletados em pesquisa de campo do projeto de doutorado. Cabe salientar que esses dados foram agrupados e hoje compõem um banco de dados armazenados no Laboratório de Estudos Interculturais Indígenas Povos do Pantanal da UFMS/Campus de Aquidauana.

## 2.1 O *córpus*

No primeiro momento de nossa estada na comunidade, fizemos observações e conversamos com professores, com o cacique e com as lideranças indígenas. A seguir iniciamos a coleta de dados, com questionários, formulários, listas de palavras e sentenças, bem como a gravação, com autorização da liderança, de reuniões, discursos, etc.

Na elaboração do nosso formulário, adotamos como modelo o Formulário do vocabulário padrão para estudos de línguas indígenas brasileiras, da Divisão de Antropologia do setor linguístico do Museu Nacional, Rio de Janeiro, a Lista diagnóstica léxico-estatística de Swadesh (1961), o questionário do Projeto de Documentação das línguas indígenas da América do Sul (SAILDP), o vocabulário terena elaborado por Butler, o dicionário Tariana, o vocabulário da língua guaná ou chané elaborado por Taunay em 1868, além dos lexemas listados em trabalhos anteriores, adaptados por nós a fim de melhor registrar os dados da comunidade indígena em estudo. Os formulários foram organizados por campos semânticos e aplicados aos informantes em sessões individuais ou coletivas.

Cabe ressaltar que, durante todo o tempo em que estivemos em campo, sempre tínhamos um caderno ou o gravador em mãos, porque às vezes, talvez até pela nossa falta de conhecimento da realidade indígena, elementos da cultura, fauna, flora, muitas coisas passavam despercebidas; assim, em conversas informais acabávamos descobrindo uma forma nova, em especial no caso de verbos e nomes para plantas e animais. Por exemplo, durante a elicitación, o informante forneceu um dado para o verbo “fugir”, inclusive com exemplos, tempo depois uma criança beliscou a outra e fugiu, mas nesse contexto o verbo utilizado foi outro, no sentido de “fugir por medo do pai”, mas que logo voltaria. Teve um dia em que estávamos coletando dados sobre flora, e o informante dizia que usava a palavra em português para aquela planta. Após o término da gravação, fomos tomar *tereré* e ele começou a fornecer vários dados em sua língua, em especial para nomes de árvores da região.

Outros mecanismos de coleta de dados foram também aplicados, como o diário de campo utilizado pela pesquisadora, o registro de falas espontâneas e a intervenção de membros da comunidade no momento da coleta, como ocorreu num trabalho de campo: no momento em que se perguntou para a entrevistada como se falava “feijão”, ela forneceu um dado e o esposo, que estava próximo acompanhando a gravação, outro. Tratava-se de um tipo de feijão, feijão de corda, dado que não estava previsto no formulário inicial, que foi inserido no banco de dados da língua. Esse fato mostra a importância do planejamento da coleta, uma vez que, a cada sessão, o formulário é reformulado, seja com a inserção, seja com a exclusão de dados. Cabe salientar que essas gravações e anotações foram utilizadas como abonações, para exemplificar a ocorrência da entrada num contexto de fala, de uso.

No segundo semestre de 2012, tendo em vista o objetivo maior do nosso trabalho, que foi o de elaborar uma proposta lexicográfica em especial para itens da cultura, mudamos para Miranda/MS, onde a aldeia Cachoeirinha está localizada, assim, a pesquisa de campo passou a ser realizada quase que diariamente. Iniciamos a coleta de dados para ilustrar o trabalho; tais dados consistiram basicamente em frases do cotidiano, com o objetivo de mostrar ao consulente do trabalho um exemplo da palavra em uso. Os dados inicialmente foram gravados no gravador digital e/ou escritos no caderno de campo. Após esse trabalho, começamos a passar as frases para a forma ortográfica. O próximo passo foi realizar oficinas para conferir a ortografia utilizada nos exemplos. Conforme já foi dito, a língua terena possui ortografia, no entanto, não são todos os professores que escrevem e uma das justificativas segundo eles é a dificuldade em acentuar as palavras. Inclusive, Garcia (2007, p. 136), a partir de pesquisa realizada junto à comunidade terena da aldeia Ipegue, aponta que “se difundiu a idéia [...] de que escrever em Terena é algo complicado, o que é atribuído, na fala dos entrevistados, à existência de acentos e grafemas distintos da língua portuguesa”. Assim, a princípio pensamos em realizar as oficinas em grupo, o que não teve sucesso, e a saída então foi realizar sessões individuais ou em dupla com professores indicados pela comunidade para acompanhar o trabalho. A mesma metodologia foi utilizada com os anciãos para a elaboração das notas culturais; após a transcrição das gravações conversamos novamente com eles para confirmar as informações culturais, em especial as que aparecem no verbete como nota cultural.

Conforme já foi apontado, nossa proposta de dicionário teve início com os dados coletados durante o mestrado, assim, a seguir descreveremos os trabalhos de campo realizados.

## 2.2 Trabalho de Campo

O primeiro trabalho de campo foi realizado em julho de 2007, na Chácara Paraíso, próxima à Comunidade Indígena de Cachoeirinha. A coleta foi realizada numa propriedade rural e não na própria comunidade porque, mesmo tendo o consentimento da comunidade, manifesto pelo cacique e pelo chefe de posto, não tínhamos, ainda, a autorização da FUNAI. Assim, para evitar eventuais problemas futuros, optamos por não fazer a coleta na área indígena.

Esse primeiro trabalho de campo serviu mais a título de contato e conhecimento. Nesse período, apresentou-se o projeto às lideranças indígenas, ao chefe de posto, a possíveis entrevistados e coletaram-se alguns dados. Diariamente íamos à comunidade para visitar famílias e escolas, a fim interagir com os sujeitos de pesquisa. Nesses momentos, foi possível coletar dados contextualizados de acordo com a vivência do grupo.

A segunda coleta de dados foi realizada em dezembro de 2007. Os falantes que participaram desse trabalho foram: N.L.R 58 anos, C.V.L., 63 anos; C.L., 23 anos; M.P., 74 anos; T.C.R., 8 anos; M.G., 76 anos; A. P., 78 anos; F. S., 93 anos; V.B., 38 anos e M.L.E.S., 50 anos. Todos os entrevistados afirmaram dominar as duas línguas, Terena e Português, porém, como nossa pesquisa não é de natureza sociolinguística, não avaliamos o grau de bilinguismo nem o domínio de L1 e L2.

No momento da entrevista para a coleta de dados, foi feita a pergunta “como fala \_\_\_\_ em Terena”? A primeira resposta na maioria das vezes veio com a marca de 1ª pessoa, como, por exemplo, “boca”: [ᵐbaho] ‘minha boca’. Nas listas do primeiro trabalho de campo, a maioria dos dados encontra-se na primeira pessoa. Quando constatamos isso, fizemos novamente a coleta dos dados, explicando ao informante que queríamos a palavra “boca”, mas que não fosse “minha boca”. Obtivemos, então, [pahoti], “boca de alguém” – com o sufixo –ti marcando a categoria de possuidor indefinido, ou não marcado. Essa etapa do trabalho de campo consistiu em coletar dados, transcrever e analisar *in loco* os aspectos fonológicos da língua.

Para tanto, as entrevistas foram gravadas com a devida autorização dos falantes e da liderança. A lista com os itens lexicais a serem coletados foi previamente elaborada com base na “Lista diagnóstica léxico estatística de Swadesh” e no “Formulário do vocabulário-padrão para estudos comparativos preliminares nas línguas indígenas brasileiras” do Museu Nacional do Rio de Janeiro. Quanto à transcrição fonética, primeiramente foi feita em caderno; posteriormente, os dados foram inseridos em uma base de dados. A análise prévia

dos dados consistiu em reunir informações relevantes acerca dos processos fonológicos, como identificação dos acentos e pausas, levando em consideração o resultado de outras pesquisas (Bendor Samuel, 1960 e 1966; Butler, 1977 e 1978; Eastlack, 1968 e Tourville, 1991), comparando e sistematizando os dados antes da análise propriamente dita.

O terceiro trabalho de campo foi realizado em março de 2008, quando testamos os dados coletados e a análise fonológica em andamento. O quarto trabalho de campo foi realizado em julho de 2008, no intuito de confirmar as descrições já elaboradas. Nestes dois últimos trabalhos de campo, selecionamos dois falantes para testar e confirmar a análise em andamento, bem como para esclarecer as dúvidas, em especial no que diz respeito ao acento.

A seleção desses falantes obedeceu aos seguintes critérios: serem falantes nativos, bilíngues, com idade entre 40 e 50 anos, boa dicção e voz audível, viverem na Aldeia e terem disponibilidade para repetir várias vezes o mesmo dado.

Conforme apontamos, a pesquisa contou com diversas gravações de áudio, realizadas com os sujeitos Terena em quatro períodos. Ao todo, foram 10 horas de gravação, em que foram coletados aproximadamente 1.400 (um mil e quatrocentos) itens lexicais. Todas as gravações foram fragmentadas (no software Audacity), isolando cada dado para descrição e conferência com a transcrição realizada no momento da entrevista.

O primeiro trabalho de campo do projeto de doutorado foi realizado em julho de 2009. Nesse período testamos os dados dos estudos anteriores, em sua maioria palavras isoladas, realizados por nós a fim de constatar a validade dos dados e da análise em andamento e contextualizar os dados. Meses antes, em maio de 2009, fomos convidadas pela UFMS (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul) e pela SED (Secretaria de Estado de Educação) para acompanhar o desenvolvimento da conferência regional de educação escolar indígena; nesse período fiquei hospedada com professores terena de todo o estado de MS num hotel fazenda, localizado na cidade de Campo Grande-MS. Nessa oportunidade pude entrevistar professores, conversar sobre as diferentes realidades da língua, e discutir a ortografia. Nesse evento iniciei a coleta de dados linguísticos para a proposta de dicionário, pois até então os dados se constituíam de palavras isoladas e algumas frases.

Em outubro de 2009, a convite da UFMS, participamos do I Seminário de Planejamento da Licenciatura Intercultural Indígena Povos do Pantanal, desenvolvido pela UFMS com recursos do MEC. Nesse evento, coordenamos o eixo temático de linguagem, onde o público era constituído basicamente por professores terena do estado de MS. Após o término do evento, ficamos durante uma semana na reserva indígena de Cachoeirinha, onde

pudemos coletar dados sobre peixes, coleta que contou com o auxílio do guia “Peixes do Pantanal: manual de identificação”.

Nos meses de janeiro e fevereiro de 2010, realizamos uma nova pesquisa de campo, dessa vez direcionada à fauna e à flora. Esse trabalho foi muito interessante, pois tive a oportunidade de conhecer diferentes plantas, árvores e animais, da flora e fauna regional. Além dos nomes relacionados a fauna e flora nos foi possível conhecer a relação desses nomes com a cultura: por exemplo, determinada madeira é utilizada para fazer casa ou lenha; determinado pássaro quando canta está avisando que alguma coisa vai acontecer; encontrar determinado animal durante a caça é sinal de azar e assim por diante. Para a coleta de dados, utilizei vários guias: Guias de identificação dos Canídeos Silvestres Brasileiros; Distribuição dos Mamíferos do Pantanal; Guia de Campo Aves; Guia de Identificação de Felinos; Guia de identificação de pegadas; Guia de Roedores do Brasil; Guia de Palmeiras; Guia de Plantas da Capoeira; Guia de Plantas raras do Brasil; entre outros.

No final de março de 2010, com a proximidade da Semana Santa, momento que coincide com o aparecimento das plêiades no céu, é realizado o ritual do Oheokoti, ritual xamânico que é conhecido como a grande festa do povo terena e que, por vários motivos, entre eles a religião, tem sido deixado de lado. Em 2010, o último pajé de Cachoeirinha, que possui 92 anos, realizou o ritual. Chegamos na aldeia um dia antes do início do Oheokoti<sup>15</sup>, e pudemos nos preparar para o ritual, e percebemos que esse não é apenas um momento de xamanismo, mas sim o momento em que o pajé, direcionado ao nascente e a kipahê “pleiades” busca proteção para sua aldeia. Segundo o pajé, antigamente esse ritual marcava o início do ano, período de colheita e também era o momento de escolha do grande pajé “koixomoneti”, denominado Yanakalu.

Nos meses de março e abril de 2011, fomos convidadas pelos professores para acompanhar a preparação e a execução da Semana do Índio da escola, onde foram realizadas danças, rituais xamânicos, comidas tradicionais, exposição de artesanato. Durante os preparativos para a semana, acompanhamos e registramos a confecção de vestimentas para as danças e os ensaios, a confecção de cerâmica, cestaria, brincos e colares, e, ainda a preparação de comidas tradicionais. Ainda nesse período, tivemos a oportunidade de conversar com os idosos, e entender um pouco mais sobre a cultura terena. Nas noites escuras foi possível localizar as estrelas e constelações relevantes para o povo, e ainda ouvir histórias como o

---

<sup>15</sup> De acordo com Carvalho (2008), o Oheokoti é o nome da cerimônia mais importante para os Terena e é realizado quando as Pleiades atingem seu ponto máximo no céu, entre o mês de abril e maio, marcando o início do período das colheitas, marcando o início do ano.

surgimento do povo; da dança do bate-pau ou dança da ema; o casamento da onça e do macaco; a guerra da onça e do macaco; o tuiuiú e o sapo, dentre outras.

Ainda durante essa minha estada na aldeia, reunimos-nos com os professores terena, interessados na proposta de dicionário, quando coletamos dados referentes a partes do corpo, utensílios, cores, numerais, parentesco, e rever os dados da coleta anterior sobre peixes, pássaros, mamíferos.

No segundo semestre de 2012, mudamos para Miranda/MS, cidade onde a Aldeia Cachoeirinha esta localizada. Tal mudança foi muito positiva, pois passamos a diariamente com a comunidade e assim coletar as frases para ilustrar os verbetes, acompanhar o processo de criação de artesanato, como a cerâmica por exemplo, ouvir os anciões contarem as histórias do povo, observar as mulheres fazendo as comidas tradicionais, participar de festas, eventos, reuniões e projetos da escola, realizar as oficinas para a elaboração das abonações dos lemas selecionados, entre outras atividades que enriqueceram o trabalho e em muito contribuíram para a nossa formação.

A seguir, um exemplo de guia utilizado para a coleta de dados da fauna da região:

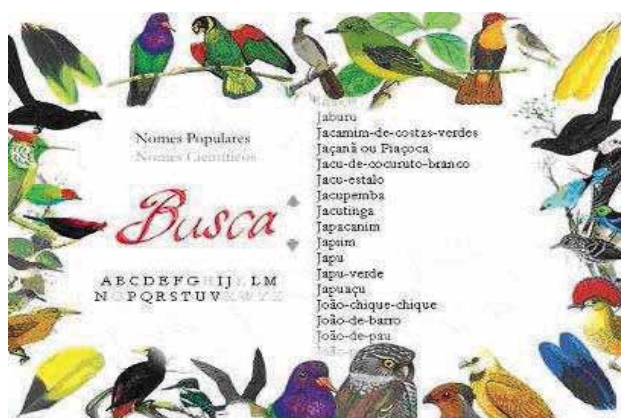


**Figura 8:** Imagem do guia de campo utilizado para a coleta de dados<sup>16</sup>.

A coleta de dados de pássaros foi feita com o auxílio do programa **Brasil 500 pássaros**. Este programa apresenta uma lista com os nomes das aves brasileiras; para cada ave é destinada uma página com o nome popular e o científico, a ilustração, a descrição morfológica, os hábitos e a vocalização. A seguir uma imagem do programa:

<sup>16</sup> Fonte: Guia de Campo Bonito, 2005, p. 68.





**Figura 9:** Imagem da página de abertura do programa Brasil 500 pássaros.

Conforme previsto no projeto inicial, além dos dados advindos das pesquisas de campo, utilizamos também dados de outros pesquisadores, como Butler (1977, 1978), Butler e Ekdahl (1979) e Rosa (2010), bem como um banco de dados da língua terena, criado com dados das pesquisas de Silva (2009), Rosa (2010), e os dados coletados para este projeto. Cabe salientar que os dados de Rosa foram coletados na comunidade de Bananal, e nossa pesquisa foi desenvolvida na comunidade de Cachoeirinha; no entanto, para a utilização dos dados da pesquisadora em nosso trabalho, os mesmos foram testados em campo e as poucas variações encontradas no corpús são apontadas no texto. Ressaltamos ainda que, os dados de outros pesquisadores foram utilizados apenas na seção que trata dos aspectos da língua, os demais dados, inclusive os que ilustram os verbetes foram coletados e transcritos por nós durante o trabalho de campo.

Os dados inicialmente foram armazenados em arquivos digitais, com áudio e texto. Para a sistematização do banco de dados, utilizamos o Toolbox, programa específico para a elaboração de dicionários, porém encontramos alguns problemas na sua utilização, o que nos levou a procurar outro, no caso o Flex, e atualmente nossos dados estão armazenados nele. Contamos com mais de 5.000 (cinco mil) palavras, textos, frases e imagens referentes à cultura Terena.

Segue um modelo de ficha do toolbox e de um verbete:

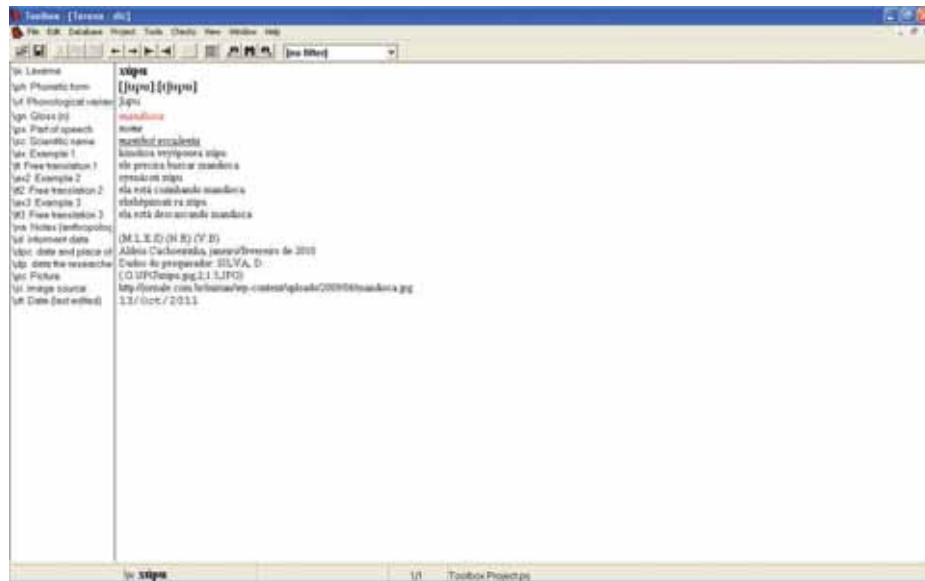


Figura 10: imagem de uma ficha do banco de dados na língua Terena utilizando o programa Toolbox.

## X - x

**xúpu** [ [ʃupu] ; [tʃupu] ] /ʃupu/ mandioca. nome. manihot esculenta. [kónokoa veyóponea xúpu \ft1 ele precisa buscar mandioca \ex2 oyenácoti xúpu \ft2 ela está cozinhando mandioca \ex3 ehehépixoati ra xúpu \ft3 ela está descascando mandioca \id (M.L.E.S) (N.R) (V.B) \dpc Aldeia Cachoeirinha, janeiro/fevereiro de 2010 \dp Dados do pesquisador: SILVA, D. \si <http://jornale.com.br/mirian/wp-content/uploads/2009/06/mandioca.jpg>]



Figura 11: Exemplo de verbete elaborado com o auxílio do programa Toolbox.

Segue um modelo de ficha do Flex e de um verbete:





Figura 12: imagem de uma ficha do banco de dados na língua Terena utilizando o programa FLEX.

## H h

**híhi** [ [ hi:hi ] ] *n.* bolo de mandioca  
*Uhéti ra híhi. O híhi é gostoso.*  
**hiu** *n.* flor homomo'iti *hiu ra mara'o, a*  
*flor do ipê é amarela.*  
**hivo'upe** [ [ hivoʔupe ] ] *n.* lambari *eno*  
*hivo'upe notuvakake. tem lambari na*  
*lagoa.*



**hiyokéxoti kipãe** [ [ hiokɛʃoti  
 kipã:e ] ] dança da ema *hiyokéxoti ra*  
*kalivôno hiko. as crianças estão*  
*dançando a dança da ema.*

Figura 13: imagem de verbetes elaborados com o auxílio do programa FLEX.

Por fim, esta seção teve como objetivo explicitar as características da pesquisa com línguas indígenas que consiste em dois momentos fundamentais: a pesquisa de campo e a análise dos dados coletados. Para tanto, descrevemos a metodologia do trabalho de campo desde os preparos dos instrumentos de coleta até a elaboração do banco de dados da língua, passo a passo cada coleta realizada, apresentando os guias e os programas utilizados, conforme imagens do apêndice II. Ressaltamos que o objetivo desta seção foi informar aos leitores desta tese e aos consulentes o "como" foram realizadas as coletas e análise dos dados, visando maior clareza na escolha do campo semântico que norteou toda a seleção dos verbetes, a elaboração das abonações e apresentação gráfica do protótipo de dicionário (Apêndice I).

### 3. ASPECTOS GRAMATICAIS DA LÍNGUA TERENA

Nesta seção, apresentaremos, com base em estudos anteriores, aspectos da fonologia, morfologia e gramática da língua terena. Salientamos que serão mencionadas apenas informações que auxiliem o consulente na compreensão dos verbetes, como quadro fonético, relação fonema x grafema, sistema pronominal, formação do nome, do verbo, tempo, modo e aspecto. Referências sobre os estudos realizados podem ser encontradas no item 1.5 “Estudos anteriores”.

Inicialmente apresentaremos informações sobre o sistema fonológico da língua. A língua terena possui alguns estudos referentes a fonética e a fonologia: Harden (1946), Bendor (1960), Ekdahl e Grimes (1964), Eastlack (1968), Butler (1978), Silva (2009) Martins (2009) e Nascimento (2009 e 2012) ; cabe ressaltar que tais estudos são de base estruturalista, e apresentam algumas divergências entre si, tais divergências foram apontadas em nosso trabalho anterior, Silva (2009).

A seguir apresentaremos a descrição dos sons, baseados no trabalho de Silva (2009), em que utilizaremos o Alfabético Fonético Internacional, fonte SIL Doulos IPA. Seguiremos o procedimento adotado por Souza (2008), Silva (2009) e Nascimento (2012), de não marcar o acento na descrição fonética, uma vez que não existe consenso se a língua é tonal ou não, inclusive não existindo estudos aprofundados sobre o status do acento. Além disso, tendo em vista os poucos estudos referentes ao sistema fonológico da língua e a necessidade de transcrição fonética para a proposta de dicionário, nesta seção apresentaremos apenas o quadro fonético da língua, seguido da descrição dos sons. As discussões referentes ao sistema fonológico serão feitas apenas para tratar dos processos morfofonológicos para formação de pessoa, harmonia nasal, para a formação de primeira pessoa singular, e alçamento, para a formação de segunda pessoa do singular e do plural.

O objetivo desta seção é apresentar, com base nos trabalhos anteriores, uma síntese da estrutura da língua terena. Com isso, apresentamos algumas questões relativas à fonética e à morfologia, porque, conforme já foi apontado, a língua possui poucos estudos e não há ainda uma descrição abrangente da gramática e porque interessam-nos aspectos específicos para tratamento lexicográfico. As informações apresentadas a seguir são uma síntese dos trabalhos de Butler e Ekdahl (1979), Silva (2009), Rosa (2010) e Nascimento (2012), sendo os trabalhos de Butler realizados em Cachoeirinha e Bananal, o de Silva e Nascimento, em Cachoeirinha, e o de Rosa, em Bananal. Cabe ressaltar que Cachoeirinha e Bananal são as únicas aldeias onde a língua ainda é utilizada. No entanto, os índios afirmam

que Cachoeirinha fala o terena “velho” e Bananal o terena “novo”. Constatamos que há uma variação entre a língua falada nessas aldeias, porém essa variação ocorre no nível fonético-fonológico e lexical; encontramos poucas variações no nível gramatical e, nesses casos, as informações referentes a essa variação serão apresentadas no texto.

### 3.1 Aspectos fonéticos

O primeiro estudo sobre a fonologia da língua Terena foi realizado por Bendor-Samuel<sup>17</sup>, em 1960. Segundo o autor, a língua Terena possui 14 fonemas consonantais incluindo as semivogais, conforme os quadros que seguem:

	Bilabial	Labiodental	Alveolar	Pós-alveolar	Palatal	Velar	Glotal	
Oclusiva	p		t			k	ʔ	
Fricativa			s	ʃ			h	hy
Nasal	m		n					
Lateral			l					
Tepe			r					
Aproximante	w				j			

**Quadro 3:** fonemas consonantais Terena propostos por Bendor-Samuel (1960)

	Anterior	Central	Posterior
Fechado	i		u
Meio fechado	e		o
Aberto		a	

**Quadro 4:** Fones vocálicos da língua Terena segundo Bendor Samuel (1960)

Eastlack (1968) apresenta um quadro de fonemas diferente: considera 19 fonemas consonantais ( /p, b, m, v, t, d, s, z, n, r, l, ʃ, ʒ, j, k, g, ʔ, h, hh/ ) e 5 vocálicos ( /i, e, a, o, u/ )

	Bilabial	Labiodental	Alveolar	Pós-alveolar	Palatal	Velar	Glotal	
Oclusiva	p b		t d			k g	ʔ	
Fricativa		v	s z	ʃ ʒ			h	hh
Nasal	m		n					
Lateral			l					
Tepe			r					
Aproximante					j			

**Quadro 5:** Fonemas consonantais Terena propostos por Eastlack (1968).

<sup>17</sup> O quadro de Bendor-Samuel (1960) apresenta os símbolos segundo a tabela de Pike; nós trouxemos os dados equivalentes, segundo a tabela de símbolos do IPA.

	Anterior	Central	Posterior
Fechado	i		u
Meio fechado	e		o
Aberto		a	

**Quadro 6:** Fonemas vocálicos Terena propostos por Eastlack (1968).

Butler (1978) aponta que a língua possui 14 fonemas consonantais, sendo as oclusivas e a fricativa /h/ aspiradas. A autora propõe como fonema a fricativa labiodental surda /v/, ausente do quadro de Bendor-Samuel (1960) e já identificada por Eastlack (1968).

	Bilabial	Labiodental	Alveolar	Pós-alveolar	Palatal	Velar	Glotal	
Oclusiva <sup>18</sup>	p		t			k	ʔ	
Fricativa		v	s	ʃ			h	hy
Nasal	m		n					
Lateral			l					
Tepe			r					
Aproximante					j			

**Quadro 7:** Fonemas consonantais Terena propostos por Butler (1978).

	Anterior	Central	Posterior
Fechado	i		u
Meio fechado	e		o
Aberto		a	

**Quadro 8:** Fonemas vocálicos Terena propostos por Butler (1978).

Em nossa análise, não encontramos a ocorrência dos sons aspirados, nem a ocorrência do segmento /hh/, identificado por Eastlack (1968). Além disso, discutimos as análises anteriores dos segmentos [v] e [w]: nas análises de Eastlack (1968) e Butler (1978), esse som é representado por /v/; na análise de Bendor-Samuel, por /w/; em nossa análise, levamos em consideração a ocorrência do fone [w] em posição de margem da sílaba (início e

<sup>18</sup> Segundo a autora, as oclusivas surdas são aspiradas.

<sup>19</sup> De acordo com Butler (1978), esse som é equivalente a /h/ com palatalização.

coda), geralmente ocupadas por segmentos consonantais, de modo que optamos pelo fonema /w/ mais natural, em termos fonológicos.

Nossa descrição também difere da de Eastlack no que diz respeito aos fonemas /b/, /d/, /z/, /ʒ/, /g/. Em nossos dados, esses segmentos só ocorrem acompanhados de pré-nasalização e apenas em ambiente morfofonológico de concordância com a primeira pessoa, de modo que foram considerados segmentos fonéticos, resultando em um quadro composto por 13 fonemas consonantais (Bendor-Samuel considerava 14 fonemas e Eastlack, 19).

As três descrições anteriores apresentam o mesmo quadro de segmentos vocálicos composto por 5 segmentos; nossa descrição difere das anteriores em dois aspectos: a escolha de fonemas vocálicos e vogais alongadas.

### 3.1.1 Inventário dos fones consonantais

A língua Terena falada na Cachoeirinha possui, segundo nossos dados, um sistema de sons constituído por 22 fones consonantais e 13 fones vocálicos.

	Bilabial	Labiodental	Alveolar	Pós-alveolar	Palatal	Velar	Glotal
Oclusiva	p		t			k	ʔ
Africada				tʃ			
Fricativa		v	s	ʃ			h
Pré-nasal	<sup>m</sup> b		<sup>n</sup> d, <sup>n</sup> z		<sup>n</sup> ʒ	<sup>n</sup> g	
Nasal	m		n		ɲ		
Lateral			l				
Tepe			r				
Aproximante	w				j		
Lateral aproximante					ʎ		

**Quadro 9:** Fones consonantais da língua Terena falada na Cachoeirinha Silva (2009).

Na língua Terena, os fones consonantais pré-nasalizados [<sup>m</sup>b], [<sup>n</sup>d], [<sup>n</sup>z], [<sup>n</sup>ʒ], [<sup>n</sup>g] ocorrem como alofones dos fonemas /p/ /t/ /k/ /s/ /ʃ/ /h/

respectivamente por meio de um processo morfofonológico: quando nomes e verbos referem-se à primeira pessoa.

(03)

P → mb

Paho “boca”

Mbaho “mbaho” minha boca

T → nd

Tuti “cabeça dele”

Nduti “minha cabeça”

K → ng

Kaha’a “Ele quer”

Ngaha’a “Eu quero”

s → nz

sina “genro dele”

Nzina “meu genro”

x → nj

xe’exa “filho dele”

Nje’exa “meu filho”

h → nj

heve “pé dele”

Njeve “meu pé”

Cabe ressaltar que fones consonantais pré-nasalisados [ᵐb], [ᵐd], [ᵐz], [ᵐʒ], [ᵐg] ocorrem também em empréstimos do português, como nos exemplos mbola "bola", ngelu "gelo" e em algumas palavras da língua que não remetem a primeira pessoa como: erendakakai "minhoca", handea "melancia", hundaru "soldado" e hinda

"fita", o mesmo ocorre com as vogais nasais como nos exemplos kimoum "coelho", naum "carne", mo'im "moranga", niuim "mosquito", momo'om "palmito", entre outros.

Faz-se necessário tecer alguns comentários sobre a alofonia. Como foi mencionado, não tivemos acesso a dados fonéticos de outros pesquisadores para confrontar o modo como foram feitos os testes e a escolha dos fonemas.

De acordo com nossos dados, temos os seguintes pares de alofones:

[ʎ] e [l] variando livremente em todos os ambientes;

(04)

[ ʎakaʔiti ] “molhado”

[ lakaʔiti ] “molhado”

[ɲ] e [n] variando livremente em todos os ambientes;

(05)

[ aɲakehe ] “cotia”

[ anakehe ] “cotia”

[ʃ] e [tʃ] variam livremente diante de vogais (exceto /i/), em início de sílaba e palavra;

(06)

[ ʃapau ] “mamão”

[ tʃapau ] “mamão”

[w] e [v] ocorrem em variação livre, na fala espontânea em contexto de início de sílaba ou palavra; em contexto de final de sílaba ou palavra, ocorre apenas o fone [w].

(07)

[ wa:ma ] “jatobá”

[ va:ma ] “jatobá”

O mesmo processo ocorre com os segmentos vocálicos. As vogais meio fechadas variam livremente com as meio abertas, havendo uma maior ocorrência das vogais meio abertas. Já a vogal [i] ocorre apenas diante de /h/; nos demais ambientes realiza-se como [i], ocorrendo casos em que, mesmo diante da fricativa glotal, realiza-se como [i].

Não possuímos dados (fonéticos) históricos para fazer uma discussão histórico comparativa, no entanto é bastante provável que esses fones estejam deixando de ser falados, uma vez que, no momento de fala espontânea em que era dado o fone e insistíamos na resposta, o falante fornecia o outro. Uma primeira hipótese é que essa variação ocorra por influência do português nas comunidades, sendo pertinente a realização de um trabalho sociolinguístico que compare a fala em diferentes faixas etárias.

	Anterior		Central		Posterior	
	Arredondado	Não arredondado	Arredondado	Não arredondado	Arredondado	Não arredondado
Fechado	i ĩ i:		i		u ũ u:	
Meio fechado	e ěe:				o õo:	
Meio aberto	ε ε:				ɔ ɔ:	
Aberto			a ãa:			

**Quadro 10:** Fones vocálicos do Terena de Cachoeirinha. Silva (2009).



Na próxima seção faremos considerações sobre os aspectos morfológicos da língua. Para tanto utilizaremos a ortografia proposta por Ekdahl e Butler e em uso na comunidade indígena. Ekdahl e Butler<sup>20</sup> (2007, p.5) publicaram uma explicação da ortografia Terena apontando todos os pontos conflitantes da ortografia; a referida explicação é uma revisão de versões anteriores publicadas em 1994 e 2005. Segundo as autoras, o documento foi elaborado com o seguinte objetivo: “nossa esperança é que o povo terena possa ter uma grafia que ajude a unir o povo ao invés de dividi-lo e que seja útil a todos os membros da comunidade na comunicação entre si, e também na aquisição de outros conhecimentos”. Salienta-se que a ortografia em uso é a postulada pelas missionárias e revisada no trabalho publicado em 2007. Abaixo, apresemos um quadro para ilustrar a relação fonema x grafema:

Fonema	Grafema
p	p, mb
t	t, nd
k	k, ng
ʔ	’
m	m
n	n
s	s, nz
ʃ	x, nj
h	h, nj, nz
l	l
r	r
w	v
j	y
i	I
ε	E
a	A
ɔ	O
u	U

**Quadro 11:** relação fonema x grafema.

<sup>20</sup> A ortografia da língua Terena foi criada na década de 1960 por Ekdal e Butler, missionárias do SIL.

### 3.2 Aspectos morfológicos e gramaticais<sup>21</sup>

A língua terena é classificada por Aikenvald (1999), como uma língua aglutinante. Borba (1973, p. 96-8), define línguas aglutinantes da seguinte forma:

AGLUTINANTES: são aquelas que aglutinam numa só palavra os vários elementos, cada um com uma conotação fixa, cada um preservando sua própria individualidade, cada um somando-se ou separando-se mecanicamente do complexo usado como palavra. Nestas línguas a unidade vocabular não exerce muita polaridade estrutural, pois os elementos componentes, apesar de serem requeridos para pertencer à palavra, são bastante independentes. A tendência é para as formas livres (+), isto é, o que seria o elemento de composição pode ser encontrado em quase todas as posições em diferentes palavras. O turco é tido como exemplo de língua aglutinante. Nele, os vários morfemas se seguem uns aos outros, comumente em seqüências de seis ou mais, com retenção clara, porém, da forma de cada um, o que facilita a segmentação. Assim, temos a raiz *sev* cujo sentido fundamental é amor. A ela se aglutinam vários morfemas: *sev-mek* – amar; *sev-er* – amante, ele ama; *sev-er-im* – eu amo; *sev-me-mek* – não amar; *sev-dir-mek* – causar amor; *sev-ish-mek* – amar um ao outro; *sev-ish-dir-mek* – causar amor um ao outro; *sev-in-mek* – amar-se, alegrar-se; *sev-in-dir-mek* – causar alegria etc., etc.

Tendo em vista o conceito de língua aglutinante e os exemplos, podemos verificar a tipologia morfológica da língua, em que tanto o nome quanto o verbo apresentam uma quantidade de afixos.

(08)

1. *ndunuku-x-o-vo-ti ipe-ke* “Eu vou me deitar na cama”  
1PS-levantar-CT-REA-REFL-IMPF cama-LOC
2. *ø-aruxu-k-o-nu-ti marakaya* “O gato me mordeu”  
3-morder-CT- REA -1OBJ-IMPEF gato

---

<sup>21</sup> Apresentamos nesse capítulo uma sistematização dos estudos anteriores, basicamente extraída de Butler e Ekdahl (1979), Rosa (2010), Nascimento (2012). Salienta-se que o trabalho de Rosa (2010) possui quadros comparativos com o objetivo de contrapor os aspectos descritos em seu trabalho com os trabalhos anteriores.

Como pode ser observado nos exemplos, morfemas que marcam tempo, modo, consoante temática e pronome, aglutinam-se à raiz verbal, ou nominal. Tendo em vista o conceito de língua aglutinante e os exemplos, podemos verificar a tipologia morfológica da língua, onde tanto o nome quanto o verbo apresentam uma quantidade de afixos. Posteriormente apresentaremos quadros com as estruturas morfológicas do nome e do verbo em terena.

Considerando que nosso trabalho é ilustrado com abonações elaboradas por falantes, cabe tecer comentário a respeito da tipologia sintática ou a ordem dos constituintes.

Maia (2006) aponta que averiguar qual é a ordem canônica de uma língua não é tarefa fácil, e, para tal, têm sido propostos muitos critérios, como

a menor marcação pragmática (Keenan, 1978: 267-9), a maior co-ocorrência de traços gramaticais (Li & Thompson, 1978: 225-33), a ordem mais tipicamente encontrada nas orações transitivas declarativas simples (Derbyshire & Pullum, 1981: 192), a maior produtividade gramatical (Hawkins, 1983: 13). (MAIA, 2006, p. 184).

A língua terena possui a ordem verbo VOS (verbo-objeto-sujeito) ocorrendo na maioria dos dados e a ordem SVO (sujeito-verbo-objeto) apontada por Rosa (2010) como uma ordem enfática.

(09)

1. ø-ni-k-o-ti soporo ne ndapi'i-na “A minha galinha comeu o milho”  
3PS- comer-CT- REA -IMPERF milho DET 1PS-galinha-POSS
2. ø -aruxu-k-o kalivono ra tamuku “ O cachorro mordeu o menino”  
3PS-morder-CT- REA criança DET cachorro

A seguir, apresentaremos o sistema pronominal do terena. Tal apresentação será realizada antes dos nomes e verbos pois o sistema pronominal pessoal e possessivo ocorre de maneira parecida em nomes e verbos.

### 3.2.1 Sistema Pronominal

O sistema pronominal de uma língua pode ocorrer com formas livres ou presas. De acordo com Givón (1984, p. 83), as formas presas tendem a ser ligadas ao verbo, ocorrendo como pronomes-sujeito ou objeto, ou aos nomes, ocorrendo como pronomes possessivos.

O sistema pronominal da língua terena possui as duas formas de formação de pronome. Segundo Rosa (2010), as formas livres são os pronomes demonstrativos e indefinidos. As formas presas são os pronomes objetos e de concordância com o objeto. Os pronomes pessoais e possessivos ocorrem com as formas livres e presas.

A língua terena, possui os seguintes pronomes pessoais livres: 1 sg undi, 2 sg iti, 3 sg  $\emptyset$ , 1 pl uti, 2 pl iti+ noe e 3 pl  $\emptyset$  + hiko. A posição do pronome pessoal se dá de duas formas no início da sentença para verbos iniciados com vogais e posposto ao verbo no caso dos verbos iniciados com consoante. A seguir apresentaremos paradigmas que ilustram a ocorrência.

Verbo iniciado com consoante:

(10)

1. ko'itu-k-e-ti-mo undi kavane-ke “Eu vou trabalhar na roça”  
trabalhar- CT-?-IMP-FUT 1SG roça- LOC
2. ko'itu-k-e-ti-mo iti kavane-ke “você vai trabalhar na roça”  
trabalhar-CT-?-IMP-FUT 2SG roça- LOC
3. ko'itu-k-e-ti-mo  $\emptyset$  kavane-ke “Ele vai trabalhar na roça”  
trabalhar- CT-?-IMP-FUT 3PS roça- LOC
4. ko'itu-k-e-ti-mo uti kavane-ke “nós vamos trabalhar na roça”  
trabalhar- CT-?-IMP-FUT 1PL roça- LOC
5. ko'itu-k-e-ti-noe-mo iti kavane-ke “vocês vão trabalhar na roça”  
trabalhar- CT-?-IMP-2PL-FUT 2PL roça- LOC

6. ko'itu-k-e-ti-hiko-mo ø kavane-ke “Eles vão trabalhar na roça”  
trabalhar- CT-?-IMP-3PL-FUT 3PL roça- LOC

Verbo iniciado com vogal:

(11)

1. undi isu-k-o-a ne tamuku “eu bati no cachorro”  
1SG bater-CT- REA -3OBJ DET cachorro

2. iti isu-k-o-a ne tamuku “você bateu no cachorro”  
2SG bater-CT- REA -3OBJ DET cachorro

3. ø -isu-k-o-a ne tamuku “ Ele bateu no cachorro”  
3SG bater-CT- REA -3OBJ DET cachorro

4. v-isu-k-o-a ne tamuku “nós batemos no cachorro”  
1PL-bater-CT- REA -3OBJ DET cachorro

5. Iti-noe isu k o a ne tamuku “vocês bateram no cachorro”  
2SG-2PL bater-CT- REA -3OBJ DET cachorro

6. ø -isu-k-o-ne-hiko ne tamuku “eles bateram no cachorro”  
3SG-bater-CT- REA -PERF-3PL DET cachorro

Os pronomes pessoais e possessivos de forma presa ocorrem de duas formas, por processo morfofonológico como: harmonia nasal para a formação de 1ps e alçamento vocálico para a formação de 2 ps e por prefixação na formação de 2ps e 1ppl. Já a terceira pessoa é marcada pelo morfema zero.

No entanto, tais processos vão depender de alguns condicionamentos. Para a formação de 1ª pessoa do singular, ocorre o processo morfofonológico de harmonia nasal, onde as oclusivas surdas são pre-nasalizadas e sonorizadas; Para a formação da 2ª pessoa

ocorre o processo de alçamento vocálico em que a primeira vogal da palavra adquire o traço [+ anterior] e [+ alto]. Porém a ocorrência do processo depende de alguns fatores como, se o verbo é iniciado por vogal ou consoante e ainda a qualidade da vogal. Se o verbo for iniciado por vogal diferente de i ocorre a prefixação de y, se o verbo for iniciado pela vogal i, o processo ocorrerá na vogal da sílaba seguinte, desde que essa não seja i, se o verbo for iniciado por consoante, o processo ocorre na 1ª vogal da sílaba. a seguir apresentaremos exemplos:

Verbo iniciado com consoante, cuja a primeira vogal da primeira sílaba é i:

(12)

1. mbi-h-o-ti-mo pitivoko-ke “Eu irei para a cidade”

1SG-ir-CT- REA -IMPERF-FUT cidade-LOC

2. pi-h-e-ti-mo pitivoko-ke “Você irá para a cidade”

ir-CT-2SG-IMPERF-FUT cidade-LOC

3. ø-pi-h-o-ti-mo pitivoko-ke “Ele ira para a cidade”

3SG-ir-CT- REA -IMPERF-FUT cidade-LOC

4. pi-h-o-ti-mo uti pitivoko-ke “nós iremos para a cidade”

ir-CT-MOD-IMPERF-FUT 1PL cidade-LOC

5. pi-h-e-ti-noe-mo pitivoko-ke “vocês irão para a cidade”

ir-CT-2SG-IMPERF-2PL-FUT cidade-LOC

6. ø-pi-h-o-ti-mo-hiko pitivoko-ke “Eles irão para a cidade”

3SG-ir-CT-MOD-IMPERF-FUT-3PL cidade-LOC

Verbo iniciado com consoante:

(13)

1. ngo'itu-k-e-ti-mo kavane-ke “Eu vou trabalhar na roça”

1SG-trabalhar-CT-?-IMP-FUT roça- LOC

2. ke'itu-k-e-ti-mo kavane-ke “você vai trabalhar na roça”

2SG-trabalhar-CT-?-IMP-FUT roça- LOC

3. ø ko'itu-k-e-ti-mo kavane-ke “Ele vai trabalhar na roça”

3SG-trabalhar- CT-?-IMP-FUT roça- LOC

4. ko'itu-k-e-ti-mo uti kavane-ke “nós vamos trabalhar na roça”

trabalhar- CT-?-IMP-FUT 1PL roça- LOC

5. ke'itu-k-e-ti-noe-mo kavane-ke “vocês vão trabalhar na roça”

2SG-trabalhar- CT-?-IMP-2PL-FUT roça- LOC

6. ø -ko'itu-k-e-ti-hiko-mo kavane-ke “Eles vão trabalhar na roça”

3SG-trabalhar-CT-?-IMP-3PL-FUT roça- LOC

Verbo iniciado com vogal:

(14)

1. Arau-ng-o-ti-mo “Eu vou nadar”

1SG-nadar-CT-MOD-IMP-FUT

2. Y-arau-k-o-ti-mo “você vai nadar”

2SG-nadar-CT-MOD-IMP-FUT

3. ø Arau-k-o-ti-mo “ele vai nadar”

3SG-nadar-CT-MOD-IMP-FUT

4. V-arau-k-o-ti-mo “nós vamos nadar”

1PL-nadar-CT-MOD-IMP-FUT

5. Y-arau-k-o-ti-noe-mo “vocês vão nadar”

2SG-nadar-CT-MOD-IMP-2PL-FUT

6. ø -Arau-k-o-ti-hiko-mo “eles vão nadar”

3SG-nadar-CT-MOD-IMP-3PL-FUT

Verbo iniciado com vogal i:

(15)

1. Inzu-k-o-ne ne tamuku “eu bati no cachorro”

1SG-bater-CT-MOD-PERF DET cachorro

2. Isi-k-o-ne ne tamuku “você bateu no cachorro”

2SG-bater-CT-MOD-PERF DET cachorro

3. ø Isu-k-o-ne ne tamuku “Ele bateu no cachorro”

3SG-bater-CT-MOD-PERF DET cachorro

4. V-isu-k-o-ne ne tamuku “nós batemos no cachorro”

1PL-bater-CT-MOD-PERF DET cachorro

5. Isi-k-o-ne-noe ne tamuku “vocês bateram no cachorro”

2SG-bater-CT-MOD-PERF-2PL DET cachorro

6. ø Isu-k-o-ne-hiko ne tamuku “eles bateram no cachorro”

3SG-bater-CT-MOD-PERF-3PL DET cachorro

A partir dos exemplos podemos verificar que os pronomes pessoais e possessivos de forma presa ocorrem de duas maneiras, por processo morfofonológico como: harmonia nasal para a formação de 1ps e alçamento vocálico para a formação de 2 ps e por prefixação na formação de 2ps e 1ppl. Já a terceira pessoa é marcada pelo morfema zero.

Nascimento (2012) sistematiza os pronomes pessoais em terena da seguinte forma:



Pessoa	Marcação	
	Afixos	Pronomes
1PS	[+ nasal]	Undi
2PS	[y-]	Iti
3PS	∅	∅
1PP	[v-]	UTI
2PP	[y-]...[-noe]	Itinoe
3PP	[∅-]... [-hiko]	[∅-]... [-hiko]

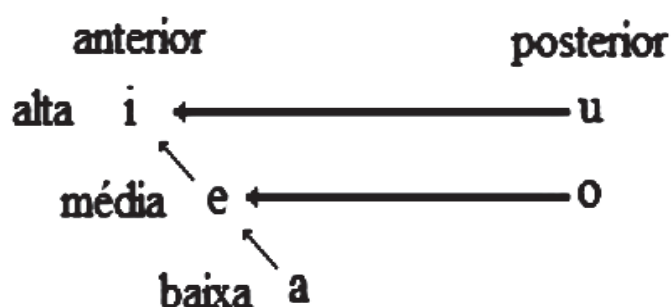
**Quadro 12:** quadro elaborado por Nascimento (2012) para sistematizar o sistema pronominal da língua Terena.

A formação da primeira pessoa do singular ocorre por meio da pré-nasalização da primeira consoante oclusiva ou fricativa, assim as consoantes surdas adquirem o traço [+ nasal] e são sonorizadas.

Rosa (2010) explica o processo da seguinte forma: “constatamos que a primeira pessoa do singular é realizada por um traço nasal que se espalha da esquerda para a direita na base verbal e é bloqueado por uma consoante fricativa ou oclusiva que muda sua qualidade, de surda para sonora, e é pré-nasalizada”.

De acordo com Nascimento (2009), a marcação de segunda pessoa do singular e plural no verbo é caracterizada pela prefixação de [i-] no caso dos verbos iniciarem com as vogais /e a o u/; nos outros casos há a anteriorização da primeira vogal do verbo, após uma consoante, e se esta vogal for / i /, frontaliza-se a segunda vogal. O esquema abaixo ilustra o processo de harmonia vocálica na formação da segunda pessoa.

Butler e Ekdahl (1979), elaboraram o seguinte esquema para ilustrar o processo:



**Figura 14:** esquema elaborado por Butler e Ekdahl (1979), exemplificando o processo de alçamento vocálico na formação da 2 ps.

Rosa (2010) aponta que a segunda pessoa do plural na forma presa é marcada por processos morfofonológicos idênticos ao de segunda pessoa do singular, porém, na

segunda pessoa do plural, o verbo recebe o pluralizador pronominal {noe} como explicado anteriormente.

De acordo com Rosa (2010), a primeira pessoa do plural é marcada pelo morfema {v-} em bases verbais iniciadas por vogal, no entanto, quando a base verbal inicia-se com consoante, a primeira pessoa do plural é marcada pelo morfema pronominal pessoal livre {uti}.

A terceira pessoa, segundo Eastlack (1968), é Zero-prosódica: a palavra não sofre alterações quando na terceira pessoa. Para Butler e Ekdahl (1979), seguindo o mesmo raciocínio de Eastlack (1968, p. 20), “não apresentando marcador de pessoa, entende-se que uma palavra é da terceira pessoa”.

A língua terena possui quatro sufixos que ocorrem ligados ao verbo na função de objeto: {-nu} ‘1Sg.Obj’; {-pi} ‘2Sg.Obj’; {-a} ‘3Sg.Obj’; e, {-vi} ‘1Pl.Obj’. Eastlack (1968) e Butler e Ekdahl (1979) identificaram tais pronomes, denominando-os de sufixos objetivos.

Os pronomes presos na função de objeto podem ser observados nos exemplos:

{-nu} ‘1Sg.Obj’

(16)

1. i-ko-’ipara-x-o-nu ipuneti ra Liliaane “A Liliane me deu uma cerâmica de presente”

VERB-CAUS-presente-CT-MOD-1OBJ cerâmica DET Liliane

2. iti-k-ino-nu induke “Você fez o meu trabalho”

2SG-fazer-CT-BENEF-1OBJ 1SG-trabalho

3. ø-ko’itu-k-e-ino-nu “Ela trabalha para mim”

3SG-trabalhar-CT-?-BENEF-1OBJ

4. Kava-ne-ino-nu ipuneti ra Liliaane “A Liliane esta vendendo cerâmica para mim”

vender-PERF-BENEF-1OBJ cerâmica DET Liliane

{-pi} ‘2Sg.Obj.’

(17)

1. pore-x-o-pi iparati ra Marli “A Marli deu um presente para você”  
dar-Ct-MOD-2OBJ presente DET Marli

2. itu-k-ino-pi iti-k-e “Ela fez o seu trabalho”  
fazer-CT-BENEF-2OBJ 2SG-trabalho-CT-?

3. huvo’o-x-o-pi ra Liliane “A Liliane ajudou você”  
ajudar-CT-MOD-2OBJ DET Liliane

4. ho’u-x-o-pi-noe ra nati “O cacique reuniu vocês”  
reunir-CT-MOD-2OBJ-2PL DET cacique

{-a} ‘3Sg.Obj’

(18)

1. Isu-k-o-a Elaine ra Marakaya “A Elaine bateu no gato”  
bater-CT-REAL-3OBJ Elaine DET gato

2. Tetu-k-o-a Aronaldo ra Tikoti “O Aronaldo cortou a árvore”  
cortar-CT-REAL-3OBJ Aronaldo DET árvore

3. Koepe-k-o-a Aristides ra evakaxu “Aristides matou a capivara”  
matar-CT-REAL-3OBJ Aristides DET capivara

4. Pore-x-o-a uti iparati ra Lana “Nós demos presente para a Lana”  
dar-CT-REAL-3OBJ 1PL presente DET Lana

5. Vane-nj-ino-a ihai kavane ra Denise “Eu comprei produtos da roça para a Denise”  
1SGcomprar-CT-BENEF-3OBJ origem roça DET Denise

{-vi} ‘1Pl.Obj’

(19)

1. Om-ino-vi iparati ra xopeti “a visita trouxe presente para nós”  
trazer-BENEF-1PLOBJ presente DET visita

2. Oye’e-k-ino-vi ra Liliane “A Liliane cozinhou para nós”  
cozinhar-CT-BENEF-1PLOBJ DET Liliane

3. Ko’itu-k-e-ino-vi ra Marlene “A Marlene trabalha para nós”  
trabalhar-CT-?-BENEF-1PLOBJ DET Marlene

4. Numiku-x-ino-vi ra onju “Meu avô foi pescar para nós”  
pescar-CT-BENEF-1PLOBJ DET ISG-avô

Os pronomes possessivos em terena, como identificado por Eastlack (1968) e Butler e Ekdahl (1979), podem manifestar-se como formas livres e presas, ambas similares às formas pronominais pessoais. Não há, até o momento, pesquisas que apontem a motivação para a ocorrência da forma livre ou presa, no entanto, há uma maior ocorrência dos pronomes presos.

Conforme já foi apontado, o sistema pronominal da língua já foi estudado por outras pesquisas, e estas não apresentam muitas divergências; devido a isso, tomaremos por base a definição de Butler (2003):

Em Terena, a classe dos determinantes definidos é composta pelo artigo definido *ne* junto com dois demonstrativos, *ra* ‘este/esta’ (perto do falante espacialmente, ou de destaque no contexto do discurso) e *neko* ‘aquele/aquela’ (mais distante no tempo, ou no uso do discurso, com força demonstrativa em relação a uma referência anterior). Considerando que *ra* tem significado lexical de proximidade espacial (física ou no discurso com relação à referência anterior) e *neko* tem característica lexical de mais afastamento no tempo (entre real ou tempo do discurso), *ne*

não possui nenhuma dessas características lexicais, assim é, neste sentido, o membro neutro do conjunto.<sup>22</sup> (BUTLER, 2003, p. 3). . [Tradução nossa]

### 3.2.2. Nomes

De acordo com Schachter (1992, p. 7), o termo nome refere-se à classe de palavras que agrupa nome de pessoas, lugares e coisas, no entanto o autor não considera essa definição suficiente para delimitar uma classe. Para o autor, Os princípios usados para determinar a classe de nomes são, portanto, baseados em caracterizações semânticas, morfológicas ou sintáticas.

Segundo Givon (1984, p.56-7), as características semânticas para delimitar os nomes são: entidade, temporal, concreto, animado e humano, destacando que “entidade significa ‘aquilo que existe’, temporal ‘existe em um determinado momento’, concreto ‘existe em termos de tempo e lugar’, animado engloba todo o exposto sob o significado de ‘organismo vivo’, e humano, que engloba todo o exposto sob o significado de ‘ser humano’”.

Para a caracterização morfológica, Givon aponta que

há típicos morfemas gramaticais/flexionais que tendem a agrupar-se em torno das [...] bases nominais. Alguns deles se agrupam aos nomes já na sua forma de citação lexical. Outros se agrupam a eles somente em sentenças ou contexto do discurso. O fato de todos esses morfemas agruparem-se em torno de nomes não é um fenômeno morfológico arbitrário. Ao contrário, eles nem pertencem aos traços lexicais semânticos dos nomes, ou à sua regra semântico-proposicional, ou a algum aspecto da sua função discursivo-pragmática. Pode-se, assim, enunciar um princípio geral para a morfologia flexional (para toda a morfologia, na verdade): características semânticas proposicionais e/ou discursivo-pragmáticas que estão intimamente associadas tendem também a co-lexicalizar.<sup>23</sup> (GÍVON, 1984, p. 57). . [Tradução nossa]

<sup>22</sup> In Terena, the class of definite determiners is made up of the definite article *ne* along with two demonstratives, *ra* 'this' (near the speaker spatially, or prominent in the discourse context) and *neko* 'that' (more remote in time, or in discourse use, demonstrative force with respect to a previous referent).

Whereas *ra* has a lexical feature of spatial nearness (either physical or in discourse with respect to prior reference) and *neko* has a lexical feature of more remoteness in time (either actual or discourse time), *ne* has neither of these lexical features, so is, in this sense, the neutral member of the set.

<sup>23</sup> is typical grammatical/inflectional morphemes that tend to cluster around the [...] nominal bases. Some of them are grouped the names already in its lexical form of service. Others have grouped them only in the context of sentences or discourse. The fact that all these morphemes group together around names is not an arbitrary morphological phenomenon. Rather they belong to neither lexical semantic features of names, or their semantic-propositional rule, or some aspect of their discourse-pragmatic function. One can thus formulate a general

A partir da caracterização morfológica, podemos relacionar os morfemas que ocorrem ligados ao nome na língua terena, como os verbalizadores:

A língua terena possui dois prefixos verbalizadores: {i-} e {ko-} e seu alomorfe {ka-}. Butler (1977) descreveu esses prefixos como formadores de verbos ativos e estativos, em que {i-} forma verbos estativos a partir de bases nominais, como mostrado no exemplo 21 e {ko-} forma verbos estativos e ativos também a partir de bases nominais, como mostrado no exemplo 20. Ressaltamos que o morfema ko- possui o alomorfe ka- que segundo Butler e Ekdahl (1979, p. 159),

[...] ocorre a forma ca- antes de substantivos cuja primeira vogal na terceira pessoa possuída é a: cacáneti ‘está com bichos/bichado/bichoso’ câne ‘o bicho dele’. A forma co- prefixa substantivos com primeira vogal que não seja a: cohépiti ‘custa muito/é caro (tem preço)’, hhêpi ‘preço’.

(20)

1. Mohi-ti “brinquedo”

brinquedo-PNE

2. Ko-mohi-ti “Ele está brincando”

VERBA-brinquedo-IMPERF

3. Sera-ti “chorão”

chorar-?

4. Ko-sera-ti “Ela está chorando”

VERBA-chorar-IMPERF

(21)

1. Kasati “frio”

I-kasati “ele esfria”

## VERBA-frio

Rosa (2010) chama atenção para o fato de que, além dos prefixos verbalizadores {i-} e {ko-}, bases adjetivas e nominais podem ser verbalizadas sufixando-se às bases o morfema temático {-x} mais o sufixo realis {-o}. Cabe observar que Butler (1977) e Butler e Ekdahl (1979) também identificaram esse processo.

(22)

1. Epo'e "bola"
2. Epo'e-x-o-ti "ele está jogando bola"  
bola-CT-MOD-IMPERF
3. Semekeke "mentira"
4. Semekeke-x-o-ti "ele está mentindo"  
mentira-CT-MOD-IMPERF

### 3.2.2.2 Posse

As línguas, segundo Payne (2001, p. 40), podem apresentar três distinções de posse para os nomes: (1) nomes possuídos versus não possuídos, caracterizada por nomes que podem ser possuídos e por nomes que não podem ser possuídos de forma alguma; (2) nomes inerentemente possuídos versus opcionalmente possuídos, em que todos os nomes podem ser possuídos, alguns obrigatoriamente, enquanto em outros a posse é facultativa; (3) nomes possuídos alienavelmente versus possuídos inalienavelmente em que todos os nomes podem ser possuídos, porém em cada nome pode ocorrer apenas um tipo de posse: alienável ou inalienável.

De acordo com Payne (2001, p. 105),

a posse alienável é o tipo de posse, que pode ser desfeita, por exemplo, eu posso transferir a posse dos meus bens materiais para outra pessoa, daí o meu relacionamento com meus bens materiais é de posse alienável. A posse inalienável é o tipo de posse que não pode ser encerrada. Línguas que distinguem posse inalienável incluem sempre termos de parentesco e partes do corpo dentro da classe de itens inalienavelmente possuídos. Assim, a cabeça de uma pessoa será sempre a cabeça daquela pessoa e seus irmãos e irmãs serão sempre seus irmãos e irmãs. Além de partes do corpo e os

termos de parentesco, algumas línguas incluem certos itens culturalmente importantes dentro da classe dos bens inalienáveis, como flechas, canoas, facões. Por último, pode haver alguns itens que, semanticamente, parecem pertencer a uma classe de substantivos possuídos, mas, que são agrupados com a outra classe, sem motivo aparente, por exemplo, uma língua pode tratar rochas como inalienável e irmãos como alienáveis. [Tradução nossa]<sup>24</sup>.

As pesquisas de Butler e Ekdahl (1979), confirmadas por Rosa (2010) e Nascimento (2012, apontam que a língua terena possui distinção de posse entre alienável e inalienável. De acordo com as autoras, os itens lexicais que são intimamente relacionados a seres humanos, como termos de parentesco, partes do corpo e objetos pessoais, são de posse inalienável. Exemplos de formas pronominais possessivas presas de primeira e segunda pessoa do singular e primeira pessoa do plural.

(23)

1. Nza'a "meu pai"

1SG-pai

2. Ha'a iti "seu pai"

pai 2SG

3. Ha'a "pai dele"

3SG Pai

4. Ha'a uti "nosso pai"

pai 1PL

5. Ha'a iti "pai de vocês"

pai 2sg

---

<sup>24</sup> [...] alienable possession is the kind of possession which can be terminated: e.g. I can transfer possession of my worldly goods to someone else, hence my relationship to my worldly goods is one of alienable possession. Inalienable possession is the kind of possession that cannot be terminated. Languages which distinguish inalienable possession always include kinship terms and body parts within the class of inalienably possessed items. My head will always be my head, and my brothers and sisters will always be my brothers and sisters. Apart from body parts and kinship terms, some languages include certain culturally important items within the class of inalienable possessions, such as cows, canoes, machetes, etc. Finally, there are usually a few items that



6. Ha'a-hiko "pai deles"

pai-3PL

7. Njeve "meu pé"

1SG-pé

8. Hivi "seu pé"

2SG-pé

9. Heve "pé dele"

3SG-pé

10. Heve uti "nossos pés"

pé 1PL

11. Hivi-noe "pé de vocês"

2SG-pé-2PL

12. Heve-hiko "pé deles"

pé-3PL

13. unge "meu olho"

1SG-olho

14. y-uke "seu olho"

2SG-olho

15. uke "olho dele"

3SG-olho

16. v-uke "nosso olho"

1PL-olho

---

semantically seem to go with one class, but which are grouped with the other class for no apparent reason: e. g., a language may treat rocks as inalienable and brothers as alienable.

17. y-uke-noe “olho de vocês”

2SG-olho-2PL

18. uke-hiko “olho deles”

olho-3PL

Já a posse alienável, ocorre em nomes relacionados à fauna, à flora, a empréstimos lexicais, a objetos e instrumentos. Para especificar a posse alienável, utiliza-se o morfema {-na}.

(24)

1. Ipe “cama”

2. Imbe-na “minha cama”

1SG-cama-POSS

3. Ipi-na “sua cama”

2SG-cama-POSS

4. Ipe-na “cama dele”

3SG-cama-POSS

5. V-ipe-na “nossa cama”

1PL-cama-POSS

6. Ipi-na-noe “cama de vocês”

2SG-cama-POSS-2PL

7. Ipe-na-hiko “cama deles”

3SG-cama-POSS-3PL

8. Imo-k-o-ti imbe-na-ke ra Ana “A Ana está dormindo na minha cama”

dormir-CT-MOD-IMPERF 1SG-cama-POSS-LOC DET Ana

9. Ouke-ke ipi-na ovohei-x-o ra marakaya “O gato está dormindo em cima da sua cama”

em cima-LOCA 2SG-cama-POSS estar-CT-MOD DET gato

10. Mokohi koe ipe-na ra Liliane “A cama da Liliane está desarrumada”

bagunça AUX cama-POSS DET Liliane

11. Inara-k-o-ne ra v-ipe-na “Nossa cama quebrou”

quebrar-CT-MOD-PERF. DET 1PL-cama-POSS

12. I-yekoti-x-o-ne ipi-no-noe “A cama de vocês velha”

2SG-velho-CT-MOD-PERF 2SG-cama-POSS-2PL

13. Vane-x-o ipe-na-hiko “Eles compraram uma cama”

comprar-CT-MOD cama-POSS-3PL

Rosa (2010) enfatiza que, em terena, apenas a posse alienável é marcada por meio do morfema específico de posse {-na}, enquanto a posse inalienável é caracterizada apenas pela presença obrigatória dos pronomes possessivos nas formas livre ou presa.

Outo morfema relevante para a elaboração da proposta de dicionário é o morfema de locativo {-ke}. Butler e Ekdahl (1979, p. 43) identificaram o morfema **-que**, esclarecendo sobre a forma o seguinte:

-Que equivale a várias preposições em língua portuguesa: pi'aâti que cáxe ‘na terça-feira’, messácu que ‘na mesa’, óvongu que ‘a/em minha casa’, Miranda-que yó nom ‘vou a Miranda’, Miranda-que ungópea ‘estou chegando de Miranda’.

-Que é usado mais comumente com topônimos, e raramente com nomes próprios de pessoa.

(25)

1. Pi-h-o uti ya ayui-ke ihine Elizeu “Nós fomos na festa da filha do Elizeu”

ir-CT-MOD PREP festa-LOC filha Elizeu

2. Imo-k-o-ti tuikuti-ke ra kalivono “A criança dormiu na rede”

dormir-CT-MOD-IMPERF rede-LOC DET criança

3. Nzupi-x-o-a ne ihika-x-o-ti-hiko ya ayuiti-ke “Eu convidei os professores para a festa”

1SG-convidar-CT-MOD-3OBJ DET professor-CT-MOD-IMPERF-3PL PREP festa-LOC

4. Is-o-ti-hiko isane-ke “Eles estão carpindo a roça”

carpir-CT-IMPER-3PL roça-LOC

5. Heukoeti kaxe escola-ke ovohei-x-o ra Marlene “ A Marlene esta na escola todos os dias”

todos dia escola-LOC estar-CT-MOD DET Marlene

6. Kavane-ke yon-o ra Aristides “O Aristides foi para a roça”

roça-LOC ir-MOD DET Aristides

7. Pitivoko-ke ovohei-x-o ra Andó “Antônia esta na cidade”

cidade-LOC estar-CT-MOD DET Antônia

8. Ike-ke lumingu v-ihika-x-o-vo-ti-mo “Vamos estudar segunda feira”

depois-domingo 1PL-estudar-CT-MOD-REFL-IMPERF-FUT

Rosa (2010) aponta que, na caracterização sintática, os nomes desempenham funções como sujeito/agente, objeto/paciente, dativo/beneficiário, benefactivo, locativo, tempo, modo, instrumento, predicado nominal, entre outras. Os nomes podem ser classificados como as palavras que exercem a função de núcleo do sintagma nominal. Sintaticamente, o nome ocorre na função de sujeito, como núcleo do sujeito, e na posição complemento do verbo, na função de objeto.

(26)

1. Imo-k-o-ti imbe-na-ke ra Vitória “A Vitória esta dormindo na minha cama”  
dormir-CT-MOD-IMPERF 1SG-cama-POSS-LOC DET Vitória

2. Ngo-’ipara presenti-na enom “eu ganhei um presente da minha mãe”  
VERB-presente presente-POSS 1SG-mãe

-2	-1	Raiz	+1	+2	+3
kɔ- ‘verbalizador’	Formas presas dos pronomes possessivos		-na ‘posse’		-hiko ‘pluralizador’
i- ‘verbalizador’			-ke ‘locativo’		
			-ʃ ‘consoante temática’	-ɔ ‘realis’	

**Quadro 13:** quadro proposto por Rosa (2010, p. 102) para explicar a estrutura morfológica nominal do terena.

### 3.2.2.3 Gênero

Segundo Payne (2001, p. 45-106) as categorias típicas de gênero definidas são masculino, feminino e não marcado, considerando que há, em muitas línguas, uma rica classificação nominal, que pode ser expressa nos pronomes. Segundo o autor, a classificação nominal pode estar ligada a combinações extralinguísticas, como humano versus não humano ou fêmea versus macho.

Sobre a distinção de gênero em terena, Butler e Ekdahl (1979, p. 20) afirmam que “não há distinção de gênero na gramática Terena”. Rosa (2010) aponta que há a distinção entre masculino e feminino, havendo, porém, não um morfema, mas um item lexical específico para feminino e outro item lexical específico para masculino, ou seja heteronímia, mas sem marcação morfológica. Abaixo os exemplos de Rosa (2010) para ilustrar a distinção entre masculino e feminino:

(27) (Rosa, 2010, p.81)

Feminino

a) seno "mulher"

b) yeno "esposa"

c) arunoe "moça"

d) eno "mãe"

Masculino

hoyeno "homem"

ima "marido"	ha'a "pai"
homohou "rapaz"	

Rosa (2010) ressalta que, a língua terena faz uso dos adjetivos **hoyeno** ‘macho’ e **seno** ‘fêmea’, para fazer a distinção fêmea versus macho como apresentado por Payne (2001). Rosa (2010) apresenta os seguintes dados:

(28) (Rosa, 2010, p. 81)

seno kalivono	hoyeno kalivono
fêmea criança	macho criança
"menina"	"menino"
seno kure	seno tamuku
fêmea porco	fêmea cachorro
"porco fêmea"	"cachorro fêmea"
hoyeno sini	
macho onça	
"onça macho"	

#### 3.2.2.4 Número

Butler e Ekdahl (1979, p. 35) apontam {-noe} e {-hiko} como pluralizadores da língua terena, em que {-noe} pluraliza sentenças na segunda pessoa e {-hiko} pluraliza sentenças na terceira pessoa.

(29)

1. I-yekoti-x-o-ne piritau-na-noe “A faca de vocês velha”  
2SG-velho-CT-MOD-PERF 2SG-faca-POSS-2PL
2. Vane-x-o vaka-na-hiko “Eles compraram uma cama”

comprar-CT-MOD vaca-POSS-3PL

A partir da síntese dos estudos anteriores, em especial do trabalho de Rosa (2010), pode-se verificar que o terena apresenta morfologia nominal caracterizada pela presença de verbalizadores, marcadores de posse, itens lexicais para distinção de gênero feminino e masculino e pluralizadores, que possibilitaram reconhecer o nome na língua.

### 3.2.3 Verbo

Verbo, de acordo com Schachter (1992, p. 9), “é o nome dado à classe da parte do discurso em que ocorre a maioria das palavras que expressam ação, processos e similares”.

o verbo tende a reunir experiências com menor estabilidade temporal, particularmente estados transitórios, eventos e ações. Assim, os verbos podem expressar mudanças extremamente rápidas, ou processos que possam ter certa duração e até mesmo estado relativamente mais estável. Ou seja, de forma simplificada, os verbos cobrem um determinado intervalo da escala de estabilidade temporal.

#### 3.2.3.1 Consoantes temáticas

Rosa (2010) identifica seis consoantes temáticas: {-k}, {-x}, {-m}, {-w}, {-h} e {∅}. No trabalho de Rosa (2010), as consoantes são consideradas temáticas por ocorrerem como tema verbal, ou seja, todos os verbos da língua terena apresentam um dos morfemas mencionados. Isso pode ser observado tanto nas bases verbais, quanto no processo de verbalização de bases adjetivas e nominais, que exige a prefixação de morfema temático.

(30) (Rosa. 2010, p.112)

a)

aruxu-k-o hoyeno tamuku-na UTI "Nosso cachorro mordeu o homem"  
morder-t-real homem cachorro-posse 1pl.poss

b)

enepo-ne hoyeno vane-x-o erepenoti "O homem comprou a camisa"  
enf-det homem comprar-t-real camisa

c)

ikoroko-v-o ne hoyeno "O homem caiu"  
cair-t-real det homem

d)

komo-m-o hekere hoyeno "O homem olha/olhou a estrela"  
olhar-t-real estrela homem

e)

enepo-ne kalivono komo-h-o-ti "A criança está brincando"  
enf-det criança brincar-t-real-durat

f)

iso-~~s~~-o-ti kavane ne hoyeno "O homem está carpindo a roça"  
carpir-t-real-durat roça det homem

### 3.2.3.2 Tempo: Morfema de tempo futuro: {-mo}

Segundo Butler e Ekdahl (1979, p. 55), o tempo em terena divide-se em futuro versus não futuro. O futuro é marcado pelo morfema {-mo} e o não futuro é não marcado. Podemos verificar nos exemplos abaixo:

(31)

1. Tetu-k-o-ti-mo tikoti ra Aronaldo "O Aronaldo vai cortar a árvore"  
cortar-CT-MOD-IMPERF-FUT árvore DET Aronaldo

2. Tetu-k-o tikoti ra Aronaldo "O Aronaldo cortou a árvore"  
cortar-CT-MOD árvore DET Aronaldo



3. Pi-h-o-ti-mo-hiko pitivoko-ke “Eles vão para a cidade”  
ir-CT-MOD-IMPERF-FUT-3PL cidade-LOC
4. Pi-h-o-h-iko pitivoko-ke “Eles foram para a cidade”  
ir-CT-MOD-3PL cidade-LOC
5. Itu-k-o-ti-mo mbulu ra Liliane “A Liliane vai fazer bolo”  
fazer-CT-MOD-IMPERF-FUT bolo DET Liliane
6. Itu-k-o mbulu ra Liliane “A Liliane fez bolo”  
fazer-CT-MOD bolo DET Liliane
7. Iso-ti-mo isane-ke Juca “O Juca vai carpir a roça”  
carpir-IMPERF-FUT roça-LOC Juca
8. Iso-ti isane-ke Juca “O Juca carpiu a roça”  
carpir-IMPERF roça-LOC Juca

A distinção entre tempo passado e tempo presente, como afirmam Butler e Ekdahl (1979, p. 55), é feita a partir de palavras que indicam tempo ou por meio de fatores extralinguísticos.

(32)

1. Mbi-h-o igreja-ke kiakaxe “Eu fui na igreja ontem”  
1SG-ir-CT-MOD igreja-LOC ontem
2. Ngo-'itu-k-e yuponi-ti-ke “Eu trabalhei hoje cedo”  
trabalhar-CT-? manhã-LOC
3. Mbi-h-o po'i-ke ipuxovoku v-iyeno pi-h-o-ti kohe “Eu fui na aldeia de nossos parentes mês passado”  
1SG-ir-CT-MOD terra-LOC aldeia 1PL-parentes ir-CT-MOD-IMPERF mês
4. Mbi-h-o congresso-ke pi-h-o-ti xoena “Eu fui no congresso ano passado”  
ir-CT-MOD congresso-LOC ir-CT-MOD-IMPERF ano
5. Meku-ne ihike-x-o-vo tereno “Ela esta estudando terena faz tempo”  
passado-PERF estudar-CT-MOD-REFL terena

6. Pi-h-o meku pitivoko-ke ra Aristides “O Aristides esteve na cidade”

ir-CT-MOD passado cidade-LOC DET Aristides

7. Ni-k-o novo hihi xanena mopo ra v-iyeno-xapa “Antigamente nossos parentes cominan hihi com mel”

comer-CT-MOD antigamente hihi com mel DET 1PL-parentes-COL

### 3.2.3.3 Modo: realis/irrealis

Butler (1978) aponta que a língua terena faz a distinção entre modo potencial versus atual. Na análise de Rosa (2010), são considerados marcadores de modo realis/irrealis, ocorrendo da mesma forma que os modos atual/potencial descritos por Butler (1978).

Segundo Butler (1978, p. 3), a escolha modal atual/potencial está relacionada com não realidade, possibilidade, atividade definida e certeza e realidade. A autora explica que,

No caso de algumas categorias semânticas, é fixa a escolha modal; em outras, é aberta. Assim, na descrição de ação habitual ou completa, é obrigatório o uso do modo atual. No caso de verbos imperativos e condicionais, ou de formas verbais introduzidas por certas conjunções de significado contrafactual, é obrigatório o modo potencial. Nas formas futuras do verbo, pode-se usar o modo atual ou potencial, conforme o matiz desejado. (BUTLER, 1978, p. 3).

De acordo com Rosa (2010), o modo realis é marcado pelo sufixo {-o} ou morfema {ø}, ocorrendo em sentenças declarativas afirmativas, proibitivas, com marcação de aspecto conclusivo e tempo futuro. O modo irrealis é marcado pelo sufixo {-a} ou prefixos {a-}~{o-}, ocorrendo em sentenças declarativas negativas, imperativas afirmativas e condicionais.

Sentenças afirmativas:

(33)

1. Ni-k-o-ti ra seno kalivono “A menina esta comendo”

comer-CT-MOD-IMPERF DET mulher criança

2. Vane-x-o nakati ra Liliane “A Liliane comprou um colar”  
comprar-CT-MOD colar DET Liliane

3. Pi-h-o-hiko pitivoko-ke ra arunoe-hiko “As meninas foram para a cidade”  
ir-CT-MOD-3PL cidade-LOC DET moça-3PL

Sentenças proibitivas:

(34)

1. Ako ito-x-o-a ne koyuho-pe-ti-ke “Não risque o livro”  
não 2SG-riscar-CT-MOD-3OBJ DET livro-NOM-PNE-LOC

2. Ako titu-k-o-a ne tikoti “Não corte a árvore”  
não 2SG-cortar-CT-MOD-3OBJ DET árvore

Com aspecto conclusivo:

(35)

1. Seo-p-o-ne ko’oyene ra Marlene “A Marlene chegou”  
chegar-CT-MOD-PERF agora DET Marlene

2. No-a-ne xupu ra Aristides “O Aristides plantou mandioca”  
plantar-3OBJ-PERF mandioca DET Aristides

Tempo futuro:

(36)

1. Tetu-k-o-ti-mo yuku ra Aronaldo “O Aronaldo vai cortar lenha”  
cortar-CT-MOD-IMPERF-FUT árvore DET Aronaldo

2. Pi-h-o-ti-mo-hiko ihikaxovokuti-ke “Eles vão para a escola”

ir-CT-MOD-IMPERF-FUT-3PL escola-LOC

3. Itu-k-o-ti-mo aramusa ra Marli “A Marli vai fazer almoço”

fazer-CT-MOD-IMPERF-FUT almoço DET Marli

4. Iso-ti-mo isane-ke hoyeno “O homem vai carpir a roça”

carpir-IMPERF-FUT roça-LOC Juca

O morfema  $\emptyset$  para realis ocorre em verbos que não apresentam consoante temática, assim como os morfemas  $\{\mathbf{a-}\} \sim \{\mathbf{o-}\}$  irrealis. A seguir os dados de Rosa (2010, p.138) para ilustrar a ocorrência do morfema.

(37) Rosa (2010, p.138)

1.  $\emptyset$ -     $\text{ʃuna -tʃi}$      $\text{nɛ}$      $\text{hɔjɛnɔ}$   
 real- forte -?    det homem  
 ‘O homem é forte’.

2.  $\emptyset$ -     $\text{unatʃi}$      $\text{nɛ}$      $\text{hɔjɛnɔ}$   
 real- bom    det homem  
 ‘O homem é bom’.

3.  $\emptyset$ -     $\text{kɔ-}$      $\text{jɛnɔ -nɛ}$      $\text{nɛ}$      $\text{hɔjɛnɔ}$   
 real- vbzdor- esposa -concl det homem  
 ‘O homem casou’.

Irrealis  $\{\mathbf{-a}\}$

Segundo Rosa (2010, p.138), o morfema irrealis  $\{\mathbf{-a}\}$  ocorre em verbos que possuem consoantes temáticas. O morfema irrealis  $\{\mathbf{a-}\}$  ocorre na mesma posição em que ocorre o sufixo realis  $\{\mathbf{-ɔ}\}$ , porém, como afirmado anteriormente, o irrealis ocorrerá em sentenças negativas, imperativas afirmativas e condicionais.

Sentenças negativas:

(38)

b) ako tetu-k-a paum ne seno  
neg cortar-t-irr pão det mulher  
“A mulher não corta/cortou o pão”

c) ako Vane-x-a erepenoti ne hoyeno  
neg comprar-t-irr camisa det homem  
“O homem não compra/comprou camisa”

Sentenças imperativas afirmativas:

(39)

1. Iveta-k-a pangu-ke “sente no banco”  
2SG-sentar-CT-IRR banco-LOC

2. y-are-k-a sucu “beba suco”  
2SG-beber-CT-IRR suco

3. titu-k-a ra mareso “corte a corda”  
2SG-cortar-CT-IRR DET corda

Sentenças com condicionais:

(40)

a) eponi ima-k-a hoyeno imo-k-o-ti-mo ne seno  
cond dormir-t-irr homem dormir-t-real-durat-fut det mulher  
“Quando o homem dormir, a mulher estará dormindo”

b) eponi tetu-k-a UTI ne yuku mani apeti v-ituke

cond cortar-t-irr ipl det lenha condic ter-durat ipl.poss-trabalho

“Se nós cortássemos lenha, teríamos o nosso trabalho”

c) eponi vene-x-a pexou yoye-k-o-a-ti-mo

cond 2sg/comprar-t-irr feijão 2sg-cozonhar-t-decl-3sg.obj-durat-fut

“Quando você comprar feijão, você estará cozinhando-o”

### 3.2.3.4 Aspecto

A língua terena possui dois marcadores de aspecto: O morfema {**-ne**} para marcar o aspecto **perfectivo**, usado apenas em sentenças que expressam um fato realmente ocorrido, acabado, e, por essa razão, considerado morfema marcador de aspecto perfectivo – conclusivo, e o morfema {**-ti**} para marcar o aspecto **imperfectivo**, usado apenas em sentenças que expressam uma duração do processo e, por essa razão, é considerado morfema marcador de aspecto imperfectivo - durativo.

(41)

1. Ikoro-k-o-vo-ne ra Lana “A Lana caiu”

cair-CT-REA-REFL-PERF DET Lana

2. Ikoro-k-o-vo-ti ukeati ipe-ke ra Lana “A Lana está caindo da cama”

cair-CT-REA-REFL-IMPERF ? cama-LOC DET Lana

3. Ko’itu-k-e-ne ra Libiane “A Libiane já trabalha”

trabalhar-CT-?-PERF DET Libiane

4. Ko’itu-k-e-ti ra Libiane “A Libiane está trabalhando”

trabalhar-CT-?-PERF DET Libiane

5. numiku-x-o-ne ne onju “Meu avô foi pescar”

pescar-CT-REAL-PERF DET 1SGavô

6. Numiku-x-o-ti ne onju “meu avô está pescando”

pescar-CT-REAL-IMPERF DET 1SGavô

Em terena, podem-se, portanto, encontrar morfemas verbais flexionais e derivacionais. Entre os morfemas flexionais, observou-se a presença de pronomes pessoais, reflexivos, recíprocos e objeto; morfemas temáticos; marcação de futuro, marcação de modo realis e irrealis, aspecto concluso e durativo, além de morfemas que influenciam a valência dos verbos. Entre os morfemas derivacionais, encontraram-se sufixos nominalizadores.

Considerando os morfemas que circundam o verbo, apresentamos o seguinte quadro, elaborado por Rosa, da estrutura morfológica verbal terena:

-4	-3	-2	-1		+1	+2	+3	+4	+5	+6
				Raiz						
Prefixo causativo-zador	Prefixo intrazitivo-zador	Formas presas dos pronomes pessoais	Modo		Consoante temática	Modo	Pronomes presos na função de objeto	Pronome de 3ª pessoa na	Aspecto	Tempo
							Morfema reflexivo			
							Morfema recíproco			
							Voz			
							Sufixos nominalizadores			

**Quadro 14:** Quadro elaborado por Rosa (2010, p.149) para demonstrar a estrutura morfológica verbal terena.

A partir de estudos anteriores e dados por nós coletados durante os trabalhos de campo, discutimos, nesta seção, os aspectos gramaticais da língua terena significativos na elaboração dos verbetes e como orientação aos consulentes sobre a estrutura da língua terena. Destacamos que os estudos fonéticos e fonológicos serão utilizados na transcrição fonética e fonológica dos verbetes de projeto futuro de aprofundamento e aperfeiçoamento do protótipo de dicionário aqui apresentado. As reflexões morfológicas da língua justificam a escolha da 3ª pessoa para verbos utilizados no modo realis e aspecto imperfectivo e para os nomes de posse inalienável para as entradas dos verbetes.



## 4. LEXICOLOGIA E LEXICOGRAFIA

### 4.1 O léxico

Segundo Biderman (1998a, p.13), o léxico de uma língua é a forma de registrar e classificar o conhecimento de mundo, de dar nomes aos seres e objetos. Para a autora, a nomeação da realidade é o primeiro passo do percurso científico do espírito humano no conhecimento do universo. Ao nomear e classificar os objetos identificando as semelhanças e diferenças, o homem foi estruturando e rotulando o mundo que o cerca. E foi esse processo de nomeação da realidade que gerou o léxico das línguas naturais. “A geração do léxico se processou e se processa através de atos sucessivos de cognição da realidade e de categorização da experiência em signos linguísticos: as palavras” (BIDERMAN, 1998a, p. 13)

Biderman (1998a, p.14) ressalta que o léxico de uma língua natural é um patrimônio vocabular de uma comunidade linguística ao longo da história. E esse patrimônio pode ser considerado como um tesouro cultural. “No seu processo individual de cognição da realidade, o falante incorpora o vocabulário nomeador das realidades cognoscentes juntamente com os modelos formais que configuram o sistema lexical” (BIDERMAN, 1998a, p. 14).

Assim, nas palavras de Biderman (1998b, p. 132)

O léxico pode ser considerado como o tesouro vocabular de uma determinada língua. Ele inclui a nomenclatura de todos os conceitos linguísticos e não-linguísticos e de todos os referentes do mundo físico e do universo cultural, criado por todas as culturas humanas atuais e do passado. Por isso o léxico é o menos linguístico de todos os domínios da linguagem. Na verdade, é uma parte do idioma que se situa entre o linguístico e o extra-linguístico

### 4.2 O Conceito de Palavra

O conceito de “palavra” ainda é uma interrogação, segundo Possenti (2001, p.49)

Para um falante, muitos fatos de língua parecem óbvios e, por isso, muitos problemas só acabam sendo percebidos com o olhar amado de especialista desconfiado. Por exemplo, para um falante, pode parecer evidente o que seja uma palavra, mas frequentemente há problemas em sua definição. As crianças que ficam em dúvida sobre separar ou unir ‘a gente’ (até porque “agente” é uma palavra) e outras sequências sabem muito bem como é complexo este problema.

Dubois (2004), em seu Dicionário de Linguística, traz algumas taxonomias para a “palavra”. Segundo o autor, para a Linguística Tradicional, “o elemento linguístico significativo, composto de um ou mais fonemas, a palavra denota um objeto (substantivo), um estado ou ação (verbo); uma qualidade (adjetivo), uma relação (preposição), etc”. (DUBOIS, 2004, p. 450)

Enquanto que, para a Linguística Estrutural, a noção de palavra é evitada devido a sua falta de rigor, se contrapormos “palavra” a “termo”, palavra seria a “unidade léxica do vocabulário em geral” e termo corresponderia ao “emprego monossêmico de uma unidade lexical”. Também ao contrapormos “palavra” a “vocábulo”, “palavra” seria a unidade de texto inscrita em dois espaços gráficos, sendo cada ocorrência uma nova palavra, e vocábulo corresponderia à unidade do léxico, isto é, todos os empregos da “mesma” palavra serão reagrupados (DUBOIS, 2004).

De acordo com Sandalo (2005, p.182), a existência de palavra é assumida como uma realidade pela maioria de nós. No entanto, não é simples definir o que é uma palavra. Em línguas isolantes, como o chinês, cada palavra carrega apenas um significado, mas em línguas polissintéticas, como a língua Kadiwéu, falada no MS, certas sequências de sons, assumidas por seus falantes como palavras, carregam significados traduzidos por frases em línguas como o português: *jotagangetagadomitiwaji* “eu falo com ele por vocês”.

Biderman (1999, p. 81) aponta que o conceito de palavra é problema complexo em Linguística, não sendo possível definir a palavra de modo universal. A identificação de palavra, bem como sua identificação no nível do discurso, tem que ser feita língua a língua, como vimos no exemplo do Kadwéu em que o conceito de palavra utilizado no português não pode ser aplicado para essa língua.

Neves (2002) coloca como principal obstáculo ao “estatuto da entidade palavra”, “o grau de refinamento que o conceito exige”:

O grau de refinamento que o conceito exige, apontando, especialmente, que a indefinição que perdura, em muitos casos, no próprio recorte dessas identidades aliada à grande complexidade, que podem chegar a exibir muitas das palavras das línguas, é um primeiro e fundamental obstáculo à pretensão de uma bem-fundamentada taxonomia. (NEVES, 2002, p.119)

Basílio (1987, p. 11) aponta que a palavra é uma unidade linguística fácil de reconhecer, porém bastante difícil de definir se tomarmos como base de definição a língua falada. Segundo a autora, isso acontece porque na língua falada não fazemos pausas sistemáticas entre cada palavra pronunciada. Já na língua escrita não teríamos o problema de

definição neste eixo, e podemos definir a palavra como qualquer sequência que ocorra entre espaços ou sinais de pontuação. Mas a autora chama atenção para um fato:

Há um eixo em que a definição de palavra causa dificuldade: trata-se da distinção que normalmente estabelecemos entre duas palavras distintas e duas formas da mesma palavra. Por exemplo, dizemos que *casa* e *casas* são duas formas da mesma palavra, mas *casa* e *casinhola* são duas palavras diferentes. Do mesmo modo, dizemos *falam* e *falamos* são duas formas do verbo *falar*, mas *falante* constitui uma palavra diferente.

De acordo com Basílio (1987, p.12) “nos seus diferentes eixos, o conceito de palavra sempre constituiu um problema para gramáticos e linguistas. Entretanto, a palavra é uma unidade linguística reconhecida por falantes em sua língua nativa”.

Zanotto (2006, p. 20) aponta que palavra realmente não é um termo unívoco; é plurissignificativo, polissêmico, e em decorrência do seu amplo uso popular, o que lhe confere contornos semânticos imprecisos, tornando-o inadequado para emprego científico. Mesmo num contexto metalinguístico, como numa aula de português, o termo palavra serve indistintamente tanto para fim morfológico e sintático, como semântico e lexicográfico.

Basílio (2004, p. 13) chama atenção para o fato de ser comum definirmos o léxico como o conjunto de palavras de uma língua. E, de fato, o léxico de uma língua se constitui, sobretudo, de palavras. Mas, o que é palavra? A autora aponta que esta pergunta pode ser respondida por vários ângulos: a palavra gráfica; palavra e dicionário; a palavra estrutural; a palavra e suas flexões; palavra, vocábulo e lexema; palavra - homonímia e polissemia; palavra fonológica; clíticos; locuções; palavra como forma livre mínima e formas dependentes. Após discutir cada um destes ângulos de conceituação de palavra, a autora aponta que ainda restam problemas na conceituação de palavras, dentre eles a questão das palavras compostas, a classificação das formas que expressam grau, a colocação do particípio passado como parte da conjugação verbal ou como um adjetivo derivado do verbo, os nomes pátrios e os nomes de cores, que podem ser sistematicamente usados em classes diferentes, a situação de nomes próprios de cidade e instituições, e assim por diante.

Para Basílio (2000, p. 09), o conceito de palavra é uma dificuldade para a morfologia, dadas as múltiplas dimensões em que esta unidade pode ser enfocada, as quais nem sempre coincidem, além de apresentarem diferentes graus de relevância. Segundo a autora, na palavra entendida como uma unidade lexical, uma sequência de sons se associa de

modo relativamente estável a (a) um significado ou conjunto de significados; (b) um conjunto de propriedades sintáticas; (c) um conjunto de propriedades morfológicas e (d) um conjunto de determinações de uso.

Basílio (2000, p.10) traz uma revisão do conceito de palavra na história. De acordo com a autora, na Gramática Tradicional, o conceito de palavra não é colocado em questão, pois neste modelo de descrição gramatical a palavra é a unidade mínima de análise linguística. Já no estruturalismo, dado o surgimento teórico e a ênfase do morfema como unidade básica da morfologia, a palavra deixou de ser a unidade mínima e deixou de ser uma unidade relevante da estrutura da língua, neste contexto o morfema passa a ser o objetivo da análise morfológica.

Para Zanotto (2006, p.20), essa imprecisão conceitual recomenda deixar palavra servindo a seu uso tradicional e partir para a definição de um termo substituto, o vocábulo mórfico. Não se trata de procurar solução dando outro nome ao problema. Ocorre que vocábulo mórfico é uma denominação em si mesma de índole morfológica, favorecendo, assim, uma especialização de significado.

Camara Jr.(1997, p. 36) aponta que o critério para definir a unidade mórfica foi estabelecido por Bloomfield. Segundo ele, as unidades formais de uma língua são de duas espécies: formas livres (quando constituem uma sequência que pode funcionar isoladamente como comunicação suficiente) e formas presas (que só funcionam ligadas a outras). O vocábulo formal é a unidade a que se chega, quando não é possível nova divisão em duas ou mais formas livres. Constará, portanto, de uma forma livre indivisível (ex: luz), de duas ou mais formas presas (ex: im-pre-vis-ível) ou de uma forma livre e uma ou mais formas presas (ex: in-feliz). Camara Junior inclui na definição de Bloomfield o conceito de forma dependente, que abrange as partículas proclíticas e enclíticas. Assim, um vocábulo seria constituído de forma livres, presas e dependentes.

Segundo Basílio (2000, p.10), a definição de palavra de Bloomfield, bastante difundida, é uma tentativa de resolver o problema criado no estruturalismo a partir do conceito de morfema, o qual coloca a palavra numa posição desconfortável, entre o morfema e o sintagma oracional. Segundo Bloomfield, a palavra é a forma livre mínima; uma forma que pode ocorrer isoladamente, por si só constituindo um enunciado, e não podendo ser totalmente subdividida em formas livres. Assim, sendo livre, a palavra se distingue dos morfemas presos, radicais, afixos ou clíticos; sendo mínima como forma livre, distingue-se dos sintagmas oracionais, que podem conter mais de uma forma livre. Basílio afirma que esta definição dentro dos limites é eficiente, mas que naufraga no momento em que a composição é

analisada. Como dizer que uma palavra composta não é totalmente divisível de formas livres? A autora discute que palavra não é apenas uma unidade morfológica, mas sobretudo uma unidade lexical: o léxico é via de regra definido como o conjunto de palavras de uma língua. Assim, segundo a autora, os compostos seriam conjuntos de palavras que funcionam lexicalmente como uma só palavra. Neste sentido, Basílio discute os casos problemáticos em torno da palavra como unidade lexical e observa a necessidade de distinguirmos as dimensões morfológicas e lexicais da palavra, além da dimensão gráfica, que não pode deixar de ser mencionada.

Biderman (2001) discute o conceito de palavra de acordo com as seguintes premissas: a consciência intuitiva do falante, os apontamentos da psicolinguística e a identificação, delimitação e conceituação da unidade léxica possíveis somente no interior de cada língua. A seguir comentaremos cada uma dessas premissas.

Consciência intuitiva do falante: Biderman (2001, p.99) ressalta que desde os gregos a palavra foi considerada como unidade significativa de articulação do discurso. Para Dionísio de Trácia a sentença tinha “como seus elementos mínimos um conjunto de palavras [gramaticais]”. Essa unidade léxica da gramática e da linguística tradicional de base grega foi vigorosamente contestada por muitos linguistas e escolas linguísticas nos últimos anos. O conceito de palavra foi considerado como pré-científico. Contudo, em todo falante existe uma consciência intuitiva de uma unidade léxica, seja qual for a sua língua materna.

Para exemplificar a consciência intuitiva do falante, Sapir (1949, *apud* Biderman 2001, p.99) nos diz:

A experiência linguística, tanto a expressa na forma padronizada e na forma escrita como aquela testada no uso diário, indica que não há incontestavelmente, em geral, a menor dificuldade em trazer a palavra a consciência como realidade psicológica. Nenhum teste é mais convincente do que aquele em que o índio simplório, totalmente desconhecedor do conceito de palavra escrita, não tem, porém, grande dificuldade em ditar um texto a um linguista, palavra por palavra; naturalmente, ele é levado a pronunciar palavras juntas [em cadeia] como na fala real, mas se a gente o interromper, fazendo-o compreender aquilo que se deseja, ele pode isolar as palavras como tal prontamente, repetindo-as como unidades. Por outro lado, normalmente ele se recusa a isolar o radical ou elemento gramatical, baseando-se no fato de que isso “não tem sentido.”

Segundo Biderman (2001, p. 100) a noção de palavra varia conforme o nível de consciência do falante. Nas culturas ocidentais, herdeiras do patrimônio greco-latino, ao lado da intuição espontânea, sobrepõe-se a longa tradição gramatical em que o indivíduo aprendeu a isolar palavras, a identificá-las e a por-lhes rótulos. A autora afirma que provavelmente esse falante comum ficará surpreso ao saber que os linguistas não sabem definir palavra, nem tão pouco delimitá-la de forma universal.

Langacker (1972, p.36-7 *apud* Biderman, 2001, p.100) enfatiza que a realidade intuitiva da palavra é testemunhada pelo hiato de que muitos sistemas de escrita dividem as sentenças em unidades dimensionadas como palavras (marcando tipicamente as fronteiras entre as palavras com espaços). Além disso, os falantes nativos têm frequentemente uma noção intuitiva do que constitui uma palavra na sua língua, mesmo se essa língua tenha sido escrita.

Biderman (2001, p.100) ainda aponta que além da consciência intuitiva do falante é necessário referir os dados fornecidos pela psicolinguística. De acordo com a autora, na primeira etapa da aquisição do signo linguístico, caracterizada pelos psicolinguistas como “fala holofrástica”, as sentenças completas da fala dos adultos são representadas por palavras isoladas. Como exemplo a autora cita um bebê de 10 a 18 meses que se quiser expressar que quer comer ou que está com fome, ou viu a comida emite o mesmo enunciado, papá. E a palavra papá pode significar “quero papá”, “tenho fome” ou “olhe o papá”. A autora aponta que todos os especialistas que observaram a aquisição da linguagem em culturas diferentes fizeram as mesmas constatações.

Biderman (2001, p. 101) chama atenção para o fato de que no período do aprendizado linguístico a “fala holofrástica” preenche três funções da linguagem: conotativa, expressiva e referencial. Segundo a autora, a forma como se efetua a aquisição do signo linguístico foi mencionada para enfatizar a realidade psicolinguística da palavra. Se as primeiras manifestações de uma linguagem articulada significativa são sempre palavras isoladas, com valor de sentença, então a palavra é uma entidade psicolinguística primordial, a primeira que articula o discurso humano.

A identificação, delimitação e conceituação de palavras são possíveis somente no interior de cada língua: a este respeito Biderman (2001, p. 109) cita a hipótese Sapir-Whorf segundo a qual a conceptualização da realidade se revela claramente nas estruturas gramaticais e semânticas das línguas. Em outras palavras: todo sistema linguístico manifesta, tanto no seu léxico como na sua gramática, uma classificação e uma ordenação dos dados da realidade que são típicas dessa língua e da cultura com que se conjuga. Ou ainda: cada língua

traduz o mundo e a realidade social segundo o seu próprio modelo, refletindo uma cosmovisão que lhe é própria, expressa nas suas categorias gramaticais e léxicas.

Diante do exposto, Biderman (2001, p.115-6) admite as premissas do relativismo linguístico, apontando o conceito de palavra em línguas diferentes. Segundo a autora, dentro de certos limites, a hipótese de Worf fornece a chave para a conceituação de palavra. Segundo a autora, se cada língua recorta a realidade diferentemente e molda essa realidade em categorias linguísticas e mentais que lhe são exclusivas, então o conceito de palavra não pode ter um valor absoluto. O seu valor deve ser comparado ao de uma moeda, como o dólar, que oscila de país para país.

Com base na discussão acima, Biderman defende a tese de que não é possível definir a palavra de maneira universal, ou seja, de uma forma aplicável a toda e qualquer língua. A afirmação mais geral que se pode fazer é que essa unidade psicolinguística se materializa no discurso, com uma inegável individualidade. Os seus contornos formais situam-na entre uma unidade mínima gramatical significativa – o morfema – e uma unidade gramatical maior – o sintagma. Pode-se afirmar também que a gramática grega não estava errada ao afirmar que a sentença é composta de palavras.

A autora afirma ainda que qualquer definição mais precisa que tenha validade universal parece prematura tendo em vista o atual estágio de desenvolvimento da linguística. Por hora, a autora posiciona-se a favor da teoria whorfiana, considerando que só é possível identificar a unidade léxica, delimitá-la e conceituá-la no interior de cada língua. E insiste na postura teórica de que, na sua análise, o linguista nunca deve superpor a estrutura léxico-semântica e gramatical da sua língua aos dados de uma outra língua.

Para exemplificar as afirmações, Biderman (2001, p. 115) faz uma comparação entre três línguas com tipologias diferentes e não relacionadas culturalmente no seu desenvolvimento e configuração histórica: latim (flexivo e sintetizante), turco (aglutinante) e o chinês (isolante). A discussão do problema da palavra dentro destas três línguas estruturalmente distintas confirmam a imperiosa necessidade de aplicar o princípio da relatividade na conceituação da unidade léxico-gramatical de qualquer língua.

A esse respeito Robins (1963, p. 27, *apud* Biderman, 2001, p.123) afirma que:

Não pode haver definição geral da palavra válida para todas as línguas. Essa categoria, como todas as categorias linguísticas, deve ser estabelecida e justificada para a língua que se analisa. Mas se em alguma língua se puder chegar a critérios cientificamente objetivos para a divisão de palavras ... a



palavra pode corretamente servir como uma base para a análise fonológica e gramática ulterior...

Segundo Biderman (1999, p.82), embora a noção empírica de palavra nas diversas línguas do globo refira vagamente um mesmo conceito psicolinguístico, os dados factuais de cada língua não permitem que formulemos uma única definição válida para todas, que seja suficientemente abrangente para recobrir as peculiaridades de cada uma e que nos permita ainda identificar inequivocamente a unidade léxica em cada um desses idiomas. Assim sendo, devemos concluir que não é possível definir a palavra de um modo universal, sendo possível apenas delimitar as unidades lexicais no interior de cada língua ou famílias de línguas.

Camara Jr. (2006 [1970], p. 77) aponta que, em princípio, há três critérios para classificar os vocábulos formais de uma língua. Um é o de que eles de maneira geral significam do ponto de vista do universo biossocial que se incorpora na língua; é o critério semântico. Outro, de natureza formal ou mórfica, se baseia em propriedades de forma gramatical que podem apresentar. Um terceiro critério, que teve acolhida na gramática descritiva norte-americana, orientada pela linguística sincrônica de Bloomfield, é o funcional, ou seja, a função ou papel que cabe ao vocábulo na sentença.

#### **4.2.1 Critérios para delimitar palavra**

Existem vários critérios para delimitar palavra, Biderman (2001, p.137) destaca três: 1) fonológico, 2) gramatical (morfofossintático) e 3) semântico.

No critério fonológico, segundo a autora, “uma palavra seria, pois, uma sequência fônica que constituísse uma emissão completa, após a qual a pausa é possível”. No entanto, a autora, chama atenção para o fato de que “o critério fonológico não é, por si só, conclusivo e determinante. Ele exigirá o concurso de outros critérios para oferecer um mapa completo de todas as características definidoras da unidade léxica” (BIDERMAN, 2001, p.143)

De acordo com Biderman (1999, p. 85), no critério gramatical (morfofossintático), uma vez reconhecidas as unidades lexicais em potencial, devemos submeter os segmentos assim isolados às regras morfofossintáticas que atuam no sistema linguístico em consideração. Isso porque, embora haja uma correspondência entre um vocábulo fonológico e um vocábulo mórfico, nem sempre existe entre ambos uma coincidência rigorosa. Nessa segunda etapa da análise haveria dois critérios atuando simultaneamente: 1) a classificação gramatical da



palavra, em função dos marcadores morfossintáticos que ela apresenta e, portanto, a filiação de determinados paradigmas; 2) a função exercida pela palavra na sentença.

Biderman (1999, p. 87) reconhece a importância dos critérios fonológicos e morfossintáticos na delimitação e identificação da palavra, mas coloca como critério decisório final o semântico.

Ullmann (1952, p.33) considera a palavra como uma unidade semântica indecomponível. Para o autor, se existem unidades gramaticais significantes menores do que a palavra, elas não têm significação autônoma. Ele define a palavra como a unidade semântica mínima do discurso.

De acordo com Biderman (1999, p.87), a fonologia e a morfossintaxe ajudam-nos a reconhecer segmentos fonicamente coesos e gramaticalmente pertinentes enquanto formas funcionais; contudo, só a dimensão semântica nos fornece a chave decisiva para identificar a unidade léxica no discurso. Segundo a autora, no topo da hierarquia, a semântica vem congrega as demais informações de nível inferior para nos oferecer a chave do mistério da palavra.

Sândalo (2005) discorda da posição de Biderman (1999. 2001) e aponta que o critério semântico não nos ajuda a definir palavra em línguas como o português. Como saber se construtor e aquele que constrói são palavras em português? Ambos têm o mesmo significado. Nosso conhecimento de falante do português sugere que a primeira é uma palavra e a segunda uma frase.

Com base na revisão bibliográfica sobre o conceito de palavra, adotamos a tese de Biderman (2001, p. 123) que defende o relativismo linguístico, não assumindo uma posição radical que só considera o morfema ou só o sintagma. Assim como a autora, acreditamos que, de um ponto de vista universal, não podemos definir e delimitar palavra. Por esse motivo em consonância com a autora, adotamos a hipótese Sapir-Whorf, admitindo que a conceituação e delimitação de palavra deve ser formulada para cada língua ou grupo de línguas afins.

### **4.3 Lexicologia e Lexicografia**

A lexicologia e a lexicografia enfocam o léxico de modos distintos. Não há consenso entre os linguistas sobre a distinção entre lexicologia e lexicografia. Segundo Dapena (2002), alguns estudiosos afirmam que lexicologia e lexicografia são como faces da

mesma moeda nas quais suas diferenças corresponderiam às suas extensões e a uma diversidade de pontos de vistas.

Zgusta (1971 *apud* Ferreira, 2005) afirma que a lexicografia é uma esfera muito difícil da atividade linguística, pois o lexicógrafo deve considerar não somente a estrutura da língua em questão, mas também a cultura da respectiva comunidade linguística em todos os seus aspectos. Assim, a lexicografia está intimamente ligada às disciplinas que estudam o sistema lexical como a semântica, a lexicologia, a gramática e a estilística.

Levaremos em consideração a posição de Dapena (2002), que observa que a lexicografia é a disciplina que se ocupa de tudo que se refere aos dicionários, tanto o que diz respeito ao seu conteúdo científico (estudo do léxico) quanto à sua elaboração material e as técnicas adotadas em sua realização, ou, enfim, a sua análise. Qualquer outro estudo concernente ao léxico e não contido em um dicionário corresponderá exclusivamente ao ambiente da lexicologia.

#### **4.4 Léxico e dicionário**

Biderman (1998a, p.17) aponta que o dicionário de língua busca “registrar e definir os signos lexicais que referem os conceitos elaborados e cristalizados na cultura”. Assim, o dicionário é um objeto cultural muito significativo nas sociedades contemporâneas, “exercendo funções normativas e informativas na sociedade”.

Biderman (1998a, p.18 ), assim define o dicionário:

Um dicionário é constituído de entradas lexicais, ou lemas que ora se reportam a um termo da língua, ora a um referente do universo extralinguístico. A lista total desses lemas constitui a nomenclatura do dicionário, a sua macroestrutura. Quanto ao verbete, essa microestrutura tem como eixos básicos a definição da palavra em epígrafe e a ilustração contextual desse mesmo vocábulo, que através de abonações por contextos realizados na língua escrita ou oral, quer através de exemplos. Quanto à ilustração contextual (e/ou abonação), ela é essencial para explicitar claramente o significado e/ou uso registrado da definição. Claro está que os significados e usos referidos são aqueles já registrados e documentados em contextos realizados e não valores semânticos possíveis, eventualmente atribuíveis aos lexemas da língua. O verbete deve ser completado com informações sobre os registros sociolinguísticos do uso da palavra e remissões a outras unidades do léxico associadas a este por meio de redes semântico-lexicais.

Biderman (1998a, p.19), ressalta ainda que “o dicionário de língua registra a norma lexical corrente na sociedade. De fato, o dicionarista nada mais é que o porta voz da comunidade linguística”.

#### **4.5 Tipologias e classificações de dicionários**

Biderman (1998b, p.131), aponta que “Os dicionários constituem uma organização sistemática do léxico, umas espécie de tentativa de descrição do léxico de uma língua”. De acordo com a autora, os dicionários podem ser classificados com base na sua destinação e o público alvo.

Biderman (1998b, p.131) aponta que há uma diversidade de dicionários monolíngues: os dicionários de língua, os dicionários analógicos ou ideológicos, os dicionários temáticos ou especializados, os dicionários etimológicos, os dicionários históricos, os dicionários terminológicos das diferentes áreas do conhecimento: astronomia, biologia, comunicações, direito, ecologia, eletricidade, física, geologia e geomorfologia, informática, medicina, metalurgia, psicologia, química, etc.

Segundo Biderman (1998b, p.132), apenas o dicionário geral da língua pode aproximar-se do ideal de descrever o léxico de uma língua. Mesmo assim, tendo em vista a constante renovação lexical, a descrição do léxico de uma língua é, segundo a autora, inatingível, pois, “a rigor, nenhum dicionário por mais volumoso que seja, dará conta integral de uma língua de uma civilização”.

Segundo Landau (1989 *apud* Ferreira, 2005), os dicionários podem ser diferenciados por três categorias: a) variedades, b) perspectivas e c) apresentação. A variedade de um dicionário seria o ‘tamanho’ e o escopo de tal obra (trata-se de cobrir ou não todo o léxico da língua). A categoria variedade é chamada pelo autor de “qualidade da densidade”. Um outro aspecto da variedade é o número de línguas envolvidas no trabalho lexicográfico: o dicionário pode ser monolíngue, bilíngue, trilingue ou multilingue (os dicionários que compreendem mais de duas línguas são também denominados de plurilíngues). Outro aspecto da variedade é sua extensão na concentração nos dados lexicais, ou seja, se ele tem caráter enciclopédico. A ‘perspectiva’ refere-se a como o compilador vê o trabalho, se ele é diacrônico ou sincrônico; como ele organiza sua obra: se a mesma for organizada em ordem alfabética, por sons, ou por conceitos. A ‘apresentação’ refere-se ao modo como o material de uma dada perspectiva é apresentado, como são suas definições.

Cabe ressaltar que, os dicionários monolíngues tendem a ter uma definição mais ampla do que o bilíngue.

Landau (1989) e Zgusta (1971) *apud* Ferreira (2005) apontam que o problema crucial para um lexicógrafo é decidir o objetivo do dicionário bilíngue. O objetivo do dicionário bilíngue é traduzir uma língua para outra. Sua proposta básica é coordenar com as unidades lexicais de uma língua, as unidades lexicais de outra língua que são equivalentes em seu significado lexical.

Segundo Zgusta (1971 *apud* Ferreira, 2005), provavelmente a dimensão mais importante da tipologia de dicionários bilíngues consiste: I) na intenção do lexicógrafo em compilar o dicionário como uma ajuda na compreensão da língua fonte; II) em descrever a língua fonte; III) como uma ajuda para gerar textos na língua alvo.

De acordo com Landau (1989 *apud* Ferreira, 2005), alguns passos podem ser seguidos para a elaboração de um dicionário bilíngue: tradução para cada palavra na língua fonte; cobertura completa do léxico da língua fonte; colocar informações gramaticais, sintáticas e semânticas; orientação para o usuário; inclusão de nomes; inclusão de itens especiais, como termos científicos; ortografia e alternativas de ortografias; inclusão de pronúncia; pode ser compacto no tamanho (o que limita a cobertura).

Uma questão importante a ser considerada no estabelecimento do *córpus* para o dicionário é determinar qual é a melhor maneira de apresentar o léxico para o leitor. Neste sentido, determinamos como público-alvo primeiramente a comunidade indígena Terena, a academia e o usuário que pretende conhecer mais sobre as línguas da família Aruak.

Haensch et al. (1982) enfatizam que há quatro critérios que determinam de maneira decisiva a seleção de entradas de um dicionário, sua finalidade (descritiva, normativa), o grupo de usuários a que está destinado, sua extensão e o método de seleção de unidades lexicais, segundo princípios linguísticos.

O dicionário terena tem uma finalidade descritiva. Como dissemos anteriormente, ele se propõe a apresentar a língua terena para o leitor por meio do seu léxico. Está destinado, principalmente, à comunidade indígena, à academia e a qualquer pessoa que queira conhecer a língua terena.

Com relação à sua extensão, entendemos que o léxico de uma língua viva não é algo acabado. De acordo com Zgusta (1971 *apud* Ferreira, 2005), somente as línguas mortas podem ser descritas exaustivamente em um dicionário, pois nenhuma sentença nova é produzida nessas línguas. Sempre que existe a possibilidade de novas sentenças serem suscitadas, haverá a probabilidade de novos sentidos e novas palavras também serem

suscitadas. Dessa forma, o dicionário terena não é exaustivo, apresenta, portanto, uma parte do léxico da língua, em ordem alfabética

Com relação à estruturação do dicionário, serão considerados os seguintes aspectos: macro e microestrutura. De acordo com Haensch et al. (1982 *apud* Ferreira, 2005), o elemento mais importante na macroestrutura de um dicionário é a ordenação dos materiais léxicos em conjunto, que pode ser por ordem alfabética, por ordem inversa, por família de palavras ou segundo um sistema conceitual. A macroestrutura compreende, portanto, a organização das entradas no dicionário, e a sua construção abrange: a) a escolha de entradas para incluir no dicionário, b) a escolha do conteúdo: língua padrão, especializada; c) a ordenação das entradas: alfabética, inversa; d) o tratamento dos lexemas polissêmicos e dos lexemas homônimos.

De acordo com Welker (2005), existe uma convenção segundo a qual geralmente se escolhe como entrada a forma básica do lexema. No caso dos verbos, o infinitivo. Para os substantivos e adjetivos utiliza-se o singular masculino. O dicionário terena que propomos seguirá a ordem alfabética. Os verbetes terão as seguintes características: o primeiro item do verbete é a entrada. À entrada seguem-se: a) a indicação gramatical, mostrando sua classe (nome, adjetivo, verbo, advérbio); b) a equivalência da palavra terena em português e as variantes de significado no caso da polissemia ou a explicação do uso da palavra; c) o nome científico, quando se tratar de nomes de animais; d) uma frase ilustrativa, mostrando o comportamento gramatical e semântico da palavra no contexto da língua terena; e) tradução em português da frase explicativa; f) anotação de composição, neologismo, empréstimo, reduplicação e onomatopéia.

Biderman (1998b, p. 144) ressalta a importância das referências cruzadas e/ou remissões, e segundo a autora, “são particularmente úteis para o consulente pois evidenciam as redes léxico-semânticas em que se estrutura e organiza o léxico”.

Segundo Weiss (1998), as remissivas visam a reconstruir o perfil semântico da palavra e a situá-la na rede de significação, pois a ordem alfabética separa essa rede, tornando obscura a relação semântica. No caso das palavras compostas, as remissivas indicam cada unidade que as compõem. Com relação aos sinônimos e aos antônimos, os primeiros remetem o usuário a outras entradas com significado parecido, enquanto os antônimos apontam os opostos. Os hiperônimos, hipônimos e co-hipônimos mostram a supraordenação.

#### 4.6 Lexicografia bilíngue

Welker (2005, p.193) aponta que, “a literatura relativa à lexicografia bilíngue, embora menos volumosa do que aquela sobre dicionários monolíngues, é bastante vasta”. No entanto, o autor ressalta que o trabalho de Carvalho (2001) “é o primeiro trabalho brasileiro a oferecer uma visão geral da lexicografia bilíngue.”

Segundo Carvalho (2001, p.09), a lexicografia bilíngue, mesmo possuindo uma vasta tradição, apresenta vários problemas que necessitam ser discutidos. Para a autora, uma obra bilíngue onde faltam informações relevantes, não há sistematização na ordenação do que foi selecionado, não está cumprindo com o objetivo do dicionário bilíngue, que é o de sistematizar o contraste entre duas línguas.

Carvalho (2001, p.09) enfatiza que dois princípios básicos devem ser levados em consideração para a elaboração de um dicionário bilíngue: a posição da língua materna e as diferentes situações de uso. No primeiro princípio, a língua materna pode ser a língua fonte ou a língua alvo, o que segundo a autora leva à possibilidade de termos quatro obras lexicográficas ao invés de duas. A posição da língua materna está diretamente ligada ao segundo princípio, uma vez que em, um dicionário com a direção língua materna – língua estrangeira, a situação de uso será a produção de um texto na estrangeira ou a versão de um texto para a língua estrangeira, já a direção língua estrangeira - língua materna a situação de uso será a compreensão de um texto na língua materna ou a tradução de um texto para a língua materna. “Na primeira direção, teremos um dicionário de versão (ou ativo) e, na segunda, um dicionário de tradução (ou passivo).”

Na nossa proposta de dicionário, a língua materna será a língua fonte, cujo resultado será um dicionário de versão. No entanto, tendo em vista a continuidade do trabalho com os professores terena, pensamos em posteriormente elaborar um dicionário digital nas duas direções: terena – português e português – terena. Tal proposta vem de encontro aos anseios das comunidades que já não falam mais a língua materna. Ressaltamos que o programa utilizado para o nosso banco de dados, o Flex, é compatível com o WeSay<sup>25</sup>, programa utilizado para a elaboração de dicionário digital.

---

<sup>25</sup> O WeSay é um aplicativo para elaboração de dicionário. O programa possui diversos recursos na hora de editar um dicionário, existe a possibilidade de começar um dicionário do zero ou ainda começar a partir de um banco de dados que pode ser instalado no programa. Assim, não será preciso registrar os verbetes um a um. (<http://www.guiadowindows.net/wesay/>)

Welkerr (2005) ressalta que os dicionários bilíngues diferem pouco dos monolíngues. O autor destaca que a maior diferença entre eles é que ao invés da definição, no dicionário bilíngue são oferecidos equivalentes.

Carvalho (2001, p. 49) ressalta que

A mais básica e evidente diferença entre os dicionário monolíngues e os bilíngues está no tipo de microestrutura, pois, enquanto estes trazem equivalências, naqueles encontramos definições do lema, que são dois tipos de informação bastante distintos. Desta diferença decorrem inúmeras outras que determinam tanto o que vai constar na estrutura do verbete quanto a sua organização. No dicionário bilíngue, por exemplo, não há espaço para as relações paradigmáticas, como a antonímia e a sinonímia, nem para comentários etimológicos.

Carvalho (2001, p.50) reconhece que a estrutura do dicionário monolíngue possa servir de base para o bilíngue de versão, entretanto, a autora ressalta que a função do bilíngue “não é o de descrever a semântica do lema, mas sim o de estabelecer relações entre o lema e as equivalências, e o que vai determinar o número de subdivisões dos bilíngues [...] é a relação que existe entre o lema e suas equivalências”. A autora chama atenção ainda para o fato de que, para o dicionário bilíngue de versão, como o que propomos para a língua terena (língua materna – língua estrangeira) as subdivisões do monolíngue não podem ser adotadas, uma vez que “a realidade cotidiana do usuário será traduzida em termos estrangeiros, devendo-se prover equivalências para todos os significados da palavra em questão”.

A seguir, discutiremos as especificidades dos dicionários bilíngues.

#### **4.7 Classificação dos dicionários bilíngues**

De acordo com Carvalho (2001, p.47), existem vários critérios que influenciam a classificação dos dicionários bilíngues, sendo que esses não atuam sozinhos, mas combinados entre si. A autora apresenta os seguintes critérios:

- (i) Dimensão: dicionário de bolso, médio, grande;
- (ii) Número de línguas: monolíngues, bilíngues, multilíngues;
- (iii) Grau de especialização: geral vs. especializado;
- (iv) Direção: a língua do usuário como língua-fonte ou língua-alvo;
- (v) Abrangência: unidirecional ou bidirecional;
- (vi) Função: situações em que o usuário utiliza o dicionário;

Segundo Carvalho (2001, p.48), os critérios apresentados influenciam diretamente na macro e microestrutura do dicionário. Os itens (i) e (iii) influenciam a seleção dos lexemas que serão lematizados - num dicionário geral aparecem poucos termos técnicos, já um dicionário especializado, serão lematizados apenas lexemas referentes à área em questão; o dicionário de bolso terá uma seleção mais rigorosa, uma vez que a dimensão do dicionário leva o lexicógrafo a delimitar o número de informações sobre o lema.

#### **4.8 Estrutura do dicionário bilíngue**

Os componentes dos dicionários bilíngues são subdivididos em macro e microestrutura. A macroestrutura é o lema; a microestrutura é a parte interna do verbete e, juntas, formam o texto lexicográfico.

De acordo com Carvalho (2001, p. 65), “a estrutura interna do bilíngue é a parte em que são organizadas todas as informações a serem mencionadas acerca do lema, o qual, por sua vez, funciona como a entrada principal”. Um elemento obrigatório da estrutura interna são as equivalências, pois desempenham papel fundamental para o usuário, uma vez que é à procura delas que ele vai, ao consultar um dicionário bilíngue. Assim, segundo a autora, “pode-se dizer que os outros componentes giram em torno da relação lema-equivalência(s), que constitui a base do bilíngue”.

Outra característica da estrutura do dicionário bilíngue refere-se ao lema ou palavra-entrada. Carvalho (2001, p. 67) aponta que a extensão da macroestrutura irá depender do tipo de dicionário que se esteja elaborando; um dicionário de bolso, por exemplo, deve tentar cobrir ao máximo a linguagem do cotidiano. A macroestrutura do dicionário que propomos é composta basicamente de lemas do cotidiano, coletados por meio de entrevistas, conversas informais, buscando cobrir ao máximo os lemas utilizados no dia a dia da aldeia.

Sobre a organização dos lemas, Carvalho (2001, p. 89) ressalta que a dicotomia tradução e versão está diretamente ligada às questões organizacionais dos lemas. Sobre o número de entradas, tende-se levar em consideração o tipo de dicionário, sendo muito importante definir quais critérios serão adotados na decisão entre o tratamento polissêmico e homonímico.

Em geral, os dicionários, sejam eles monolíngues, bilíngues ou multilíngües, têm utilizado o alfabeto para ordenar as entradas. Esse processo de ordenação das entradas



seguindo o alfabeto é denominado por Wiegand (1989, p.380 *apud* Carvalho, 2001 p. 90) de “método mecânico-exaustivo de ordenação alfabética”. Assim, o método considera as letras do alfabeto de forma individual, partindo da primeira letra e considerando as que a seguem.

Outro ponto importante de ser considerado é a questão da polissemia versus homonímia. Carvalho (2001, p. 94) aponta que ao nos depararmos com duas ou mais palavras com pronúncia e grafia idênticas, temos que decidir se daremos um tratamento polissêmico, ou seja, apenas uma entrada, ou homônimo com várias entradas. A autora aponta que existem três critérios que nos ajudam na decisão: formal, semântico ou etimológico. No critério formal, qualquer diferença gramático-morfológica leva à elaboração de entradas diferentes. No critério semântico, palavras com traços semânticos em comum devem constituir um mesmo verbete, e distantes semanticamente devem constitui verbetes distintos.

Carvalho (2001, p. 95) ressalta que para a elaboração do dicionário bilíngue nos resta o critério formal. Segundo a autora,

A aplicação deste critério leva-nos a um tratamento predominantemente polissêmico, o que não vai de encontro à natureza do dicionário bilíngue, por ser este um dicionário de caráter polissêmico por excelência. O fato de aparecerem as mais diversas equivalências para um lema em um único verbete não é nenhuma novidade para o usuário, pois sabemos que as estruturas lexicais de duas línguas não são isomorfos e que o nível da linguagem em questão é o do discurso e podemos ter equivalências, cuja relação semântica com o lema não é tão próxima.

Carvalho (2001, p. 96) aponta ainda que é compreensível que no dicionário monolíngue seja priorizado o critério semântico, pois as definições são o reflexo da semântica do lema, no entanto o dicionário bilíngue tem o compromisso com o uso das duas línguas. Dessa forma, o consulente já está acostumado a encontrar palavras de classes gramaticais diferentes no mesmo verbete.

#### **4.9 Equivalente**

Um aspecto muito importante a ser discutido sobre os dicionários bilíngues é a equivalência. Segundo Carvalho (2001, p. 111), o objetivo maior do dicionário bilíngue é a equivalência, uma vez que é à procura dela que o consulente vai ao dicionário. Para atender a essa necessidade do consulente, é necessário que o lexicógrafo ofereça as possibilidades de

equivalência para um lema, juntamente com as informações adicionais como a exemplificação, por exemplo. Tais informações são relevantes pois na maioria das vezes o lexicógrafo encontra equivalentes cuja relação com o lema é apenas parcial, até porque são raros os casos onde há apenas um lema e um equivalente.

Assim, a relação do lema com a equivalência é o centro do dicionário bilíngue. Carvalho (2001, p. 113) aponta cinco possibilidades para essa relação:

- (i) O lema possui uma única equivalência: ocorre quando um lema possui um único equivalente, tal ocorrência é possível, porém rara e é encontrada na maioria das vezes quando o lema é um termo técnico normativo.
- (ii) A relação lema – equivalências é divergente: ocorre quando temos um lexema na língua-fonte e vários na língua-alvo. Cabe ressaltar que, o que ocorre não é uma equivalência plena, mas várias equivalências parciais.
- (iii) A relação lema – equivalências é convergente: ocorre quando uma equivalência tem mais de um lexema na língua-fonte. Apesar de haver essa relação nos dicionários bilíngues, o consulente não percebe, pois não é sistematizada pelo lexicógrafo.
- (iv) A relação lema – equivalências é multivergente: é a relação mais recorrente entre duas línguas, porém mais complexa para o lexicógrafo, pois temos a combinação entre convergência e divergência. Nesse caso, o lema possui mais de uma equivalência as quais cobrem parte dos significados do lema e podem por sua vez ter como correspondência outro (s) lema (s). Essa relação também não é percebida para o consulente, uma vez que os dicionários trabalham apenas com uma das direções.
- (v) O lema não possui equivalência: ocorre quando o lema pertence ao universo real do falante da língua-fonte, e só possui expressão lexical nessa língua, ocorrendo principalmente em lemas relacionados a elementos culturais específicos, como atividades e festividades, vestuário, utensílios, fatos

históricos, comidas e bebidas, religião, educação e áreas especializadas, sendo essa a relação mais difícil para o lexicógrafo.

Outro aspecto importante do dicionário bilíngue é o exemplo. Ele serve tanto para ilustrar o funcionamento da equivalência, quanto para diferenciar as possíveis equivalências. O exemplo geralmente constituído de sentenças ou sintagmas livres contextualiza o comportamento sintático do lema, levando o usuário a sua melhor compreensão, bem como à utilização deste em contextos semelhantes.

Carvalho (2001, p. 138) aponta que, no caso dos verbos, os exemplos podem ajudar muito o usuário, no entanto deve-se ter cuidado na escolha dos exemplos e optar por sentenças que reflitam situações reais de comunicação, pois só elas podem ajudar na produção de um texto.

Esta seção teve como objetivo expor a opção teórica que nos valem para discutir: os conceitos da lexicologia; lexicografia; palavra; critérios para delimitação; tipologia e classificação de dicionários; reflexões sobre a lexicografia bilíngue, sobretudo aquelas referentes à classificação e estrutura de dicionário bilíngue e equivalentes entre duas línguas. Explicitamos a importância desta seção para a conceituação supracitada e, sobretudo para a orientação na produção da proposta de dicionário, exposta na próxima seção.

## 5. A PROPOSTA DE DICIONÁRIO TERENA-PORTUGUÊS

A partir das discussões realizadas, nos foi possível chegar a uma proposta de dicionário terena-português, e, a seguir, abordaremos os itens da proposta.

### 5.1 Programa

Iniciamos os trabalhos com o **Toolbox**, no entanto não foi possível sistematizar os dados no programa. Diante das dificuldades encontradas no seu uso, passamos a utilizar o programa *Field Works Language Explorer*, **Flex**, desenvolvido do SIL, disponível na internet. O FLex oferece ao lexicógrafo a opção de criar um banco de dados de acordo com as especificidades do trabalho; nele tem-se a opção de inserir textos, frases, palavras, morfemas, som, imagens, referências cruzadas, informações fonéticas, fonológicas, morfológicas e sintáticas, variações, notas culturais, antropológicas, detalhes da coleta de dados como fonte, data, local da coleta, ou seja, permite ao lexicógrafo a realização de um banco de dados mais completo, visando também a documentação da língua, além da convergência com outros programas como o Phonology Assistance e o Wesay, e ainda a opção de exportar os dados em PDF.

Atualmente, possuímos um banco de dados com aproximadamente 5.000 (cinco mil lemas); nessa lista estão inclusos os morfemas da língua. Esse banco foi elaborado no programa **Flex**, com uma riqueza de detalhes, transcrição fonética, informações outras como notas antropológicas, culturais, data e local da coleta, nome do informante, relações de significados, entre outras ferramentas que o programa oferece.

Porém, não foi possível elaborar todos os verbetes e conferir a ortografia utilizada nas abonações. Assim, para este trabalho, fizemos um recorte, e apresentaremos apenas os verbetes concluídos. Cabe salientar que o FLex permite a exportação do banco de dados para o PDF; no entanto, tendo em vista que a nossa proposta faria parte da tese, assim preocupados com a formatação do trabalho, optamos por “copiar” os dados no programa Word 2000.

Salientamos que daremos continuidade<sup>26</sup> ao trabalho iniciado no projeto de tese, inclusive com o auxílio dos acadêmicos do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena “Povos do Pantanal” e dos alunos e professores das Escolas da Aldeia. A intenção é continuar realizando oficinas tanto para conferência dos exemplos, como danças, artesanato, desenho, e

---

<sup>26</sup> Os professores Terena, por intermédio do diretor da Escola Estadual Indígena, solicitaram ao Laboratório de Estudos Interculturais Indígenas a continuidade do trabalho com a proposta de elaboração do dicionário; assim, a convite da Coordenadora do Laboratório, continuaremos com o desenvolvimento da proposta.

no final produzir, a partir do banco de dados do **Flex**, com o auxílio do programa **Wesay**, um dicionário digital bidirecional “Terena-Português e Português-Terena”.

Salienta-se que essa continuidade na proposta foi feita pela comunidade escolar, e que a participação dos acadêmicos tem por objetivo elaborar uma proposta que atenda às aldeias da região, não só Cachoeirinha. Por esse motivo, será bidirecional, uma vez que poucas comunidades fazem uso da língua materna.

## **5.2 Fonte**

Para as entradas, subentradas e exemplos da língua, utilizamos a ortografia em uso. A princípio utilizaríamos a transcrição fonética com os caracteres do Alfabeto Fonético Internacional da fonte SILDoulosIPA; porém, como não há um consenso sobre os aspectos prosódicos da língua, optamos por não usar a transcrição fonética. Assim, os pares mínimos que aparentemente apresentam distinções prosódicas foram lematizados como polissemia ou homonímia, dependendo do caso. Em momento futuro, nos propomos a discutir esta questão, apresentando nossa proposta de grafia, após debate com os professores/falantes da língua.

## **5.3 Ordem alfabética**

Conforme foi dito anteriormente, a língua terena possui uma ortografia. Tal ortografia foi elaborada por Ekdahl e Butler e está em uso na escola. Cabe salientar, conforme já foi apontado, que, tendo em vista as divergências referentes ao acento, este não será marcado na ortografia.

Assim, a ordem alfabética de nossa proposta segue a da ortografia da língua, a saber: A, MB, ND, E, NG, H, I, NJ, K, L, M, N, O, P, R, S, T, U, V, X, Y, Z.

## **5.4 Macroestrutura**

A macroesturtura foi organizada na ordem alfabética da língua terena. São consideradas entradas as palavras gramaticais, palavras simples, derivadas e compostas.

## **5.5 Microestrutura**

Os símbolos e abreviações da microestrutura seguem uma padronização como mostraremos a seguir:

n. nome  
 v. verbo  
 adj. adjetivo  
 adv. advérbio  
 NEO. neologismo  
 Do Port. empréstimo  
 → remissiva  
 ~ variação ortográfica e de pronúncia

## 5.6 Entrada lexical

A entrada está em destaque, com cor diferente e em negrito, com fonte Arial 14, para o restante foi utilizada mesma fonte no tamanho 12.

O verbete tem a seguinte estrutura:

(42)

**ahara** *n.* enxada. Heu'iti ra **ahara**. "A enxada está bem afiada". Ivu'ixone ra **ahara** kavaneke. "A enxada sumiu na roça"; Inarakone ra **anzarana**. "A minha enxada quebrou". Inarakoti ra **ahara**. "A enxada está quebrada". Kiyone ra **anzarana**. "A minha enxada está ficando pequena". Vanjopiti **yaharana**. "Empresta a sua enchada".

Lema em terena. Classificação gramatical. Equivalente em português. Exemplo em terena. Tradução do exemplo em português. Nome científico no caso de lemas relacionados a fauna e flora. Remissiva. Esse é o modelo, no entanto, fazem-se necessárias algumas explicações.

Para os nomes de posse alienável apresentamos dois modelos: um para entradas referentes a fauna, flora, elementos da natureza; e outro, com possuidor não específico, como no exemplo:

(43)

**kaxe<sup>1</sup>** *n.* **1)** sol. Kotuti ra **kaxe** ko'oyene. “Hoje o sol está quente”. **2)** dia.



Fonte: Souza, 2013

**kaxe<sup>2</sup>** *n.* dia da semana. Kuaturu **kaxe** ko'oyene. “Hoje é quinta-feira”.

**ipe** *n.* cama. Inamatiko ra **ipe**. “A cama é nova”.

No caso dos nomes de posse inalienável, a entrada segue a 3ª pessoa do singular.

(44)

**ha'a** *n.* pai. Numikuxoti **ha'a** ra kalivono. “O pai da criança está pescando”. Ko'ituketi ne **nza'a** ya oyonokutike. “O meu pai está trabalhando na fazenda”. Naku ne **ya'a**?. “Cadê o seu pai?”.

O mesmo critério foi adotado para os verbos, que serão apresentados na 3ª pessoa do singular, modo realis, com aspecto imperfectivo; o critério utilizado para a escolha desse aspecto foi a maior ocorrência. A seguir, um exemplo:

(45)

**nikoti** *v.* comer. **Nikoti** ra yekoteno. “O velho está comendo”. **Nikoa** kamo ra emukaya. “O cavalo come a bocaiúva”.

Salientamos que, como no terena não há infinitivo, após discussões com os professores de língua materna, decidimos que o modelo de entrada para verbo seria esse, e que o equivalente em português seria o infinitivo. Porém, para os exemplos, não fizemos nenhum tipo de seleção, ou seja, utilizamos frases de entrevistas, de conversas informais, de

gravações, entre outras; assim os exemplos elaborados a partir desses dados, passados para a ortografia terena e conferidos com os professores em oficinas, não possuem um modelo.

Por ser um dicionário bilíngüe, temos, ao invés de definição, o equivalente; no entanto, em alguns casos, em especial com os lemas relacionados à cultura, julgamos necessário oferecer além do equivalente um texto explicativo. Em alguns casos, essa explicação aparece como definição; em outros, como nota cultural, como nos exemplos abaixo:

(46)

**uke kaxe** *n.* arco-íris em volta do sol.



Fonte: Silva, 2012.



*“Ya sasasa koeti kaxe, apeti vekeati ya xe’okuke uke ya xapa kotuti kaxe; ya koyuhoyeake viyenoaxapa terenoe, kixoekotimo eno kasati meum, uko xanena eno eveke ya tumuneke uti. Ya mopo’ati kaxe ikene motovane kuxea viyenoaxapa noxone ne uke kaxe. Enomone kixoa viyenoaxapa, kuxotinoe ko’ovokuti koyuhoyea enepora ape uke ne kaxe ya xapa eno kotuti kaxe koene’ye.”*

*Para os anciãos, quando o dia está claro, com céu limpo e um arco-íris aparece em volta do sol, é sinal que está vindo muito frio, chuva com granizo e vendaval. De acordo com a interpretação dos ancião esse fenômeno é esperado dentro de 3 dias”. (Fonte: Júlio, 2012). Quando o arco-íris está em volta do sol, circundando-o completamente é sinal de seca. Quando está parcialmente circundado, por sua vez, significa chuva.*

## 5.7 Classe gramatical

A entrada é seguida da classificação gramatical do lema, em itálico e abreviada de acordo com a tabela apresentada na microestrutura. Tal classificação, como já foi apontado, está baseada em estudos anteriores. Salienta-se que a idéia inicial era trabalhar apenas com nomes relacionados à cultura, logo apenas com a classe dos nomes; entretanto, com o



andamento do trabalho e por solicitação dos professores, foram incluídos no trabalho verbos, adjetivos e advérbios, embora saibamos que não existe ainda um estudo gramatical mais extenso sobre a língua, e que, portanto, a classificação das palavras é inconsistente, em especial no que se refere aos adjetivos. Assim, tais dados foram lematizados, uma vez que será dada continuidade ao trabalho, prevendo um aprofundamento de verbetes e aumento da nomenclatura, e mesmo não sendo o objeto inicial do nosso estudo apresentar maior variedade de classes de palavras, atendemos a uma demanda dos professores, e, portanto, lematizamos nomes (de posse alienável e inalienável), adjetivos, advérbios, numerais e verbos.

### 5.8 Empréstimos

A língua terena possui muitos empréstimos, do português e do guarani. Assim, para os lemas referentes a empréstimos, após a informação gramatical, está em *itálico* e entre parênteses, na fonte arial, a língua originária.

(47)

**mbicikeleti** *n.* [*Do Port.*] bicicleta

### 5.9 Equivalência

Para cada lema em terena, há um equivalente em português. Conforme já foi apontado no item dicionários bilíngues, a equivalência entre duas línguas é uma questão complicada, há casos por exemplo, que um lema em terena tem vários equivalentes em português, o mesmo ocorre com lemas em português que possuem mais de um equivalente em terena, esses casos foram tratados como homonímia e polissemia, sendo o primeiro com mais de uma entrada e o segundo com os equivalentes no mesmo verbete. Por se tratar de culturas diferentes, encontramos casos onde não há equivalente em português; para esses casos oferecemos uma explicação e/ou definição. Ressaltamos que a maioria dessas definições foram coletadas por nós; assim, por se tratar de uma informação cultural optamos por citar a fonte. O nome da pessoa que nos ofereceu as informações que em alguns casos é apresentada nas duas línguas; em outros casos, recorreremos à literatura. Assim, logo após a definição, apresentamos a referência.

(48)

**sukirikeono** *n.* nome de divisão da tribo Terena. Aino **sukirikeono** ne iyenonjapa. “Os meus parentes são pertencentes da classe de sukirikeono”. (→ **xumono**)



*“As metades “Sukrikiano” e “Xumonó” tem sua origem no Mito formador dos Terena, sobre o qual há varias versões. Em todas há o herói “Yurikoyuvakai” que foi partido ao meio, com foice, por sua mãe.*

*Yurikoyuvakai, depois de partido ao meio, fez surgir dois indivíduos, um da cintura para cima e outro da cintura para baixo que, fazendo surgir as duas metades Terena dintintas: os sukrikiano e os xumonó. Segundo Baltazar (2010), os Xumonó eram superiores aos Sukrikiano. As duas metades são endogâmicas e simétricas, em suas relações visíveis, sobretudo na época da colheita, destacavam-se também nas festas, na dança Kipaéxoti. Apareciam ainda em cerimônia religiosa dos “Ohókoti”, com Xamãs, geralmente um Xumonó. Cardoso de Oliveira (1976) ressalta que a festa do Ohókoti era vital para os Terena, já que fortalecia a solidariedade vital celebração da unidade entre as metades com fartura de comida. Salienta-se a importância das duas metades na organização social dos Terena. Baltazar (2010) afirma que cada metade dividia-se em três extratos sociais: “Nâti” (cacique ou chefes e suas famílias); “Wáhere Xâne” (gente ruim, gente comum) e; “Kauti” (capturados na guerra, cativos.) os sukrikiano são representados pelas cores vermelha e branco e os Xumonó pelas azul e preto”. (Fonte: Baltazar, 2010).*



Fonte: <http://www.facebook.com/photo.php?fbid=392055080905073&set=a.270709376372978.55855.100003017546739&type=1&theater>

## 5.10 Neologismo

As entradas relacionadas a nomes ou verbos que exprimem ações trazidas pelo contato com o não índio são marcados pela abreviação *neo*. Salienta-se que essas palavras às vezes são substituídas por empréstimos; sabemos que existe um trabalho dos professores com alunos do ensino médio para elaboração de nomes advindos da cultura não-india, e tais

palavras foram lematizadas, seria necessário uma explicação sobre os processos de renovação lexical, como não foi esse o escopo do trabalho optamos por registrar os neologismos e posteriormente faremos a discussão acerca do processo. Abaixo apresentamos um exemplo.

(49)

**kapuha'ikopeti** *n.* (neo) arma de fogo, espingarda, revólver. Ape ake ra **kapuha'ikopeti**. “A espingarda tem bala”. Akone ake ra **kapuha'ikopeti**. “A arma não tem mais munição”

### 5.11 Nome científico

As entradas referentes a fauna e a flora vem acompanhadas do nome científico entre parênteses e em itálico. Em muitos casos, o conhecimento do povo extrapola o registro dos guias utilizados na coletas de dados. Assim, há casos em que não há como precisar o nome científico, e às vezes não há como precisar o nome popular, como, por exemplo, os cupins, formigas, borboletas. Nesses casos, tendo objetivo maior de documentação da língua optamos por registrar o nome em terena e apresentar como equivalente a forma genérica, fato que impossibilitou seguir um único padrão. Em primeiro lugar, apresentamos a classe para todos; e os nomes científicos da espécie aparecem apenas nos lemas em que havia formas de comprovação; nos demais apresentamos a ordem ou família ou gênero. Enfatizamos que, mesmo não havendo como precisar, trouxemos o registro, haja visto que a nossa preocupação pautou-se em documentar a língua como expressão da visão que o povo tem sobre o mundo.

(50)

**herena** *n.* carandá. Oriti ne xuve **herena** yayeke. “O pé de carandá aqui é raro”. (planta, *Copernicia australis*)



Fonte: Souza, 2012.



*A folha do carandá utilizada para a confecção de artesanato como chapéu e abanico.*

## 5.12 Exemplos

Com o objetivo de apresentar o lema no contexto de uso, após o equivalente em português, apresentamos um exemplo em terena. Tais exemplos, como já foi dito, foram coletados em campo, em situações do dia-a-dia, passados para a ortografia da língua e conferidos em oficinas realizadas com os professores.

(51)

**ahikovoti** v. tomar banho. **Ahikovoti** ra kamo tangike. "O cavalo está tomando banho no açude". **Yahikapapune** yotine. "Vá tomar banho já é noite" **Ahikovotihiko** ra xopeti. "As visistas estão tomando banho". **Anjikapumo**. "Depois vou tomar banho". **Anjikapumo** kiyane'e kaxe. "Depois vou tomar banho, quando entardecer". **Anjikovoti**. "Estou tomando banho". **Ahikovoti** ra Liliane. "A Liliane está tomando banho". **Ahikoti** Lana ra Elaine. "A Elaine está dando banho na Lana". **Anjikovoti** xapa uko. "Estou tomando banho no meio da chuva". **Anjikovotimo** ikinike. "Vou tomar banho depois de você".

### 5.13 Remissivas

No final do verbete, em alguns lemas, apresentamos a remissiva, que tem por objetivo estabelecer relações de significado. As remissivas foram utilizadas para os casos em que há mais de um lema para um equivalente em português, para itens da cultura, e, nos casos como “pacu”, em que há mais de um lema, os professores sugeriram que nesses casos os dois estejam na proposta. A remissiva está entre parênteses, seguidas por uma flecha (→).

(52)

**inixoti** v. encontrar. **Inizoa** xeneke ra tikoá. “Eu encontrei um tamanduá no caminho” (→**tokopoti**)

**tokopoti** v. encontrar (→**inixoti**)

A remissiva também foi utilizada nos casos em que há um empréstimo e uma palavra na língua para o mesmo equivalente em português, como no exemplo:

(53)

**mbola** n. [*Do Port.*] bola (→ **epo'e**)

**epo'e** n. bola. Ihinokoti ra **epo'e**. “A bola está furada”. ( → **mbola**)

### 5.14 Ilustrações

Alguns verbetes possuem ilustrações. Esses verbetes, em sua maioria, referem-se a lemas relacionados à cultura terena: alimentação, artesanato, dança, brincadeiras. Tais ilustrações, sempre que possíveis, foram compostas por fotos tiradas por nós durante os trabalhos de campo e por desenhos feitos por alunos e professores indígenas. Em outros casos, foi necessário recorrer a imagens de terceiros e da internet. As fotos da internet foram utilizadas em sua maioria para lemas relacionados a fauna e flora, uma vez que captar imagens exigiria equipamentos específicos, dos quais não dispúnhamos. Entretanto, todas as fotos utilizadas foram apresentadas ao informante para conferir se realmente referia ao lema.

(54)

**kalivono** *n.* criança. Aruxuko tamuku ra **kalivono**. “O cachorro mordeu a criança”. Komohitihiko ra **kalivono**. “As crianças estão brincando”.



Fonte: Silva, 2013.

(55)

**akake** *n.* pedra usada na produção de cerâmica, para dar acabamento, polir.



Fonte: Silva, 2012



*Akake era o nome de uma concha de água doce, utilizada para dar polimento à cerâmica, atualmente diante da dificuldade de encontrar essa concha, as ceramistas tem utilizado pedras, em especial a pedra sabão.*



Fonte: <http://marcelomarks50.blogspot.com.br/2012/12/gastropoda-e-bivalva-de-agua-doce.html>

Ainda sobre as ilustrações, procuramos registrar da melhor forma possível a cultura e a realidade da aldeia. Em alguns casos, como “rituais de pajelança” e “tear”, não foi possível usar imagens atuais, uma vez que essas são práticas do passado; assim utilizamos fotos do arquivo da escola. Algumas práticas referentes à cultura não são mais realizadas como a tecelagem e a fabricação artesanal de alguns itens da alimentação, visto que para isso são utilizados equipamentos trazidos pelo contato com o não índio. Isso também explica o uso dos desenhos, visto que a alimentação e as brincadeiras tradicionais na maioria das vezes são feitas apenas em datas comemorativas.

(56)

**tipepe** *n.* abobrinha verde refogada. Itukoti **tipepe** Ludi. "A Lurdes está fazendo abobrinha refogada"



Fonte: Quintino Mendes, 2013.

O povo é conhecido pela habilidade na agricultura, que não se restringe apenas ao consumo. No quintal de suas casas ou na roça, constatamos o cultivo e consumo de laranja, banana, caju, melancia, goiaba, manga, feijão verde, maxixe, quiabo, milho, alimentos comuns na sociedade envolvente, que inclusive adquire esses produtos diretamente com os indígenas. Isto posto, justificamos o uso de imagens referentes a esses lemas.

Entrelaçando as discussões postas nas seções anteriores, buscando aplicar os aspectos teórico-metodológicos selecionados e descritos na seção IV e valendo-nos da trajetória história e linguística do povo e, em especial, dos aspectos gramaticais da língua terena, esta seção apresenta a organização da proposta de dicionário terena-português com ênfase no programa utilizado e a elaboração da macro e microestrutura explicitando e exemplificando a estrutura do verbete. Funcionando, portanto, como uma síntese aplicada dos

aspectos gramaticais, teórico-metodológicos, esta seção, para nós, representa a culminância das análises, reflexões e descreve a produção da proposta ( apêndice I) enquanto ponto de maior força e objetivo maior desta tese.

Seguem as considerações finais.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo inicial deste trabalho era abordar especificamente os itens relativos à cultura do povo terena. Entretanto, em 2012, optamos em mudar para Miranda, com o objetivo de nos aproximarmos o máximo possível do povo e da comunidade campo desta pesquisa, o que ocasionou acréscimos ao objetivo principal, dada a convivência com a comunidade, a escola e seus atores e sobretudo com anciões e demais informantes. Assim, apresentamos na proposta de dicionário, além dos itens da cultura, verbos, adjetivos, advérbios, inclusive um tratamento especial para as relações de significado – homonímia/polissemia. Na classe dos adjetivos, elencamos elementos da fauna e registramos sua articulação com a cultura a partir da sabedoria do povo. Diante da importância das relações entre língua e conhecimento tradicional para o povo, trouxemos o registro em língua terena e portuguesa.

Isto posto, ressaltamos que a proposta de dicionário por nós apresentada vai ao encontro da necessidade tanto de ampliação do conhecimento linguístico do Terena, quanto desenvolver a escrita em terena em português, por se tratar de um estudo lexicográfico bilíngue.

Baseado em estudos anteriores, nesta tese nos preocupamos em revisar os trabalhos linguísticos sobre a língua no intuito de ampliar as discussões sobre a língua terena. Nesse sentido revisitamos os estudos fonéticos, fonológicos, morfológicos e morfossintáticos da língua e analisamos o estudo lexicográfico já realizado. A convivência com a comunidade em seu cotidiano deixou-nos claro que esta tese representa parte de um todo em que há muito que se estudar e pesquisar (o que pretendemos fazer). Não se trata, pois, de uma proposta de dicionário que dê conta deste todo, uma vez que questões como os aspectos prosódicos da língua, aspectos gramaticais, sobretudo aqueles referentes às classes gramaticais exigem aprofundamento e pelo menos mais dois anos todos os dias na aldeia, uma vez que aplicação de questionários e perguntas que exigem respostas semiestruturadas não conseguem resolver. Mesmo os aspectos culturais do povo, como mito e a relação com a natureza, precisam de um maior aprofundamento, uma vez que a vivência cultural do dia-a-dia nos mostrou a riqueza e detalhes da relação língua e cultura terena.

Considerado o supracitado e procurando a melhor organização possível, o trabalho encontra-se estruturado da seguinte forma: informações sobre o povo e a língua, dando ênfase para os estudos anteriores e a análise do estudo lexicográfico já realizado; descrição da metodologia utilizada durante as etapas de desenvolvimento do trabalho; sistematização dos

estudos anteriores salientando aspectos relevantes para a elaboração dos verbetes; discussão teórica sobre a lexicografia bilíngue e a aplicação dessa na elaboração de uma proposta de dicionário bilíngue para a língua terena.

A lexicografia bilíngue é uma ciência recente e as metodologias propostas ainda não dão conta das particularidades das línguas indígenas, em sua maioria com poucos estudos linguísticos; falta de tradição escrita o que inviabiliza a elaboração de banco de dados a partir de textos escritos, exigindo a coleta de dados orais; a dificuldade de adequação dos sistemas de escrita dessas línguas nos programas de elaboração de dicionário bilíngue; inexistência de equivalentes plenos entre duas línguas, levando o lexicógrafo a mesclar a definição dos dicionários monolíngues com o equivalente dos bilíngues, leva-nos a refletir sobre a possibilidade de se criar uma metodologia específica para o trabalho com as línguas indígenas.

A importância desse trabalho está no fato de ter despertado o interesse nos professores da escola estadual e municipal da aldeia em dar continuidade ao trabalho com três mil e quinhentos lexemas por mim coletados e não utilizados nessa tese demandando elaboração de verbetes. Assim como outros, aproximadamente mil dados coletados recentemente no projeto “Ukeaku visoneu ne vemo’u” que nos foi solicitado pela direção da Escola Estadual Cacique Timóteo, por meio do Laboratório de Estudos Interculturais Indígenas Povos do Pantanal (UFMS/Câmpus de Aquidauana/Curso de Licenciatura Intercultural Indígena Povos do Pantanal, ambos inseridos na Base de Pesquisa da Diversidade Etnica e Cultural BPEC). Projeto este que dará continuidade à proposta aqui apresentada, complementando e oportunizando a discussão de questões postas nestas considerações.

Por fim, ressaltamos a importância do espaço aberto junto à comunidade para que possamos inserir os resultados desta pesquisa e os dados a serem trabalhados no ambiente da escola por meio da criação de um dicionário escolar contribuindo assim com o registro, documentação e provitalização da língua, na modalidade oral e sobretudo na modalidade escrita, haja visto que este trabalho despertou nos professores o sentimento de pertença e a necessidade de renovação lexical através da criação de palavras (apresentadas nesta proposta de dicionário) para itens da cultura não índia, anteriormente nomeados com empréstimos. Além é claro, de o uso da língua ser considerado pelos membros da comunidade como elemento fundamental na construção identitária do povo e forma de resistência Terena.

## REFERÊNCIAS

- ABBI, A. **A Manual of Linguistic Field Work and Structures of Indian Languages**. Muenchen: Lincom-Europa, 2001
- AIKHENVALD, A. Y. The Arawak language family. In: DIXON: R. M. W.; AIKHENVALD, A. Y. (Org.). **The Amazonian languages**. Cambridge: Cambridge University Press, p. 65-105, 1999.
- ALMEIDA, M. **O léxico da língua terena**: proposta do dicionário infantil bilíngue terena-português. 2005. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília- UNB. Brasília, 2005.
- AZANHA, G. **Resumo do relatório circunstanciado de identificação e delimitação da terra indígena Cachoeirinha**. FUNAI. Brasília, 24 de junho de 2003.
- BHABHA, H. K. **O local da cultura**. UFMG: Belo Horizonte, 2007.
- BASÍLIO, M.. **Teoria lexical**. São Paulo: Ática, 1987.
- \_\_\_\_\_. Em torno da palavra como unidade lexical: palavras e composições. **Veredas**, V.4, nº2, p. 9-14, UFRJ, 2000.
- \_\_\_\_\_. **Formação de palavras no português do Brasil**. São Paulo: Contexto, 2004.
- BENDOR-SAMUEL, J. T. Some Problems of segmentation in Terena. **Word**. 16. 1960, p. 348-355.
- \_\_\_\_\_. **An outline of the grammatical and phonological structure of Terena**. Brasília: SIL-AL 90, 1961.
- \_\_\_\_\_. A structure-function description of Terena phrases. **CJL** 8. 1963a. p. 59-70
- \_\_\_\_\_. Stress in Terena. **Transactions of the Philological Society for 1962**. Oxford. 1963b. p.105-123.
- \_\_\_\_\_. Some prosodic features in Terena. In: C.E. BAZELL et al. **In Memory of J.R. Firth**: 30-39. Londres: Longmans, 1966.
- BIDERMAN, M.T.C. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, A.M; ISQUERDO, A.N. (Org.). **As ciências do léxico**. Campo Grande: Editora UFMS, p. 13-22, 1998a.
- \_\_\_\_\_. Os dicionário na contemporaneidade: arquitetura, métodos e técnicas. In: OLIVEIRA, A.M; ISQUERDO, A.N. (Org.). **As ciências do léxico**. Campo Grande: Editora UFMS, p. 131-144, 1998b.
- \_\_\_\_\_. Conceito linguístico de palavra. In: **Palavra: A delimitação das unidades lexicais**, Rio de Janeiro, n.5, v.1, p. 81-87, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Teoria Linguística: teoria lexical e linguística computacional**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

- BITTENCOURT, C. M.; LADEIRA, M. E. **A história do Povo Terena**. Brasília: MEC, 2000.
- BORBA, F. da S. **Introdução aos estudos linguísticos**. 3. ed. São Paulo: Nacional, 1973.
- BRASIL. Constituição da Republica Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal, 1988.
- \_\_\_\_\_. Lei de Diretrizes e Bases da Educação: Lei nº 9.394/96. Brasília, DF, 1996.
- \_\_\_\_\_. Câmara de Educação Básica. Parecer nº 14/99. Brasília, DF, Conselho Nacional de Educação, 1999.
- BUTLER, N. E. Derivação verbal em Terena. **SIL-SL7**.1977 p.73-100.
- \_\_\_\_\_. **Modo, extensão temporal, tempo verbal e relevância contrastiva na língua Terena**. Brasília: SILEL, 1978.
- \_\_\_\_\_. The multiple functions of the definite article in Terena. **Série Linguística, SIL**, 2003.
- BUTLER, N. E.; EKDAHL, E. M. **Aprenda Terena**. v. I, v. II Brasília: SIL, 1979.
- \_\_\_\_\_. **Terena dictionary**. Brasília: SIL-AL 95. 1969.
- CAMARA JR., J. M.. **Problemas de linguística descritiva**. 16 ed. Petrópolis: Vozes, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Estrutura da língua portuguesa**. 38 ed. Petrópolis: Vozes: 2006.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, R. **Do índio ao bugre: o processo de assimilação dos Terena**. 2. ed. Rio de Janeiro:Francisco Alves, 1976
- CARVALHO, F. **O koixomoneti e outros curadores: xamanismo e práticas de cura entre os terena**. São Paulo: USP, 2008. (Dissertação de mestrado).
- CARVALHO, O. L. de S. **Lexicografia bilíngue português/alemão: teoria e aplicação à categoria das preposições**. Brasília: Thesaurus, 2001.
- DAPENA, J.P. **Manual de Lexicografia**. Madrid: Arco Libros, 2002.
- DUBOIS, J. **Dicionário de Linguística**. 9ª ed. São Paulo: Cultrix, 2004.
- EASTLACK, C. Terena (Arawakan) pronouns. **IJAL** 34: 1-8, 1968.
- EKDAHL, M.; GRIMES J. E. Terena verb inflection. **IJAL** 30. 1964. p.261-268.
- EKDAHL, M.; BUTLER, N. E. **Explicação da Ortografia Terena**. Cuiabá: SIL, 1994. (mimeo). Disponível em: <http://www.sil.org/americas/brasil/PUBLICNS/LING/TEOrtho.pdf>. Acessado em 08 de fevereiro de 2007.

FARGETTI, C. M. Pesquisa de línguas indígenas - questões de método. in: DEL RÉ, A. et al (orgs.) **Estudos linguísticos contemporâneos: diferentes olhares**. Série Trilhas Linguísticas - 23, São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013, p.115-135

FERREIRA, V.R.S. **Estudo lexical da língua Matis – subsídios para um dicionário bilíngüe**. Campinas: UNICAMP (tese de doutorado), 2005.

GARCIA, M. de S. Uma **análise tipológica sociolinguística na comunidade indígena Terena de Ipegue: extinção e resistência**. Tese de Doutorado. Goiânia: UFG, 2007.

GIVÓN, T. **Syntax: a functional-typological introduction**. v. I. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1984.

HAENSCH, G., WOLF, L., ETTINGER, S., WERNER, R. **La lexicografía de lá linguística teórica e la lexicografía práctica**. Madrid: Gredos, 1982.

HAENSCH, G. **Los diccionarios del español em el umbral del siglo XXI**. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 1997.

HALL, S. **Dá diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.

HARDEN, M. Syllable Structure of Terena. **International Journal of American Linguistics**, Vol. 12, No. 2 (Apr., 1946), p. 60-63.

ISA. Instituto Socioambiental. Povos indígenas no Brasil. Disponível em: <[www.socioambiental.org](http://www.socioambiental.org)>. Acesso em: 20 Junho 2009.

KIBRIK, A. E. **The Methodology of field investigations in Linguistics**. Paris: Mouton. 1977.

KIETZMAN, D. Tendências de ordem lexical da aculturação linguística em Terêna. **Revista de Antropologia**. São Paulo: FFLCH, USP, v. 6, n. 1, 1958.

LADEIRA, M. E. **Língua e história: análise sociolinguística de um grupo terena**. São Paulo: FFLCH, USP: 2001 (Tese de doutorado)

LANDAU, S. **Dictionaries: The Art and Craft of Lexicography**. New York: Cambridge, 1989.

LEITE, Y. F. (1981) O Summer Institute of Linguistics: Estratégias e Ação no Brasil. **Religião e Sociedade**, 7. São Paulo: Cortez: 60-64.

MAIA, M. **Manual de Linguística: subsídios para a formação de professores indígenas na área de linguagem**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Continuidade; LACED/Museu Nacional, (Coleção Educação para todos; 15), 2006.

MARCHEWICZ, R. M. **Com a palavra índios e índias: introdução ao estudo da representação no mundo terena**. Três Lagoas: UFMS/CPTL, 2006. (Dissertação de Mestrado)

MARTINS, C. R. **Fonologia da Língua Terena**. Universidade de São Paulo, 2009. (Dissertação de Mestrado)

MELIÁ, B. **Educação indígena e alfabetização**. São Paulo: Ed. Loyola, 1978.

MOORE, D. et. all. O desafio de documentar e preservar as línguas amazônicas. Publicado originalmente na revista **Scientific American** (Brasil), no. 3 (setembro de 2008), Amazônia (A Floresta e o Futuro), p. 36-43. Última atualização: 12/nov/2008.

MUSEU NACIONAL DO RIO DE JANEIRO. Formulário do vocabulário padrão para estudos comparativos preliminares nas línguas indígenas brasileiras. Disponível em: <http://www.indios.info/> acessado em 10 jun. 2007.

NASCIMENTO, G. B. N. **Aspectos gramaticais da língua terena**. Belo Horizonte, UFMG, 2012. (Dissertação de mestrado).

\_\_\_\_\_. **Aspectos da gramática terena**. Belo Horizonte, FALE/UFMG, 2009. (Trabalho de conclusão de curso).

NEVES, M. H. M. **Gramática: história, teoria e análise e ensino**. São Paulo: UNESP, 2002.

NINCAO, O.S. **Kohó yoko hovôvo/ O tuiuí e o sapo: identidade, biletamento e política linguística na formação continuada de professores Terena**. Campinas: IEL/Unicamp, 2008.

PAYNE, T. E. **Describing morphosyntax: a guide for Field linguists**. New York: Cambridge University press, 2001.

POSSENTI, S. **A cor da língua e outras crônicas de linguista**. 1a. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

PROEL. Promotora Espanhola de Linguística. Disponível em: <http://www.proel.org> Acessado em: 16/04/2009.

REIS, J.F.D. **O conflito diglótico português-terena em Limão Verde: um estudo de sociolinguística indígena**, Brasília, UNB, 1990 (Dissertação de mestrado).

RODRIGUES, A. D. **Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

\_\_\_\_\_. Sobre as línguas indígenas e sua pesquisa no Brasil. **Ciência e Cultura** 57.2:35-38. 2005.

ROSA, A. M. Aspectos Morfológicos do Terena (Aruák). Três Lagoas: UFMS/CPTL, 2010. (Dissertação de Mestrado)

SAILDP. Projeto de documentação das línguas indígenas da América do Sul, 1987.

SANDALO, M. F. S. Morfologia. In: MUSSALIN, A. C. B. (orgs.). **Introdução a linguística: domínios e fronteiras**. V.1 5 ed. São Paulo: Cortez, 2005, p.193-220.

SAMARIN, W. J. **Field Linguistics: a guide to linguistic Field work**. New York, London, San Francisco: Holt, Rinehart and Winston. 1967.

SANROMÁN, A. I. A microestrutura dos dicionários. Disponível em <http://scholar.google.com.br/scholar?q=%C3%A1lvaro+iriarte+sanroman&hl=pt-BR&lr=&lr=> acessado em 24 de março de 2009.

SCHACHTER, P. Parts-of-speech systems. In: SHOPEN, T. **Language typology and syntactic description**: clause structure. v. I. New York: Cambridge University Press, 1992.

SEKI, L. A linguística indígena no Brasil. **DELTA**, 1999, v.15, p.257-290. Disponível em: <http://www.scielo.br/ acesso em: 19 de março de 2007>.

SILVA, D. **Descrição fonológica da língua terena** (Aruak). Três Lagoas, MS, 2009. Dissertação (Mestrado em linguística).

SOUZA, I. de. **Koenukunoe emo'u**: a língua dos índios Kinikinau. UNICAMP: Campinas, 2008. Tese (Doutorado em Linguística).

SWADESH, M. lista diagnóstica léxico-estatística. São Paulo, 1961. Disponível em: <http://www.indios.info/> acessado em 25 de Nov. 2007.

TAUNAY, V. **Scenas de viagem**: exploração entre rios Taquari e Aquidauana no Distrito de Miranda. Rio de Janeiro, 1868.

TOURVILLE, J. The nasal morpheme of terena. In: **Licensing and the representation of floating nasals**. PHD, McGill. University: Montreal, 1991.

ULLMANN, S. **Précis de sémantique française**. Paris: PUF, 1952.

\_\_\_\_\_. **Semântica**: uma introdução a ciência do significado. 5 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.

VIEIRA, J. L. G. Terra de Cachoeirinha: conflitos e resistências na conquista do território. **Tellus**, ano 6, nº 10, abril, 2006, p. 83-94.

WEISS, H. E. **Para um dicionário da língua Kayabi**. São Paulo, 1998. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. (Tese de doutorado em linguística).

WELKER, H. A. **Dicionários**: uma introdução à lexicografia. 2. Ed. Revista e ampliada. Brasília: Thesaurus, 2005.

YAGUELLO, M. Não mexe com minha língua! In: BAGNO, M. **Norma Linguística**. São Paulo: Loyola, 2001, p. 279-283.

ZANOTTO, N. **Estrutura mórfica da língua portuguesa**. 5 ed. rev. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

ZGUSTA, L. **Manual of Lexicography**. The Hague: Mouton, 1971

Sites consultados:

<http://marcelomarks50.blogspot.com.br/2012/12/gastropoda-e-bivalva-de-agua-doce.html>



<http://www.pirenopolis.tur.br/meioambiente/herbariodigital/Boraginaceae/Cordia/glabrata>

<http://seresvivosdorn.blogspot.com.br/2010/10/cobra-verde-philodryas-olfersii.html>

<http://geografianovest.blogspot.com.br/2009/11/mundo-arvore.html>

<http://www.flickr.com/photos/andrebenedito/2971950203/>

<http://fazendaalegria.blogspot.com.br/p/galeria-de-fotos.html>

<http://clubinhodoterere.blogspot.com.br/2012/04/historia-do-terere.html>

<http://www.remedio-caseiro.com/aplicacoes-do-oleo-de-cedro/>

<http://coisadezootecnista.blogspot.com.br/2011/02/ema.html>

[http://christiancamargo.com.br/site/modules/mastop\\_publish/?tac=Anu-preto](http://christiancamargo.com.br/site/modules/mastop_publish/?tac=Anu-preto)

<http://www.fazendasanfrancisco.tur.br/noticias/pousada-no-pantanal-sul-ms-brasil-surpresa-no-quintal/973/>

<http://www.clubedapescaria.com.br/peixe/traira-lobo-tararira>

<http://www.essaseoutras.xpg.com.br/tudo-sobre-a-anta-alimentacao-reproducao-anatomia-e-inteligencia>

<http://mdemulher.abril.com.br/dieta/reportagem/casos-de-sucesso/dieta-emagrece-21-kg-farinha- semente-abobora-635162.shtml>

<http://mariaceciliacandelore.blogspot.com.br/2011/02/guariroba.html>

<http://minhasfrutas.blogspot.com.br/2009/12/cultura-do-baru.html>

[http://faunaselvagem-marisa.blogspot.com.br/2010\\_09\\_01\\_archive.html](http://faunaselvagem-marisa.blogspot.com.br/2010_09_01_archive.html)

[http://www.guiapetecia.com.br/raca\\_400-quer+quero.htm](http://www.guiapetecia.com.br/raca_400-quer+quero.htm)

[http://raqueltur.com/galeria\\_pantanal/](http://raqueltur.com/galeria_pantanal/)

<http://aqualine.no.comunidades.net/index.php?pagina=1972591065/>

<http://www.pantanal-pousadasantaclara.com.br/photo-gallery.html>

<http://viajeaqui.abril.com.br/materias/bichos-do-brasil-mamiferos>

<http://www.facebook.com/photo.php?fbid=392055080905073&set=a.270709376372978.55855.100003017546739&type=1&theater>

<http://www.flickr.com/photos/guilhermelimadasilva/7747638996/>

<http://www.wikiaves.com.br/>, 2013.

<http://www.riosvivos.org.br/Noticia/E+tempo+de+guavira++E+festa+no+Cerrado/16743>



<http://amarnatureza.org.br/site/grilo-2,67601/>

<http://suguedes.blogspot.com.br/2012/02/bem-te-vi.html>

<http://muriqui-lacerda.blogspot.com.br/2011/11/sabia.html>

[http://3.bp.blogspot.com/\\_3lMSXToUMP0/S7td4k5L1FI/AAAAAAAAAE0/ONksgpiWhLY/s400/FA\\_abril\\_09+\(10\).JPG](http://3.bp.blogspot.com/_3lMSXToUMP0/S7td4k5L1FI/AAAAAAAAAE0/ONksgpiWhLY/s400/FA_abril_09+(10).JPG)

## APÊNDICE



**Apêndice I**  
**PROPOSTA DE DICIONÁRIO**  
**TERENA-PORTUGUÊS**





A



139



FONTE: DENISE SILVA

# ARUNOE





**aha'axoti** v. 1) gostar. **Aha'axo** onju ra osoneti xupu. "Meu avô gosta de mandioca assada"; **Anza'axo** ningea xupu. "Eu gosto de comer mandioca". 2) gostar de alguém. **Aha'axo** eno ra kalivono. "Minha mãe gosta de criança". (→ **ako omotova akovo, oyokoti, yomoti**)

**ahara** n. enxada. Heu'iti ra **ahara**. "A enxada está bem afiada". Ivu'ixone ra **ahara** kavaneeke. "A enxada sumiu na roça"; Inarakone ra **anzarana**. "A minha enxada quebrou". Inarakoti ra **ahara**. "A enxada está quebrada". Kiyone ra **anzarana**. "A minha enxada está ficando pequena". Vanjopiti **yaharana**. "Empresta a sua enchada".

**ahati**<sup>1</sup> v. preferido. **Ahati** Aronaldo xapa ihikaxovoti. "O Aronaldo é o professor preferido entre os alunos". **Ahati** nikea xupu ra Liliane. "A Liliane gosta de mandioca".

**ahati**<sup>2</sup> v. 1) desejar. 2) querer. Ako **aha** ra kalivono. "A criança não quer nada". (→ **ko'uhepuneti, uhepune**)

**ahempo** n. substituto. **Aheopo** Edilson ra Marcolino. "O Marcolino é o substituto do Edilson". Ako sima ne **anjeopo**. "O meu substituto não veio".

**ahi'akoti** v. aproximar. **Yahi'akapa** ne mixonenoe. "Vocês devem aproximar dos seus vizinhos".

**ahikovoti** v. tomar banho. **Ahikovoti** ra kamo tangike. "O cavalo está tomando banho no açude". **Yahikapapune** yotine. "Vá tomar banho já é noite" **Ahikovotihiko** ra xopeti. "As visistas estão tomando banho". **Anjikapumo**. "Depois vou tomar banho". **Anjikapumo** kiyane'e kaxe. "Depois vou tomar banho, quando entardecer". **Anjikovoti**. "Estou tomando banho". **Ahikovoti** ra

Liliane. "A Liliane está tomando banho". **Ahikoti** Lana ra Elaine. "A Elaine está dando banho na Lana". **Anjikovoti** xapa uko. "Estou tomando banho no meio da chuva". **Anjikovotimo** ikinike. "Vou tomar banho depois de você".

**ahinoeti** n. empregado. Ako **anzinoe**. "Não tenho empregado" Xemeketi ra **ahionoeti**. "O empregado é eficiente". **Ahinoeti** novo ne nza'a mekuke. "Meu pai era empregado antigamente". Pihopone ra **anzinoe**. "O meu empregado foi embora".

**ahi'okovoti** v. enxugar. **Ahi'okovoti** laka'iti toalha ra kalivono. "A criança se enxugou com toalha molhada".

**ahukoti epo'eke** v. craque, bom de bola. **Ahukoti epo'exoti** ra homoehou. "O moço é um bom jogador".

**aikoti** v. picar, ralar. **Aikoti** xupu ra nza'a itukoti hihi. "Meu pai está ralando mandioca fazendo hihi". **Aingoti** soporo indukoti yukui. "Estou ralando milho para fazer pamonha".

**aka aka** n. cafezinho (ave, *Jacanidae*)

**akake** n. pedra usada na produção de cerâmica, para dar acabamento, polir.



Fonte: Silva, 2012



*Akake era o nome de uma concha de água doce, utilizada para*



dar polimento à cerâmica, atualmente diante da dificuldade de encontrar essa concha, as ceramistas tem utilizado pedras, em especial a pedra sabão.



Fonte:

<http://marcelomarks50.blogspot.com.br/2012/12/gastropod-a-e-bivalva-de-agua-doce.html>

**akane** *n.* canto. Enepone **vakene** luminguke mbiu koe ipuhikea. "O canto que cantamos domingo saiu bem". (→ **imokovoti**)

**akapeti** *n.* quintal. Eno tapi'i **akapetike**. "Tem muita galinha no quintal". Keha'ixa ne **akapeti**. "Vai varrer no fundo do quintal".

**akasurako** *v.* dar coice. **Akasurako** tamuku ra kamo. "O cavalo deu um coice no cachorro".

**akau** *n.* denominação para alguém que está sendo explorado por outro, escravo. Koati itikoati **yakau** ra yamori. "Você está de escravo do seu neto".

**akaya** *n.* fruto do mato, parecido com a seriguela. Itiveti ne **akaya**. "A seriguela é doce".

**ake<sup>1</sup>** *n.* 1) semente. Ape **ake** handea. "A melancia tem semente". Pu'itinoe **ake** ra xuve manga. "A semente da manga é grande" ≈ **ake noneti** semente utilizada na agricultura. Eno **ake noneti** induke. "Tenho muitas sementes". (→ **nakati**) 2) munição, bala de armamento, pedra de estilingue. Ako **ake** ra kapuha'ikopeti. "A espingarda esta sem bala".

**ake<sup>2</sup>** *n.* órgão genital masculino.

**akeneke** *adv.* atrás. **Akeneke** vekinoa hoyeno isukea ra tamuku. "O homem bateu no cachorro por trás". Aneko **akeneke** computador ra celular. "O celular está atrás do computador".

**akeneti** *n.* 1) música. Uhe'ekoti **akene** ra arunoe imokovo. "A música cantada pela moça é bonita". Uhe'ekoti **akene** ra Elias Silva. "A música do Elias Silva é bonita". Ako aunati ne **angene**. "O meu canto não saiu bem". 2) canto dos pássaros. Uhe'ekoti **akene** ra xorexo. "O canto do sabiá é bonito"

**akere** *n.* [Do Port.] alqueire.

**ako** *adv.* não. **Ako** mbiha mirandake. "Não vou para Miranda". Yekotixone uti **akone** vaxuna. "Quando envelhecemos não temos mais força". **Ako** exa kayumakea ra hoyeno. "O homem não sabe contar". **Ako** axuxapa ne ovoe. "O jabuti não tem velocidade". **Ako** kama ne hoyeno. "O homem é teimoso". **Akone** kama ne yekoteno. "O velho não escuta mais". **Ako** pike ya yoti. "Não tenha medo à noite". **Ako** vaxuna. "Não temos força". **Ako** enja ngoyuhoyiea. "Eu não sei falar terena". **Ako** enja simea ne eungo. "Não fiquei sabendo da vinda do meu tio". **Akopikea** ra tamuku. "Não tenha medo do cachorro".

**akoahikapu** *adv.* perto. **Akoahikapu** ne ihikaxovokuti. "A escola é bem perto".

**akoaixoke** *adj.* não é bonito. **Akoaixoke** ne arunoe. "A moça não é bonita".

**akomalika** *adv.* longe. **Akomalika** ne yovoku. "Você mora longe". **Akomalika** ovoku ra guavira. "A guavira está muito longe".



**akoomotova akovo** v. gostar, amar. (→ **aha'axoti**, **oyokoti**, **yomoti**)

**ako'oneoxo** adj. importante. **Ako'oneoxo** ra koeku simeahiko ra ndutuhiko mbiokoe neoxo koeku xapa xanehiko. “A vinda dos médicos é muito importante para a comunidade”.

**akone** não tem mais. **Akone** xupu. “Não tem mais mandioca”. **Akone** une. “Não tem mais água”. **Akotine** wavira. “Já não tem mais guavira”. **Akotine** apeti. “Não tem mais nada”.

**alukaxoti** v. [*Do Port.*] alugar. **Alukaxoti** ovokuti pitivokoke. “Ela vai alugar uma casa na cidade”.

**alu'okoti** v. subir. **Alu'okoti** ra kalivono tikotike. “A criança está subindo na árvore”. **Alu'ukoa** kalivono ne xuve araha. “A criança subiu no pé de goiaba”. **Alu'okoti** arahake ra Libi. “A Libi subiu no pé de goiada”. **Alu'ongoti** xuve araha. “Estou subindo no pé de goiaba”. **Alu'ongotimo** mopoike. “Vou subir no monte”. **Alu'oko** mangake ra Elaine. “A Elaine subiu no pé de manga”. (→ **hu'okoti**)

**amatitiko** v. empurrar. **Amanditikoa** ra caminhão. “Eu empurrei o carro”.

**amavo'uti** n. pano utilizado para pegar objetos quentes. **Amavoum** ra veomboti xuruno. “Eu peguei a panela com o pano”.

**ameno** n. sobrinho. **Ameno** ra Lana. “A Lana é minha sobrinha”. (→ **nevo**)

**amori** n. neto. Komóhiti mote ne **yamori**. “O seu neto está brincando com a terra”. Ako teya **amori** ra yekoteno. “O neto não respeita seu avô”. Ihikaxovoti ra **amorim**. “O meu neto está estudando”. (→ **amoseno**)

**amoseno** n. neto. Eno **amoseno** ra Aristides. “O Aristides tem muitos netos”. (→ **amori**)

**amuhuxovo okovo** n. cólica. **Amuhuxovo okovo** ra Marlene. “A Marlene está com cólica”.

**amurukexoti** v. mastigar. **Amurukexoati** ra caramelo. “Ela está mastigando bala doce”.

**amuxukoti** v. misturar. **Amuxukoti** mote ra teno. “Minha Irmã está misturando a terra”. (→ **ketukoti**)

**ana<sup>1</sup>** n. tubérculo, raiz. Tiuti **ana** ne xupu. “A raiz da mandioca é dura”. Pu'itinoe **ana** ra xupu. “A raiz da mandioca é grande”. **Ka'anatine** ra xupu. “O mandiocal já tem raiz, já está dando mandioca”. (→ **poeheve**)

**ana<sup>2</sup>** n. 1) pulga. Eno **ana** ra mbeyo tamuku. “O meu cachorro tem muita pulga”. 2) piolho

**anakehe** n. cotia. Xuxapati ne **anakehe**. “A cotia é rápida”. Eno **anakehe** kavaneke. “Tem bastante cotia na roça”. (mamífero, *Mustelídeo*)

**anane** adj. inimigo. **Anane** novo tereno ra kaxeono mekuke. “Os paraguaios eram inimigos dos terena no passado”. **Anane** tereno ra kaxeonohiko. “Os terenas eram inimigos dos paraguaios”.

**aneko** v. estar 1) **Aneko** mirandake ra Ana. “A Ana está lá em Miranda”. (→ **ixomone**, **ovohehexoti**) 2) ter. **Aneko** xo'opeti simoti yovokuke. “Tem visita na sua casa”. (→ **ape**)

**anu anu** n. gambá. Nikoa marakaya ra **anu anu**. “O gato come gambá”. Xunati ihopune ra **anu anu**. “O gambá





tem cheiro forte” (mamífero, *Didelphidae*)

**anu'ukoti** v. ultrapassar. **Anu'úkotimo** po'inu ra kalivono. “A criança vai ultrapassar seu irmão”. **Anu'ukoa** tamuku ra kamo ehakovo. “O cachorro ultrapassou o cavalo quando correu”. **Anu'ungoati** ra ovoti ndumuneke. “Vou ultrapassar o que está na minha frente”. **Anu'ukovi** ra onibu. “O ônibus nos ultrapassou”. **Anu'ukonu** ra inzine. “Minha filha já passou de mim”.

**anuti** n. pescoço. Kohoneti ra **anum**. “O meu pescoço está doendo”. Ikhonexo **anuti** ra ngiripi. “A gripe causa dor de garganta”.

**apahurikovoti** v. escorregar. **Apahurikovo** ra kalivono yomomoke. “O menino escorregou na lama”. **Apahurikovoti** ra hovenoen. “A velha escorregou”.

**apaka** n. fígado. Kohoneti ra **ambakana**. “O meu fígado está doendo”. **Apakana** karine ra hoyeno. “O homem está doente do fígado”. Uheti ra **apakana** vaka. “O fígado da vaca é gostoso”. **Apaka** itikamo xanena nakaku enoti hevoena. “Vai fazer fígado com arroz e bastante cebola”.

**ape** v. ter. **Ape** xupu kavaneke. “Tem mandioca na roça”. **Apeko** manga. “Ainda tem manga”. **Ape** simoti ko'oyene. “Alguém veio hoje”. **Apeko** veane ramoko? “Ainda tem farinha pra vender?” **Apemaka** sopro kavaneke. “Também tem milho na roça”. **Apemaka** xe'exa. “Ele também tem filho”. **Apene** maxixe kavaneke. “Já tem maxixe na roça”. **Apenovo** noneti nakaku kavaneke. “Antigamente tinha plantação de arroz”. **Apenovo** peyo kamo ra nza'a. “Antigamente meu pai tinha cavalo”. **Apetimo** ho'uxovoti

ko'oyene. “Haverá reunião hoje”. **Apetimo** mbulo koyene. “Vai ter bolo hoje”. (→ **aneko**)

**apene<sup>1</sup>** n. parceiro, par. Ako exa hyokexea **apene** ra seno. “O parceiro dela não sabe dançar”. Ako sima **apene** ra'a. “A parceira dele não veio”. (→ **yapene**)

**apene<sup>2</sup>** v. 1) pare. **Apene** keyuhoi. “Pare de falar”. (parar → **okoti**, **yapene**) 2) chega. **Apene** ke'itukeyi. “Chega de trabalhar”. (chegar → **yapene**, **seopoti**, **simoti**)

**apepe<sup>1</sup>** n. época de fruta. Ape **apepe** ra manga. “Está na época de manga”.

**apepe<sup>2</sup>** v. nascer. Xapa ihuxopeti **ambeyea**. “Nasci no dia dos finados”.

**api'ixoti** v. Ter duas. **Api'ixoti** ihine ra Vânia. “A Vania tem duas meninas”.

**api'okoti** n. benzedor. **Api'okoti** novo ra nza'ikene. “Meu pai era benzedor”. (→ **pa'axovoti**)

**apikoti** v. 1) assoviar 2) assoprar. **Apikoti** etakati. “Tocando flauta”. **Apikoti** vela ra Vania. “A Vânia assoprou a vela”.

**apikuxo okovo** v. reprovar. **Apikuxo ongo** ra iseneu. “Não aprovo sua idéia”.

**apiniku** n. 1) ipê roxo. Uhe'ekoti hiu ra **apiniku**. “A flor do ipê roxo é bonita”. 2) piúva. Uhe'ekoti hiu ra **apiniku**. “A flor da piúva é bonita” 3) para-tudo. Hanai'iti xuve ra **apiniku**. “O tronco do para-tudo é grande”. (planta, *Bignoniaceae*)

**apukuti** n. topo da cabeça, moleira. Mumuya koye **apuku** ra Lana. “A moleira da Lana está mole”.





**apurukoti** v. cuspir. **Apurukeoti** ha'a ra Vitoria. "A Vitória cuspiu no olho do pai dela".

**araha** n. goiaba. Itiveti ra **araha**. "A goiaba está doce". (planta, *Psidium guajava*)



Fonte: Silva, 2013.

**arame** n. [Do Port.] arame usado para cercar terrenos.

**aramuku** n. mutuca, mosquito grande que ferroa. Kotiveti yutokea ra **aramuku**. "A ferroada da mutuca dói". Eno **aramuku** hoykuke. "Tem muita mutuca no mato". Kotiveti yotokea ra **aramuku**. "A mutuca ferra doído". (inseto, *Tabanidae*) (~ **arumuku**)

**aramusa** n. [Do Port.] almoço, hora de comer. Itukotimo **aramusa** ra Marlene ikeke lumingo. "A Marlene fará almoço domingo".

**aramusakoti** v. [Do Port.] almoçar. **Aramunzako** ovokuke eno ko'oyene. "Eu almocei na casa da minha mãe hoje". **Aramusako** ra xopeti ovonguke. "As visitas almoçaram na minha casa".

**araukoti** v. nadar. **Araukoti** ra tamuku tangike. "O cachorro está nadando no açude". **Araukotihiko** tanguike ra kalivono. "As crianças estão nadando no rio". **Araungoti** tangike. "Estou nadando no açude".

**arekoti** v. colher. **Arekoti** kareuke ra Aristides isaneke. "O Aristides colheu feijão na roça".

**arineti**<sup>1</sup> n. 1) doença. Vahere **arineti** ra dengue. "A dengue é uma doença ruim". Koati **varine** ko'oyene ra dengue. "A nossa doença do momento é a dengue". (→ **ka'arineti**) 2) ferimento

**arineti**<sup>2</sup> n. 1) menstruação. 2) sangramento. Akotine **arineti**. "Não tem mais sangramento".

**arumo** n. piranha. Eno **arumo** huveoke. "Tem muitas piranhas no rio". Eno ave ra **arumo**. "A piranha tem bastante espinho". Heu'iti oe ra **arumo**. "O dente da piranha é afiado" (peixe, *Serrasalminae*)

**arunoe** n. moça. Exoketi ra **arunoe**. "A moça é bonita". Piho mindandake ra **arunoe**. "A moça foi para Miranda".



Fonte: Silva, 2010.

**arunoe kosiu** n. tipo de formiga. Kotiveti yutokea ra **arunoe kosiu**. "A ferroada da formiga dói".

**arunoexoti** v. está ficando moça. **Arunoexotine** ra inzine. "A minha filha está ficando moça". **Arunoexotine** ra Libi. "A Libi está ficando moça".

**aruxukoti** v. morder. **Aruxuko** tamuku ra kalivono. "O cachorro mordeu a criança". **Aruxukoti** marakaya ra tamuku. "O cachorro está mordendo o gato".



**asako** *n.* frio. Kotu muyo ra kalivono voku **asako** une ra riu. “A criança está com febre por causa da água fria do rio”. (→**kasati**)

**asurupi** *n.* intestino. Enovoti **asurupi** ipixa ne monguexa. “Minha irmã toma remédio para o intestino”

**atahixoti** *v.* estragar. **Atahixoti** ra hoe. “O peixe estragou”. (→**kausayu'ixoti**)

**ataparukovoti** *v.* tropeçar. **Ataparukovoti** mopo'i ra Elaine ano novoke. “A Elaine tropeçou na pedra no ano novo”.

**ati** *n.* irmão mais novo. Komohiti ra **ati**. “Meu irmãozinho está brincando” Ako'o ra **ati**. “O meu irmãozinho não está”. **Ati** yasmim ra Vitoria. “A Vitória é a irmã caçula da Yasmim”. **Serati** ra andi. “O meu irmãozinho é chorão”. Enepone **yati** omexovone ikene otu ya kavaneke. “O seu irmão fugiu com vovô na roça”. Enepone **yatihiko** pihone ya tangike araukoponoti. “Os seus irmãozinhos foram para o açude nadar”.

**atihikoti** *v.* espirrar. **Atihiko** ra Elaine. “A Elaine espirrou”.

**atupu** *n.* [Do Port.] adobe, tipo de tijolo.



Fonte: Silva, 2012



*Atupo ou adobe é um tipo de tijolo, feito de forma artesanal com*

*barro e capim utilizado para a construção de casas.*



Fonte: Silva, 2012

**atuti<sup>1</sup>** *n.* pus, secreção produzida por infecção. **Katuti** keno ra Lana. “A Lana está com pus no ouvido”.

**atuti<sup>2</sup>** *n.* sumo. Homoxo **atu** motoki ra limao. “O sumo da casca do limão mancha”.

**au'okoti** *v.* moer. **Au'okoti** takure'i ra nza'a. “Meu pai está moendo cana-de-açúcar”. **Au'ongoti** takure'i. “Estou moendo cana-de-açúcar”.

**auhixovoti** *v.* enrolar. **Auhixoti** mareso ra Marlene. “A Marlene enrolou a corda”.

**aukopovope** *n.* retorno. Vupakinoa unatiyea **aukopovope**. “Desejamos um bom retorno”.

**aukovoti<sup>1</sup>** *v.* repetir. **Aungovoti** ningea. “Eu vou repetir”.

**aukovoti<sup>2</sup>** *v.* voltar. **Aukovo** pitivokoke. “Ele vai voltar para a cidade”.

**aupu'ikoti<sup>1</sup>** *v.* embrulhar. **Aupu'iko** iparaxope ra ongo. “A minha tia embrulhou um presente”.

**aupu'ikoti<sup>2</sup>** *v.* 1) mentir. **Aupu'ikoti** ne Vania. “A Vânia está mentindo”. **Aupu'iko** ose ra kalivono. “A criança mentiu para sua avó”. 2) enganar.



**Aupu'ikoti** eno ra Elaine. “A Elaine está enganando a sua mãe”.

**aupu'iuti** *adj.* enganado. **Aupu'iuti** ra yekoteno. “O velho foi enganado”.

**ava** *v.* ficar. Ako **ava** ne xo'opeti. “A visita não quer ficar”. Akomo aunati **ava** oukeke. “Não vai ficar bom se deixar em cima”. (→ **irikovoti**, **ovaneti**)

**avaina** *adv.* talvez. **Avaina** mbiha. “Talvez eu vá”. **Avaina** keva uko koyene. “Talvez vai chover hoje”.

**avane** *v.* deixar. **Avane** ako pihe pitivokoke. “Deixe de ir na cidade”. **Avane** ne ngake. “Deixa meu brinco”. (→ **kurikoti**, **sikeane**)

**ave** *n.* espinho. Ape **ave** xuve ra naranga. “A laranjeira tem espinho”. Ape **ave** ra hoe. “O peixe tem espinho”. (→ **itapa**, **tope**)

**avekopeti** *n.* volante. Eheko **avekopeti** na caminhão. “O volante do caminhão saiu”.

**avekoti** *v.* dirigir. **Avekoti** avo exoti ne ayom. “Meu irmão ainda não sabe dirigir”.

**avirereokovo** *v.* enrolar. **Avirereokovo** voso ra Marlene. “A Marlene enrolou a linha”.

**avo** *adv.* ainda não. **Avo** mbiha kavaneke. “Ainda não fui pra roça”. **Avo** sima ra xopeti. “A visita ainda não chegou”. **Avo** mbihapa ovonguke. “Ainda não vou para a minha casa”.

**avuheovo** *n.* embaraçado. Ina **avuheovo** tuti ra Marli. “O cabelo da Marli esta embaraçado”.

**avukekovo** *n.* pássaro mítico da cultura Terena.



Fonte: Julio, 2011.

*Quando as crianças ficam brincando fora de hora, um pássaro mítico, parecido com um gavião vem pegar as crianças com suas garras e as leva embora.*

**axivanaka** *n.* dourado. Hana'itinoe ne hoe **axinavaka** ya huveoke. “Tem dourado grande no rio” (peixe)

**axuka** [*Do Port.*] *n.* 1) açúcar. 2) rapadura. Itiveti ne **axuka**. “A rapadura é doce”. Tiu'iti **axuka**. “A rapadura é dura”.

**axupako** *v.* amassar. **Axupako** ko'e ra Marlene. “A Marlene amassou batata”. **Axupakinoa** Marlene ko'e ra Lana. “A Marlene amassou batata para a Lana”.

**ayaine** *n.* baba. (→ **kayaineti**)

**ayatokoti** *n.* travesseiro. Pu'iti **oyotoko** ne hoyeno. “O travesseiro do homem é grande”.

**ayeno** *n.* primo. **Ayenona** Marlene ra Evanice. “A Evanice é prima da Marlene”.

**ayo** *n.* irmão. Enepora **vayo** pihone ko'itukeyea. “O nosso irmão foi trabalhar”. Peturu koeha **ayo** ne Maria. “O irmão da Maria se chama Pedro”.





Uporiti ne **anyon**. “Meu irmão é magro”. Eyevoti ne **ayom**. “O meu irmão é alto”. Enepone **yayo** oposiheoti yotike. “O seu irmão foi caçar ontem a noite”.

**ayu** *n.* [Do Port.] alho. Uheti ne hopu'iti nakaku xanenake **ayu**. “O arroz branco temperado com alho é gostoso”. (planta, *Allium*)

**ayuiti** *n.* festa, comemoração. Eno **ayuiti** ya kohea njuniu Mbokotike. “Tem muitas festas, comemorações no mês de junho na Cachoeirinha”. Uhe'ekoti ne **ayuim**. “A minha festa foi bonita”. Uhe'ekoti **ayui** ra Liliane. “A festa da Liliane foi bonita”. **Ayuitike** yonohiko ra xanehiko. “As pessoas estão indo pra festa”. Avaina ako itopa uko ra **vayui**. “Tomara que a chuva não atrapalhe a nossa festa

**ayuyupu'ikovoti**. *v.* Mexer os cabelos. **Ayuyupu'ikovoti** homo tutiye ra Marlene. “A Marlene está pintando os cabelos”. (mexer → **ehevokovo**, **vivirikoti**)





148



FONTE: DENISE SILVA

# ETAKATI



**eem.** *adv.* sim

**ehakovo** *v.* apressar-se. Enzakovoti voku **ehakovoti** ra Marlene. “Estou apressado porque a Marlene está com pressa”.

**ehakovoti** *v.* correr. **Ehakeovoti** tamuku ra kalivono. “O menino correu do cachorro”. **Ehakovoti** ra kalivono. “A criança está correndo”. **Ehakovoti** yone a ne ihikaxoti. “O professor anda rápido”. (~ **ihakovoti**)

**ehea'i** *n.* lêndea. **Ehea'i** tutiye ne ati. “Meu irmãozinho tem lêndeadas no cabelo.”

**eheheko** *v.* serrar madeira. **Eheheko** tikoti motovoati veyá tikotina peti ra Juca. “O Juca serra madeira para a casa”.

**ehehekopeti** *n.* 1) serrote 2) moto-serra. Inati ra **ehehekopeti**. “A moto-serra é pesada”.

**ehehepixoti** *v.* raspar. **Ehehepixoti** xupu ra Marlene itukoti hihi. “A Marlene está raspando mandioca para fazer hihi”. (→ **xaririkoti**)

**ehekoti** *v.* sair. **Eheko** perekuna ra pangu. “O prego do banco saiu”. **Eheko** pneu na ivue. “O pneu do carro saiu”. **Eheko** o'e ra kalivono. “O dente da criança saiu”. **Eheko** yukuna ra ivueti. “Saiu fogo do carro”.

**eherukoti** *v.* erguer. **Eherukoti** Elaine ra Lana. “A Elaine ergueu a Lana”

**eheuko** *v.* falar português. **Nzeuko**. “Eu falo português”.

**ehevokovo** *v.* mexer. **Ehevokovo** ra kalivono imokoti. “A criança que está dormindo se mexeu”. (→ **vivirikoti**)

**ehoixea** *n.* mata fechada. Akotine **ehoixea** Mbokotike. “Já não tem mais mata fechada na Cachoeirinha”.

**ekasati** *adj.* risonho. **Ekasati** ra Lana. “A Lana é risonha”. (rir → **ekovoti, uhe'eti**)

**ekati** *n.* bebida. Aneko **eka** ne hoyeno. “O homem tem a sua bebida”. Eno kixoaku **eka** ra hoyeno. “O homem está de ressaca”. Uke'ene **ekati** yara kavanevoti. “Não tem mais bebida nesse bolicho”. Kotuti ra **enga**. “A minha bebida está quente”. Kotutine ra **veka** une. “A nossa bebida já está muito quente”. (→ **orekati**)

**eke'exovoti** *v.* desprezar. **Ehe'exovoko** Ana iparaxope ra ongo. “A Ana desprezou o presente da minha tia”

**ekeruva** *n.* tipo de planta trepadeira. Pu'iti hai ra **ekeruva**. “A fruta da ekeruva é grande”

**eketokoti** *v.* arrebentar. **Eketoko** maresona ra kamo. “A corda do cavalo arrebentou”.

**ekeyokoti** *adj.* torto. **Ekeyokoti** ra tikoti. “A árvore é torta”.

**ekeyopeoti** *v.* entortar. **Ekeyopeoti** ra havava. “O ferro entortou”.

**ekovo'iti** *n.* risada. Kemo **ekovo'iti**? “Você está escutando a risada?” (→ **ekovoti, uhe'eti**)



**ekovoti** v. 1) rir 2) sorrir. **Ekovoti** ra xanehiko. “As pessoas estão sorrindo”. Koati **vekovoti** ho'uxovo uti. “Quando nos reunimos rimos muito”. **Yekovo** nexoa ne xi'ixa komohiyea xapa yomomo. “Você riu quando seu filho estava brincando no meio da lama”. (→ **ekovo'iti**, **uhe'eti**)

**ekoxoti** v. 1) enterrar. **Ekoxoti** nika ra tamuku poke'eke. “O cachorro enterrou a comida”. **Ekoxoati** tamuku ra nika opeti. “O cachorro enterrou osso” 2) sepultar. **Ekoxopovone** ra ivokovoti. “O defunto foi sepultado”.

**eleke** n. panela. Sasaketi ra **elengena**. “Minhas panelas estão limpas”. Eno **elekena** ra onze. “A minha avó tem muitas panelas antigas”.



Fonte: Silva, 2013

**elelemu** n. micuim, carrapato pequeno. Eno **elelemu** muyokuke ra kalivono. “A criança tem muito micuim no seu corpo”. Eno **elelemu** gramake. “Têm muito micuim na grama”.

**eloketi okovo** adj. feliz. **Eloke ongovo** koeku siminoe. “Estou feliz que vocês vieram”. **Eloketi okovo** ne xanehiko. “As pessoas estão felizes”.

**emeuxa** n. 1) área. Oro'okovoti **emeuxa** ra oyonokuti. “A área da fazenda pegou fogo”. Hana'i'iti **emeuxa** ra oyonokuti. “A área da fazenda é grande”. 2) território (→ **poke'e**)

**emo'uti<sup>1</sup>** n. palavra, fala. Xunati ra **emo'uti** kamone uti. “A palavra que ouvimos é muito forte”. Enopora **yemo'u** mbiu koe xapakuke ra xanehiko. “A sua fala foi muito boa no meio do pessoal”.

**emo'uti<sup>2</sup>** v. falar. Poehaxo ra **emo'um**. “Eu falo uma vez só”. (→ **koyuhoti**)

**emotoi** n. moita. Aneko ho'openo he'onovoti yara **emotoi**. “Tem um bicho escondido nessa moita”.

**emukaya** n. bocaiúva. Ulupu'iti ra **emukaya**. “O fruto da bocaiúva é fácil de se chupar”. Eyevoti heve ra **emukaya**. “O pé de bocaiúva é alto”. (planta, *Areaceae*) (~ **imukaya**)



Fonte: Silva, 2013



*O fruto da bocaiúva é utilizado para fazer mingau e a castanha é consumida crua ou torrada e socada no pilão com farinha de mandioca e sal.*







"MINGAU DE BOCAIÚVA" Fonte: Quintino Mendes, 2010.



"CASTANHA DE BOCAIÚVA TORRADA E SOCADA NO PILÃO COM FARINHA E SAL". Fonte: Quintino Mendes, 2010.

**enekoti** v. aconselhar. **Enekoti** amoseno ra yekoteno. "O velho está aconselhando seus netos". (→ **saya'ikoti**)

**eneoti** v. cacarejar. **Eneoti** ne tapi'i koputukotimea. "A galinha está cacarejando deve estar botando ovo".

**eneya** n. canto do pássaro. Oyongoa **eneya** ra vituka. "Gosto do canto do bem-te-vi".

**eniuti** n. sozinho. **Eniuti** ra kalivono. "A criança ficou sozinho" (→ **pohoxovoti**)

**eno<sup>1</sup>** n. mãe. Enepora **veno** yonoti. "A nossa mãe está viajando". Pitivoko yono **eno** ra'a. "A mãe dele foi pra cidade".

**eno<sup>2</sup>** 1) muito 2) bastante. **Eno** yeho hoe. "Você pegou bastante peixe".

**eno<sup>3</sup>** cheio. **Eno** huveoke. "O rio está cheio" (→ **ipuhikoti**)

**enomea** n. cunhado. Ko'ituketi ra **enomeam**. "Meu cunhado foi trabalhar".

**enovopeti** n. copo. Yekotenone ra **enovopeti**. "O copo já é velho". Ape une **enovopetike**. "Tem água no copo".

**enovoti** v. beber. **Yenovo** une xoko yukopeaku xe'opeyi. "Você bebeu água onde você foi visitar". **Enovoti** une ra ho'openo. "O pássaro está bebendo água". **Enovoti** ipixa ne seno. "A mulher toma o remédio". **Enovondi** une. "Estou bebendo água". **Enovati** Aronaldo ra kuma. "O Aronaldo vai beber cachaça". Koati **venovoti** kiyakaxeke. "Nós bebemos mesmo ontem". (→ **orekoti**)

**enoxaka** n. madrasta. Kohe'exovoti seno **enoxaka** ra homoehou. "A madrasta do moço é uma mulher boa".

**epeakoti** n. temporal. Harakene **epeakoti**. "Vem vindo um temporal".

**epekopi** v. sentir. **Epekoa** himakati ra Liliane. "A Liliane está com fome". (→ **kasaxoti**)

**epemoti** v. pedir. **Epemoti** nika ra mbeyo tamuku. "O meu cachorro está pedindo comida".

**epevokopeti** n. sombra. Uhepeti **epevokopeti** ra xuve inga. "O pé de ingá tem uma sombra gostosa".

**epo'e** n. bola. Ihinokoti ra **epo'e**. "A bola está furada". (→ **mbola**)

**epo'exoti** v. 1) jogar bola. **Epo'exoti** ra kalivonohiko. "As crianças estão jogando bola". 2) chutar. **Epo'exoti** ra kalivono. "A criança chutou a bola".

**erendakakai** n. minhoca. **Eno erendakakai** ya ike uko. "Tem





muitas minhocas depois de uma chuva”.

**esa'i** *n.* preço. Kohepiti **esa'i** ra ipovoti. “O preço da roupa é muito caro”.

**etakati** *n.* taquara. Hana'itinoe ra **etakati**. “As taquaras que você cortou são grandes” Hana'itinoe heve ra **etakati**. “Os pés de taquara são muito grandes”



Fonte: Silva, 2013

**etakati koixoe** *n.* Jiboia (réptil, *Boa constrictor*)

**etakati oxopeti** *n.* flauta. Kalisoti ra **etakati**. “A flauta é fina” (→ **huxo'e etakati**)



Fonte: Silva, 2010.



*A flauta confeccionada de forma artesanal com taquara é um dos principais instrumentos musicais do povo; acompanhada pelo pepeke, dá ritmo às danças tradicionais.*

**etarukure** *n.* baia grande. Ako malika ovoku ne **etarukure**. “A baia grande fica muito longe”.

**etaruma** *n.* [Do Port.] tarumã. Xunati ihopune ne **etaruma**. “O tarumã possui um cheiro muito forte”. (planta, *Vitex montevidensis*)

**etetea re'i** *n.* pimenta-do-reino. Uheti ne peixou xanena **etetea re'i**. “O feijão que é temperado pela pimenta do reino é muito gostoso”. (planta, *Piper nigrum*)

**eto'okoti** *v.* avisar. **Eto'okoviti** ra xanehiko apeyeamo yuhumu'okovoti iharotike. “As pessoas foram avisadas que amanhã terá vacina”. **Eto'okoa** nati ra xanehiko seopea ne cesta basica ko'oyene. “O cacique avisou as pessoas que hoje vai chegar cesta básica”. **Eto'okoati** onju ne nza'a numikuxea iharotike. “O meu avô está avisando meu pai que vai pescar amanhã”. **Eto'okoponoati** ati ra onju isukea vaka ne nza'a. “Meu irmãozinho foi avisar o avô que meu pai está carneando”. **Eto'oponoatimo** mongexa ne ongo apeyea yuhumu'okovoti ko'oyene. “Minha irmã vai avisar a tia que hoje vai ter vacina”. **Eto'okoti** xanehiko ne nati apeyeamo ko'ituketi ruake iharotike. “O cacique está avisando as pessoas que amanhã vai ter faxina na rua”. **Endokoa** ra Marlene mbiheamo. “Eu avisei a Marlene que vou lá”. **Endo'okoti** apeyeamo ho'uxovoti. “Estou avisando que vai haver reunião”.

**etuku** *n.* trem. **Etuku** veko ne ko'ituketihiko. “Os trabalhadores foram de trem”.

**euko** *n.* tio. Isaneke yono **euko** ra'a. “O tio dele foi na roça”. Numikuxoti ra **eungo**. “Meu tio foi



pescar”. Pihopone ne **yeuko** ko'itukeyea xapa kalipi. “Seu tio foi embora trabalhar no meio do eucalipto”.

**evakaxu** *n.* capivara. Eno xe'exa ra **evakaxu**. “A capivara tem bastante filhote”. Koepeko **evakaxu** ne sini. “A onça matou a capivara”. (mamífero, *Hydrochoerus hydrochaeris*)



Fonte: Corrêa, 2012.

**evaki** *n.* nascente. Uke'ene ra **evaki** vemeuxake. “Não existe mais nascente na nossa área”.

**eveke** *n.* graniso. Pu'itinoe ne **eveke** irihikovoti yotike. “Ontem a noite caiu graniso grande”.

**evekoti** *v.* acompanhar. **Evekoti** euko ra kalivono isaneke. “A criança foi acompanhar seu tio na roça”. (→ **xaneti**)

**everexe** *n.* ariranha. Eno ne **everexe** ya xe'okuke une. “Tem muita ariranha na beira do rio”. (mamífero, *Pteronura brasiliensis*) (→ **napini**)

**evesekoti** *v.* descer. **Eveseko** ne peyo kaxe tikotike. “O gavião desceu na árvore”. **Evesekoane** ho'openohiko ne xapa soporo. “Os pássaros já desceram no meio do milharal”. **Evesekoti** ne ka'i ukeati tikotike. “O macaco está descendo da árvore”. (→ **koevesehoti**)

**evo'i** *n.* pena



Fonte: Souza, 2013



*As penas são utilizadas para o artesanato, para fazer cocar, brincos, roupas típicas e penacho. As penas mais utilizadas são as de arara, gavião, coruja, arancuã e periquito.*



Fonte: Souza, 2013

**evokovoti** *v.* perder. **Evongovo** ya none. “Eu perdi a minha plantação”. **Evongovo** ya ndiuketina. “Eu perdi meu dinheiro”. (→ **ivo'ixoti**, **kovu'ixoti**)

**exate** *n.* bacuri. Tono'itiko hai ra **exate**. “O fruto do bacuri está verde”. Hana'itinoe tuti ra **exate**. “A palha do bacuri é grande” (Planta, *Arecaceae*)





Fonte: Silva, 2010

O bacuri faz parte da cultura Terena em diversos aspectos. A folha é utilizada na cobertura das casas, o fruto maduro cozido, o palmito e a castanha são ingredientes da alimentação tradicional, sendo o palmito uma fonte de renda, pois as mulheres indígenas levam para vender na cidade.



Fonte: Souza, 2012

**exepukoti** v. levantar. **Exepukoti** ra imokoti kalivono. “A criança que estava dormindo está levantando”.

**exeti** n. história. Enepora **yexetina** ako malika yonoku. “A sua história vai longe”. Ako topi koeku ne **vexetina**. “A nossa história se conta em vários sentidos”. Eno **exetinati** ovati yara koyuhopetike. “Tem muitas histórias nesse livro”.

**exexoti** v. 1) fechar. **Exexoati** ihunovoti ne pahapeti. “O vento fechou a porta”. **Exexo** koe meum. “O tempo está nublado”. **Exexo** koe ra xene. “A estrada está interditada”. **Exexoatimo** uhiti ra xene. “O mato

vai fechar a estrada”. 2) trancar. **Exexoa** kalivono ne pahapeti. “A criança trancou a porta”. **Exexo** koe ra pahapeti. “A porta esta trancada”.

**exoketi** adj. bonito, específico para pessoas. **Exoketi** ra kalivono. “A criança é bonita” **Exoketi** ne ihine iti. “A sua filha é linda” (→ **uhe'ekoti**)

**exoneti** n. 1) conhecido. Enepora hoyeno **vexone**. “Esse homem e nosso conhecido”. Eno **exone** purutuye ra hoyeno. “O homem tem muitos conhecidos brancos”. 2) conhecimento. Koati konokoati uti ne **exoneti**. “Precisamos ter conhecimento”.

**exoponoti**<sup>1</sup> v. 1) recordar. 2) lembrar. **Enjoponoo** kelihu'iko. “Lembro quando você era criança” 3) reconhecer. **Exoponoo** peyo tamuku ra hoyeno. “O cahorro reconheceu o seu dono”.

**exoponoti**<sup>2</sup> v. conhecer. **Enjoponoo** ne yovoku. “Conheci a sua casa”.

**exoti**<sup>1</sup> adj. manso. **Exoti** ne mbeyo kamo. “O meu cavalo é manso”. **Exotine** ra peyoko ko'eru. “O papagaio domesticado já está manso”. (→ **itipakovoti**)

**exoti**<sup>2</sup> v. saber. Ako **exoati** avekea ra taratu. “Ninguém sabe dirigir o trator”. **Exoti** itukea xipa ra Denise. “A Denise sabe fazer chipa”

**exoviti** n. irmão mais velho. **Exoviti** ra ka'arine ko'oyene. “É o irmão mais velho que está doente hoje”.

**eyekou** n. notícia. Ako **eyekou** ra ko'ovokuti. “O morador não recebeu notícia nenhuma”. **Eyekoxoati** ongo





ra ka'arineia ne onju. “Minha tia recebeu de notícia que o meu avô está doente”. **Eyekoxoatimo** nza'a koxe'exayeane ra mbeyo vaka. “Meu pai vai receber a notícia que a minha vaca deu cria”. **Eyengou** ra ngoyuho. “Estou falando uma notícia que recebi”.

**eyevoti** *adj.* alto, usado para pessoas. Enepone hoyeno **eyevoti**. “Aquele homem é alto”.  
(→ **hana'iti**, **honoti**)





FONTE: DENISE SILVA

# HIYOKEXOTI KIPAE



**ha'a** *n.* pai. Numikuxoti **ha'a** ra kalivono. “O pai da criança está pescando”. Ko'ituketi ne **nza'a** ya oyonokutike. “O meu pai está trabalhando na fazenda”. Naku ne **ya'a**?. “Cadê o seu pai?”.

**ha'i** *n.* fruta. Pu'itinoe **ha'i** ra araha. “A fruta da goiaba é graúda”.

**haha'iti** *adj.* preta (cor). **Haha'iti** ra xirunea. “A sua panela é preta”.

**haha'iti luru** *n.* loro preto (planta, *Cordia glabrata*)



Fonte:

<http://www.pirenopolis.tur.br/meioambiente/herbariodigital/Boraginaceae/Cordia/glabrata>



*A madeira do loro preto é utilizada para fazer viga.*

**haha'oti** *adj.* negro. **Haha'oti** ra hoyeno. “O homem é negro”.

**hahakuti** *adj.* Escuro. **Hahakuti** meum ya yoti. “A noite está escura”. **Hahakuti** kuveo yovoku. “Está escuro dentro da sua casa”.

**hahapu'iti** *n.* chupim (ave, *Molothrus bonariensis*)

**hahasi'iti** *n.* cobra preta. Xuxapati ne koexoe **hahasi'iti**. “A cobra preta é rápida” (réptil, *Pseudoboa*)

**hama** *n.* mancha. Hupati **hama** ra kalivono. “A mancha dessa criança é forte”.

**hana'iti** *adj.* 1) comprido. **Hana'iti** hiyeu tuti ne seno. “O cabelo da mulher é comprido”. 2) grande. **Hana'iti** ra mareso. “A corda é grande”. **Hana'iti** ne evakaxu. “A capivara é grande”. **Hana'iti** Meum yonom iharotike. “Vou pra Campo Grande amanhã”. 3) alto (de estatura). **Hana'iti** xuve ra vama. “O pé de jatobá é alto”. (→ **eyevoti, honoti**)

**handea** *n.* melancia. Eno há'i ra neone **handea**. “A sua plantação de melancia deu muitos frutos”. Uke'ene ra **nzadeana** ya kavaneke. “A minha melancia acabou na roça”. (planta, *Citrullus lanatus*)



Fonte: Silva, 2010

**hane** *n.* marimbondo. Hana'iti moko ra **hane**. “O ninho de marimbondo é grande”. Ohoneti yunea ra **hane**. “O ferrão do marimbondo causa muita dor”. (inseto, *Hymenoptera*)

**hapatu** *n.* [Do Port.] sapato. Ihinokoti pe'u ra **nzapatuna**. “O meu sapato está furado por baixo”.

**harakaka** *n.* Formiga que fica no doce. (inseto, *Formicidae*)

**harara'iti** *adj.* vermelho, cor. **Harara'iti** mote homoxeovo ne tereneo. “O terena se pinta com o barro vermelho”.







Fonte: Silva, 2012



Cor utilizada nas pinturas e adornos da ala *sukirikeono* (→ *sukirikeono*)

**hararahiti** *adj.* marrom. Vanexo nipuku **hararahiti** ra Denise. “A denise comprou uma bolsa marrom”.

**harara'iti metakiku** *n.* angico vermelho (planta, *Anadenanthera Macrocarpa*)

**harara'iti parava** *n.* Arara vermelha (ave, *Ara chloropterus*)

**hariri** *n.* areia. Eno **hariri** xenekuke. “Tem muita areia na estrada”. Eno **hariri** xeoki ne yovoku. “Há muita areia perto da sua casa”.

**haukopeti ho'o** *n.* concha para tirar caldo. Inarakoti okono ra **haukopeti ho'o**. “O cabo da concha está quebrado”.

**haukopeti une** *n.* vasilha de pegar água. Ihinokoti ra **haukopeti une**. “A vasilha de pegar água está furada”.

**havava** *n.* ferro. Ngonokoti **havava** indukope ovongu. “Estou precisando de ferro pra casa”.

**he'aya pu'i** *n.* tecido usado na cabeça para carregar carga. Pu'iti

**he'aya pu'i** ra seno. “O he'aya pu'i da mulher é grande”



Fonte: Silva, 2012

**he'onoti** *v.* esconder. **He'onoa** kalivono ra mohi. “A criança escondeu o seu brinquedo”. **He'onovo** hahakutike ne ati. “Meu irmãozinho se escondeu na escuridão”. **He'onovoti** ne marakaya akeneke ivatakokuti. “O gato está se escondendo atrás de um banco”.

**hehe<sup>1</sup>** *n.* embaúba (planta, *Cecropiaceae*)

**hehe<sup>2</sup>** *n.* mamona. Mahi noxoti une ra xuve **hehe**. “O pé de mamona dá sinal de água” (planta, *Ricinus communis*)



Fonte: Silva, 2013.



A existência de um pé de mamona em um determinado local indica que ali existe água abaixo do solo, de forma que a mamona é utilizada como indicativo de local para perfuração de poços.



**hekere** *n.* estrela. Uhe'ekotinoe ne **hekere** vanukeke. “As estrelas no céu são lindas”.

**hepipino'eti** *n.* tocandera, espécie de formiga. Eno **hepipino'eti** hevekuke maturupu'iti. “Tem muita formiga embaixo do toco” Kotiveti yutoko ne **hepipino'eti**. “A tocandera quando ferra dói muito”. (inseto, *Paraponera clavata*)

**hepipi** *n.* cipó, planta trepadeira. Hana'itinoe ra xuve **hepipi**. “Os pés de cipó são enormes”.

**hepipi koexoe** *n.* cobra verde (réptil, *Dipsadidae*)



Fonte:

<http://seresvivosdorn.blogspot.com.br/2010/10/cobra-verde-philodryas-olfersii.html>

Quando alguém vê uma cobra verde é sinal de sorte, sinal que a pessoa ganhará dinheiro

**herena** *n.* carandá. Oriti ne xuve **herena** yayeke. “O pé de carandá aqui é raro”. (planta, *Copernicia australis*)



Fonte: Souza, 2012.

A folha do carandá utilizada para a confecção de artesanato como chapéu e abanico.



Fonte: Silva, 2010.

**heruru** *n.* risco. **Heruruxo** ikene vanuke ne ajatu. “O jato deixa o risco de fumaça no céu”.

**heruruxoti** *v.* riscar. **Heruruxoti** poke'eke ra kalivono. “A criança está riscando no chão”. **Heruruxoa** kalivono ne koyuhope. “A criança riscou o seu caderno”. **Hiruruxa** ne ihe yara koyuhopetike. “Rabisque seu nome nesse caderno”. (~**hiruruxoti**)

**heu'i hekere** *n.* espírito. (→**okovo**)

De acordo com os anciãos da aldeia o heu'ihelere é o espírito de alguém que ainda não morreu andando pela aldeia, se despedindo.

**heu'iti** *adj.* afiado. **Heu'iti** ra piritau. “A faca está afiada”

**heve** *n.* pé. Ipusokovoti ra **njeve**. “Bati o meu pé”. Kotiveti ne **njeve** ihayukoti inamati kohe yuva'a. “Meu pé torcido está doendo porque hoje é lua nova”

**hevoe** *n.* cebola. Kohepiti esa'i ra **hevoe**. “O preço da cebola é muito caro”.





**hi'e** *n.* capim. Eno **hi'e** ne akapeti. “Tem muito capim no quintal”.

**hihi** *n.* Alimento típico do povo Terena. Uheti ra **hihi**. “O hihi é gostoso” Itukoti **hihi** ra onze. “A minha avó está fazendo hihi.”



Fonte: Silva, 2011.

O hihi é um bolo feito de mandioca, cozido na folha da bananeira, muito comum na alimentação Terena e indispensável em festas locais.



“HIHI” Fonte: Quintino Mendes, 2010.

**hihohopae** *n.* guiné (planta, *Fitolacáceas*)

**hike** *n.* mosca. Eno **hike** yara hoiku. “Tem muitas moscas no mato”.

**hiki** *n.* morcego. Eno **hiki** ya yoti. “Tem muito morcego a noite”.



Fonte:  
<http://geografianovest.blogspot.com.br/2009/11/mundo-arvore.html>

Acredita-se que quando o hiki canta em cima da aldeia é aviso de morte.

**hikono'e** *n.* inseto que brilha, parecido com o vaga-lume.

**hima** *n.* sacola. Hana'iti **hima** ra seno. “A mulher tem uma bolsa grande”.

**himakati** *n.* fome. Ako epekapi **himakati**. “Você não está com fome”.

**hinda** *n.* fita (de enfeite). Eno **hinda** yara ipovoti. “A roupa tem muitas fitas de enfeite”.

**hinga** *n.* vamos. **Hinga** pihapane uti. “Vamos embora”. **Hinga** ingeneke mirandake. “Vamos comigo para Miranda”.

**hipo<sup>1</sup>** *n.* cigarro. Uke'exone **njipona** ra mbo'inu. “Meu irmão acabou com o meu cigarro”. Yomoti **hipo** ne hoyeno. “O homem gosta de cigarro”.

**hipo<sup>2</sup>** *n.* unha. Inarakoti ra **njipo**. “A minha unha está quebrada”. Hana'itinoe **hipo** ne seno. “A mulher tem unhas grandes”.

**hipo vaka** *n.* pata de vaca. (planta, *Bauhinia forficata*)





Fonte: Silva, 2013.



*planta utilizada pelos Terena como remédio para anemia.*

**hipulu'iti** *adj.* curto. **Hipulu'iti** ihi ra tamuku. “O cachorro tem rabo curto”. (→ **kalihaxo, kalihuti**)

**hirenopeti** *n.* laço. Eketokoti **hirenope** ra nza'a. “O laço do meu pai arrebitou”.

**hirepu'i** *n.* tiara. Narakoti **njirepu'i** ra kalivono. “A criança quebrou a minha tiara”.

**hirimititi** *n.* carrapato. Eno **hirimititi** muyokuke ra kamo. “Tem muitos carrapatos no corpo do cavalo”. Eno **hirimititi** ra tamuku. “Tem muito carrapato no cachorro” (→ **ketihe, koromototo**)

**hiripipike** *n.* saboneteira. Kavona viyeno mekuke ne **hiripipike**. “No passado a saboneteira era usada como sabão para lavar roupa” (planta, *Sapindus saponaria*)



Fonte:

<http://www.flickr.com/photos/andrebenedito/2971950203/>



*a semente de saboneteira é muito utilizada na produção de colares e outros adornos típicos.*

**hiru** *n.* catarro, secreção das mucosas. Uke'epone ra **njiru** vo'oku ako'opone ra ngripina undi. “O meu catarro acabou porque não estou mais gripado”.

**hituri** *n.* taboquinha (planta, *Panicum laxum*)



Fonte: <http://fazendaalegria.blogspot.com.br/p/galeria-de-fotos.html>



*planta utilizada na confecção de vestimentas. Segundo a crença, quando uma criança está muito agitada, com dificuldade de dormir passa um pouco da cinza da taboquinha na testa da criança e ela dormirá a noite toda, acordando somente no outro dia.*





**hiu** *n.* flor. Homomo'iti **hiu** ra mara'o. "A flor do ipê é amarela" (→**ituneovoti**)



Fonte: Silva, 2010

**hivoro** *n.* girino. Eno **hivoro** yara xe'okuke une. "Tem muitos girinos na beira da lagoa".

**hivo'upe** *n.* lambari. Eno **hivo'upe** notuvakake. "Tem lambari na lagoa". (peixe, *Characidae*)

**hixo** *n.* vestido. Kalikuti ra **njixo** inamati. "O meu vestido novo é apertado". Uhe'ekoti **hixoe** ituke ra uhe'okoti. "A costureira fez um lindo vestido".

**hixopoti** *v.* experimentar. **Hixopoti** inamati ipovo ra homoehou. "O moço está experimentando a sua roupa nova". (→**ihixovati**)

**hiya'iti** *adj.* amarelo. **Hiya** koe ha'i ne akayana uhiti. "As akayas estão todas amarelas". **Hiya'iti** ihaku koyuhope ne ihikaxovoti. "O estudante tem uma sacola amarela".

**hiyeu tutiye** *n.* cabelo. Hana'iti ne **hiyeu nduti**. "O fio do meu cabelo está cumprido".

**hiyo<sup>1</sup>** *n.* dança.

**hiyo<sup>2</sup>** *n.* formiga-lava-pés (inseto, *Formicidae*)

**hiyokexoti** *v.* dançar. **Hiyokexoti** ra kalivonohiko. "As crianças estão dançando".

**hiyokexoti kipae** *n.* dança da ema ou dança do bate-pau. **Hiyokexoti** ra hojenohiko. "Os homens estão dançando a dança da ema". **Hiyokexo kipae** ne nza'a koati eloketi okovo. "Quando meu pai dança bate-pau fica muito feliz". **Hiyokexoti kipae**. "Ele está dançando bate-pau". **Hiyokexoti kipae** ne ihikaxovotihiko. "Os alunos estão dançando bate-pau".



Fonte: Souza, 2010.

*A dança da ema é uma dança tradicional do povo Terena, composta de sete etapas e dançada exclusivamente pelos homens, em uma espécie de disputa entre os xumono e os sukirikeono. A dança inclui o uso de taquaras e arcos e flechas, ao final da dança eleva-se sobre as taquaras uma pessoa, por isso também é conhecida como dança do bate pau.*



Fonte: Quintino Mendes, 2011.



**hiyoti hovenoen** *n.* dança das anciãs.



Fonte: Silva, 2012

*A Dança das Anciãs é uma dança tradicional do povo Terena, dançada exclusivamente pelas mulheres. Formando duas filas elas giram e se cumprimentam. Assim como as demais danças tradicionais Terena, nesta dança também estão presentes os lados vermelho e verde (ou azul) representando, respectivamente, os xumonos e os sikirikeonos.*

**ho'e** *n.* cinto. Eketokoti ra **njo'e** vaneum. “O meu cinto que comprei está arreventado”. Inamatiko **ho'e** ra lele. “O meu irmão mais velho tem um cinto novo”.

**ho'openo** *n.* animal. Hana'iti **ho'openo** ne tikoa. “O tamanduá é um animal grande”. Eyevoti **ho'openo** ne kipae. “A ema é uma ave alta”.

**ho'oreku** *n.* isca. Uke'ene **ho'oreku** ra numikuxoti. “Acabou a isca do pescador”. Kohepiti ne **ho'orekuti** xoko kavanevoku. “A isca é muito cara no mercado”.

**ho'orioti** *v.* estender. **Ho'orioti** ipovoti kaxeke. “A roupa está estendida no sol”.

**ho'oripeoti** *v.* Secar ao sol. **Ho'oripeoti** naum vaka. “A carne está secando no sol”.

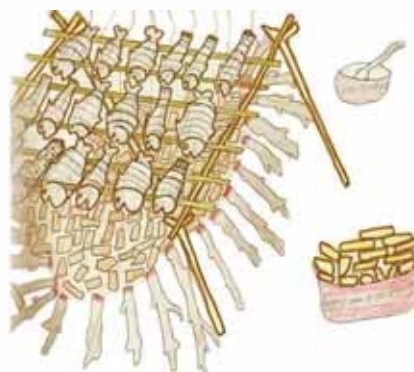


“PAÇOCA DE CARNE SECA” Fonte: Quintino Mendes, 2010.

**hoe** *n.* peixe. Eno **hoe** ruveoke. “Tem muito peixe no rio”. Iropoiti **hoe** niko uti koyene. “Nós comemos peixe frito hoje” Eno **hoe** ko'oyene huveoke. “Hoje tem muitos peixes no rio”.



Fonte: Souza, 2011.



“PEIXE ASSADO NA BRASA” Fonte: Quintino Mendes, 2010.

**ho'emaya** *n.* coral, serpente. Koepeko ohonoko ne **ho'emaya**. “A cobra coral, quando pica, mata” (serpente, *Micrurus lemniscatus*)

**ho'ouketi** *n.* lágrima.





**hoi** *n.* mato. Uke'ene **hoi** yara vemeuxake. “Não tem mais mato na nossa reserva”.

**hokexo** *n.* barata. Eno **hokexo** oye'ekokutike. “Tem muitas baratas na cozinha”. (inseto, *Blattaria*)

**hokomori** *n.* lixo. Konokoti oro'okeovo ra **hokomori**. “O lixo tem que ser queimado”.

**hokoti** *v.* seguir. **Hokoti** yonoti ra mbeyo marakaya. “O meu gato foi atrás de alguém”. **Hokoa** xanehiko ra banderana São Sebastião. “As pessoas seguiram a bandeira de São Sebastião”.

**homo** *n.* Cor. Uhe'ekoti **homo** ra ipovoti. “A cor da roupa é bonita”.

**homo kopenoti** *n.* pintura corporal.



Fonte: Silva, 2012.

“Enepora uti vitukovo kopenotihiko terenoe, epo'oxo ra viyenoaxapahiko, apehiko homo. Enepora homoti omeatinekene xapa voxunoekene kixovoku kohomoyea. Enepo hiyokexo kipae ra viyenoaxapa, ape ko'iyevovoku homo koane hiyokexomaka siputerenana ra senohiko kopenoti apemaka homohiko, epo'oxo ohoko ra terenoe apemaka homo. Hara itukovo homohiko ra viyenoaxapa kipaixo: Harara'iti yoko honono'iti, ainovo

*kopoxo'okokoti ra'a. Enepora harara'iti mote yoko niye itukovoyehiko, koane ra hopu'iti motemaka koehati ata, yoko pou, kenera haha'iti xoromonike, kenera honono'iti ha'i nutiku itukovoye. Ainovohiko homo terenoe ra'a, enepo koyuihiko ya xapa kaxena, koanemaka enepo yetorexo vo'oku poke'e, enomone homoxeovo uti, vitukovo kopenoti.”*

*As pinturas do povo terena são tradicionais, eram usadas pelos antepassados. Quando realizam uma dança tradicional, como dança-da-ema, eles tem a sua forma da pintura; quando as mulheres dançam xiputrena também tem a sua pintura e quando os pajés fazem um ritual eles também tem a sua pintura. Essas pinturas são nas cores vermelha e azul e elas representam a divisão social do povo. O vermelho é uma terra vermelha, também pode ser extraído do urucum e também tem a cor branca que é uma argila ou uma terra branca que tem o nome de ata ou cinza; o preto é carvão e o azul é extraído do genipapo. Essas pinturas são tradicionais do povo terena quando realizam uma festa e quando vão para uma luta, principalmente pela terra, os terenas se pintam demonstrando a sua resistência. (Fonte: Júlio, 2011)*



Fonte: Silva, 2012



**homo pahoti** *n.* (neo) batom. Inamatiko **homo pahoti** ne monguexa. “Minha irmã tem um batom novo”.

**homoheu** *n.* rapaz. Tuiti koeku ne **homoheu** ko'oyeno enone ekati vipuxovokuke. “É difícil hoje em dia a vida do jovem, pois tem muita bebida alcoólica na aldeia”. Humikoa **homoheou** ne arunoe. “O rapaz assoviou para a moça”.

**homomo'iti** *adj.* roxo. **Homomo'iti** hiu ra mara'o. “A flor do ipê é roxa”

**homoxopeti hipoti** *n.* (neo) esmalte. Vanexo inamati **homoxopeti hipoti**. “Comprei um esmalte novo”. Anza'axo homo ne yomoxopeti hipoti. “Eu gosto da cor do seu esmalte”

**homoxoti** *v.* manchar. **Homoxo** rembeno ra atu vapuma atu kaxu. “Minha camisa está manchada de água pomba”. **Homoxo** atu motoki ra limao. “O sumo da casca do limão mancha”.

**hono'e** *n.* tucano. Yomoti xapau ne **hono'e**. “O tucano gosta de mamão”. (*ave, Ramphastos toco*)



Fonte: Silva, 2010

**hono'ekoti** *v.* repartir. **Hono'ekoa** po'inu ra kalivono ya paum. “A

criança repartiu o pão com seu irmão”.

**hono'iti parava** *n.* arara azul. Honoti akeneti ra **hono'iti parava**. “A arara azul canta alto”. (*ave, Anodorhynchus hyacinthinus*).



Fonte: Silva, 2011.

**honono'iti<sup>1</sup>** *adj.* 1) azul. **Honono'iti** repeno ra yekoteno. “O velho tem camisa azul”. 2) verde. **Honono'iti** uke ra marakaya. “O gato tem olhos verdes”.



Fonte: Silva, 2013.

A palavra **honono'iti** é utilizada para as cores azul e verde, a cor azul e a cor preta representam a ala xumono, porém observa-se que o azul pode ser substituído pelo verde, de forma que as pinturas e adornos podem ser azuis ou verdes, sem interferirem na caracterização dos xumonos. (→ **xumono**)

**honono'iti<sup>2</sup>**. *n.* tereré.





Fonte:

<http://clubinhodoterere.blogspot.com.br/2012/04/historia-do-terere.html>



O tereré é uma bebida típica na região pantaneira, mate gelado servido na cuia, em geral feita com chifre de gado. Diferencia-se do chimarrão por sua erva específica e por ser consumido com água gelada. O tereré teria surgido do chimarrão, porém durante a guerra do Paraguai, a fim de não fornecerem sua posição aos inimigos as tropas não acendiam fogueiras para aquecer a água e o mate era consumido com água em temperatura ambiente. Devido ao calor excessivo desta região, passou-se a utilizar a água gelada, dando origem, assim, ao tereré.

**honoti** *adj.* 1) alto (→ **eyevoti**) 2) forte

**honovo'uti<sup>1</sup>** *n.* pulseira. Itukoti **honovo'uti** hiripipike ra Libi. "A Libi está fazendo uma pulseira de saboneteira"



Fonte: Silva, 2011.

**honovo'uti<sup>2</sup>** *n.* (neo) relógio.

**ho'o** *n.* faz alusão a liquidez. 1) mel. Itiveti ra **ho'o** xuli xuli. "O mel de jati é doce". 2) caldo. Indukoti **ho'o** hoe. "Estou fazendo caldo de peixe" 3) saliva. Ovokovoti **ho'o** vo'oku oe ra Ana. "A Ana está babando por causa do dente que está nascendo"



"CALDO DE PEIXE" Fonte: Quintino Mendes, 2010.

**ho'openo** *n.* pássaro. Eneporakuxo **ho'openo** tikitike kuti koe pikoti. "Parece que aquele pássaro na árvore está com medo".

**hoperaka** *n.* cupim. Eno **hoperaka** ike uko. "Tem muito cupim depois da chuva" (*inseto, Isoptera*) (→ **ilipa, moto'u**)

**hopikiriri** *n.* cigarra, inseto cujo macho produz som característico. Honoti akene ra **hopikiriri**. "O canto da cigarra é alto". (*inseto, Auchenorrhyncha*)(~**hopokororo**)

**hopopovoti** *n.* jacutinga (*ave, Aburria jacutinga*)

**hopu'iti** *adj.* branco. **Hopu'itinoe** repeno ra epo'exoti. "O time de futebol tem camisas brancas". Tetuko vemeuxa ne **hopu'ioti**. "A onça branca passou pelo nosso território". **Hohopu** koye hixo ne seno kalivono. "O vestido da menina está bem branco".

**hopukoxeti** *n.* pururuca (*madeira, Cryptocarya aschersoniana*)





**horeveve** *n.* espécie de aranha (inseto, *Aracnídeos*)

**horoxo** *n.* (neo) anel. Kohepiti ra **njoroxona** vaneum. “O anel que comprei foi muito caro”.

**hovoeno** *n.* anciã. Akeneti ra **hovoeno**. “A anciã gosta de cantar”. Exoti imokeovo ra **hovoeno**. “A velha sabe cantar bem”. (→ **lulu**)



Fonte: Júlio, 2013.

**hoveo** *n.* gavião-caramujeiro. (ave, *Rostrhamus sociabilis*) (→ **ili'ili**, **kohipoti**, **peyo kaxe**)

**hovovo** *n.* sapo. Pu'iti ra **hovovo**. “O sapo é grande”. Eno **hovovo** úneke. “Tem muitos sapos na água”.

**hoyeno** *n.* homem. Ixukoti viulaum ra **hoyeno**. “O homem toca violão”. Enepone **hoyeno** koepekotimo sini. “O homem vai matar a onça”

**hu koeti** *adj.* rápido, é usado quando se trata de algo urgente. Pihe **hu koeti** yovokuke. “Vá rápido pra sua casa”. (→ **riketi**, **xuxapati**)

**hu'okokuti** *n.* pinguela. Hu'okoti **hu'okokuti** ra Vânia. “A Vânia vai passar pela pinguela”.

**hu'okoti** *v.* subir. **Hu'okoti** hevetikoti ra koexoe. “A cobra subiu na árvore”. (→ **alu'okoti**)

**huirikoti<sup>1</sup>** *n.* Sucuri (réptil, *Boidae*)

**huirikoti<sup>2</sup>** *v.* engolir. **Njuirikoa** ne ave hoe kiyakaxeke. “Engoli espinho de peixe ontem”.

**hukoti** *v.* tecer. **Hukoti** ra onze. “A minha avó está tecendo”. (→ **ixuxukoti**, **uhe'oti**)

**huleketi** *adj.* preguiçoso. **Huleketi** ra seno kalivono. “A menina é preguiçosa”.

**humikoti** *v.* assoviar. Ako exa **humikea** ra mbeyo ko'eru. “O meu papagaio não sabe assoviar”. **Humiko** ne vitete ya yoti. “O morcego assovia a noite”. **Humikoa** homoehou ne arunoe. “O moço assoviou para a moça”. **Humikoti** peyo tamuku ra hoyeno. “O homem está assoviando para seu cachorro”. **Humikoti** hojeno ra arunoe. “A moça está assoviando para o homem”. **Njumikoa** inzaxikoa ne mbeyo tamuku. “Chamei o meu cachorro assoviando”. **Njumiko** nzimone'e nonekuke yovoku. “Vou assoviar quando chegar na frente da sua casa”.

**hundaru** *n.* soldado. **Hundaru** ra homoehou. “O moço é soldado”.

**huno'ekoti** *v.* atravessar. **Huno'ekoti** une ra kamo. “O cavalo está atravessando no meio da água”.

**huokoti tikoti** *n.* figueira-mata-pau (planta, *Moraceae*)



**hupae** *n.* instrumento de tecelagem.



Fonte: Bittencourt e Ladera, pg 121.

**hupiuti** *n.* convidado. Ainovo **hupiuti** ra xanehiko. “Essas pessoas são convidadas”.

**hupixoti** *v.* Convidar. **Hupixopi** ra Marlene. “A Marlene convidou você”.

**hura** *n.* barriga. Kotiveti ne **njura**. “Minha barriga dói”. Pu’i ne **hurati** koene’eye. “A barriga às vezes cresce”. Pu’iti ra **njura**. “A minha barriga está grande”.

**hurepe** *n.* colher. Huirikoa kipae ne **njurepena**. “A ema engoliu a minha colher”. Inamatiko ra **hurepe**. “A colher é nova”. Itike tikoti ne **hurepe**. “A colher é de pau”.

*acredita-se que quando a família está almoçando ou jantando e cai a colher de alguém, é sinal que vai chegar uma visita com fome.*

**hurumukuku** *n.* corujão. Ahati eneya ra **hurumukuku** ya yoti. “A coruja gosta de cantar a noite” Ahati eneyea ne **hurumukuku** ya uhe’ekoti kohe. “A coruja gosta de cantar na noite bem clara”. (ave, *Pulsatrix perspicillata*)



Fonte: Wiki Aves

*acredita-se que quando o corujão canta no quintal de casa é sinal de morte por assassinato.*

**huveo** *n.* rio. Movo’iti ra **huveo** yara kohe. “O rio está muito seco neste mês”.

**huvo'oxo** *v.* ajudar. **Nzuvo'oxo** ra Elaine. “Eu ajudei a Elaine”.

**huxo'e etakati** *n.* flauta. Oriti exoati oxea ne **huxo'e etakati**. “A flauta de bambu não é qualquer um que sabe tocar”. (→**etakati oxopeti**)



Fonte: Silva, 2013



**huxoe** *n.* acordeón. Uhe'ekoti emo'u ra **huxoe**. “O som do acordeón é bonito”.



Fonte: Silva, 2009

**hya'iti hoe** *n.* dourado. Kaliketinoe ne **hya'iti hoe**. “Os dourados estão pequenos ainda” (peixe, *Characidae*)







170



FONTE: DENISE SILVA

# IPUNETI



**iha** *n.* nome. Uhe'ekoti **iha** ra piyo tamuku. “O nome do seu cachorro é bonito”. Yapasikina unati **ihae** ra xi'ixa. “Procure um nome bom para seu filho”. Yitaxa **ihe** yara keyuhopeke. “Escreva seu nome no seu caderno”.

**ihai une** *n.* Aguapé. Eno ihai une ra tangike. “Tem muito aguapé no açude”. (planta, *Macrófitas Aquáticas*)

**ihaikoti** *adj.* grávida. **Ihaikoti** ra onongena. “A minha cunhada está grávida”. **Ihaikoti** ra Elaine. “A Elaine está grávida”.

**ihakoti**<sup>1</sup> *v.* caçar. **Ihakoti** yara yoti ne nza'a koepeko tipe. “Meu pai foi caçar e matou um veado” (→**levehoti**)

**ihakoti**<sup>2</sup> *v.* xingar. **Ihakoti** eno ra kalivono. “A criança está xingando sua mãe”.

**ihaku** *n.* 1) cesto; 2) bolsa; 3) vasilha ≈ **ihaku xume** *n.* cesto para flecha. Hana'iti **ihaku** ra **xume**. “O cesto da flecha é grande”.



Fonte: Silva, 2012



*As cestarias de taquara são típicas da cultura Terena. As taquaras são coletadas e fatiadas,*

*os fios são trançados formando, inicialmente, o fundo do cesto e o acabamento é feito com barbante ou linha de pesca.*



Fonte: Silva, 2013.

**ihaku nika** *n.* estômago. (→**okovo**)

**ihaku noneti** *n.* (neo) álbum de foto. Nexoa **ihaku noneti** ne onze? “Você viu o álbum de fotos da minha avó?”

**ihapa'uxoti** *v.* remendar. **Ihapa'uxoti** ipovoti ra onze. “A minha avó está remendendo a roupa”.

**ihapatau** *n.* lasquinha da madeira. Nekexoti **ihapatau** ra nza'a. “O meu pai está catando lasquinhas da madeira”.

**iheapu'ixoti** *v.* empachar. **Iheapu'ixoti** ra kalivono. “A criança está empachada”.

**ihi** *n.* rabo. Ako **ihi** ra tamuku. “O cachorro não tem rabo”.

**ihi tokoro** *n.* Rabo de bugio (planta, *Polypodiaceae*)





**ihikauvoti** *n.* estudo. Pora **ihikauvoti** koati unati. “O estudo é uma coisa boa”.

**ihikaxoti** *n.* professor. **Ihikaxoti** ra mbo'inu. “O meu irmão é professor”.



Fonte: Belizário, 2012.

**ihikaxovokuti** *n.* escola. Ako malika ovoku ra **ihikaxovokuti**. “A escola fica muito longe”.



E. M. I. Polo Coroneu Nicolau Horta Barbosa”. Fonte: Silva, 2010.

**ihikaxovoti**<sup>1</sup> *n.* 1) aluno. 2) estudante. **Ihikaxovoti** ra nje'exa. “O meu filho é estudante”.

**ihikaxovoti**<sup>2</sup> *v.* estudar. **Ihikaxovoti**. “Ele está estudando”.

**ihine** *n.* filha. **Ihikaxovoti** ra **inzine**. “A minha filha é estudante”. **Exoketi ihine** ra hoyeno. “A filha desse homem é linda”.

**ihixoti**<sup>1</sup> *v.* acender. **Ihixea** ne yuku . “Acenda a lâmpada”.

(→ **ihuxoti**, **korumekoti**, **oxokoti**)

**ihixoti**<sup>2</sup> *v.* 1) medir. **Ihixoti** mareso ra hoyeno. “O homem mediu a corda”. 2) contar **Ihixoti** none peixou ra nza'a. “Meu pai está medindo a semente de feijão”. **Ihixoti** vane xupu ra imonze kaxake. “A minha sogra está medindo a sua venda de mandioca na caixa”.

**ihixovoti** *v.* experimentar. **Ihixovoti** ipovoti vaneu ra seno. “A mulher está experimentando a roupa que comprou”. (→ **ihuxoti**)

**ihonoti** *v.* 1) nascer. Dezembro **ihonoyea** ra Ana. “A Ana nasceu em dezembro”. 2) germinar. **Ihonoti** ne xuve araha xe'okuke yovoku. “A sementinha de goiaba está germinando perto da sua casa”.

**ihopune** *adj.* cheiro. Xunati **ihopune** hipo. “O cheiro do cigarro é forte”

**ihoxoko** *n.* lasca. **Ihoxoko** ra motoki nurivaka. “A casca do cumbaru é em lasca”.

**ihoxuko** *v.* desmoronar. **Ihoxuko** ra mote. “O monte de terra desmoronou”.

**ihunovoti** *v.* ventar. Xunati ra **ihunovoti** ko'oyene. “Hoje ventou forte”. Xuna **Ihunovoti** kiakaxeke. “Ontem ventou forte”.

**ihurimeti** *adj.* nublado. **Ihurimeti** ra meum ko'oyene. “Hoje o tempo está nublado”. (→ **exexoti**)

**ihuveleleti** *v.* escorregar. **Ihuleleo** kalivono ra xapa uko. “O menino escorregou no meio da chuva”.



**ihuxoti** v. acender. **Inzuxoa** ne yuku ovokutike. “Acendo a luz de dentro da casa”. (→ **ihixoti**, **korumekoti**, **oxokoti**)

**ikasaxopeti** n. (neo) geladeira

**ikasurako** n. coice. **Ikasurako** ne kamo koemaiti. “O cavalo é perigoso, dá coice”

**ikatakoketi** n. açoite-cavalo (planta, *Luehea divaricata*)

**ikatakoti kamo** n. dança do cavalinho (→ **kali kamo**)



Fonte: Júlio 2012.

“A dança do cavalinho começou com cavalo mesmo aí depois começou a dança de cavalinho, mas a dança de cavalinho de couro aí cada um cortava o couro, desenhava um cavalo, daí no dia da festa cada um dançava no seu cavalo. Essa dança era uma vez por ano, que festejava a festa de São Benedito. Quando dançamos cavalinho tinha duas cores, tinha o vermelho e o azul como adversário, eu dançava na parte do azul. Cada um tinha sua roupa e cada camisa, calça, tinha sua lista, se você era azul tinha lista azul e chapéu também [...] A argola era feita de um cipó, ali eles enfeitavam com papel. A espada quem fazia mesmo era o ‘festero’, aí

*quem dançava o cavalinho na hora de disputar ele pegava, cada um entrava com sua espada e furava a argola e quem erro perdia. Era cinco de cada lado [...] A idade de quem participava era de 16 anos pra cima.”. (Fonte: trecho depoimento de Mario Albuquerque em “A Última Dança do Cavalinho – Aldeia Cachoeirinha, 2010”). A dança do cavalinho atualmente é realizada pelas crianças Terena com cavalos confeccionados em papelão.*

**ikaxahevexovoti** v. Tropeçar. **Ikaxahevovoto** maturupu'iti ra kalivono. “O menino tropeçou no toco”.

**ikaxaiti** n. fósforo. Uke'ene ra **ikaxaiti**. “O fósforo acabou”.

**ikayukoku** n. curva. Ako iyusea **ikayukoku** ra xene. “A curva da estrada não aparece”.

**ikene** n. rastro. Noenjoa **ikene** ra sini. “Eu vi o rastro da onça”.

**ikokuti** n. 1) poço. 2) cacimba Akone une yara **ikokuti**. “Não tem mais água nessa cacimba”.

**ikorokovoti**<sup>1</sup> v. casar. **Ikorokovotimo** ra arunoe sapatuke. “A moça vai casar no sábado”.

**ikorokovoti**<sup>2</sup> v. cair. **Ikorokovoti** ne epo'exoti. “O jogador caiu”. **Ikorokovo** ra Vitoria. “A Vitória caiu”. (→ **ipuhokoti**, **irikovoti**)

**ikorokovoti**<sup>3</sup> v. derrubar. **Ikorokoa** xunati ihunovoti ne antenana ne onongena. “O vento forte derrubou a antena da minha cunhada”. (→ **kohokoti**, **kopuhokoti**)





**ili'ili** *n.* gavião (ave, *Accipitridae*)  
(→ **hoveo**, **kohipotí**, **peyo**  
**kaxe**)

**ilipa** *n.* cupim. Koati nika tikoá ne  
**ilipa**. “O cupim é a comida do  
tamanduá”. (inseto, *Isoptera*)  
(→ **hoperaka**, **moto'u**)

**ima** *n.* esposo. Kohihiti **ima** ra  
seno. “O marido daquela mulher  
está bêbado”. Ko'ituketi ne **imam**.  
“Meu marido está trabalhando”.  
Naku ne **ime**? “Onde está seu  
marido?” (→ **muxone**)

**imaikovoti** *adj.* Bravo. **Imaikovoti**  
ra ihikaxoti. “O professor está bravo”  
**Imaikinovati** prefeito ra Wania. “A  
Wania está brava com o prefeito”.  
(→ **ipuhokovoti**)

**imo'uxopeti xupu** *n.* prensa de  
mandioca. Akone aunati ra  
**imo'uxopeti xupu**. “A prensa de  
mandioca não presta mais”.

**imokopopeti** *n.* (neo) pijama

**imokoti** *v.* dormir. **Imokoti** ne  
kalivono. “A criança está dormindo”.

**imokovoti** *v.* cantar. **Imokovoti**  
ne kohihiti. “O bêbado está  
cantando”. (→ **akane**)

**imonu ngoeti** *v.* comer; vou  
comer um pouquinho. **Imonu ngoeti**  
ra kali yoye'eu. “Vou comer um  
pouquinho da sua comida”.

**imose** *n.* sogra. Kavane yono  
**imose** ra'a. “A sogra dele foi para  
roça”. Pitivokoke yono ra **imonze**.  
“Minha sogra foi para cidade”.

**imuykoti** *adj.* podre. **Imuykoti** ra  
handea. “A melancia está podre”.

**Imuyukoti** ra naranga. “A laranja  
está pobre”.

**inamati** *adj.* novo. **Inamatiko** ne  
arunoe koimane. “A moça é tão  
nova, mas já casou”. **Inamati** mohi  
ra kalivono. “A criança tem um  
brinquedo novo”.

**inati'** *adj.* pesado. **Inati** nzakolana.  
“A minha sacola é pesada”. **Inati** ra  
kure. “O porco está pesado”. **Inati** ra  
xacu. “O saco é pesado”.

**inati'** *adv.* agora, recente. **Inati**  
inzimo. “Estou chegando agora”.  
**Inati** sime? “Você chegou agora?”  
**Inati** mbiho. “Estou indo embora  
agora”.

**inikone** *n.* amigo. Enepora  
**vinikone** pihopone ya pitivokoke. “O  
nosso amigo foi embora pra cidade”.  
Simone ne **iningone**. “Meu amigo  
chegou”. Karineti **iningone**. “Meu  
amigo está doente”.

**inixoti** *v.* encontrar. **Inizoa** xeneke  
ra tikoá. “Eu encontrei um tamanduá  
no caminho” (→ **tokopoti**)

**inoneti** *n.* carga transportada na  
cabeça. Inati ra **inoneti**. “A carga é  
pesada”.



Fonte: Silva, 2009

**Em geral as mulheres carregam na cabeça produtos da roça, bacia com roupas entre outras coisas. Como forma de aliviar e**



*equilibrar o peso e a carga, utilizam como apoio sobre a cabeça um pedaço de pano enlorado.*

**inotovati okovo** v. Esquecer. **Inotovati okovo** Marlene ra oye'eu. "A Marlene esqueceu o que estava cozinhando e queimou". **Inotovati okovo** Marlene oye'ekea. "A Marlene esqueceu de cozinhar". **Inotova ongovo** ra celularna undi onvonguke. "Eu esqueci meu celular em casa".

**inukuti** n. testa. Pu'iti ra **inukuti** xoko noneti. "A testa é grande na foto".

**ipe** n. cama. Inamatiko ra **ipe**. "A cama é nova".

**iperekeuti peti** n. casa construída com taquaras. (→**ko'ovokuyea, ovokuti, peno, peti**)



Fonte: Silva, 2012.

**ipihoti** v. colocar. **Ipihovo** iha ne seno. "Colocaram o nome da mulher".

**ipirekeuti** n. (neo.) parede.

**ipiuketi** n. (neo.) óculos.

**ipixati** n. remédio. Unati **ipixati** ra tutukena ukoe. "O fedegoso é um remédio bom".

**ipixaxoti** n. curandeiro. Unati **ipixaxoti** ra yekoteno. "O velho é um bom curandeiro".

**ipixekoti** v. rachar. **Ipixekoti** tori ra seno. "O calcanhar daquela mulher está rachando".

**ipixeneneoti** 1) n. relâmpago. Eno **ipixeneneoti** ya xapa uko. "Tem muitos relâmpagos quando chove". 2) v. relampejar. Eno **ipixeneneoti** kiakaxeke. "Relampejou muito ontem". (→**puxarara**)

**ipoti** n. ceramista



Fonte: Silva, 2012

**ipovoti** n. roupa. Inamati ra **ipevo**. "A sua roupa é nova". Ainovo inamati ra **vipovo**. "A nossa roupa é nova". Inamati ra **imbovo**. "A minha roupa é nova".

**ipuhikoti** adj. cheio. **Ipuhikone** ne imokovokuti. "A igreja está cheia". (→**eno**)

**ipuhokoti**<sup>1</sup> v. Estourar. Epo'e **ipuhoko**. "A bola estourou". **Ipuhokoti** ra kopuhoiti. "O foguete estourou"

**ipuhokoti**<sup>2</sup> v. cair. **Ipuhokoti** ra kalivono tikotike. "A criança caiu da árvore". (→**ikorokovoti, irikovoti**)



**ipuhokovoti** *adj.* Bravo.  
**Ipuhokovoti** ne tamuku aruxuko pohuti xane. “O cachorro é bravo, mordeu uma pessoa” (→**imaikovoti**)

**ipukopeti** *n.* (neo.) apagador.

**ipuneti** *n.* cerâmica. Vanexo **ipuneti**. “Ela comprou cerâmica” Uhe'ekotinoe **ipune** ra ipoti. “A ceramista tem cerâmica bonita”.



Fonte: Júlio, 2012.

“O processo de produção da cerâmica segue os moldes tradicionais, passados de geração após geração. As artesãs fazem a extração da terra nas proximidades e com o auxílio de de um pilão, desmancham os torrões e, em seguida, peneiram a terra. Adicionando água aos poucos, formam o barro e passam a moldar as peças com auxílio de pedaços de madeira e pedras. As peças precisam secar para receberem uma camada de barro avermelhado que dá a cor característica destes artesanatos. O passo seguinte a secagem é o polimento das peças que é feito com uma pedra roliça, em movimentos horizontais repetitivos por toda a cerâmica. A penúltima atapa é a pintura, com o barro branco e um palito de madeira, as artesãs expressam sua cultura em belos traços, sendo que cada artesã possui um traço característico. A queima da

cerâmica se dá após sete dias de trabalho, feita em um buraco coberto com brasa. O tempo deve estar bom, pois a umidade pode prejudicar a cor ou mesmo quebrar as peças”. (Fonte: Souza, 2013)



Fonte: Souza, 2013.

**ipunupae** *n.* farinha de milho.



Fonte: Silva, 2010.

farinha produzida de forma artesanal, com milho seco, socado no pilão.



Fonte: Quintino Mendes, 2010.

“FARINHA DE MILHO” Fonte: Quintino Mendes, 2010.





**ipusukoti** v. bater. **Ipusukoti** Libi ra Vitoria. “A Libi bateu na Vitória”. (→**isukoti**)

**ipuxovoko** n. aldeia; lugar onde moramos. Enepora **vipuxovoku** hana'iti. “A nossa aldeia é grande”  
**Ipuxovokuti** hopuno'evoti une. “Aldeia Água Branca”.

**ireti** adj. medroso. **Ireti** ra eungo. “Meu tio é medroso”.

**Irikovoti<sup>1</sup>** v. cair. **Irikovoti** ha'i ra manga. “A manga caiu”. **Irikovoti** uko. “A chuva está caindo”. (→**ikorokovoti, ipuhokoti**)

**Irikovoti<sup>2</sup>** v. ficar. **Irikovo** malana ra yonoti. “A mala da pessoa que viajou ficou”. (→**ava, ovaneti**)

**iropo'iti** adj. frito. Nikoti uti **iropo'iti** hoe kiakaxeke. “Nós comemos peixe frito ontem”

**iropoxoti** v. fritar. **Iropoxoti** tiriku ra hovenoen. “A velha está fritando trigo”.

**isane** n. roça. Enepora **visane** uhipone. “A nossa roça já está cheia de mato”. (→ **kavane**)



Fonte: Silva, 2012

**isayuixovoti** 1) estragado 2) quebrado. **Isayuxovo** ra carruna undi. “Meu carro está estragado”.

**isimeti** v. trazer. Enepo **isimea** ne xo'opeti yexakamo vipuxovoku. “Se você trouxe o visitante mostre a nossa aldeia”. **Isimea** ne piyo tamuku ovonguke. “Traga o seu cachorro na minha casa”. (→ **omati, ominokoti, omone**)

**isoneu** n. 1) idéia. Enomone koe ne **insoneu**. “A minha idéia é essa”. Unatihiko ra isoneuti. “As idéias são boas”. 2) pensamento. Yupihovo itukea **isoneu** ne mbateana. “A Sebastiana está muito pensativa”. Enepora **visoneu** konokoti xuna'iyea. “Temos que fazer valer o nosso pensamento”.

**isukopeti** n. (neo.) batedeira (eletrodoméstico).

**isukoti** v. bater. **Isukenati** ne Kalivono. “A criança bate muito”. **Isuke** kixoa kalivono ra Marlene. “A criança bateu nos olhos da Marlene”. **Isukoti** po'inu ra kalivono. “A criança está batendo no seu irmão”. (→**ipusukoti**)

**itaka** n. porunga, utilizada pelo Koixomoneti para evocar os espíritos durante os rituais de pajelança.



Fonte: Silva, 2012.

**itapa<sup>1</sup>** v. retomar, conseguir de volta. **Vitapatimo** ra poke'e. “Nós vamos conseguir nosso território de volta”.



**itapa<sup>2</sup>** *n.* espinho. Eno **itapa** arumo. “A piranha tem muito espinho” (→**ave, tope**)

**itapipeo** *n.* mina d'agua

**itatakoti** *v.* quebrar. **Itatakoti** ra ipuneti. “A cerâmica está quebrada”. (→**narakoti**)

**iti<sup>1</sup>** *n.* sangue. Eno **itina** ra vaka. “A vaca tinha muito sangue”. Xunati ihopune ne **iti**. “O sangue tem cheiro forte”.

**iti<sup>2</sup>** *pron.* você. **Iti** unati xane. “Você é uma pessoa boa”. **Iti** oma ra une? “Você que trouxe a água?”

**itinoe** *pron.* vocês. **Itinoe** piho iharotike. “Vocês que vão amanhã”.

**itipakovoti** *adj.* manso (→**exoti**)

**itiveko** *n.* bosta de cabrito (planta, *Rhamnidium oleocarpus*)

**itiveti** *adj.* doce. Itiveti ra une. “A água é doce”.

**itixoti** *v.* reunir. **Vitixoatimo** ra xanehiko ko'ituketi uti. “Vamos reunir o pessoal para trabalhar”.

**itokoke** *n.* gancho de madeira usado pelo paje para pendurar o porungo. Kalihaxo ra **itokoke**. “O gancho de madeira é pequeno”.

**itopo'okoti** *n.* carrapicho (planta, *Acanthospermum hispidum*) (→**moniveke**)

**itoti** *v.* **1)** conseguir; **2)** ganhar. **Itoti** ra epo'exoti. “O time de futebol ganhou”.

**itovoti<sup>1</sup>** *adj.* Maduro. **Itovoti** ha'i nana. “O abacaxi está maduro”.

**itovoti<sup>2</sup>** *v.* escapar. **Itovoti** ra tapi'i. “A galinha escapou”

**ituketi** *n.* trabalho. Ako axu'ina ra **ituketi**. “O trabalho está muito pouco”. Ape ituketi yovokuke. “Tem trabalho na sua casa”.

**itukinoati xeti** *v.* **1)** fazer. **2)** contar. (→**itukoti**)

**ituko'oviti** *n.* Deus, Nosso Criador. **Ituko'oviti** ihae vanuke. “Nosso criador que estás no céu”.

**itukoti** *v.* fazer. **Itukotimo** aramusa ra Marlene ikeke lumingo. Oye'ekotimo maxixe, sopro, nakaku, kame, xupu, kareuke. “A Marlene vai fazer almoço no domingo. Ela vai cozinhar maxixe, milho, arroz, abóbora, mandioca e feijão de corda”. (→**itukinoati xeti**)

**itukoti koekutiye** *n.* (neo.) computador

**itunaevoti** *n.* Orquídea (planta, *Orchidacea*)

**ituneovoti** *n.* flor. Uheti ihopune ra **ituneovoti**. “A flor é muito cheirosa”. (→**hiu**)

**itutukoti** *v.* socar. **Itutukoti** nakaku ra mbo'inu. “Meu irmão está socando arroz”.

**ivatakokuti** *n.* **1)** banco. Hana'iti ra **ivatakokuti**. “O banco de sentar está muito alto”. **2)** (neo.) sofá (→**pangu**)

**ivatakoti** *v.* sentar. **Ivetaka** meminemea. “Sente-se você deve estar cansada”.



**ivokovoti** v. morrer. **Invokopovo** ayo. “Meu irmão morreu”. **Ivokovone** ra mbeyo kamo. “O meu cavalo morreu”. **Ivokovoti** ra ho'openo. “O bicho está morto”.

**ivu'ixoti<sup>1</sup>** v. montar. **Ivú'ixu** kamo. “Montar a cavalo”. **Ivu'ixoti** kamo ra hoyeno. “O homem está montado no cavalo”

**ivu'ixoti<sup>2</sup>** v. perder. **Ivu'ixo** ne ihokoti. “O caçador se perdeu”. **Ivu'ixo** ne mbeyo marakaya. “Meu gato se perdeu”. (→ **evokovoti**, **kovu'ixoti**)

**ixenoyo** n. barba. Hopu'itine **ixenoyo** ra nza'a. “Meu pai está com barba branca”. Ape puvati ne **ixenoyoti**. “Tem pessoa que não gosta de barba”. Ako **ixinoyo**. “Você não tem barba”.

**ixepati** 1) dorminhoco. **Ixepati** ne yekoteno. “O velho é dorminhoco”. 2) sono. Vahere namuko'ovi ne **ixepati**. “Quando o sono pega a gente não é bom”.

**ixomone<sup>1</sup>** v. estar. **Ixomone** indukinopi inzoneu. “Estava pensando em você”. (→ **aneko**, **ovohexoti**)

**ixomone<sup>2</sup>** n. reza. Ako **ixomone** ne hovenoen. “Aquela velha não tem reza”.

**ixuxukopeti** n. tear. Oritine ovoku ne **ixuxukopeti**. “O tear já é uma raridade”.

**ixuxukoti** v. tecer. **Ixuxuko** ho'eti ne onze. “Minha avó sabe tecer cinto”. Ako itukovoqe ne onze **ixuxuko**. “A minha avó não faz outra coisa quando ela tece”. (→ **hukoti**, **uhe'oti**)

**iyeno** n. parente. Enepora **viyeno** koyuitihiko. “Os nossos parentes estão fazendo festa”. Eno **iyeno** hoyeno ihae po'ike vipuxovoku. “O homem tem muitos parentes de outro lugar”.

**iyoti** v. chorar. **Iyoti** ra kalivono. “A criança está chorando”.

**iyoyokoti** v. enfeitar. **Iyeyaka** ne xi'ixa. “Enfeite a sua filha”.

**iyoyonevo** n. enfeite, cocar. Uhe'ekoti ra **iyoyonevo tutiye**. “O cocar é muito bonito na cabeça”. (→ **xovo'i**)



Fonte: Silva, 2013.

**iyuixa** n. ferrão de insetos, abelha, marimbondo. Kuri kixoa **iyuixo** ne hane yutokonoti. “O marimbondo que me ferrou, deixou o ferrão”.


**iyukovoti** v. acordar. Yuponi koe **iyukovo** kalivono. “A criança acorda cedo”. (→ **yukovoti**)

**iyuni'ikoti** v. agradar. **Iyuni'ikoati** eno ra kalivono. “A mãe está agradando seu filho”.

**iyuyoti** n. tremor. **Iyuyoti** ne poke'e po'ike meum. “Houve tremor







de terra no outro mundo” ≈ **iyuyoti**  
**poke'e** (neo) terremoto. Iyuyoti ne  
poke'e po'ike pitivoko. “Houve  
terremoto em outra cidade”.





181



FONTE: DENISE SILVA

# KOIXOMONETI



**ka'i** *n.* macaco. Enepora **ka'i** yomoti panana. “O macaco gosta de banana”. (mamífero, *Primates*)



Fonte: Silva, 2010.

**kahakoti** *v.* Arrastar. **Kahakotimo** pangu ra kalivono. “A criança vai arrastar o banco”.

**kakaneti** *adj.* bichado. Enepora ha'i tikoti koati **kakaneti**. “A fruta está bichada”.

**kaketi** *n.* brinco. Ainovo evo'i ho'openo ra induko **ngake**. “O meu brinco é feito das penas de pássaros”. Kohepiti esa'i ra **kaketi**. “O preço do brinco está muito caro”



Fonte: Souza, 2009.

**kalale** *n.* nome de um inseto, talvez imaginário, mítico.



*Um mito Terena diz que quando cai ou quebra um dente, deve-se jogar o dente em cima de um telhado, dizendo as palavras “Peréxapanu inapoti oem kalale!”*

*(Kalale me dá um novo dente)”. Desta forma, o kalale levaria o dente embora e nasceria um novo dente no lugar.*

**kali kamo** *n.* dança do cavalinho (→ **ikatatakoti kamo**)

**kali poroti** *n.* (neo.) calcinha ou cueca. Ihinokoti ra **kali poroti**. “A cueca está furada”.

**kalihaxo** *adj.* 1) Pequeno. **Kalihaxo** ne anakehe. “A cotia é pequena” 2) pouco. **Kalihaxo** ra nikokonoti penenuke. “Você me deu pouca comida”. 3) curto. **Kalihaxo** ra ipovoti veneu. “A roupa que você comprou é curta”.

**kalihuti** *adj.* 1) pequeno. Hane venexa **kalihuti** kehu. “Compre aquele queijo pequeno”. 2) curto (→ **kalihaxo, kaliketi**)

**kaliketi** *adj.* pequeno. **Kaliketinoe** ra numiku veneu. “Os anzóis que você comprou são pequenos”. (→ **kalihaxo, kalihuti**)

**kalikuti** *adj.* estreito. **Kalikuti** ra yovoku. “A sua casa é estreita”.

**kaliovoe** *n.* joaninha (inseto, *Coccinellidae*)

**kalipiu** *n.* [Do *Port.*] eucalipto. Nokuti **kaliptu** ra GATI. “O GATI planta eucalipto”.

**kalisoti** *adj.* Fino. Hiruruxoti eno **kalisoti** ne ipuneti ra ipoti. “A ceramista desenha muito fino na cerâmica”. (→ **lapa'iti**)

**kalivono** *n.* criança. Aruxuko tamuku ra **kalivono**. “O cachorro mordeu a criança”. Komohitihiko ra





**kalivono.** “As crianças estão brincando”.



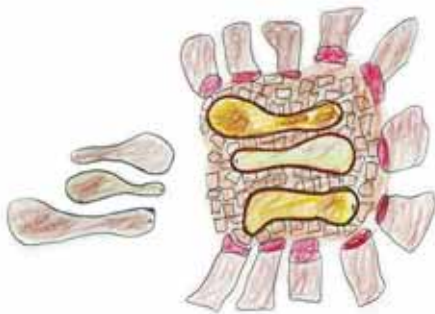
Fonte: Silva, 2013.

**kamakonati** *n.* embiruçu (planta, *Bombacaceae*)

**kame** *n.* abóbora. Eno noneti **kame** kavaneke. “Tem muita plantação de abóbora na roça”.



Fonte: Silva, 2010



“ABÓBORA ASSADA NA BRASA” Fonte: Quintino Mendes, 2010.

**kamo<sup>1</sup>** *n.* cavalo. Exoti **kamo** ra peyo nza'a. “O cavalo do meu pai é manso”. Exoti ra **kamo**. “O cavalo é manso” Ivu'ixo **kamo** ne Lucas. “Lucas anda à cavalo”. Xuxapati ra **kamo**. “O cavalo é rápido”. Exoti ra **ngamona**. “O meu cavalo é manso”.

**kamo<sup>2</sup>** *v.* ouvir. **Kamo** ra otu vitukinoa xeti. “O senhor de idade ouve quando a gente conversa com ele”. **Kamokenoti** radio ra Marli. “A Marli está ouvindo rádio”. **Kamoti** yoti kalivono ra Marli. “A Marli está ouvindo a criança chorar”. **Ngamo** varaka yuponi koeti. “Eu ouvi a anrançuã cantar hoje bem cedo”. **Kamoa** kalivono ra ihaxikopea eno. “A criança ouviu a sua mãe chamar”. **Kamokenoti** oxokenati ra hoyeno. “O homem está escutando a música”. **Ngamo** enengokokono. “Ouço quando sou aconselhado”. **Ngamoa** ne eyekouti. “Ouvi essa notícia”.

**kamokenokuti** *n.* (neo.) rádio. Ngamo inati **kamokonokuti**. “Estou ouvindo rádio agora”.

**kamuxi** *n.* pote de barro.



Fonte: Silva, 2012.

**kaneti** *n.* larvas, coró. Uke'exone nika tuti noneti ra **kaneti**. “O coró comeu toda a folhagem da plantação”.

**kapariketi** *n.* formiga. Eno **kapariketi** koxe'uke ra metakiku. “Tem muita formiga no tronco do angico”

**kapasi** *n.* nuvem. Houxovone ne **kapasi** kevotimo uko. “As nuvens estão se juntando, vai chover”. Eno



**kapasi** ko'oyene. “Hoje a nuvem está bem carregada”.

**kapasikoti** v. pisar. **Kapasikoa** kamo ra xe'exa tapi'i. “O cavalo pisou em cima do pintinho”.

**kapaya'akovoti** v. espreguiçar. **Kapaya'akovoti** ra yekoteno. “O velho está se espreguiçando”. **Kapaya'akovoti** ra xanehiko xapa ho'uxovoti. “As pessoas que participaram da reunião se espreguiçaram”.

**kapayoeti** adj. pisoteado. Enepora ivokovoti tapi'i **kapayoeti**. “A galinha morreu pisoteada”

**kapuha'ikopeti** n. (neo) arma de fogo, espingarda, revólver. Ape ake ra **kapuha'ikopeti**. “A espingarda tem bala”. Akone ake ra **kapuha'ikopeti**. “A arma não tem mais munição”

**kara kara** n. maritaca. Uke'exo noneti soporo ne **kara kara**. “A maritaca acabou com a plantação de milho” (ave, *Aratinga leucophthalma*)

**karameva** n. cedro. Itukoti peti ra **karameva**. “O cedro é bom para fazer casa” (planta, *Meliaceae*)



Fonte: <http://www.remedio-caseiro.com/aplicacoes-do-oleo-de-cedro/>



A madeira do cedro é utilizada para fazer porta, janela,



*mesa, cadeira, cama e batente. As folhas de cedro também têm uso na medicina tradicional.*

**karapa** n. [Do Port.] garrafa. Koema'iti ra itatakoti **karapa**. “A garrafa que está quebrada é um perigo”.

**karapaxoe** n. borboleta grande. Pikoti **karapaxoe** ra Vitória. “A Vitória está com medo da borboleta grande” (inseto, *Lepidoptera*)

**karape** adj. [Do Guaraní] baixo. **Karape** ne ongo. “Minha tia é baixinha”. **Karape** ra yovoku. “A sua casa é baixa”.

**karape panana** n. banana maçã. Ape **karape panana** kavaneke. “Tem banana maçã na roça” (planta, *Musa*)

**kararaunati** n. mamoeiro que não dá frutos, mamão-macho. **Kararaunati** ra xeve xapau angapetike. “Tem pé de mamão macho no meu quintal” (planta, *Caricaceae*)

**karau** n. carancho. Ahati eneyea ra **karau** ya xe'okuke tangi itukovo hahameti. “O carancho gosta de cantar toda tarde na beira do açude”. (ave, *Polyborus plancus*)

**karau** n. carão (ave, *Aramus guarauna*)

**karayo** n. lixeira. Kipo'ikopeti xurumo ra **karayo** mekuke. “Antigamente usava a lixeira para lavar panela” (planta, *Curatella americana*)

**kareoke** n. feijão-de-corda. **Movokene** ra ngareyokea. “Meu feijão já está secando”. (planta, *Vigna*)





Fonte: Silva, 2013



"CALDO DE FEIJÃO DE CORDA VERDE COM MANDIOCA" Fonte: Quintino Mendes, 2010.



"CALDO DE FEIJÃO DE CORDA SECO COM PUCHERADA" Fonte: Quintino Mendes, 2010.

**karixo** *n.* [Do Port.] galinha carijó (ave, *Gallus gallus domesticus*)

**kasasa'ikoti** *v.* Limpar casa. **Kasasa'ikoti** ra onju. "Minha tia está limpando a casa"

**kasati** *n.* 1) frio. **Kasati** ya kohea njuniu. "No mês de junho faz frio". 2) gelado. **Kasati** une. "A água está gelada" (→ **asako**, **kasaxoti**)

**kasatu** *n.* [Do Port.] casamento. Apetimo **kasatu** luminguke. "Haverá casamento no domingo". (→ **ikorokovoti**)

**kasaxoti** *v.* sentir frio. **Kasaxoti** hovenoen. "A velha está com frio". (→ **epekopi**)

**katera** *n.* [Do Port.] carteira. Kuxotine ra **ngaterana**. "A minha carteira é velha".

**kauha'ixope** *n.* vassoura. Inarakoti ra **ngauha'ixope**. "A minha vassoura está quebrada".



Fonte: Silva, 2013.

**kauha'ixoti** *v.* varrer. **Ngauha'ixoti** ovongu. "Estou varrendo a minha casa".

**kaunakokuti ipovoti** *n.* (neo.) guarda roupa

**kaunakokuti itukevoketi** *n.* (neo.) guarda louça

**kausayu'ixoti** *v.* estragar. **Kausayu'ixoti** mbicikeletina po'inu ra homoehou. "O moço está estragando a bicicleta do seu irmão". **Kausayu'ixoati** eka kuma'am ra hoyeno. "O homem ficou ruim por causa de pinga". (→ **atahixoti**)

**kavahati** *v.* atrapalhar. **Kavahati** Marlene ra Vitoria. "Vitória está atrapalhando a Marlene".





**kavane** *n.* roça. Uke'exo nikea **kavaneke** ne kipae. “A ema come todo o tipo de plantação na roça” Enepora **kavane** eno noneti ya. “Nesta roça tem muitas plantações”. (→ **Isane**)

**kavo** *n.* sabão. Kiyone ra **ngavona**. “Meu sabão está ficando pequeno”. Nikoti **kavo** ne kure. “O porco está comendo sabão”.

**kaxaka'ikoti** *v.* secar ao sol. **Kaxaka'ikoati** nza'a ra atupu xapa kotuti kaxe. “O meu pai está deixando adubo no meio do sol quente para endurecer”.

**kaxe<sup>1</sup>** *n.* **1)** sol. Kotuti ra **kaxe** ko'oyene. “Hoje o sol está quente”. **2)** dia.



Fonte: Souza, 2013

**kaxe<sup>2</sup>** *n.* dia da semana. Kuaturu **kaxe** ko'oyene. “Hoje é quinta-feira”.

**kaxeono** *adj.* paraguaio. Eno oro he'onone ra **kaxeono** ya vemeuxake. “Os paraguaios esconderam muito ouro no nosso território”.

**kaxu** *n.* caju. Pi'a ko'iyevoku ra **kaxu** harara'iti yoko hiya'iti. “Tem dois tipos de cajú, vermelho e amarelo”. (planta, *Anacardium*)



Fonte: Silva, 2010.

**kaya** *n.* cérebro. Koati ko'ituketi ra **ngaya**. “Meu cérebro está trabalhando muito”. Kaliha **kaya** ne tapi'i. “A galinha tem cérebro pequeno”.

**kayaineti** *v.* Babar. **Kayaineti** ra Ana. “A Ana esta babando”. (→ **ayaine**)

**kehakoti** *v.* Servir. **Kehaka** ra terere Libi. “A Libi está servindo tereré”.

**kehokopeti** *n.* pá de ponta

**kehu** *n.* [*Do Port.*] queijo. Avo aunati ra **kehu**. “O queijo ainda não está bom”.

**keno vaka** *n.* camalote (planta, *Eichhornia crassipes*)

**kenoti** *n.* orelha. Kohinokone **keno** ne seno. “A mulher furou a orelha” Ulala'iti ra **kenoti**. “A orelha está com ferida”.

**kerokoti** *v.* cavar. **Kerokoti** huro ra xuluki. “O tatu está cavando um buraco”.

**ketihe** *n.* carrapato. (inseto, *Aracnídeos*) (→ **hirimititi**, **koromototo**)

**ketukoti** *v.* misturar. **Ketukoa** hoyeno ra hariri. “O homem está



misturando areia”. (→  
**amuxokoti**)

**ketupahoti** v. Revirar. **Ketupaheo** ipovo ra Liliane. “A Liliane revirou as roupas”.

**kevi** n. asa. Inarakoti **kevi** ne ho'openo. “A asa do pássaro quebrou”.

**keviti** n. abanico. Oro'okovoti poixo'o ra **keviti**. “O outro lado do abanico está queimado”.



Fonte: Souza. 2012.

**kevoti** v. chover. Xunati **kevea** ne uko. “Choveu forte”.

**kiya'ikaxe** n. pôr-do-sol.



Fonte: Corrêa, 2011.

**kili kili** n. periquito. Koepokone **kili kili** ne kalivono. “A criança matou o periquito”(ave, *Psittacidae*)



Fonte: Corrêa, 2011.

*Acredita-se que quando o periquito voa à noite é sinal de que o chefe da família morrerá.*

**kimoum** n. queixada. Houxokoe yono ne **kimoum**. “O queixada anda em bando” (mamífero, *Tayassu pecari*)



Fonte: Corrêa, 2012.

**kinati** adj. Gordo. Yeopa ra **nginako?** “Você percebeu que estou ficando gordo?” **Nginatine** enomone akoino omondova ne ipovoti. “Engordei por isso que a roupa não serve mais em mim”. Ape kurena ne nza'a pora **kinati**. “Meu pai tem um porco bem gordo”. **Kinati** ra peyoko kure kataraiti. “O porco tratado está gordo”.

**kipae** n. Ema. Oritine noxea uti ra **kipae**. “É raro ver ema” Uke'exone noneti maxixi kavaneke ra **kipae**. “A ema acabou com a plantação de maxixi na roça”. (ave, *Rheidae*)







Fonte:

<http://coisadezootecnista.blogspot.com.br/2011/02/ema.html>



*A Ema faz-se presente na cultura terena de várias formas, seja em adornos típicos ou nas formas míticas. Suas penas são utilizadas na confecção de vestimentas masculinas, tais como, xiripa, cocar e bracelete utilizadas durante a tradicional Hiyikexoti kipae – dança da ema, dançada apenas pelos homens. O penacho do pajé é confeccionado com pena de ema, assim como outros adornos. O início do ano terena, período da colheita e também da festa do ohokoti ocorre quando a constelação das Pleiades atinge seu ponto máximo, formando com a Via Láctea a imagem de uma ema presa ao Cruzeiro do Sul, sendo essa responsável pela manutenção do mundo. Segundo a sabedoria do povo, se a ema soltar-se, o mundo se acaba. Ainda segundo a sabedoria terena, caso a pessoa tenha a visão dessa ema do céu flutuando no ar ela morrerá.*

**kipahi<sup>1</sup>** *n.* penacho utilizado pelo koixomoneti durante os rituais de pajelança. Kipae evo'i ituko **kipahi** ra koixomoneti. “O penacho do pajé é feito de pena de ema”.



Fonte: Silva, 2013.

**kipahi<sup>2</sup>** *n.* guarda-chuva ou sombrinha.

**kipo'ikoti** *v.* lavar. **Kipo'ikoti** carru ra Liliane. “A Liliane está lavando o carro”.

**kipohopeti ipovoti** *n.* (neo.) máquina de lavar roupa.

**kipohoti** *v.* lavar roupa. Mbiheamo **kipohoti**. “Vou lá lavar roupa”

**kipo'ikopeti** *v.* limpar

**kipokexoti** *v.* lavar vasilha.

**kiri** *n.* nariz. Imixako **kiri** ne epoe'exoti. “O nariz do jogador sangrou” Enepora **kiriti** akomea omehone vo'oku ngiripi. “Não está sentindo cheiro por causa da gripe”. Kotivetine ra **ngiri** vo'oku ngiripi. “O meu nariz está doendo por causa de gripe”.

**kiripuku** *n.* redemoinho. **Kiripupu** xapa ihunovoti kiaxeke. “Tinha redemoinho no meio do vento ontem”.

**kiriu** *n.* Fogo-apagou, rolinha. Mopoi niko ra **kiriu** koene'eye. “A rolinha come pedra”. (ave, *Columbidae*)

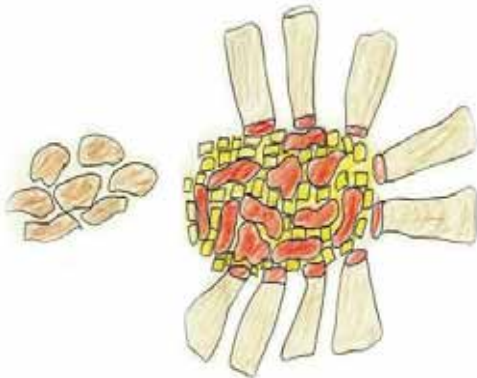


**kixoti** v. dizer. **Nguixoa** ra Marlene mbiheamo. “Eu disse a Marlene que eu vou lá”.

**ko'e** n. batata doce. Eno kavaneke ne **koe'e**. “Tem muita batata-doce na roça.” Itivetinoe ra **ko'e**. “As batata são doces”.



Fonte: Souza, 2010.



BATATA DOCE ASSADA NA BRASA. Fonte: Quintino Mendes, 2010.

**ko'emoketi** n. brincadeira. **Ko'emokeati** hovenoenno ra arunoe. “A senhora está tirando sarro da moça”. (→ **mohikenati**)

**ko'eru<sup>1</sup>** n. pipa. Kalihaxo ra **ngo'eruna**. “A minha pipa é pequena”. Uhe'okoti ra **ngo'eruna**. “A minha pipa é bonita”

**ko'eru<sup>2</sup>** n. papagaio. Ako exa humikea ra **ko'eru**. “O papagaio não sabe assoviar”. Uke'exone none soporo ne **ko'eru**. “O papagaio acabou com a plantação de milho” (ave, *Psittacidae*)



Fonte: Silva, 2012.

**ko'eyo** n. concha. Eno pe'utinoe **ko'eyo** yane tangike. “Tem muitas conchas grandes no açude”.

**ko'ikoti** v. debulhar. **Ko'ikoti** movo'iti soporo ra nza'a. “Meu pai está debulhando milho seco”.

**ko'ituketi** v. trabalhar. **Ko'ituketi** ra homoehou. “O moço está trabalhando”. **Ngo'ituke** ya heu koeti semana. “Eu trabalho durante a semana”. Ako omotova mbihea vo'oku **ngo'ituketi**. “Não posso ir porque estou trabalhando”.

**ko'oyene** n. 1) hoje. **Ko'oyene** mbiha numinguxea. “É hoje que vou pescar”. **Ko'oyene** nzeapa. “É hoje que eu chego” 2) agora. **Ko'oyene** simea ne'e. “Ele chegou agora”. Mbihopotinemo **ko'oyene**. “Daqui a pouco eu vou embora, agora mesmo irei embora”.

**ko'ovokuyea** n. moradia. (→ **iperekeuti peti, ovokuti, peno, peti, peti kamata'iuti**)



Fonte: Júlio, 2012.







*"Enepo kixoku ko'ovokuyea uti vitukovo kopenoti ya xoko vipuxovoku mekuke, eno hana'iti poe'ayea ko'oyene yara simokune ra meum vovokune. Vo'oku ko'ovokuyea ne voxunoekene mekuke, peti iperekeuti kopenohiko meku. Enepora peno ra viyenoaxapa meku tokerehi yoko tuti exate, enomone hi'exeovo ra ovokuti mekuke. Enepora hi'e ihae meum none kuveu kixone viyenoaxapa. Koane iperekeuti tikoti kohevehiko ra ovokuti mekuke, koanemaka harara'iti mote xanena hi'e koehati yapahi, omoxokovo motovamaka kamata'ikeova ne heve peti, epo'oxo ra hi'e yapahi itukoamaka viyenoaxapa kuxauna meku. Itukovomaka atupu ra harara'iti mote omoxoeti koheveamaka peti."*

*A forma de moradia dos nossos parentes no passado era bem diferente da usada hoje. A moradia dos nossos antepassados era uma casa feita de pau a pique ela tinha cobertura de sape ou palha de bacuri essa era a cobertura dessas casas antigamente. O sape é uma planta nativa do campo, e essa casa feita de pau a pique e rebocada com barro vermelho misturado com capim sape, é feita uma massa de barro com capim para que possa fixar na parede. Esse mesmo capim servia também para os nossos parentes antigamente como colchão. Também pode ser misturado com terra vermelha para fazer um tipo de tijolo chamado adobe, que é também uma outra forma de parede da casa. Essa era a forma da casa dos nossos antepassados. (Fonte: Júlio, 2011)*

**ko'uhepuneti** desejo.  
**Ko'uhepuneti** nikea mote ra ihaikoti. "A mulher está com desejo

de comer terra". **Ko'uhepuneti** handea ra ihaikoti. "A grávida está com desejo de comer melancia". (→ **ahati, uhepune**)

**koehepu'iti** n. moringa. Kuxotine ra **koehepu'iti**. "A moringa é antiga".



Fonte: Silva, 2010.

**koekotoro'oti** n. jararaca. Ape **koekotoro'oti** koexoe ndokopone xenekuke. "Eu encontrei uma jararaca na estrada" (serpente, *Bothrops insularis*)

**koema'iti<sup>1</sup>** adj. feio. **Koemaitine** ne tamuku ipa'akoti. "O cachorro que está com sarna é feio" **Koema'iti** ra hoyeno. "O homem é feio"

**koema'iti<sup>2</sup>** adj. perigoso. **Koema'iti** ra koinikoti huveo. "O rio é perigoso com a enchente". **Koima'iti** ne koexoe. "A cobra é perigosa". **Koima'iti** ra kene meum. "O tempo está perigoso"

**koepokoti** v. matar. **Koepokoti** koexou ra hoyeno xe'okuke ovoku. "O homem matou uma cobra perto da sua casa".

**koevesekoti<sup>1</sup>** v. descer algum objeto como: bagagem, mala.  
**Ngoevesekoati** inonem. "Vou descer a minha carga". (→ **evesekoti**)



**koevese koti**<sup>2</sup> v. terminar. **Ngoevese koati** ra indukovo ke. “Vou terminar o que eu estou fazendo”. (→ **kovese koti**, **uhexone**, **usexeti**)

**koexoe** n. cobra. Enepora **koexoe** ho'e maya itukovoye. “Esta cobra é uma cobra coral”. Koima'iti ne **koexoe**. “A cobra é perigosa”.



Fonte: Silva, 2009.

**ko'eyo** n. concha. Ihai une ne **ko'eyo**. “A concha vive na água”

**kohe** n. 1) mês. Eno kokeviti tavaruru ya **kohe**. “A formiga tem asa no mês de agosto” 2) lua. Hupati ra **kohe** ya xeyake. “A lua é bem clara na cheia”.



Fonte: Souza, 2012



“Enepo vivoko'okoa ra kohe, vexoa apeyea kuaturu koeti kixovoku ya ovati pohuti kohe, ya tirinta koeti kaxe. Ape minguante, ape inamati kohe, ape crescente yoko xeya, yupihova ivoko'okea koane kutipea viyeno xapa enepo ape koekuti itukovo ke. Ka'aye koe ra viyeno xapa koyuhua ra inamati

kohe; koekuti apeti kalivonona akoti okomoeke pa'axovahiko motovati veyopea ne hulekeko yoko koekuti arine ne kalivono omopea yatike. Koanemaka ya inamati kohe ako omotova tetukea tikoti ra viyeno xapa enepo ituko ovoku, vo'óku ako oriko kopuno'iyea ne tikoti ya inamati kohe. Koanemaka enepo ape seno ihaikoti, enepo koxe'exa ya inamati kohe mahi seno kalivono ipuhikoya, epo'oxo isako kali heve uko ya inamati kohe. Koanemaka ya crescente mahi unati vate'ikovo pe ne arunoe, akohi oriko hanaipea tuti ya. Kene ya xeyake mahi koati mbiu koeti ko'itukepeti ya, mbiu koehi oposiheopeti ho'openo ya yoti ya hoikuke, koane enepo ape ihaikoti seno koxe'exati ya xeyake, mahi hoyeno kalivono ipuhikoya.”

Quando a gente observa a lua, ela possui quatro tipos, ou fases dentro de um mês. Tem minguante, tem nova, crescente e cheia. Os nossos parentes respeitam muito, acreditam, observam e temem quando fazem alguma coisa ou quando querem fazer alguma coisa em relação a sua atividade. Antigamente eles falavam que, na lua nova, quem tinha criança que não está bem de saúde, com amarelo, os pais faziam um ritual para invocar a lua pedindo que ela tirasse a doença, a preguiça do filho e a lua mandasse longe essas doenças. E na lua nova os nossos antepassados não podiam cortar madeira ou árvore quando estavam tirando madeira para casa porque a madeira não seria resistente, apodreceria rápido. Também quando tem um mulher grávida e que vai dar a luz nessa fase da lua dizem que vai nascer uma menina e também na lua nova sempre chove um pouco. E na fase crescente dizem que é uma fase boa para que as moças possam cortar o cabelo,





que cresce rápido. Na fase da lua cheia dizem que é bom para trabalhar melhor, muito bom para caçar animais no mato e também quando uma mulher grávida dá a luz a um menino. Essa é uma versão dos mais antigos. (Fonte: Júlio, 2011).

**kohihiti** *adj.* bêbado. **Kohihiti** ne hoyeno. “O homem está bêbado”

**kohinokoti** *v.* furar. **Kohinokoti** ikokuti ra nza'a. “Meu pai está furando poço”.

**kohipot** *n.* gavião. Yomotí nika xe'exa tapi'i ra **kohipot**. “O gavião gosta de comer pintinho” (→ **hoveo**, **ili'ili**, **peyo kaxe**)

**kohiuti** *n.* florido. **Kohiuti** ra mara'o. “O ipê está florido”.

**koho**<sup>1</sup> *n.* tuiuí. Hanaiti anu ho'openo ra **koho**. “O tuiuí tem pescoço grande”. Eyevoti anu ra **koho**. “O tuiuí tem um pescoço enorme” (Jabiru mycteria)



Fonte: Guedes, 2012.

**koho**<sup>2</sup> *n.* nome dado à primeira parte da dança da ema, os passos largos, devagar e sincronizados representam os guerreiros no mato procurando o inimigo.

**kohoa** *n.* panturrilha. **Kohoneti kohoa** ra seno. “A mulher está com a panturrilha dolorida”.

**kohokoti** *v.* derrubar. **Kohokoti** manga ra Marlene. “A Marlene está derrubando manga”. (→ **ikorokovoti**, **kopuhokoti**)

**kohokoti** *v.* servir. **Kohokoti** mate ra Marlene. “A Marlene está servindo mate”.

**kohoneti** *n.* dor. **Kohoneti** nduti. “Estou com dor de cabeça”

**kohonokoti emo'uti** *n.* (neo.) microfone. Kayuhoti anza'axo ne **kohonokoti emo'uti**. “Gosto de falar no microfone”

**kohononeti** *n.* cascavel (reptil, *Viperidae*)

**kohononexoa** *n.* gafanhoto. Uke'exo nika kavaneke ne **kohononexoa**. “O gafanhoto come toda roça”. (inseto, *Caelifera*)

**koho'okoti** *n.* pica-pau (ave, *Campephilus melanoleucos*) (→ **ohono'okoti tikoti**)

**kohupi'okoti** *n.* (neo) ventilador.

**koihiti yutapa** *n.* tesourão (ave, *Fregata*)

**koinoti** *v.* carregar. **Koinoti** tuti tikoti ra kosiu. “A formiga está carregando folha da árvore”. **Koinoti** tikoti ra taratu. “O trator está carregando madeira”.

**koitanu** *n.* melão de São Caetano. (planta, *Momordica*)

**koiti inati** *n.* barbatimão (planta, *Fabaceae*)



**koituketi** *adj.* trabalhador. Koati **koituketi** ne hoyeno. “Ele é um homem trabalhador”.

**koixomoneti** *n.* pajé



Fonte: Silva, 2013

**kokiriti opeti** *n.* anu-preto (ave, *Crotophaga ani*) (→ **povoko**)



Fonte:

[http://christiancamargo.com.br/site/modules/mastop\\_publish/?tac=Anu-preto](http://christiancamargo.com.br/site/modules/mastop_publish/?tac=Anu-preto)

“Enepora ho'openo hahaha koie evoi kali hiyai koe opekuke kiri heheu koie kiri kiri xe'exa tapi'i ituko nika yoko kalihunoe kaneti, xapa hoi o'vo, enepo kaha nikea

*xe'exa tapi'i inati oposiko ipuhikea xapa ko'ovokuti, ovoti xeokuke hooi tuku koeti ukexea ne koputoe tapi'i.”*

*Este pássaro tem penas pretas e embaixo do seu bico tem penas amarelas, seu bico é muito pontiagudo; ele se alimenta de ovos de galinha, de insetos, mora no cerrado e quando sai a procura de alimento como ovos ele procura casa mais próxima e incomoda dona da casa até acabar com o ovos. (Fonte: Anésio Alfredo Pinto, 2013)*

**kokuruhunati** *n.* urutu cruzeiro, serpente. Oriti noxea uti ra koexoe **kokuruhunati**. “É raro ver urutu cruzeiro” (réptil, *Bothrops alternatus*)

**kolemetete** *n.* lagartixa. Eno **kolemetete** koxe'uke manga. “Tem muita lagartixa no tronco da manga” (réptil, *Teiidae*)

**komititi** *adj.* cego. **Komiti** koye ne onze. “Minha avó está cega”.

**komohiti** *v.* brincar. **Ngomohi** xapa iningone koene'eye. “Eu brinco com os meus amigos às vezes”. **Ngomohitimo** xepakukenoe. “Brincarei no meio de vocês”.

**komokoti xeleke** *n.* carpinteiro (ave)



“Enepone kali hopeno koahati komokoti xeleke kali kopuroro koe evo'i ainovo ienoxapa kane hihe enepo yono xapakuke hoi ako kurikaka poha seno poha hoheno, kahe ituko nika , ake hie ituko nika enepo ituko ovoku oposiko hana'iti xuve tikoti vikoko kixoa ne ovoku ainovoti xelekena tope enomone koihano komokoti xeleke, kuane



oukeke xene imoa ne moko.  
Eneokexeane exokonone  
itukeovone koxeexatine,  
eloketinehiko okovo.”

*Carpinteiro é uma ave acinzentada da família do canário, voa sempre em casal e alimenta-se de semente de capim; constrói seus ninhos no alto das árvores, usa gravetos de espinhos para fechar seu ninho. Quando cantam dentro da sua casa é porque estão felizes com a chegada dos filhotes (Fonte: Anésio Alfredo Pinto, 2013)*

**komomokuti** *n.* (neo.) televisão

**komomopeti ora** *n.* (neo.) relógio (→ **honovo'uti**)

**komomotu** *v.* 1) assistir. **Komomotu** epo'exoti ra xanehiko. “As pessoas estão assistindo jogo de futebol”. 2) olhar. **Komomo'oviti** ra tamuku.” O cachorro está olhando pra nós”.

**komukexopeti** *n.* Peneira. **Komukexopeti** peixou ra hoyeno. “O homem está limpando feijão na peneira”.



Fonte: Silva, 2010.

**konehie** *n.* canarinho (ave, Fringillidae)

**konoum** *n.* coelho. Ako xe'exa ra **konoum**. “O coelho não tem filhote”.

**kopenoti** *n.* índio, indígena.



Fonte: Souza, 2013.

**kopihe** *n.* espécie de marimondo. Poke'eke ovo moko ra **kopihe** hane. “Esse tipo de marimbo fica embaixo da terra.” (inseto)

**kopirereti** *v.* 1) desenrolar. **Kepirereo** voso ra Marlene. “A Marlene desenrolou a linha”. 2) ficar em fila. **Kopirereovo** ra kalivonohiko. “As crianças formaram uma fila”.

**kopiti'iti** *adj.* sujo. **Kopiti'iti** ipevona. “Sua roupa está suja”.

**kopiye** *n.* tatu-peba. Enpora **kopiye** yoti yonea. “O tatu peba anda de noite”. (mamífero, *Euphractus sexcinctus*)

**kopopokexoti** *n.* gonçalo (planta, *Astronium fraxinifolium*)

**kopuhiketi** *n.* espécie de lagarta que queima (inseto)

**kopuhi'oti** *n.* gato do mato. Ndokopo **kopuhi'oti** kiakaxeke. “Ontem eu encontrei um gato do mato na estrada”

**kopuhoiti** *n.* (neo) fogos de artifício.





**kopuhokoti<sup>1</sup>** v. derrubar.  
**Kopuhoko** kalivono ra Liliane. “A Liliane derrubou a criança”. (→ **ikorokovoti, kohokoti**)

**kopuhokoti<sup>2</sup>** v. estourar.  
**Kopuhokexoti** pipoca ra Liliane. “A Liliane estourou pipoca”.

**kopurorokoti** adj. Podre.  
**Kopurorokoti** ne manga. “A manga está podre”.

**koputukoti** v. chocar

**koreta** n. [Do Port.] carreta. Itatakoti heve ra **ngoretana**. “A roda da minha carreta quebrou”.

**korome** n. cascudo (peixe, *Siluriformes*)

**koromototo** n. carrapato. Ape **koromototona** ne kamo. “O cavalo tem carrapato” (*inseto, Aracnídeos*) (→ **hirimititi, ketihe**)

**korotoke** n. semente conhecida popularmente como lágrima de Nossa Senhora (~ **toretoke**)



Fonte: Silva, 2013

*Essa semente é utilizada no artesanado, na confecção de colares e em uso fitoterápico.*



Fonte: Silva, 2013

**korumekoti** v. acender.  
**Ngorumekoa** ra yuku kuveu ovokuti. “Acendo a luz dentro da casa”. **Ngorumekoati** ra yuku xapa hokomori. “Estou acendendo o fogo no meio do lixo”. **Ngorumekoatimo** ra yuku ya oye'ekokutike. “Vou acender o fogo no fogão a lenha”. (→ **ihixoti, ihuxoti, oxokoti**)

**koserati** adj. manhoso, chorão.  
**Koserati** ra kalivono. “A criança é manhosa”

**kosiu** n. formiga. Hirere koe ne **kosiu** omopea tuti tikoti. “É em fila que a formiga carrega a folha” (*inseto*)

**kotepaka** n. pacu. Ape **kotepaka** huveoke. “Tem pacu no rio”. (Peixe, *Characidae*) (→ **xaka xaka**)

**kotikoti** v. espremer. **Kotikoti** naranga mongexa itukoti voreka. “A minha irmã está espremendo laranja para fazer o nosso suco”.

**kotiveti<sup>1</sup>** adj. azedo. **Kotiveti** ra peixou. “O feijão está azedo”. **Kotivetine** ra pexou. “O feijão azedou”. **Kotiveti** ne naranga. “A laranja está azeda”.

**kotiveti<sup>2</sup>** adj. **1)** dolorido. **Kotiveti** ikene iyutokea ra hane. “A ferroada do marimondo é dolorida”. **2)** dor **Kotiveti** ra njipo kohoneti. “A minha unha está doendo”. **Kotiveti** ra ndaki. “Estou com dor no braço” **3)**



arder. **Kotiveti** ra kurihoe ungekuke. “A fumaça está ardendo os meus olhos”.

**kotoro'oti** *n.* pintado. Ako ave ra **kotoro'oti**. “O pintado não tem espinho”. (peixe, *Pimelodidae*)

**kotukoti** *v.* ordenhar, tirar leite. **Kotukoti** xene vaka ra hoyeno. “O homem está tirando leite da vaca”. **Kotukoti** xene vaka ra nza'a. “Meu pai esta ordenhando”.

**kotuti** *adj.* 1) quente. Kuati **Kotutiko** ra mbulu. “O bolo está muito quente” 2) calor. **Kotuti** kaxe ko'oyene. “Hoje está calor”.

**kotutiti koeru** *n.* sanhaço azul (ave, *Thraupidae*)

**kouhupikexopeti** *n.* peneira utilizada para limpar arroz, feijão. Kuxotine ra apa **kouhupikexopeti**. “A peneira de apa é antiga”.

**koveko** *n.* porco-do-mato, cateto. Enepora **koveko** koema'iti tokopa uti. “O cateto é perigoso quando a gente encontra no caminho”. (mamífero, *Tayassuidae*)

**kovesekoti** *v.* terminar. **Ngovesekoatimo** ra itukéti. “Terminarei esse trabalho”. (→ **kovesekoti**, **uhexone**, **usexeti**)

**kovesekovoti** *v.* pular. **Ngovesekovoti** vo'okuke ra ho'openo. “Estou pulando por causa do bicho”. **Ngovesekovotimo** ya elokeko ongovo. “Pularei de alegria”

**kovo'eru** *n.* águia. Hana'iti ho'openo ra **kovo'ero**. “A águia é um pássaro enorme”. (ave, *Accipitridae*)

**kovu'ixoti** *v.* perder, extraviar. **Kovu'ixoa** Marlene ra tiuketi. “A Marlene perdeu o dinheiro”. **Ngovu'ixoa** diplomana undi ituke mestrado. “Eu perdi meu diploma de mestrado”. (→ **evokovoti**, **ivu'ixoti**)

**koxe'u** *n.* 1) corpo humano. Ulala'iti **koxe'u** ne kalivono. “O corpo da criança está com ferida”. 2) tronco de árvore

**koyo'iti** *adj.* preocupado. **Koyo'iti** ra hoveneno vo'oku amori akoti seapa. “A velha está preocupada por causa do seu neto que não chegou”.

**koyuhopeti<sup>1</sup>** *adj.* fofoqueiro. Eno **koyuhopeti** ra onju. “Minha tia é muito fofqueira”

**koyuhopeti<sup>2</sup>** *n.* 1) caderno Uke'ene **koyuhope** ra kalivono ihikaxovoti. “O caderno do aluno acabou”. Kopiti'iti ra **ngoyuhope**. “O meu caderno sujou”. 2) papel. 3) livro. Ngo'ipara ra **koyuhopeti**. “Eu ganhei um livro”.

**koyuhoti** *v.* falar. **Ngoyuho** emo'um. “Eu falo a minha língua”. Koati **koyuhoti** ra seno xapa ho'uxovoti. “Esta mulher fala mesmo na reunião”. **Ngoyuhoatimo** ra isoneuti. “Falarei dessa idéia”. **Ngoyuho** xapa ho'uxovoti ko'oyene. “Falo na reunião de hoje”. **Ngoyuhoa** akoiyea aunati poreu ne'e. “Falei que não ia dar certo”.

**kuma'am** *n.* bebida alcoólica. Enovoti **kuma'am** ra hoyeno. “O homem bebe pinga”.

**kure** *n.* porco. Ngovu'ixoane ra **ngurena**. “Perdi o meu porco”. Enepone ipuhokovoti **kure** aruxuko



maka. “O porco bravo também morde”. Kinati ra **kure** mbiu koene kavaneyeovo. “O porco é gordo já pode ser vendido”. (mamífero, *Suidae*)



Fonte: Souza, 2013.

**kurihoe** *n.* fumaça. Kotiveti ra **kurihoe** ungekuke. “A fumaça está ardendo os meus olhos”.

**kurike**<sup>1</sup> *n.* amendoim. Avo itapu ra **kurike**. “O amendoim ainda não está maduro”. (planta *Arachis hypogaea*)

**kurike**<sup>2</sup> *n.* brincadeira tradicional.



Fonte: Quintino Mendes, 2010.

**Brincadeira muito próxima do “Corre-cotia”, as crianças formam uma roda, sentadas no chão. Com um pedaço de pau, pano ou qualquer outro objeto, uma das crianças corre em volta da roda e coloca o pau atrás de uma criança que está sentada. A criança que estava sentada deve pegar o pau e correr atrás de quem deixou o pau antes que ele sente em seu lugar.**

**kurikokuti ihomuyoti** *n.* (neo.) lixeira, lugar onde se deposita o lixo.

**kurikoti**<sup>1</sup> *v.* deixar. **Kuringuixoa** pihea ra Liliane pitivokoke. “Eu deixei a Liliane ir na cidade”. (→ **avane, sikeane**)

**kurikoti**<sup>2</sup>. *v.* Jogar. **Kurikotihiko** baralho ra hoyeno. “Os homens estão jogando baralho”. **Kurikoti** hokomori ra seno. “A mulher jogou o lixo”.

**kurute**<sup>1</sup> *n.* juriti (ave, *Leptotila megalura*)

**kurute**<sup>2</sup> *n.* pombo. Ape moko ra **kurute** xoko xuve tikoti. “O pombo tem o seu ninho no pé de árvore”. (ave, *Columbidae*)

**kusoti** *n.* nervo. Vahere imikusoko ne **kusoti**. “O nervo quando sofre contusão não é bom”.

**kutapera** *n.* mão pelada (mamífero, *Procyonidae*)



Fonte:

<http://www.fazendasanfrancisco.tur.br/noticias/pousada-no-pantanal-sul-ms-brasil-surpresa-no-quintal/973/>

**Encontrar com um mão pelada no caminho é sinal de que a pessoa terá vida curta.**

**kutexu** *n.* quati (mamífero, *Procyonidae*)





**kuxoti<sup>1</sup>** *n.* 1) velho. **Kuxotine** ra mbalitona. “O meu casaco já e velho”. 2) antigo

**kuxoti<sup>2</sup>** *v.* esperar, está esperando. Enepora hovenoen **kuxoti**. “A velha está esperando”. **Kuxotine** ivue ra Andai. “Antonia está esperando a condução”.





FONTE: DENISE SILVA

# LAPAPE



**laka'iti** *adj.* molhado. **Laka'iti** ra ipovoti. “A roupa está molhada”. Akomo indukapa ne imbovo **laka'itiko**. “Não vestirei a minha roupa porque está molhada”.

**lapa'iti** *adj.* fino. **Lapa'iti** ra tapoa akomo atiu'i. “A tábua é fina não vai durar muito”. (→**kalisoti**)

**lapahiti** *adj.* transparente. Ako aunati ra ipevo **lapahiti**. “A sua roupa está transparente não é bom”.

**lapape** *n.* beiju. Uheti oso'ixovo **lapape**. “O beiju assado é gostoso”. Piho kavaneke ne mboinu veyoponoti xupu itukotimo **lapape**. “Meu irmão foi para roça pegar mandioca para fazer beiju”.



Fonte: Silva, 2010.

**Item da alimentação extremamente importante e valorizado pelos terena, tendo como base a mandioca ralada e torrada em forma de círculo, o seu consumo se dá de forma partilhada entre os membros da família. A esse ato de comer junto é dado o nome de inikoneti. Segundo relato de uma anciã, antigamente a comida era servida em um único recipiente e todos alimentavam-se juntos nesta mesma vasilha.**



“LAPAPE” Fonte: Quintino Mendes, 2010.

**lapo'ehi** *n.* paineira. Enepora lapo'ehi oro'okovoti. “A paineira está queimada”. (planta, *Ceiba speciosa*)

**lavona** *n.* [Do port.] lagoa. Evakaxu ne **lavona**. “Tem capivara na lagoa”

**lehu** *n.* [Do port.] lenço. Kopiti'iti ra **lehu**. “O lenço está sujo”. Inamatiko ra **lenzuna**. “O meu lenço é novo”. Ivarereoti ra **lihuna**. “O seu lenço está rasgado”.

**lele** *n.* irmão mais velho. Kavaneke yono ra **lele**. “O meu irmão mais velho foi para roça”.

**levehoti** *v.* 1) caçar. **Leveheoti** yotike ne nza'a. “Meu pai foi caçar ontem a noite”. **Levenzeoti** yotike. “Fui caçar ontem à noite” 2) andar, passear. **Leveheoti** ra arunoe. “A moça está andando à toa na rua”. **Levenzeoti** kiyakaxeke. “Fui andar à toa ontem na rua”.

**ligaxoti** *v.* ligar. **Liguexinamo** iharotike. “Ligue para ele amanhã”.

**likilikixoti** *v.* fazer cócega. **Likilikixoti** po'inu ra kalivono. “A criança está fazendo cócega no seu irmão”.





**lili** *n.* 1) lambari. Eno **lili** notuvakake. “Tem lambari na lagoa” 2) piavuçu. Enepora **lili** oriti vitopea numikuxo uti. “É difícil pegar piavuçu”.

**lo'o** *n.* 1) caranguejo. Enepora **lo'o** uneke ovo. “O caranguejo é da água”. 2) caramujo. Ihai une ra **lo'o**. “O caramujo vive na água” (→**vayau**)

**lopeti** esquerda. **Leope** yitoxi koene'eye. “Você escreve do lado esquerdo”. **Lombe** veinoam ne nguru induke. “Fiz o gol com a minha esquerda”. **Lope** yutoxea ne nza'a. “Meu pai escreve com a mão esquerda”. **Lopeti** veinoa epo'exoti ne nguru. “O jogador fez o gol de esquerda”.

**lopo'ehi** *n.* taboa. Itukokono hyxoe ra **lopo'ehi**. “A taboa é utilizada para a confecção de roupas típicas.”



Fonte: Silva, 2010.



“Enepora **lopoyehi**, noneti ihonohi koeti ihae une, eno ya xe'okuke notuvaka ra **lopoyehi** yaye vemeuxake ya Akuleake. Enepora noneti ihae une, enomone vituko vipovo enepo vitunakovo koyui uti, ya xapa kaxena uti, vitukovo kopenoti. Vuhekexoa ra **lopoyehi**, vitukoati sayana uti, vitukoamaka xovo'iti, ako topi kixoaku uti

*vitunakea ko'ipova uti, vitukoa vipovo uti kopenoti, enepo kipaixo uti, enepo hiyokexo siputerena ne senohiko, koane enepo yetorexo uti vo'oku poke'exa uti.”*

*A taboa é uma planta aquática nativa muito comum na nossa região. Nós utilizamos para fazer nossos trajes para dança, pode ser saia, cocar, pulseira, esses trajes são usados nas festividades tradicionais do índio. Para produzir esses trajes ela precisa ser trabalhada e trançada para servir de indumentária nas danças típicas do terena e também quando fazemos a luta pela retomada da terra. Então essa é a forma de utilizarmos taboa”. (Fonte: Júlio, 2011)*

**lulu** *n.* ancião. Enepone **lulu** akone ita yonea. “O ancião não consegue mais andar”. (→**hovoeno**)



Fonte: Silva, 2009.

**lumingu** *n.* [Do Port.] domingo. Huvekuti ra **lumingu** ko'oyene. “O domingo está muito calmo”. **Luminguke** ava ayuiti yara vipuxovoku. “No domingo que vai haver festa aqui na nossa comunidade”.

**lupinone** *n.* traíra ou lobó. Uheti ho'o **lupinone**. “O caldo de lobó é



gostoso”. Hana'itinoe ne lupinone tangike. “Tem lobó grande no açude”. (peixe, *Hoplias Aff. malabaricus*)



Fonte: <http://www.clubedapescaria.com.br/peixe/traira-lobo-tararira>



*Durante uma pescaria fisgar uma traíra pelo rabo é sinal que a pescaria acabou, ou seja, não vai pegar mais nenhum peixe.*







FONTE: DENISE SILVA

# MOXE



**ma'akoti** v. descascar. **Ma'akoti** xupu ra hoyeno. “O homem está descando mandioca”. (→ **mapu'ikoti**)

**mahurupi** n. espécie de lagarto (réptil)

**mako** n. imbirá. Oritine ovoku xuve ra **mako**. “É difícil achar imbirá”. Ako axu'ina **mako** vine. “Vocês tiraram pouca imbirá” (planta)

**mali'okovoti** v. chegar. **Mali'okovati** po'inu ra homoehou. “O moço está chegando perto do seu irmão”.

**mapu'ikoti** v. descascar. **Mapu'ikoati** mbo'inu ra naranga. “Meu irmão está descando laranja”. (→ **ma'akoti**)

**mapuve** n. cobra-cega. Yomoti nikea xe'exa tapi'i ne **mapuve**. “A cobra-cega gosta de comer pintinho” (réptil, *Amphisbaenia*) (→ **mopue**)

**mara'o** n. 1) para-tudo. Uhe'ekoti hiu ra **mara'o**. “A flor de para-tudo é bonita”. (planta) 2) ipê amarelo. Kohiuti xuve ra **mara'o**. “O ipê está florido”. (planta, *Bignoniaceae*)

**mara'o homomo'iti** n. ipê roxo. **Homomo'iti** hiu ra **mara'o**. “A flor do ipê é roxa”. (planta, *Handroanthus impetiginosus*)



Fonte: Guedes, 2012.

**marakaya** n. [Do Guaraní] gato. Nikoti oho ra **marakaya**. “O gato está comendo rato”.

**marara'iti** adj. avermelhada, barrenta. **Marara'iti** oevo ra une. “A cor da água é barrenta”.

**marekoti** v. arrancar. **Marekoti** heve xupu hoyeno. “O homem está arrancando mandioca”. **Mareko** o'e ra Aristides poike kiakaxe. “O Aristides arrancou dente anteontem”. **Marekoa** ihunovoti ra xuve tikoti. “O vento arrancou o pé da árvore”. **Marekoti** xupu ra Aristides. “O Aristides arrancou mandioca”.

**marekoti xupi** n. brincadeira tradicional.



Fonte: Quintino Mendes, 2010.

*Nessa brincadeira as crianças se agarram umas às outras e uma outra criança deve puxar até arrancar. Faz referência à prática de arrancar a mandioca, por isso o nome da brincadeira. (Fonte: Júlio, 2012)*

**mareo'koti** v. depenar. **Mare'okoti** tapi'i ra seno. “A mulher está depenando galinha”.

**mareso** n. corda. Hana'iti ne **mareso** ngonokone. “Preciso de corda maior”. Pu'iti none ra **mareso**.





“A corda é grossa”. Pu'iti hiyeu ne **mareso**. “O fio da corda é grosso”.

**matanakoti** v. tirar a pele (couro) do animal. **Matanakoti** kali anakehe ra yekoteno. “O velho está tirando couro da cutia”.

**matata** n. sanguessuga. Eno **matata** uneke ya lavonake. “Tem sangue-suga na lagoa”. Eno **matata** yara xapa yomomo. “Tem muita sanguessuga no meio da lama”.

**maturupu'iti** n. toco (pedaço de tronco de árvore). Konokoti oro'okeovo ra **maturupu'iti**. “O toco tem que ser queimado”.

**maxatiti** n. egoísta. **Maxatiti** itukeovo ra seno. “A personalidade dessa mulher é egoísta”.

**maxete** n. [Do Port.] machete. Itatakoti tuti ra **maxete**. “O cabo da machete está quebrado”.

**mayane hehe** n. Chico magro (Planta, *Sterculiaceae*)

**mayane kamo** n. anta. Hana'iti ho'openo ra **mayane kamo**. “A anta é um animal grande”. Ningea naum ne **mayame kamo**. “Eu comi carne de anta” (mamífero, *Tapirus terrestris*)



Fonte: <http://www.essaseoutras.xpg.com.br/tudo-sobre-a-anta-alimentacao-reproducao-anatomia-e-inteligencia>

**mayane kameva** n. peroba rosa (Árvore, *Apocynaceae*)

**mayane vama** n. jatobá mirim (planta, *Guibourtia hymenifolia*)

**mayane vatutu** n. mutum (ave, *Cracidae*)

**mbalito** n. [Do Port.] casaco. Kotuti ra **mbalitona**. “O meu casaco é quente”. (→ **palitona**)

**mbicikeleti** n. [Do Port.] bicicleta

**mbisuru** n. [Do Port.] besouro. Eno **mbisuru** ya yoti. “A noite tem bastante besouro” (inseto, *Coleoptera*)

**mbokoti** n. Cachoerinha. Paya'ine ne **Mbokoti**. “A Cachoerinha cresceu”.

**mbola** n. [Do Port.] bola (→ **epo'e**)

**mbulu** n. [Do Port.] bolo. Pu'iti yeu ra **mbulu** mbara. “Eu ganhei um pedaço grande de bolo”

**meku** adv. Antigamente, muito tempo atrás. **Mekuke** yomotinovo oposiheyeya ne viyexapa. “Antigamente os nossos parentes gostavam de caçar”. **Mekune** piho mbo'inu ko'itukeyeya. “Faz horas que meu irmão foi trabalhar”. (→ **novos**)

**melatu** n. [Do Port.] melado. Oro'okovoti ra **melatu**. “O melado está queimado”.

**mere** n. capitão. Unati yuku ra **mere**. “O capitão é bom para lenha” (planta, *Terminalia argentea*)

**merum** n. [Do Port.] melão. Itiveti ra **merum**. “O melão é doce”.

**metakiku** n. angico. Movo'iti ra **metakiku**. “O angico está seco”. (planta, *Mimosaceae*)



**meum<sup>1</sup>** *n.* campo. Hana'iti ra **meum**. “O campo é muito grande”. Eno aharana **meum** nonjone. “Vi muita arará no campo”.

**meum<sup>2</sup>** *n.* 1) tempo. Ihurimeti ra **meum** ko'oyene. “Hoje o tempo está nublado”. 2) mundo. Akone topi apeti yara **meum**. “No mundo está acontecendo coisas nunca vistas antes” 3) natureza.



“Mekuke ape hoinaxope ne voxunoekene enepo ihokohiko, numikuxonovohiko, enepo yoneanehiko ya meum, e'exo kixoane ne hoinaxopehiko ya vanuke. Ka'aye koehahiko ra hoinaxope ne voxunoe meku: kahakoke, manekoke, kiyo'i kaxe yoko yuponiti. Enepo sa'ixa uti ra ukeaku yuponiti ya vexope, ya lopekuke uti kiyo'i kaxe so'ixomo uti, ya tumuneke uti kahakoke apemo, kene vikene manekoke apeya. “Antigamente tinha pontos de marcos que os antepassados faziam quando iam para a caça ou pescar, eles já sabiam exatamente esse ponto de marco no céu. Esses pontos chamavam-se de kahakuke (norte) manekuke (sul) kiyo'ikaxe (oeste) e yuponiti (leste). Essas formas de ponto já era tradicionalmente conhecida e utilizada pelos terena quando eles observam o nascer do sol já sabem o ponto em que eles estavam ou onde eles iam, assim, eles não se perdiam. Ao apontar com braço direito onde o sol nasce sabiam que era leste e ao apontar o braço esquerdo estavam apontando para onde o sol se põe, na frente sabiam que era norte e atrás que era sul. Hoje esses pontos são conhecidos como pontos cardeais: leste, oeste, norte e sul. (Fonte: Júlio, 2011)

**mikukoti** *v.* puxar. **Mikukoati** uti ra tikoti ya kamo. “Estamos puxando o pau de cavalo”. **Mikika** ra mareso ike'akope tuiti. “Puxe a corda que você usa para amarrar a rede”.

**miyoti** *v.* pegar. **Miyoti** kame kavaneke ra nza'a. “Meu pai foi pegar abóbora na roça”. (→ **namukoti, nemukoti, sipokoti, sipone, veoponoti, veyoti**)

**mo'im** *n.* moranga (tipo de abóbora). Uke'ene ne **mo'im** ya kavanake. “Acabou a moranga na roça”.



Fonte: Silva, 2010



“MORANGA ASSADA NA BRASA”. Fonte: Quintino Mendes, 2010.

**mo'okoti** *v.* latir. Pora tamuku **mo'okoti** hoikuke. “O cachorro está latindo no mato”.

**moenoke** *n.* espécie de galinha que tem o pescoço pelado (ave)

**moepe** *n.* Urubu-de-cabeça-vermelha. (ave, *Cathartidae*) (→ **varututu**)



**mohikenati** *n.* brincadeira. Enepora mohikenati kuxotine **mohikena** viyeno mekuke. “Essa brincadeira é uma brincadeira antiga dos nossos patrícios”. (→**ko'emoketi**)

**mohiti** *n.* brinquedo. Kalihumoe manga induko **monzi** indukoati vaka kalihunoe tikoti ituko heve. “Meu brinquedo é feito com mangas pequenas, transformo em vaquinhas as patas são feito de pauzinhos”.

**mokexa** *n.* irmã. Oye'ekoti ne **monguxa**. “A minha irmã está cozinhando”. Kavaneti ra **mongexa** pitivokoke. “A minha irmã foi fazer feira na cidade”.

**moko** *n.* ninho. Uhe'ekoti **moko** ra koho oxeke Corumbá. “O tuíuiui tem um ninho bonito na estrada que vai para Corumbá”.



Fonte: Silva, 2011

*Segundo o conhecimento tradicional quando se corta uma árvore e destrói o ninho do Carpinteiro e João-de-Barro ocasiona tempestade com granizo.*

**mokoeke** *n.* semente de abóbora seca. Palavra usada quando se guarda a semente de abóbora para comer no tempo da seca quando não há produção na aldeia. Eno kaunae **mokoeke** ra onju nonemo tumuneke. “Meu avô tem muitas sementes de abóbora seca que guardou e vai plantar futuramente”.



Fonte:

<http://mdemulher.abril.com.br/dieta/reportagem/casos-de-sucesso/dieta-emagrece-21-kg-farinha-semente-abobora-635162.shtml>

**mokohoe** *n.* jaó. Yoti eneya ra **mokohoe** hoikuke. “O jaó canta à noite no mato” (Ave, *Crypturellus undulatus*)

**momiti** *adj.* cansado. **Momi** koeku ngo'itukeiyea. “Cansei de tanto trabalhar”. **Momiti** ra tamuku ixomoyea ehaixeovo. “O cachorro está cansado de correr”. Ako oriko **momi'iyea** ne hiya'iti xane. “As pessoas que tem amarelo se cansam rápido”. **Meomi** kali mbo'ínu? “Você cansou meu irmãozinho?”

**momo'on** *n.* palmito. Kohepiti ra **momo'om** kavanevo. “O palmito custa caro quando vendido”. Veyo **momo'o**. “Alguém tirou palmito”.



Fonte:

<http://mariaceciliacandelore.blogspot.com.br/2011/02/guariroba.html>

*O palmito de bacuri ou bocaiúva faz da base alimentar do povo terena. Cozido come-se com arroz ou com carne e sobretudo para farofa.*







“PALMITO DE BOCAIÚVA COZIDO COM FARINHA DE MANDIOCA E PICADINHO DE CARNE”. Fonte: Quintino Mendes, 2010.

**mone** *n.* sede. Epekonuti **mone** vo'oku kotuti kaxe. “Estou com muita sede por causa do calor”.

**monike** *n.* brasa. Uhaha'ixo koye ra **monike**. “A brasa está acesa”. (→**xoromoni**)

**moniveke** *n.* carrapicho. Eno **moniveke** muyokuke ra tamuku. “Tem muitos carrapichos no corpo do cachorro”. (planta, *Acanthospermum*) (→**itopo'okoti**)

**mopo** *n.* mel. Uke'ene ra **mopo** ya ihakuke. “Acabou o mel da vasilha”.



Fonte: Souza, 2012.

**mopoi** *n.* pedra. Pu'itinoe ra **mopoi** ya xenekuke. “As pedras na estrada são grandes”.

**mopue** *n.* cobra cega (réptil, *Blanus Cinereus*) (→**mapuve**)

**mote** *n.* terra. Haha'iti ra **mote** mbiu koe nokuti. “A terra preta é boa para plantar”. Ape harara'iti **mote**

Mbokotike. “Na cachoeirinha tem terra vermelha”.

**motoine** *n.* lábios. Yutokoa hane ne kalivono **motoineke**. “O marimbondo ferrou a criança nos lábios”.

**motoru** *n.* casca. **Motoruna** mako ika'akea xane ne tikotina peti. “As pessoas usavam casca de embira para amarrar o madeiramento da casa”.

**moto'u** *n.* cupim (inseto, *Isoptera*) (→**hoperaka, ilipa**)

**motovoti** *v.* poder. **Motova** indukea ne yepemone. “Posso fazer o que você está pedindo”.

**moveati** *n.* (neo) pente. Akone aunati ra **moveati**. “O pente não presta mais”.

**movo'iti** *adj.* seco. **Movo'itine** ra kareoke. “O feijão de corda já está seco”. **Movo'iti** kohiuyea ra mara'o. “O ipê floresce na seca”.

**moxe** *n.* brincadeira tradicional.



Fonte: Julio, 2010.



Essa brincadeira é feita da seguinte forma: primeiramente venda os olhos da criança, em seguida gira três vezes ou mais, feito isso é dado ao participante um



pedaço de pau para que ele acerte uma cabaça cheia de doces que estará pendurada em algum lugar. Se o participante acertar a cabaça e conseguir quebra-la ele ficará com todos os doces (Fonte: Júlio, 2012)



Fonte: Quintino Mendes, 2010.

**moyenoti** *n.* órfão. **Moyenoti** ra homoheu. “O rapaz ficou órfão”.

**moyouhe** *n.* curiango (ave, *Caprimulgidae*)

**mukuharai** *n.* Maracujá. Kotiveti ra **mukuharai**. “O maracujá e azedo”. (planta, *Plassiflora edulis*)

**murika** *n.* [Do *Guarani*] burro. Ipuhokovoti ra **murika**. “O burro é bravo”. Hana'itinoe keno ra **murika**. “A orelha do burro são grandes”.

**muxone** *n.* cônjuge. Yonoti **muxone** ra hoyeno. “A esposa do homem está viajando”.

**muyo** *n.* corpo. Pu'itine **muyo** ra kalivono. “A criança engordou”.





210



FONTE: DENISE SILVA

# NAKATI





**nakaku** *n.* arroz. Noti **nakaku** ra hoyeno. “O homem plantou arroz”. Akone ihana ne **nakaku** nokono ya kavaneke. “O arroz que foi plantado na roça não nasceu”. Heu Koe evokeoko none **nakaku** ne nza'a. “Meu pai perdeu toda plantação de arroz”.

**nakati<sup>1</sup>** *n.* colar Uhe'ekoti ra **nanga**. “Meu colar é bonito”



Fonte: Silva, 2011.

**nakati<sup>2</sup>** *n.* Semente usada para plantio. Eno **nanga** kareuke. “Tenho bastante feijão de corda guardado para um novo plantio”. (→ **ake noneti**)



*O povo Terena é conhecido pela habilidade com o cultivo de lavoura. Assim, ao final de uma colheita eles selecionam sementes para serem utilizadas no próximo plantio, essas sementes são chamadas de nakati.*

**namaneti** *v.* dar. **Namane** ra xi'ixa. “Me dá seu filho um pouco”.

**namukoti** *v.* pegar. **Namukoa** peyo kaxe ra xe'exa tapi'i. “O gavião pegou o pintinho”. (→ **miyoti, nemukoti, sipokoti, sipone, veoponoti, veyoti**)

**namukurike** *n.* espinho do pé de bocaiúva. Koema'iti ra **namukurike** konokoti oro'okeovo. “O espinho da bocaiúva é um perigo, tem que ser queimado”.



Fonte: Silva, 2013

**namukurikoxe** *n.* tronco da bocaiúva. Hana'iti xuve ra emukaya koati **namukurikoxe**. “O pé de bocaiúva grande está cheio de espinho”.

**nana** *n.* [Do Guaraní] abacaxi. Pu'itinoe há'i ra **nana**. “A fruta do abacaxi é grande”. (planta, *Ananas*)

**napini** *n.* ariranha. Araukoti ra **napini**. “A ariranha está nadando”. (mamífero, *P. brasiliensis*) (→ **everexe**)

**narakoti** *v.* quebrar. **Neraka** kukukeke ra etakati. “Quebre ao meio dessa taquara”. (→ **itatakoti**)



**naranga** *n.* [Do Port.] laranja. Ako aitivehiko ra **naranga**. “As laranjas não são doces”.



Fonte: Silva, 2010

**nati** *n.* cacique. Enepora **nati** yonoti yara kaxe. “O cacique está vijando hoje”.



*A escolha do cacique por muito tempo foi imposta ou muito influenciada pelo órgão tutelar, hoje é um cargo eletivo e são as próprias aldeias Terena que definem através do voto os seus respectivos líderes. (Fonte: Ferreira, 2007)*

**naum** *n.* carne. Uheti **naum** ra mayane kamo. “A carne da anta é muito gostosa”. Ho'orikoti **naum** vaka ne onze. “Minha vó seca a carne”.

**naum ho'openo** *n.* carne de caça.



*A caça sempre fez parte da cultura terena, durante muito tempo a carne de caça fresca ao seca ao sol estava presente no cotidiano do povo, entretanto a redução do território o desamamento e o contato com os não-índios reduziram esse costume, porém,*

*eventualmente eles ainda alimentam-se de carne de caça, principalmente de anta, tatu, jabuti, queixada, veado, capivara, pomba, aracuã e mutum.*

**nekexoti** *v.* catar. **Nekexoati** ihikaxoti ra emukaya oxeneke. “O aluno está catando bocaiúva no caminho”. **Nekexopoti** itatakexine ipuneti ra seno. “A mulher está catando pedaços de cerâmica quebrada”. **Nekexoti** vavira ra xanehiko ya hoikuke. “As pessoas estão catando guavira no mato”.

**nemukoti** *v.* pegar. **Nemuka** ra mbeyo marakaya. “Pegue o meu gato”. (→ **miyoti**, **namukoti**, **sipokoti**, **sipone**, **veoponoti**, **veyoti**)

**neneti** *n.* língua. Hana'iti **nene** ra hovovo. “A língua do sapo é grande”. Konokoati kohiyanayea uti ra **nene** uti. “Temos que tomar muito cuidado com a nossa língua”.

**nepake** *n.* jogo de baralho. Koati ahati komohiyea **nepake** ra kopenotihiko. “Os indígenas gostam de brincar com baralho”.

**nevekexoti** *v.* escolher. **Nevekexoti** nakaku oye'eu ra seno. “A mulher está escolhendo o arroz que vai pôr no fogo”. **Nevakaxa** ne yaha viyi yara ipovoti. “Escolha que roupa você quer pegar”. (→ **novokoxoti**)

**nevo** *n.* sobrinho. Ko'ituketi ra **nevom** xapa takure'i. “O meu sobrinho está trabalhando no canavial”. **Nevon** ra Lana. “A Lana é minha sobrinha”. (→ **ameno**)

**nevoe** *n.* algodão. Eno none **nevoe** ra onze kavaneke. “A minha





avó plantou muito algodão na roça”.  
(planta, *Malvaceae*)

**ngarama** *n.* [*Do Port.*] grama

**nguru** *n.* [*Do Guaraní*] gol. Lopeti veinoa epo'exoti ne **nguru**. “O jogador fez o gol de esquerda”.

**nika parava** *n.* Manduvi (planta, *Sterculiaceae*)

**nikokonoti** *n.* comida. Uheti ne **nikokonoti**. “A comida é gostosa”.



“Mekuke enepora viyenixapa, ka'aye itukonovo nonehiko: soporo, xupu, xa'i, ko'e, nevae, kara, kame, mo'im yoko eno po'ínuhiko none. Ape hiya'iti soporo, hopu'iti soporo, yoko koati soporo none ne viyeno mekuke. Epo'oxo enomaka xupu none ne viyenixapa mekuke; ape hopu'iti xupu, hiya'iti xupu yoko suva'iti xupu, enomone itukeahiko ramoko, lapape, hihi, poreo, koane oyenakoamaka ne xupu motovati nikeahiko. Nohikomaka ko'e hiya'iti, ko'e harara'iti, nomakahiko ko'e hopu'iti, oso kíxoahiko mekuke ne ko'e yoko oyena kixoati, akoti itukovo uhoroku imoa viyenixapa mekuke oso'ixea koahati xulukupenoeti. Koane ra viyeno meku exotihiko ixukea oropa veyeati ho'o mopona, nikamaka viyeno mekuke yetemekoati xanena oyenaiti xupu yoko ramoko pora mopo. “No passado os terena plantavam milho, mandioca, fumo, batata, algodão, cara, abobora, moranga, e outras variedades que podem ser plantadas na roça; os terenas plantavam vários tipos de milho, milho amarelo, milho branco e milho comum. Também plantavam vários tipos de mandioca, mandioca

branca, mandioca amarela e mandioca brava. A mandioca brava é usada para fazer farinha, biju, hihi, poreo, e os outros tipos de mandioca como a amarela e a branca são cozidas para servir de comida. Também plantavam batata-doce amarela, vermelha e branca e ela é usada de varias formas como assada, ou como xulukupenoeti esse é assado no buraco. Outra forma da alimentação do povo terena antigamente era tirar o mel de abelha para servir de alimentação, comiam junto com mandioca assada ou cozida ou com farinha. Essas são as formas de alimentação dos nossos parentes no passado” (Fonte: Júlio, 2011)

**nikoti** *v.* comer. **Nikoti** ra yekoteno. “O velho está comendo”. **Nikoa** kamo ra emukaya. “O cavalo come a bocaiúva”.

**nikoti hoe** *n.* biguá (ave, *Phalacrocoracidae*)

**nimake** *n.* sacola ou bolsa que os indígenas utilizavam amarrada à cabeça. Akone noixeaku uti ra **nimake**. “Não se vê mais esse utensílio indígena nimake”.

**nipati** *adj.* guloso. **Nipati** ra mbeyo tamuku. “O meu cachorro é guloso”.

**nipuku** *n.* bolsa. Itukoti **nipuku** ne ongo. “Minha tia faz bolsa”. Vanexo **nipuku** ra Vania. “A Vania comprou uma bolsa”

**nium** *n.* mosquito. Pu'itinoe ra **nium** ya ike uko. “Os mosquito são grandes depois dessa chuva”. Kuriuxoti **nium** ra uko. “Quanto mais chove, mais mosquito tem”.



**niye** *n.* urucum. Oritine xuve **niye** yayeke. “É raro encontrar pé de urucum aqui” (planta, *Bixa orellana*)



Fonte: Silva, 2012



*A tinta extraída da semente do urucum é utilizada na pintura corporal*

**njelu** *n.* [Do Port.] gelo. Uke'ene itureyea ra **njelu**. “O gelo acabou de derreter”.

**no'eti** *n.* **1)** coluna. Vahere kohone ne **no'eti**. “É muito ruim quando a gente sente dor da coluna”. **2)** cintura. Enepora poroti kalisoti **no'eti** motova. “Esta calça tem a cintura fina, vai servir”.

**noko'oti** *n.* arapuca; armadilha. Itahineopone ne **noko'oti**. “A arapuca já está desfeita”.

**nokoneti** *n.* necessidade. Koati **nokoneti** ne une itukovo kaxe. “A água é uma necessidade todos os dias”.

**nomiti** *n.* vaga-lume (inseto, *Elateroidea*)

**noneti**<sup>1</sup> *n.* **1)** fotografia Uhe'ekotinoe ipuhikopea ne **noneti**. “As fotografias saíram bonitas”. Uxotine ra **noneti**. “A foto é antiga”. **2)** rosto

**noneti**<sup>2</sup> *n.* **1)** planta. Ihonoponehiko ne **noneti** ya kavaneke.” As plantas já brotaram na roça”. **2)** plantação. Enepora uhe'ekoti ne **none** kame. “A minha plantação de abóbora está bonita”. **Noneti** ra xuvehiko manga yayeke. “Esses pés de manga foram plantados”. Eno xupu **none** ra Aristides isaneke. “O Aristides tem bastante mandioca plantada”.

**nopeti** *n.* máquina de plantar. Enepora **nopeti** konokoti xikixixeovo. “Essa máquina de plantar tem que ser lubrificada”. Hanai'iti ra **nopeti**. “A plantadeira é grande”.

**notunati** *adj.* esquecido. **Notunati** okovo ra hoyeno. “Esse homem é muito esquecido”.

**notuvaka** *n.* córrego. Itikovone une yara **notuvaka**. “A água do córrego secou”. Ape hovovo **notuvakake**. “Tem sapo na lagoa”.

**novu** *adv.* antigamente. Ovoku **novu** terenoek mekuke ne exiva. “Os terenas viviam no chaco antigamente”. (→**meku**)

**novokoxoti** *v.* escolher. **Novokoxoti** vane soporo ra mbo'inu. “Meu irmão está escolhendo milho pra sua venda”. **Novokoxovotimo** ra tapi'i vanati. “A galinha que será vendida foi escolhida”. (→**nevekexoti**)

**noxoti** *v.* ver. **Nexoa** ne oti ho'openo ya vanukeke? “Você viu aquele pássaro voando no céu?” **Nonjoa** ne vetekeke yoko hiurikoti isukoko uneke. “Vi o jacaré e a sucuri brigando na água”. **Noxoati** po'inu ikorokeyo ra kalivono. “Seu irmão viu quando essa criança caiu”. **Noxoponoati** lele esa'i ne



vaneti kamo. “Meu irmão mais velho foi ver o preço do cavalo que está à venda”.

**noyo** *n.* queixo. Hana'iti **noyo** ra h'openo. “O bicho tem um queixo grande”.

**numiko** *n.* anzol. Kaliketinoe ra **numiku** veneu. “Os anzóis que você comprou são pequenos”.

**numikoxoti** *v.* Pescar com vara. **Numikoxoti** hoyeno notuvakake. “O homem está pescando na lagoa”. **Numikuxotihiko** ra xo'opeti. “Os visitantes foram pescar”. Eno kotoro'oti **numikuxo** uti. “Nós conseguimos pegar pintado” (→ **verixoti**)

**numikuxokenati** *n.* pescador

**nunu** *n.* pomba (Ave, *Columbidae*)

**nurivaka** *n.* cumbarú (planta, *Fabaceae*)



Fonte:

<http://minhasfrutas.blogspot.com.br/2009/12/cultura-do-baru.html>



*A madeira do cumbaru é utilizada na construção de casas, e a semente é consumida torrada e socada no pilão com farinha e sal.*



“CASTANHA DE CUMBARÚ ASSADA E SOCADA NO PILÃO COM FARINHA DE MANDIOCA”. Fonte: Quintino Mendes, 2010.

**nutiku** *n.* jenipapo. Enomone homoxeovohiko tereno ra **nutiku**. “Os terenas se pintam com a fruta de jenipapo”. (planta, *Rubiaceae*)



Fonte: Silva, 2013



*A madeira do jenipapo é utilizada para dar acabamento ao pepeke, do fruto verde é extraído a tinta para pintura corporal e o fruto maduro é utilizado como isca para pesca.*







APRESENTAÇÃO DE UM RITUAL DE PAJELANÇA

1051/1053/1055/1057/1058/1061/1063/1071 e 1074

DIVERSOS ASPECTOS DUMA FASE DO CULTO RELIGIOSO DOS TERENA EM CACHOEIRINHA. FLAGRANTE DA ASSISTÊNCIA E DO PAJÉ CANTANDO, EVOCANDO OS ESPÍRITOS, O CULTO COMEÇA DE NOITE E TERMINA COM O RAIAR DO SOL, REVEZANDO O PAJÉ COM SUA MULHER.

FONTE: SPI (doados para o arquivo da Escola Municipal Polo Coronel Nicolau Horta Barbosa, 2000)

# OHOKOTI



**oe** *n.* dente. Eheko **o'e** ra kalivono. “O dente da criança saiu”. Siripone **yo'e** ra kalale? “Você jogou seu dente para o kalale?”

**oho** *n.* tatu canastra (mamífero, *Priodontes maximus*)



Fonte: Silva, 2010.

**ohokoti** *n.* ritual de pajelança.



Fonte: SPI (doados para o arquivo da Escola Municipal Polo Coronel Nicolau Horta Barbosa, 2000)



Fonte: Quintino Mendes, 2012.

“Oheokoti é o nome da cerimônia mais importante para os Terena. Na época em que habitavam o Chaco, no século XVIII, o Oheokoti se realizava quando as Plêiades atingiam seu ponto máximo no céu, entre o mês de abril e maio, marcando o período das

*colheitas (Metraux, 1944, apud Carvalho, 2008: 54)”*

**ohone** *n.* dor. Inama'iko ne kalivono ako imaka **ohone** okovo. “Quando a criança é recém nascida não dorme bem por causa da cólica”.

**ohono'okoti tikoti** *n.* pica-pau (ave, *Campephilus melanoleucos*)

**oko<sup>1</sup>** *n.* tia. Pitivokoke yono **oko** ra homehou ako'o. “A tia do moço não está, foi pra cidade”. Simo pitivokoke ra **ongo**. “Minha tia chegou da cidade”. Enepora **yoko** Hana'iti Meum yono kavaneyea. “A sua tia foi fazer feira em Campo Grande”. Enepora **ongo** xo'opeti yatike. “A minha tia está passeando pra lá”.

**oko<sup>2</sup>** *adj.* parado. **Ok**o epevokopetike ra carru. “O carro está parado na sombra”. **Ok**o xenekuke ra seno. “A mulher está parada na estrada”. Xenekuke **oko** ra seno. “A mulher ficou lá na estrada”. **Ok**o ne Denise yayeke. “A Denise ficou aqui” (pouco tempo). Yaye **oko** ne Denise. “A Denise ficou aqui, parou aqui” (bastante tempo).

**okoku** *n.* ponto. Enomone **okokuhiko** yonoti koene'eye ra kali kavanekuti. “Este bolicho é o ponto de parada dos viajantes”.

**okono** *n.* muleta. Apene **okono** ra yekoteno. “O velho já está com a muleta”.

**okononexoti** *n.* guia. Enepora hoyeno enomone **okononexoti** koene'eye. “Este homem é o guia todas as vezes”.





**okoti** v. parar. **Okone** ra kavaneti, uke'ene vane. “O vendedor parou, acabou a sua venda”. (→ **apene, yapene**)

**okovo<sup>1</sup>** n. Espírito. **Ongovo** yono'o. “Meu espírito está andando”. (→ **heu'i hekere**)

**okovo<sup>2</sup>** n. estômago (→ **ihaku nika**)

**okoxori** n. acalmar a dor. Yenapa ra ipixati mara'inamo akoti **okoxori** ra yeopone. “Toma este remédio para acalmar a sua dor”.

**omati** v. trazer. **Oma** xi'ixa ne ramoko? “Seu filho trouxe a farinha?” (→ **isimeti, ominokoti, omone**)

**omehoti** v. cheirar. **Omehoti** imuyukoti ne tamuku. “O cachorro está cheirando algo podre”. **Omehoa** kosiu ra nduse keunai. “A formiga cheirou o doce que você guardou”.

**omeovoti** n. ladrão. **Omeovoti** ne maraya hako sikea urukeovo yovokuke. “O gato é ladrão, não deixe que entre na sua casa”.

**omexoti** v. roubar. **Omexoti** araha ne kalivono po'ike ovokuti. “A criança está roubando goiaba na outra casa”. **Omexea** tamuku nika ne kalivono. “O cachorro roubou a comida da criança”.

**ominokoti** v. trazer. Ape **ominoake** oko ra kalivono iparati. “A tia dessa criança trouxe um presente pra ela”. Ape **omone** ra nza'a naum ho'openo ihae hoi. “Meu pai trouxe uma carne da caça”. **Omopa** eno iti ne mba'ai. “Sua mãe trouxe a minha encomenda”.

**Omopa** ha'a iti ne yepemone xupu. “Seu pai trouxe a mandioca que você pediu”. (→ **isimeti, omati, omone**)

**ominoti** v. levar. **Ominoati** chipa Marlene ra asteria. “A Marlene levou chipa para a asteria”. (→ **omoti**)

**omixone** n. coração. Xunati omexekeovo ra **ominjone**. “O pulsar do meu coração é muito forte”. Kotiveti **omenjone**. “Meu coração dói”. Koati **omixoneti** ne xe'exatihiko xoko eno. “Os filhos são o coração da mãe”.

**omomikoti** v. descansar. **Omomikoti** ra imonjuko opekuke heve manga. “O meu sogro está descansando debaixo do pé de manga”. **Omomingoti** yara itumukoti kaxe. “Estou descansando nesse meio dia”. **Omomingopotiko**. “Eu vou descansar”. **Amamingapa**. “Quando eu descansar”.

**omone** v. trazer. **Yamane** enepone pereu ya imokovokutike. “Traga já a sua contribuição pra igreja”. (→ **isimeti, omati, ominokoti**)

**omoti** v. levar. **Yama** ra tamuku ya kavaneke avaina ava eho kopiye. “Leve o cachorro pra roça, tomara que ele pegue um tatu”. (→ **ominoti**)

**omoxohoti** v. Esfregar. **Omoxoheati** ipovoti. “Ela está esfregando a roupa”

**onoke** n. cunhado. Ihaikoti **onokena** ra seno.” A cunhada dessa mulher está grávida”. (→ **enomea**)



**opekekuti** *n.* axila. Xunati ihopune ne **opekekuti** enepo akoti ahikovo ne xane. “A axila cheira forte se a pessoa não tomar banho”.

**opeti** *n.* osso. Yomoti aruxukea **opeti** ne tamuku. “O cachorro gosta de morder osso”.



*O osso está presente na alimentação tradicional na forma de sopa ou pucherada (ossos com carne), sendo cozidos com mandioca ou feijão de corda seco servidos com farinha.*



“CALDO DE PUCHERADA COM MANDIOCA E ACOMPANHADO DE MANDIOCA COZIDA”. Fonte: Quintino Mendes, 2010.

**oponeti** *v.* voar. **Opone** ne mbeyo xe'exa ko'eru. “O meu filhote de papagaio voou”.

**oposikoti** *v.* procurar

**ore'ekoti** *v.* queimar. **Yara'aka** ne hokomori ya akapetike. “Queime o lixo que está no fundo do quintal”. (→ **oro'okoti**, **oroixoati**)

**orekati** *n.* bebida (quando se refere a qualquer bebida). Itiveti ra **orekati** koane kotuti. “Esta bebida é muito doce e também muito quente”. (→ **ekati**)

**orekeoti** *n.* mingau de bocaiúva.

**orekoti** *v.* beber. **Vorekoti** varapu ko'oyene. “Estamos tomando guarapa hoje”. **Yareka** mara'inamo

akasa ra café. “Tome logo café se não vai esfriar”. **Yoreko** yuponitike xoko yose? “Você bebeu hoje de manhã na casa da sua vó?” (→ **enovoti**)

**oriti** *adj.* demorado. **Oriti** cultu koyene. “O culto hoje foi demorado”. **Oriti** itukeovo ne ramoko. “É demorado torrar farinha de mandioca” (→ **umoti**)

**oro'okoti** *v.* queimar. **Oro'okoti** hokómori ra seno. “A mulher está queimando lixo”. (→ **ore'ekoti**, **oroixoati**)

**oroixoati** *v.* queimar. **Oroixoati** nza'a ra isane. “Meu pai estava queimando na roça”. **Oroixoti** ra hoyeno ya isaneke. “O homem está sempre queimando na sua roça”. (→ **ore'ekoti**, **oro'okoti**)

**orokoti** *v.* roncar. Koati **orokoti** ra yekoteno imoko. “O velho ronca quando dorme”.

**oro'oeti** *n.* queimada. Eno **oro'oeti** ya ra meum. “Tem muita queimada nesse campo”. Enepora **oro'oeti** akomo malika yonoku. “Esta queimada vai longe”.

**oropa** *n.* abelha. Kotiveti yutokea ra **oropa** koene'eye. “A ferroada da abelha dói mesmo”. (inseto, *Apoidea*)

**oropeuti** *n.* churrasco. Enepora **voropeu** saputuke pora mbiu koe. “O churrasco que fizemos no sábado estava bom”. (→ **oxoke**)

**oropexoti** *v.* assar carne. **Yoropexo** luminguke ovokuke yeuko? “Você assou carne na casa do seu tio domingo passado?” **Yoropexotimo** saputuke keno'okoti



ya ovokuke yose. “Você vai assar carne sábado que vem na casa da sua vó”. **Voropexoti** ovokuke nza'a. “Estamos assando carne na casa do meu pai”. **Oropexoti** movo'iti vaka ra onju. “Meu avô está assando charque”.



“CARNE DE SOL ASSADA NA BRASA”. Fonte: Quintino Mendes, 2010.

**ose** *n.* avó. Enepone **yose** veoti yuku hoikuke. “A sua vó foi buscar lenha no mato”. Enepora **vose** kavane ukopea. “A nossa avó está vindo da roça”. Kipoheoti **ose** ra arunoe ya tangike. “A avó da moça foi lavar roupa no açude”. Itukoti ho'o ne **onze**. “Minha avó está fazendo sopa”.

**oso'ixoti** *v.* assar (quando se refere a bolo, pães). **Oso'ixoti** mbulu ra ongo. “A minha tia está assando bolo”. **Yasa'ixamo** ra ipine aneko kaha'ati vanexea. “Asse depois a sua cerâmica tem pessoa interessado querendo comprar”. (→**osoti**)

**osoneti** *adj.* assado. Uheti xanena orekati xa ne **osoneti** xupu. “A mandioca assada é gostosa com chá”.

**osoti** *v.* assar (quando se refere a mandioca e batata). **Osoti** ko'e ra ongo. “A minha tia está assando batata doce”. (→**oso'ixoti**)

**oti** *v.* voa. **Oti** ra pohi kaha'a o'iyea. “O pato voa quando quer voar”.

**otu** *n.* vovô. Mokerexone ne **otu**. “O vovô já não escuta mais”. Enepora **otu** akone inixa. “O vovô não consegue encher gar mais”.

**ovaneti** *v.* ficar. **Ovane** ovonguke ra Ana.” A Ana ficou na minha casa”. (→**ava, irikovoti**)

**ovoe** *n.* jabuti. He'o koe yono ne **ovoe**. “O jabuti anda devagarinho”. (réptil, *Chelonoides*)



Fonte: Silva, 2013



*A casca do jabuti é utilizada como remédio para hemorroida e sua carne é consumida cozida junto com feijão, no entanto, de acordo com a cultura essa comida não é permitida a gestante, pois a criança nascerá com as pintas do animal. Existe ainda a crença de que quando o jabuti morde alguém só solta com um relâmpago. O jabuti também está presente na mitologia junto com o cervo vigiando a ema para que ela não fuja, o que significaria o fim do mundo. (→**uve**)*

**ovohexoti** *v.* estar (→**aneko, ixomone**)

**ovokovoti** *v.* derramar. **Ovokovo** ra ihopuneti ovokutike. “O perfume derramou dentro da casa”.





**ovoku** *n.* 1) casa. Enepora **yovoku** uhepeti ra epevokopeti ya. “Muito gostoso estar na sua casa por causa da sombra que tem lá”. (→ **iperekeuti peti, ko’ovokuyea, peno, peti, peti kamata’iuti**) 2) nossa casa; nossa aldeia. Enepora **vovoku** huvekuti ko’oyene. “A nossa casa está calma hoje”. Uhe’ekoti kixovoku itukeovo ra **ovokuti**. “A casa tem uma forma diferente”. Uhe’ekoti ne **ovoku** mbateum. “A casa do Sebastião é bonita”.



Fonte: Belizário, 2013.

**ovoxeti** *n.* mensageiro. Ko’okorine ra **ovoxeti** avo seapa. “O mensageiro está demorando, ainda não chegou”.

**oxene**<sup>1</sup> *n.* caminho; estrada. Kalikuti **oxene** ra onju yono kavane. “Meu avô tem um caminho estreito quando vai para roça”.



Fonte: Belizário, 2013.

**oxene**<sup>2</sup> *n.* estrada. Enepora **voxene** avo malika. “A nossa estrada é longa”.

**oxoke**<sup>1</sup> *n.* música. Uhe’ekoti ne **yoxonekena**. “A sua música é muito bonita”.

**oxoke**<sup>2</sup> *n.* churrasco. Enepora **voxoke** motovo koe ra xane simohikoti. “O churrasco que fizemos deu pra todos”. (→ **oroupeti**)



Fonte: Souza, 2011.

**oxokoti** *v.* 1) atijar. **Oxokoati** imonze ra yuku. “Minha sogra está atijando fogo no fogão a lenha”. **Oxokoti** yuku ra hoyeno. “O homem está atijando fogo”. 2) acender. **Oxokoatimo** nza'a ra yuku. “Meu pai vai acender o fogão a lenha”. (→ **ihixoti, ihuxoti, korumekoti**)

**oxo'opeuti** *adj.* assado. Uheti **oxo'opeuti** mo'im. “A moranga assada é gostoso”.

**oxoti** *adj.* tocador. **Oxoti** ra eungo ya xapa ayuiti. “Meu tio é tocador na festa”.



**oxoti** v. tocar. **Yoxoti** ya ayuitike. “Você está tocando na festa”. **Oxoa** mbo'inu ra huxoe. “Meu irmão sabe tocar acordeão”.

**OXU** n. avô. Enepone **yoxu** isupaheoti ya xe'okuke xene. “O seu avô está roçando na beira da estrada”. Enepora **voxu** eno kareyokea isaneke. “O nosso avô tem muito feijão de corda na sua roça”. Itukoti hihhi ra **onju**. “O meu avô está fazendo hihhi. Ka'aríneti **oxu** ra homoehou. “O avô do moço está doente”. Yekotixone ne **onju** “Meu avô está ficando velho”. Kavane yono ne **onju**. “Meu avô foi para roça”.

**oye'ekoti** v. cozinhar. **Oye'ekoti** ne monguexa. “A minha irmã está cozinhando”.

**oyenaiti** adj. cozido (quando se refere a mandioca, batata, etc). Puhhi koe ra xuruno **oyenaiti** ko'e. “A panela está cheia de batata doce cozida”.

**oyepuiuti** adj. maduro. **Oyepuiuti** ha'i kaxu. “O caju está maduro”.

**oyokore** n. cachara (peixe, Cachara)

**oyokoti** v. gostar. **Oyokoati** Aronaldo ra Marlene. “A Marlene gosta do Aronaldo”. **Oyongoa** indukea hixoe. “Eu gosto de usar vestido”. **Oyokoa** itukea hixoe ra Marlene. “A Marlene gosta de usar vestido”. (→ **aha'axoti, yomotí**)

**oyonokuti** n. fazenda. Oro'okovoti emeuxa ra **oyonuti**. “A área da fazenda está pegando fogo”.

**oyotokoti** n. travesseiro. Pu'iti ra **oyotokoti**. “O travesseiro é grande”. Pu'iti ra **yoyotoko** yorokotimo

vo'okuke. “O seu travesseiro é grande, você vai roncar com isso”. (~**oyotoko**)







FONTE: DENISE SILVA

# PEPEKE



**pa'aeti** *n.* encomenda. Ako yiho'ixoa ra paum **pa'aiti**. “Não é pra mexer, o pão é uma encomenda”.

**pa'axoti** *v.* encomendar. **Mba'axoati** omopinonu vaka ne nza'a Mirandake. “Encomendei que o meu pai traga carne pra mim de Miranda”.

**pa'axovoti** *v.* benzer. **Mba'axovoti** xoko koixomoneti. “Fui me benzer no pajé”. (→**api'okoti**)

**pahapeti** *n.* porta. Xama'itine ra **pahapeti** nexipa. “Cuidado com a porta, está torta”.

**paho** *n.* boca. Momo'oxoti **paho** ra marakaya, apemea nika. “A boca do gato está inchada, deve ter comido alguma coisa”. Enepone kalivono miho'okoe **paho** imoko. “A criança fica de boca aberta quando dorme”. Eno mbatauma ne seno **pahakuke**. “A mulher passou muito batom na boca”. Vakuti ra **mbaho**. “A minha boca é larga”.

**paho hovovo** *n.* Boca de sapo (réptil, *Bothropoides mattogrossensis*)

**pahoeti** *n.* enviado. **Pahoeti** ra hoyeno kalivono vaxea ihakuxopeti mbicikeleta. “Enviei o menino para emprestar um inflador de bicicleta”.

**pahukoti<sup>1</sup>** *v.* mandar. **Mbahukoa** ne nje'a yovokuke. “Mandei meu filho pra sua casa”. **Mbahukoatimo** kavaneke ne nje'a. “Vou mandar meu filho na roça”. **Mbahukoatimo** ko'itukeyea ne hoyeno. “Mandarei o homem trabalhar”. **Pahu kixoa** eno xo'opeyea ra kaliono. “A mãe mandou a criança passear”.

**pahukoti<sup>2</sup>** *v.* errar **Mbahukoa** yundoxea ne ihe. “Errei de escrever seu nome”.

**palitona** *n.* casaco. Kuxotine veneu ra pelitona. “O seu casaco é antigo”. (→**mbalito**)

**panana** *n.* [Do Port.] banana. Enone **panana** itovoti ya xuvekuke kavaneke. “Já tem muitas bananas maduras na roça”.



Fonte: Silva, 2010.

**pangu** *n.* [Do Port.] banco de sentar. Inarakoti heve ra **pangu**. “O banco está com a perna quebrada”. (→**ivatakakuti**)



Fonte: Souza, 2011

**parava** *n.* arara. Koputukoti ra **parava**. “A arara está chocando”. Enepora **parava** ainovonehiko hoenaxovoti. “As araras já são todas marcadas”. Nikoti araha ne **parava**. “A arara come goiaba”. (ave, *Psittacidae*)





**parekaxoti** v. 1) apostar. **Mbarekaxo** mbo'inu ko'oyene. "Aposto com meu irmão na corrida". **Mbarekaxoa** ne mbo'inu kiyakaxeke. "Apostei na corrida com meu irmão ontem". **Mbarekaxoati** ra arunoe ya mbisikeleta. "Estou apostando com a moça de bicicleta". 2) disputar, disputa. **Parekoxoti** ya nikea ra hoyeno. "O homem está fazendo uma disputa de comida".

**patike** n. coruja-buraqueira. Enepora **patike** uhorokuke ovo moko. "A coruja faz seu ninho no buraco". (ave, *Athene cunicularia*)



Fonte: Corrêa, 2012.



*Quando a coruja entra dentro de casa é sinal de viagem.*

**payahiti** adj. crescido. **Payahiti** tuti ne hi'e viya. "Pegue somente a palha crescida".

**payapeti** adj. largo, grande. Kali **payapeti** axuka vemexa. "Compre uma rapadura grande".

**pe'uti** adj. largo. **Pe'uti** ipena ra ongo. "A cama da minha tia é larga".

**pehu** n. prata. Enepora **pehu** ako ipukapu. "O brilho da prata não acaba".

**pekokexovoti** n. raiva.

**peleku** n. taturana, espécie de lagarta. Eno **peleku** xapa tuti manga. "Tem bastante taturana nas folhas da manga" (inseto, *Lonomia*)



Fonte: Souza, 2011

**peno** n. casa. Enepora **pino** konokoti koyuseopeovo. "A sua casa tem que ser arrumada". Hana'iti ra **mbeno**. "A minha casa é grande". (→ **iperekeuti peti, ko'ovokuyea, ovoku, peti, peti kamata'iuti**)

**peoti** v. Secar de um lado.

**pepeke** n. tambor (instrumento musical). Kalihaxo ra **pepeke**. "O tambor é pequeno". Oritine exoati itukea ne **pepeke**. "O tambor já é uma raridade".



Fonte: Silva, 2011.



*Instrumento musical típico nas danças tradicionais, é feito artesanalmente, esculpido na madeira da ximbuva com acabamentos de madeira de*



*genipapo e couro de animais como veado, bugio e macaco. Segundo os anciãos indígenas, é utilizado o couro destes animais porque eles cantam alto, o som é ouvido de longe que é a finalidade deste instrumento, um som alto e bonito que seja ouvido de longe.*

**pepokexovoti** v. enlouquecer. **Pepokexovoti** ra hoyeno kovu'ixoti vaneu. "O homem perdeu a sua compra e enlouqueceu".

**perekata** n. [Do Port.] chinelo. Kovu'ixoto **perekatana** ra kalivono. "A criança perdeu o chinelo". Honono'iti ra **mberekatana**. "O meu chinelo é azul".

**peti** n. casa. Tokerehi ituko tuti ra peti. "A cobertura da casa é palha de sapé". (→ **iperekeuti peti, ko'ovokuyea, ovoku, peno, peti kamata'iuti**)

**peti kamata'iuti** n. casa de pau a pique. (→ **peno, iperekeuti peti, peno, ovokuti**)



Fonte: Júlio, 2012.

**pexou** [Do Port.] n. feijão. Eno **mbexouna** kavaneke. "Tenho muito feijão na roça". Eno **pexou** none ra eungo ya isaneke. "Meu tio tem muito feijão plantado roça".

**peyo** n. animal de estimação. Ipuhokovoti ne **mbeyo**. "O meu animal de estimação é bravo". Eno

**peyo** tamuku ra mongexa. "A minha irmã tem um cachorro".

**peyo kaxe** n. gavião (ave, *Accipitridae*) (→ **hoveo, kohipoti, ili'ili**)



Fonte: Corrêa, 2012.

*Quando o gavião pousa no quintal e canta é sinal de notícia ruim.*

**pihoti** v. ir. **Piho** ne kalivono ihikaxeovo. "A criança foi estudar". **Pihe** ya xoko yenoku. "Vá no lugar em que você quer ir". **Pihopotine** ra xo'opeti. "O visitante está indo embora". **Mbihone** timuneke. "Já vou na sua frente". **Mbihopone** ovonguke. "Já vou embora pra minha casa". **Mbihoti** yovokuke. "Eu vou na sua casa". **Mbihotimo** iharotike Hana'itike Meum. "Irei pra Campo Grande amanhã". **Mbihotinemo** yovokuke. "Já estou indo pra sua casa".

**pikoti** v. ter medo. Ako mbiha **mbikoti**. "Não vou porque estou com medo". **Pikoti** tamuku ra kalivono. "A criança tem medo do cachorro". Ako **pike** pihi ya hoikuke? "Você não tem medo de ir no mato?" **Piko** pihea pohuxovoti ra hoyeno numikuxea. "O homem tem medo de ir pescar sozinho". **Pikoti** ra kalivono ya xapa xane. "A criança no meio das pessoas, está com medo".



**pilepa** *n.* maritaca (ave, *Psittacidae*)



Fonte: Corrêa, 2011.

**pine** *n.* companheiro de cama. Orokenati ra **mbinena**. “A pessoa que dorme comigo gosta de roncar”.

**piritau** *n.* faca. Inamati **piritau** ne eno. “A faca da minha mãe é nova”. Itatakoti tuti ra **piritau**. “O cabo da faca está quebrado”. Heu'iti ra **mbiritauna**. “A minha faca é afiada”.

**piru** *n.* [Do Port.] peru. Uhe'ekoti ene'i ra **piru**. “O canto do peru é bonito”. (ave, *Meleagris*)

**pitivoko** *n.* cidade. Piho **pitivokoke**. “Ele foi na cidade”. **Pitivoko** ovo ne hoyeno. “O homem mora na cidade”. Enepora **pitivoko** kuxotine. “Esta cidade é antiga”.

**po'inu** *n.* irmão. Hundaruxoti ne **mbo'inu**. “O meu irmão é soldado”. Enepone **pe'inu** harakoxo tangike araukoti. “O seu irmão está no açude nadando”.

**poeheve** *n.* raiz. Pu'iti **poeheve** ra xuve tikoti. “A raiz dessa árvore é grande”. (→**ana**)

**pohi** *n.* pato. Eno xe'exa ra **pohi**. “O pato tem muito filhote” (ave, *Anatidae*)

**pohuti sendu** *num.* cem. Poi'há **sendu** apeinonu. “Só tenho cem”.

**pohuxovoti** *adj.* sozinho. **Mbohuxovoti** ovonguke. “Estou sozinho na minha casa”. **Mbohuxovoti** mbiho. “Fui sozinho”. **Mbohuxovotimo** imangapu. “Cantarei sozinho”. **Mbohuxovotimo** mbiha yovokuke. “Irei sozinho pra sua casa”. **Pohuxovoti** ra hoyeno ya isaneke. “O homem está sozinho na roça.” (→**eniuti**)

**poke'e** *n.* território. **Mboke'exa**. “Meu território”. (→**emeuxa**)

**poko** *n.* cuia



Fonte: Silva, 2010.

**poreu** *n.* mingau de mandioca. Ako axu'ina ra **poreu**. “É muito pouco mingau de mandioca”.



Fonte: Silva, 2013.

*Poreu é um mingau feito a partir do caldo extraído da mandioca ralada e expremida. Esse caldo é cozido até adquirir consistência de mingau. Deve ser consumido frio e no mesmo dia pois possui uma substancia tóxica.*







“POREU”. Fonte: Quintino Mendes, 2010.

**porexoti** v. dar. **Perexoa** une ra xo'opeti? “Você deu água para visitante?” **Mborexoati** mohiti ra mbo'inu. “Vou dar brinquedo para meu irmão”. **Mborexoatimo** hihi ne onze. “Darei hihi pra minha vovó”.

**po'u** n. cinza. Kurikoti **po'u** ne yukuna ne eno. “Minha mãe jogou a cinza da lenha”.

**povoko** n. anu-preto (ave, *Crotophaga ani*) (→**kokiriti opeti**)

**pu'ikexoti** n. dedaleiro. (planta, *Lafoensia pacari*)

**pu'iti** adj. 1) gordo 2) grande (→ **hana'iti**)

**pupu'i** n. 1) moringa. Ape une **pupu'ike**. “Tem água na moringa”. (→**koehepu'iti**) 2) cuia (→**poko**)



Fonte: Souza, 2013.

**purutuya** n. não-índio

**putau** n. [Do Port.] botão. Itatakoti ra **putau**. “O botão está quebrado”.

**putu putu** n. dança das mulheres (→**xiputrena**)



Fonte: Júlio, 2012.

*Putu putu ou xiputrema é uma dança tradicional do povo Terena, dançada exclusivamente pelas mulheres em datas festivas ou solenidades, com passos mais lentos e delicados.*

**puxarara** n. trovão, raio. Xunati ra **puxarara** xapa uko. “O trovão estava muito forte no meio da chuva”. Irikovo **puxarara** ovonguke. “Caiu um raio na minha casa”. (→**ipixeneneoti, xururuko**)

**puyakoti** v. fumar. Koati **puyakoti** ra seno. “Mas esta mulher fuma mesmo”.

**puyakovati okovo** v. lembrar. **Puyakova** okovo mbo'inu ne yiuho. “Meu irmão lembrou o que você falou”. **Puyakovati** okovo nza'a neko ayuiti apeti yanekoyo. “Meu pai estava lembrando daquela festa que foi realizada no passado”. (→**exoponoti**)

**puyu** n. joelho. Kohoneti ra **mbuyu**. “O meu joelho está doendo”. Unatipone ne **piuyu**. “O seu joelho melhorou”. Unatipone



oko'okovoti **puyu** ne hoyeno. “O  
joelho machucado do homem  
sarou”.





R



230



FONTE: DENISE SILVA

ROKE





**ramapu'i** *n.* véu de noiva. Hana'iti **ramapu'i** ra kasatuxoti. “A noiva tem um véu grande”.

**ramoko** *n.* farinha de mandioca. Itukoti **ramoko** Mamedio. “O Mamédio faz farinha”. Itukoti **ramoko** ra evo eungo. “Os meus tios estão fazendo farinha”.



Fonte: Silva, 2010.



*Indispensável na alimentação terena a farinha está presente acompanhando quase todos os pratos tradicionais, seja como o acompanhamento de caldos, cozidos, carne e peixe assados, ou socada no pilão com carne seca e castanhas.*



“FARINHA DE MANDIOCA” Fonte: Quintino Mendes, 2010.

**rapitaka** *n.* castanha. Uheti ne **rapitaka**. “A castanha é gostosa”. Uheti ne sukeuti **rapitaka**. “A castanha quando queimada no fogo é gostosa”. Eno **rapitaka** kurapeke katihakoa nje'a. “Tem muita

castanha no mangueiro e meu filho quebrou”.

**rara'ikoti** *adj.* triste. **Rara'ikoti** ra mbeyo tamuku. “O meu cachorro está triste, desanimado”.

**repeno** *n.* camisa. Vakuti ra inamati **rembeno**. “A minha camisa nova é larga”. Enepora **repenoti** hana'itinoe. “Essas camisas são grandes”. Inamati **repeno** ne hoyeno. “A camisa do homem é nova”. Inamati ne **repenoti**. “A camisa é nova”. Kopiti'iti ra **ripino**. “A sua camisa está suja”.

**riketi** *adj.* rápido. **Riketi** ra konoum hoikuke. “O coelho é ligeiro no mato”. (→ **hu koeti, xuxapati**)

**roke** *n.* sibipiruna (planta, *Caesalpinia pluviosa*)



Fonte: Silva, 2013



*As sementes da sibipiruna são utilizadas para a fazer colares e enfeitar a vestimenta mulheres em dia de festa.*

**rokenati** *n.* bicho-de-pé. Eno **rokenati** hevekuke ra yekoteno. “O velho tem muito bicho-de-pé”.



**ropokoti** *v.* ferver. **Ropokoti** ra une ixikeoke. “A água que você deixou no fogão está fervendo”.

**rume'oti** *adj.* pega fogo rápido. Koati **rume'oti** yuku ra metakiku. “A lenha do angico pega fogo rápido”.

**ruru'ikoti** *n.* barulho. Koema'iti inanea **ruru'iko** ne uko yakene. “A chuva fez muito barulho quando estava vindo pra cá”.







233



FONTE: <http://ultradownloads.com.br/papel-de-parede/Tigre--93697/>

SINI



**sa'iriokoti** v. virar (quando se refere a objetos). **Sa'iriokoa** arunoe ne ipovotihiko ho'oriu. "A moça virou as roupas que estendeu no varal".

**saiponeti** n. vendaval, ventania. Eno **saponeti** meum yakene po'ike poke'e. "Está acontecendo ventanias em outros lugares".

**sapara** n. milharal. Uke'exoane ko'eruhiko ra **nzapara**. "O papagaio acabou com o meu milharal".

**sasa'iti** adj. limpo. **Sasa'iti** ra utohiko. "Os pratos estão limpos".

**saya** n. veado campeiro. Oritine noxea uti ne **saya** hoikuke. "Já é difícil encontrar o veado grande no mato". (mamífero, *Ozotoceros bezoarticus*)



Fonte: Corrêa, 2012.



O couro deste animal é utilizado na confecção do pepeke.

**saya'ikoti** v. aconselhar. **Saya'ikoa** eno uti ra lele akoiyea yupihapu enoyeovo. "A nossa mãe aconselhou o irmão mais velho a não tomar muita pinga". (→**enekoti**)

**semekenovo'iti** adj. mentiroso. **Semekenovo'iti** ne hoyeno yara inukuke meum. "O homem mais mentiroso da face da terra".

**semu** n. 1) lagartixa. Eno **semu** yara vipuxovoku. "Tem muita lagartixa na nossa reserva". (réptil, *Squamata*) 2) Calango (réptil, *Teiidae*)



Fonte: Souza, 2010.

**seneti** n. urina. Xunti ihopune ne **seneti** enepo hakoti kipo'ikovo ne tovokuti. "O fedor da urina é muito forte se o banheiro não for lavado".

**seno** n. mulher. Uhe'ekoti hana'iti hiyeu tuti ra **seno**. "A mulher tem cabelos longo e bonito".

**seopoti** v. chegar. Enepo **seopo** ne ihikaxovotihiko epekexoane himakati. "Quando os alunos chegam da escola estão com muita fome". **Seopone** ra hoyeno ko'ituketi ukopeati xapa takure'i. "O homem que trabalha no canavial chegou". **Seopotimo** ne piyo tamuku akomo ivu'ixa. "O seu cachorro vai chegar, não vai se perder". **Sipone** nimikuxi? "Você chegou da pescaria?" (→ **apene**, **simoti**, **yapene**)

**sepoela** n. [Do Port.] cebola. Pu'itinoe ra **sepoela** veneu. "As cebolas que você comprou são grandes". (planta, *Allium cepa*)

**serati** adj. chorão. Eno **serati** ra kalivono. "A criança é muito chorona"





**severeina** *n.* chifre. Hana'iti **severeina** ne vaka. “O chifre da vaca é grande”.

**si'a** *n.* pica-pau. Enepora **si'a** yomoti nika xixixi oye'ekokutike. “Esse pica-pau gosta de comer graxa na cozinha”. (ave, *Picidae*)

**si'i** *n.* coluna vertebral. Kohoneti **si'i** ra hoyeno. “O homem está sentindo dor de coluna”.

**sikeane** *v.* deixar. **Sikeane** komohiyea ne xi'ixa. “Deixa o seu filho brincar”. (→**avane**, **kurikoti**)

**sikekoxe** *n.* aroeira (planta, *Anacardiaceae*)



Fonte: Silva, 2012.

*A madeira da aroeira é utilizada para fazer esteio de casa e também como remédio para fratura, os terena fazem um tipo de melado e colocam no lugar fraturado, quando seca forma uma casca, quando essa casca começa a quebrar é sinal que o osso já colou.*

**sikixo** *v.* jogar. **Sikixo** koexoe ra kalivono. “O menino jogou a cobra”.

**siko'o** *n.* armadilha. Enepone **siko'o** akone aunati. “A armadilha não está boa mais”.

**simoti** *v.* 1) ir. **Simea** ne eno iti itukapu kaxe. “Vá na casa da sua

mãe todos os dias”. **Simo** ne ha'a iti? “O seu pai veio?” 2) chegar. Kutimo **simo**? “Quem vai chegar?”. 3) visita. Pora **simoti** oriti simea. “A visita demora pra chegar”. (→**apene**, **seopoti**, **yapene**)

**sina** *n.* genro. Ko'ituketi **sina** ra eungo. “O genro do meu tio está trabalhando”. Koituketi ne **sina** nza'a. “O genro do meu pai é trabalhador”.

**sine** *n.* nora. Ipuhokovoti **sinena** ra eungo. “A nora do meu tio é brava”.

**sini** *n.* onça. Koemaiti ra **sini**. “A onça é perigosa”. Enepora **sini** ahati nikohikea xe'exa vaka. “A onça gosta de comer os bezerros”. (mamífero, *Panthera*)



Fonte: [http://faunaselvagem-marisa.blogspot.com.br/2010\\_09\\_01\\_archive.html](http://faunaselvagem-marisa.blogspot.com.br/2010_09_01_archive.html)

**sipokoti** *v.* pegar. **Sipokoati** kalivono ne ipuneti. “A criança passou a mão na cerâmica”. (→**miyoti**, **namukoti**, **nemukoti**, **sipone**, **veoponoti**, **veyoti**)

**sipone** *v.* pegar (→**miyoti**, **namukoti**, **nemukoti**, **sipokoti**, **veoponoti**, **veyoti**)

**sipurakopeti** *n.* Pá de coração.



**sipurakoti** v. jogar no lixo. **Sipurakoati** enom ra hokomori. “A minha mãe jogou o lixo”. **Sipurakoti** homokori ra yekoteno. “O idoso jogou o lixo”.

**siukoti** v. sugar, chupar. **Siukoati** hoyeno ra orekati. “O homem está sugando a bebida”.

**siunoneti** v. beijar. **Siunoneati** Eno ra xe'exa. “A mãe está beijando seu filho”.

**so'ixoti** v. apontar. **So'ixoati** xanehiko ra homoehou inuxinoa. “As pessoas estão apontando o jovem pra ser líder”.

**soporo** n. milho. Eno **sapara** otu ya isaneke. “O vovô tem muito milharal na roça”. Evokovone ra Eno **soporo** ya kavaneke. “O milho já está se perdendo na roça”. Uheti ne oyenaiti **soporo** xanetike nakaku. “O milho cozido é gostoso com arroz”. (planta, Zea)



Fonte: Silva, 2013

O milho é muito apreciado na alimentação terena, sendo consumido assado, cozido, em foma de pamonha ou polenta e o milho seco é utilizado para fazer a farinha chamada de *ipunupae*.

**soporoke** n. espécie de guavira. Ainovo koene **soporoke** ra vavira

apeti yaye. “A guavira está miudinha”. (planta)

**su'uso** n. carneiro. Eno xe'exa ra **su'uso** kurapeke. “A ovelha que esta no curral tem muito filhote”. Itipakovoti ra **su'uso**. “O carneiro é manso”. (mamífero, *Caprinae*)

**sukeuvoti** adj. seco. **Sukeuvoti** ra soporo. “O milho já está seco”.

**sukirikeono** n. nome de divisão da tribo Terena. Ainovo **sukirikeono** ne iyenonjapa. “Os meus parentes são pertencentes da classe de **sukirikeono**”. (→ **xumono**)



“As metades “*Sukrikiano*” e “*Xumonó*” tem sua origem no Mito formador dos Terena, sobre o qual há varias versões. Em todas há o herói “*Yurikoyuvakai*” que foi partido ao meio, com foice, por sua mãe. *Yurikoyuvakai*, depois de partido ao meio, fez surgir dois indivíduos, um da cintura para cima e outro da cintura para baixo que, fazendo surgir as duas metades Terena dintintas: os *sukrikiano* e os *xumonó*. Segundo Baltazar (2010), os *Xumonó* eram superiores aos *Sukrikiano*. As duas metades são endogâmicas e simétricas, em suas relações visíveis, sobretudo na época da colheita, destacavam-se também nas festas, na dança *Kipaéxoti*. Apareciam ainda em cerimônia religiosa dos “*Ohókoti*”, com *Xamãs*, geralmente um *Xumonó*. Cardoso de Oliveira (1976) ressalta que a festa do *Ohókoti* era vital para os Terena, já que fortalecia a solidariedade vital celebração da unidade entre as metades com fartura de comida. Salienta-se a importância das duas metades na organização social dos Terena. Baltazar (2010) afirma que



cada metade dividia-se em três extratos sociais: “Nâti” (cacique ou chefes e suas famílias); “Wáhere Xâne” (gente ruim, gente comum) e; “Kauti” (capturados na guerra, cativos.) os sukrikiano são representados pelas cores vermelha e branco e os Xumonó pelas azul e preto”. (Fonte: Baltazar, 2010).



Fonte: <http://www.facebook.com/photo.php?fbid=392055080905073&set=a.270709376372978.55855.100003017546739&type=1&theater>

**suva'iti** *adj.* amargo. **Suva'iti** ne tutukena ukoe. “O fedegoso é muito amargo”. **Suvai'iti** ra ipixoti. “O remédio é amargo”. **Susuvako** ne ipixati. “O remédio é bem amargo”.

**suva'i xupu** *n.* mandioca brava. Enepora **suva'i xupu** nikoa vaka. “A vaca comeu a mandioca brava” (planta, *Manihot*)







238



FONTE: DENISE SILVA

# TIKOA



**ta'a** *n.* anhuma. Enepora **ta'a** hana'iti ho'openo. "A anhuma é um pássaro grande". Ako nonjeako ne **ta'a**. "Nunca vi a anhuma". (ave, *Anhima cornuta*)

**takiti** *n.* braço. Kohoneti ra **ndaki**. "O meu braço está doendo". Ekehokoti **taki** ne seno. "O braço da mulher está quebrado". Oko'okovoti **taki** ne hoyeno. "O braço do homem está machucado". Kohonetinemea ra **takiye**. "Talvez esse braço já estivesse doendo". (~**taki**)

**takure'i** *n.* cana-de-açúcar. Mekuke eno **tukure'i** none ne onju. "Há muitos anos meu avô tinha plantação de cana". Enepora **takure'i** nikoamaka kamo. "A cana-de-açúcar o cavalo come também". (planta, *Saccharum*)



Fonte: Silva, 2013.

**talakixovoti** *v.* pular. **Talakixovoti** ne marakaya oukeke mesa. "O gato pulou em cima da mesa".

**tamuki hoe** *n.* Piraputanga (peixe, *Characidae*)

**tamuku** *n.* cachorro. Na koeti iye isukinoa hoyeno ne **tamuku**? "Por que o homem bateu no cachorro?" Hana'itinoe ra piyo **tamuku**. "Os seus cachorros são muito grandes". Exo'emoti ne tamuku urukovoti ovonguke omexone njurunea apeti **nakaku**. "O cachorro que entrou na

minha casa é esperto, pois roubou minha panela com arroz". Mbikoa ra **temukuna**. "Tenho medo do seu cachorro". Pu'iti ra **ndamukuna**. "O meu cachorro é gordo". (mamífero, *Canis lupus familiaris*)

**tangi** *n.* [Do Port.] tanque, açude. Enepone **tangi** itikovone une ya. "O açude não tem mais água".



Fonte: Silva, 2012.

**tapi'i** *n.* galinha. Eno kalihunoe xe'exa ra **tapi'i**. "A galinha tem muitos pintinhos". Koputukone ne **tapi'i**. "A galinha botou ovo". Eno **ndapi'ina**. "Tenho bastante galinha". (ave, *Gallus gallus domesticus*)

**tapi'ina une** *n.* frango d'água (ave, *Gallinula galeata*)



Fonte: Wiki Aves, 2010.



*Quando o frango d'água canta uma vez perto de casa é sinal de morte.*

**tarapixa** *n.* moenda de cana, engenho. Enepora **tarapixa**





kuxotine. “Este moedor de cana é antigo”. Hana'iti ra **ndarapixana**. “O meu engenho é grande”.



Fonte: Souza, 2011.

**taru'uxoti** v. 1) atravessar. Kutimo **taru'uxoa** ne yomono? “Quem vai atravessar a lama?”. **Taru'uxoati** kamo ra huveo. “O cavalo passou por outro lado do rio”. 2) passar. **Ndaru'uxoati** ra une. “Vou passar por cima da água”. **Ndaru'uxoatimo** iharotike ra une. “Amanhã passarei por cima da água”. (→**huno'ekoti**)

**tata** n. Vovô. Enepora **tata** xunatiko. “O vovô é muito forte ainda”.

**tau tau** n. quero-quero (ave, *Charadriidae*)



Fonte: [http://www.guiapetecia.com.br/raca\\_400-quero+quero.htm](http://www.guiapetecia.com.br/raca_400-quero+quero.htm)

**tau'iti** adj. salgado. **Tatau'i** koye ra yoye'eu. “A comida que você fez está bem salgada”. **Tau'iti** ra oye'euti peixou. “O feijão cozido está muito salgado”.

**tau'okoti** v. rachar lenha. **Tau'okoti** yuku ra nza'a. “Meu pai está rachando lenha”.

**taukoti** v. partir. **Ndaukoati** ra yuku. “Vou partir a lenha ao meio”. **Ndaukotimo** ra yuku kukukeke. “Irei partir a lenha ao meio”.

**tavaruru** n. formiga carregadeira (inseto, *Formicidae*)

**tayuya** n. nome de uma árvore que serve para remédio. Unati ipixati ra **tayuya**. “Tayuya é uma planta nativa que serve pra fazer remédio”.

**teno** n. irmã mais velha. Enepora **teno** veyoti yuku. “A moça está apanhando lenha no mato”.

**tereru** n. Anú-branco (ave, *Cuculidae*)

**teti** n. pimenta. Xunati ra **teti**. “A pimenta é forte”. Kotiveti eno paho ra **teti**. “A pimenta arde muito na nossa boca”.

**tetu** n. verruga. Pu'iti ra **ndetu** xoko vo'um. “A verruga da minha mão é grande”. Pu'iti ne **tetu** iti. “A sua verruga está muito grande”.

**tetukoti** v. 1) cortar. **Tetukoti** yuku ra mbo'inu. “O meu irmão está cortando lenha”. **Tetukoti** yuku ne nza'a. “Meu pai está cortando lenha”. **Titukoti** ipovoti? “Você está cortando a roupa?” **Ndetukoa** ne njipo. “Cortei a minha unha”. **Ndetukoati** ne hipe. “Vou cortar a sua unha”. **Ndetukoatimo** ra ipovoti. “Cortarei essa roupa”. **Ndetukoti** yuku. “Estou cortando a lenha”. 2) atravessar, passar por. **Ndetukoa** ra yeu Aquidauana. “Eu passei por Aquidauana”. 3) partir



**teyaponoti** *n.* dorme-joão ou dormideira (planta, *Mimosa pudica*)



Fonte: Silva, 2013

*Planta medicinal utilizada na medicina tradicional.*

**teyoti** *v.* envergonhar-se. **Ndeyoti** enomone akoino ninga. “Não como porque tenho vergonha”. **Ndeyotimo** ongoyuhu. “Tenho vergonha de falar”. **Teyoti** ra nje'exa enomone akoino kena'aka. “O meu filho está com vergonha por isso que ele não veio”. **Tiyoa** ne ongo. “Você sente vergonha da minha tia”.

**tiketi<sup>1</sup>** *n.* feijão andu. Uke'ene ha'i ra **tiketi**. “O feijão andu não tem mais fruto”. (planta, *Cajanus cajan*)

**tiketi<sup>2</sup>** *n.* dinheiro. Keunaka ne **tiketina** yuke'examo. “Guarde o seu dinheiro ou vai acabar”.

**tikoa** *n.* tamanduá-bandeira. Hana'iti ra **tikoa**. “O tamanduá é grande”. Enepone **tikoa** hana'iti ho'openo. “O tamanduá é um animal grande”. (mamífero, *Myrmecophaga tridactyla*)



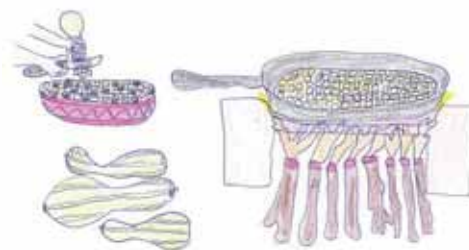
Fonte: Corrêa, 2012.

Segundo os anciãos da aldeia quando um tamanduá entra no quintal de uma casa é sinal que alguém da família morrerá. Encontrar um tamanduá no caminho também é sinal de azar, assim quando se está indo pescar, caçar, viajar ou fazer algum serviço e encontrar um tamanduá no caminho significa que a atividade não será bem sucedida.

**tikoti** *n.* árvore. Hana'iti xuve ra **tikoti**. “O pé dessa árvore é muito grande”. Kiripuhi **tikoti** ovohexo ne ho'openo. “O pássaro está na ponta da árvore” Otopekovone xuve ne **tikoti**. “Cortaram a árvore”.

**tipe** *n.* veado Eno xe'exa ne **tipe** ikeneke. “A fêmea do veado tem muitos filhotes atrás dela”. (mamífero, *Cervidae*)

**tipepe** *n.* abobrinha verde refogada. Itukoti **tipepe** Ludi. “A Lurdes está fazendo abobrinha refogada”



Fonte: Quintino Mendes, 2013.

**tipuke** *n.* jaguatirica. Ape **tipuke** hoikuke. “Tem jaguatirica no mato”. Kuti koe sini ne **tipuke** noixoa uti. “A jaguatirica é bem parecida com uma onça”. (mamífero, *Leopardus pardalis*)







Fonte: [http://raqueltur.com/galeria\\_pantanal/](http://raqueltur.com/galeria_pantanal/)

**tirixapune** v. começar (ordenar). **Tirixapune** ke'itukeyi koeku avoyea yomomi. “Comece trabalhar enquanto ainda não está cansado”.

**titike xiri xiri** n. pata de boi (Planta)

**titikoti** v. chupar cana. **Nditikoati** ra takure'i vine. “Vou chupar a cana que você pegou”. **Nditikoti** takure'i. “Estou chupando cana-de-açúcar”. **Titikoti** takure'i. “Está chupando cana”. **Titikemo** takure'i ko'oyene. “Você vai chupar cana hoje”. **Titikoti** takure'i ne kalivono. “A criança está chupando cana”.

**titipu'ikoti** n. espécie de abelha preta que faz mel no cupinzeiro.

**tiu'iti** n. rede. Yekotenone ra **ndui**. “A minha rede está velha”.

**tiuketi** n. dinheiro. Enepone **tiuketi** keunae veneximo vaka. “Compre gado com aquele dinheiro que você poupou”. Eno **ndiuketina** yara kohe. “Tenho muito dinheiro esse mês”.

**tivo'ikovoti** v. lamentar. **Tivo'ikexovoti** ne xanehiko. “As pessoas estão se lamentando”.

**tiye** n. muçum. Eno **tiye** yane kali lavona. “Tem muito muçum naquela lagoa”. (peixe, *Synbranchus marmoratus*)



Fonte:

<http://aqualine.no.comunidades.net/index.php?pagina=1972591065/>



*Fisgar um muçum é sinal de que o grupo não terá mais sucesso na pescaria.*

**tohe<sup>1</sup>** n. nambu ou Inhambu. Heu koeti kiyo'i kaxe eneyea ne **tohe**. “Toda tarde o nambu canta”. (ave, *C. strigulosus*)

**tohe<sup>2</sup>** n. sino; sineta. Itatakoti **tohe** ituke ne imokovokuti. “O sino da igreja está quebrado”.

**toke toke** n. sopa de mandioca com carne.

**tokenovoti** v. engasgar. **Tokenovoti** nika nakaku ra nevom. “O meu sobrinho engasgou comendo arroz”. **Tokenovo** ne ra kalivono. “A criança engasgou”.

**tokerehi** n. capim sapé. Uhepeti hi'exeova peti ra **tokerehi**. “A cobertura da casa fica muito boa quando feita de sapé”.



Fonte: Silva, 2011.







O capim sapé é utilizado na massa do adobe, tijolo de barro, e também para cobertura das casas tradicionais.

**tokexovoti** *n.* pontada, dor aguda.

**Tokexovoti** xupunu ra yekoteno. “O velho está sentindo pontada nas costas”.

**toko** *n.* ombro. Kohoneti ra **ndoko** ike ngo'itukeine. “O meu ombro está doendo por causa do trabalho que eu fiz”. Kohoneti **toko** ra mongexa. “A minha irmã está sentindo dores nos ombros”.

**toko vetekeke** *n.* carvão branco (planta, *Callistene fasciculata*)

**tokoe<sup>1</sup>** *n.* galinha d'angola. Ipuhokovoti ho'openo ne **tokoe**. “A galinha de angola é uma ave brava”.

**tokoe<sup>2</sup>** *n.* sereno. Eno itikeovo **tokoe** ko'oyene. “Caiu muito sereno hoje”.

**tokololo** *n.* brincadeira tradicional.



Fonte: Quintino Mendes, 2010.



Esta brincadeira é feita da seguinte forma: primeiramente os participantes são organizados em duas filas, os primeiros da fila seguram um pedaço de pau, cada um segura do seu lado, em seguida uma criança se pendura no meio do pau. A dupla que esta segurando o pau dá uma volta na filha com o

participante pendurado, esse não pode cair, feito isso voltam ao lugar de partida para que os outros participantes repitam o mesmo processo. (Fonte: Júlio, 2012).

**tokopoti** *v.* encontrar (→**inixoti**)

**tokoro** *n.* bugio. Honoti emo'u ne **tokoro** noixoti uko. “O bugio está fazendo muita algazarra, vai chover”. Honotinoe emo'u ne **tokoro** imokovo. “O bugio canta alto” (mamífero)



Fonte: <http://www.pantanal-pousadasantaclara.com.br/photo-gallery.html>

**tono'iti** *adj* verde.

**tope** *n.* 1) agulha. Kohinoko vo'um ra **tope**. “Furei minha mão com agulha”. Enepone **tope** ivu'ixone. “A agulha sumiu”. 2) espinho (→**ave, itapa**)

**topo'e** *n.* ouriço-cacheiro



Fonte: <http://viajeaqui.abril.com.br/materias/bichos-do-brasil-mamiferos>





Quando alguém encontra um ouriço é aviso de morte, morrerá a pessoa que o encontrou ou a sua mãe. Quando alguém está deitado na sombra de uma árvore e o ouriço joga seus espinhos sob a pessoa, é sinal que dentro de alguns dias ela morrerá.

**toretoke** *n.* semente lágrima de Nossa Senhora. (→ **korotoke**)

**tori** *n.* calcanhar. Ina itatakexo ra **ndori**. “O meu calcanhar está rachando”. Itatakexoti **tori** ra seno. “A mulher está com calcanhar rachado”.

**tororo** *n.* cabaça, porunga. **Tororoke** imo unena ne onju mekuke. “Antigamente meu avô colocava água na cabaça”. Eno **tororo** xoko xuve. “Tem muitas porungas no pé”. Iphone une ne nza'a **tororoke**. “Meu pai colocou água na cabaça”. (planta, *Lagenaria siceraria*)



Fonte: Silva, 2011.



Antigamente a cabaça era utilizada para carregar água, atualmente é utilizada na confecção de artesanato.

**tororokoxe** *n.* timbó. Unati yuku ne **tororokoxe**. “O timbó é uma

lenha muito boa”. (planta, *Malpighiaceae*)

**tote** *n.* curicaca (ave, *Threskiornithidae*)

**tovoti** *v.* urinar. Enepora kamo **tovoti**. “O cavalo está urinando”.

**tuiti** *n.* rede para dormir. Enepone **tuiti** kopiti'iti. “Aquela rede está suja”. **Tiuti** imoko ne inamati kalivono. “A criança recém nascida dorme na rede”. Enepone **tiui** kuxotine. “A sua rede já é antiga”.

**tuku tuku** *n.* preá (mamífero, *Cavia*)

**tunukuxovoti** *v.* deitar. **Ndunukuxovoti** ipinake. “Vou me deitar na sua cama”. **Ndunukuxovotimo** ipeke. “Deitarei na cama”. **Tunukuxovoti** ne kalivono ya panguke. “A criança está deitando no banco”.

**turi'okovoti** *v.* incomodar. **Nduri'okovoti** enom. “Estou incomodando minha mãe”. **Nduri'okotimo** enom iharotike. “Incomodarei minha mãe amanhã”. **Turi'okovoti** eno ra kalivono. “A criança está incomodando a sua mãe”.

**turixoti** *v.* começar. Konokoati **turixea** ne ipoyea ne ovoku. “Ele tem que começar fazer a casa”. **Turixovone** ne ituketi. “O trabalho já começou”. **Ndurixoane** ra yutoiti. “Já comecei a escrever”. **Ndurixotimo** iharotike ra ituketi. “Irei começar esse trabalho amanhã”. **Ndurixovotine** indukea mbulu. “Já vou começar a fazer o bolo”.



**туру** *n.* [Do Port.] touro. Enepone **туру** ipuhokovoti. “O touro é bravo”. (mamífero, *Bovinae*)

**турумо** *n.* tipo de sapo grande que fica na cacimba d'agua.

**тuti** *n.* **1)** cabeça. Kohoneti meku **nduti** yara yuponiti. “Minha cabeça estava doendo esta manhã”. Kohoneti ra **nduti**. “Estou com dor de cabeça”. Ixomoti kapahakovo ohone **tuti** ra seno kalivono. “A criança está se queixando de dor de cabeça”. **2)** cabelo. Uhiti ra **nduti**. “Estou com muito cabelo”. **3)** folha da árvore. Irihikovoti **tuti** ne tikoti. “A folha da árvore está caindo”. Ipixa ohone okovoti ra **tuti** ahara. “A folha da goiaba é remédio para dor de barriga”.

**tutukena ukoe** *n.* fedegoso. Ipixa yuvone dengui ra **tutukena ukoe**. “Fedegoso é o remédio para quem pegou dengue” (planta, *Caesalpinioideae*)







246



FONTE: BITTENCOURT; LADEIRA (2001)

# UHE'OTI



**uha'iti** v. brilhar. **Uha** koye ne hekere. “A estrela brilha”.

**uhapu'ine** v. clarear; amanhecer. **Uhapu'ine** ra kaxe. “O dia já está clareando”.

**uhapu'iti** adj. Claro. **Uhapu'iti** kaxe. “O dia está claro”.

**uhapuine heve kaxe** n. raio de sol. Isuke kixonum **uhapuine heve kaxe**. “O raio de sol bateu nos meus olhos”.

**uhe'ekoti** adj. bonito. **Uhe'ekoti** ne ovokuti. “A casa é bonita”. **Uhe'ekoti** emo'u ne arunoe. “A voz da moça quando canta é bonita”. **Uhe'ekoti** ra Vânia. “A Vania é bonita” (→**exoketi**)

**uhe'eti** v. rir. **Uhe'eati** Marlene ra ndutu. “A Marlene riu do médico”. **Uhe'eti** inikone. “Está rindo do seu colega”. (→**ekasati**)

**uhe'oko** v. Costurar. **Unze'oko** xaku motovati omombea xupu ya kavaneke. “Costurei um saco pra poder trazer mandioca na roça”. (→**uhe'okoti, yuporo'okoti**)

**uhe'okoti** v. costurar. **Yuhe'okoti** ipevo yotike? “Você está costurando a sua roupa para noite?” **Uhe'eoti** ra ipevo. “A sua roupa é costurada”. **Uhe'eokoti** ipovoti ra Marlene. “A Marlene costurou a roupa.” **Uhe'okoti** ipovoti ra eno. “Minha mãe está costurando a roupa”. **Uhe'okoti** ipovoti ra hovenoen. “A velha está costurando a roupa”. (→**uhe'oko, yuporo'okoti**)

**uhe'oti** v. tecer. **Uhe'oti** ra Marlene. “A Marlene está tecendo”. (→**hukoti, ixuxukoti**)

**uhe'ekoti** adj. bonito **Uhe'ekoti** ne hoyeno. “O homem é bonito” (→**exoketi**).

**uhepeti** n. vento. **Uhepeti** ra ihunovoti. “O vento é gostoso”.

**uhepune** n. desejo. Ako **uhepune** ra koituketi. “O trabalhador não tem desejo de fazer nada”. (→ **ahati, ko'uhepuneti**)

**uheti** adj. gostoso. **Uheti** ne vama. “O jatobá é gostoso”. **Uheti** ra oye'euti. “A comida é gostosa”.

**uheti exepa** v. Estar com sono. **Uheti ixepa** ra Marlene. “A Marlene está com sono”.

**uhexone** v. terminar. **Unzexone** inzupaheyeya ya kavaneke. “Terminei de roçar na minha roça”. (→**koevesekoti, koveseekoti, usexeti**)

**uhiti** n. mato. **Uhiti** ra xe'o ovokuti. “A beira da casa está cheia de mato”.

**uhoro** n. buraco. Koema'iti ra **uhoro** xenekuke. “O buraco na estrada é um perigo”. Enepora **uhoro** koema'iti vo'oku kalivono. “Este buraco é perigoso por causa da criança”.

**uka'ati** n. tumor, furúnculo. Kotiveti ra **uka'ati** enepo namuko'ovi. “O furúnculo quando pega a pessoa dói”.

**uke** n. olho. Pu'itinoe **uke** ne hovovo. “Os olhos do sapo são grandes”. Konokoti kohiyanayea uti ra **vuke**. “Temos que cuidar bem dos olhos”. Enepone **uketi** konokoti kohiyanayeovo. “O olho tem que ser bem cuidado. (~**uketi**)





**uke kaxe** *n.* arco-íris em volta do sol.



Fonte: Silva, 2012.

*“Ya sasasa koeti kaxe, apeti vekeati ya xe’okuke uke ya xapa kotuti kaxe; ya koyuhoyeake viyioxapa terenoe, kixoekotimo eno kasati meum, uko xanena eno eveke ya tumuneke uti. Ya mopo’ati kaxe ikene motovane kuxea viyioxapa noxone ne uke kaxe. Enomone kixoa viyioxapa, kuxotinoe ko’ovokuti koyuhoyea enepora ape uke ne kaxe ya xapa eno kotuti kaxe koene’ye.”*

*Para os anciãos, quando o dia esta claro, com céu limpo e um arco-íris aparece em volta do sol, é sinal que esta vindo muito frio, chuva com granizo e vendaval. De acordo com a interpretação dos ancião esse fenômeno é esperado dentro de 3 dias”. (Fonte: Júlio, 2012). Quando o arco-íris está em volta do sol, circundando-o completamente é sinal de seca. Quando está parcialmente circundado, por sua vez, significa chuva.*

**uke'e** *v.* acabar. Enepo **uke'e** ne hiu ne tikoti akone ayekapu ihopune. “Quando a flor dessa árvore acabar não tem mais cheiro”. **Uke'ene** ra ho'uxovoti. “A reunião acabou” (→**uke'e**)

**ukeaku** *n.* começo. Enepo **ukeaku** ra isoneuti xapa yekoteno. “O começo da idéia vem dos anciãos”.

**uke'exoti** *v.* acabar.

**uketi** *v.* vir, veio. **Ukeati** tikotike ikorokeyo ra kalivono. “A criança veio de uma árvore quando caiu”.

**uko** *n.* chuva. Ako **uko** ya ra kohe. “Esse mês não choveu”. Koati xuhevoti ra **uko**. “A chuva foi muito forte”

*“Ya teyo'ikea viyioxapa mekuke, pora ihokoti uko ya xapa kotuti kaxe, apeti kixo'ekone ra voririkoti. Vo'oku mahi itukeovo noxoti hu koeti ho'uketi, viyeno akoti yuvati, veo koeti ivokeyo. Enomonehi kixo'eko ra voririkoti uko ya xapa kotuti kaxe.”*

*Na previsão dos antigos quando chove no meio de um sol quente é por que está prevendo alguma coisa ruim para a comunidade, como morte. De acordo com a fala dos anciãos está prevendo a morte repentina de uma pessoa que não está doente. Significa as lágrimas de uma família. (Fonte, Júlio, 2012)*

**ukoe** *n.* lobinho. Ahati eneyea ne **ukoe** itukovo hahameti. “O lobinho gosta de latir todo finalzinho da tarde”. (mamífero, *Canidae*)



Fonte:

<http://www.flickr.com/photos/guilhermelimadasilva/7747638996/>

*Quando o lobinho grita perto de casa é aviso de morte*

**uku** *n.* 1) lâmpada 2) fogo



**uku'uti** *n.* catarro (→**hiru**)

**ulala'iti** *adj.* cristalina. **Ulala'iti** une ra riu. “A água do rio é cristalina”

**ulalapu'iti** *adj.* careca. Enepone yekoteno **ulalapu'iti**. “Aquele velho é careca”.

**umoti** *adj.* demorado. **Umotine** ikene ra yonoti ina simo ra xanena. “Já faz um bom tempo que a pessoa saiu, e o seu parceiro chegou agora”. (→**oriti**)

**unaem** *n.* irmão.

**unai** *n.* dono. Seno ituko **unai** ra ivu'eti. “A dona dessa condução é uma mulher”. Ako sima **unae** ra xupu. “O dono dessa mandioca não veio”.

**unako<sup>1</sup>** *n.* bondade. Imako **unako** ra hoyeno. “Como esse homem tem bondade

**unako<sup>2</sup>** *v.* guardar. **Unako** peixou ne enom ya oukeke patilera. “A minha mãe guardou o resto de feijão em cima da prateleira”. **Unakopane** enom ra nikokonotihiko ya opekuke fugaunke. “A minha mãe guardou as comidas embaixo da fogão”.

**unati** *adj.* bom . **Unatine** ne nakaku. “O arroz já está bom”. **Unati** koeku ra nje'a xoko ko'itukeku. “Meu filho está muito bem no seu trabalho”. **Unatine** ya ovea epevokopetinake Juliana. “Ele vai ficar na sombra da Juliana”.

**une** *n.* água. Enepora **yunena** kopiti'iti. “A sua água está suja”. Koati akti omotova uke'eyea ra **vunena**. “A nossa água não pode faltar”. Kopiti'iti ne **une**. “A água está suja”. **Uke'ene** ya potenake ra onze.

“Não tem mais água no pote da minha vó”.

**upa'akovoti** *v.* consagrar. **Upa'akovoti** ra koexomoneti ako aha nikea koane ako enapu une. “O pajé está se consagrando, não quer comer nada e nem beber água”.

**upenoti** *adj.* fundo. **Upenoti** ra pusu koane itikovone une ya. “O poço é fundo e não tem mais água lá”.

**upikovoe** *n.* arco-iris. Ako aunati sa'ixea uti ra **upikovoe**. “Não é bom apontar o arco-iris”. Vahere so'ixeokono ne **upikovoe** koe ne voxunoekeke mekuke. “Os nossos antepassados diziam que não se pode apontar o arco-iris”. (→ **uke kaxe**)



Fonte: Silva, 2011.



*De acordo com a sabedoria tradicional Terena, não se deve apontar para o arco-íris ou a pessoa pode ficar com o dedo torto. Quando o arco-íris aparece em torno do sol pode ser sinal de chuva ou de seca.* (→**uke kaxe**)

**uporiti** *adj.* magro. **Uporiti** ne seno vo'okuke arineti namukoati. “A mulher está magra por causa da doença que pegou ela”.



**uro** *n.* umbigo. Kohoneti **uro** ra inamati kalivono yuixovo iyoyea. “O bebe recém nascido está com dor de umbigo, está chorando muito”.

**urukovoti** *v.* entrar. **Urukovo** ne tamuku ya kuveuke ovokuti. “O cachorro entrou dentro da casa”.

**usexeti** *v.* Terminar. **Usexone** kavaneya ra seno. “A mulher terminou de vender”.  
(→**kovesekoti**, **kovesekoti**, **uhexone**)

**usone** *adj.* pronto. **Usone** ra ituketi oso'iuti mbulu. “O bolo está sendo assado, já está pronto”.

**ute** *n.* irmã mais velha. Enepora **ute** veoti mote ya xoko veyokuti mote. “A minha irmã está tirando argila no lugar que tem”.

**uti** *pron.* Nós. **Uti** ne ahati epo'exoponea yayeke. “Somos nós que gostamos de jogar bola aqui”.

**uto** *n.* prato. Enepora yutana **mote** ipuneti itukovoye. “O seu prato é um prato de cerâmica”. Uhe'ekoti **utana** mote ra otu. “O prato de cerâmica do vovô é bonito”. Epora **uto** itatakoti ipuneti itukovoye. Este prato que quebrou é cerâmica”.

**uve** *n.* plêiades (constelação)



*A constelação das plêiades é muito relevante para a cultura Terena. Quando essa constelação atinge o ponto máximo no céu, em geral no mês de abril, marca o início da colheita e período de realização da festa do ohokoti. Essa constelação juntamente com a Via Láctea formam uma ema, que está diretamente ligada a sobrevivência*

*do povo, pois segundo os anciãos, ela fica presa por uma corrente no Cruzeiro do Sul e é vigiada por um cervo e um jabuti, se ela conseguir se soltar será o fim do mundo.*







FONTE: [http://www.flickrriver.com/photos/nick\\_land/3975533338/](http://www.flickrriver.com/photos/nick_land/3975533338/)

# VITUKA



**vahaha** *n.* aranha. Nexepa ne **vahaha** eno pai. “Cuidado com a aranha”. Ako topi ko'iyovo ne **vahaha** apeti yara vovoku. “São vários tipos de aranha que tem nesse lugar”. Nikoa tote ne **vahaha**. “A curicaca come aranha” (inseto, *Aracnídeos*)

**vahanoke** *n.* brincadeira tradicional.



Fonte: Quintino Mendes, 2010.

*n.c.* A brincadeira tem início com a organização dos participantes em fila de frente para uma pessoa sentada numa cadeira. A seguir, o primeiro da fila, vai até a pessoa que está sentada para que ela comece a fazer cócegas no seu pescoço, se o participante conseguir segurar o riso será premiado com uma coisa boa, uma comida gostosa como o *hihi*, ao contrário ganhará esterco de galinha, porco ou outros animais. (Fonte: Júlio, 2012)

**vahati** *n.* sarna. Enepora **vahati** ako aunati namuko muyo xane. “Quando a sarna pega no corpo da pessoa não é bom”.

**vahere** *n.* 1) pano. Kopiti'iti ra **vahere**. “O pano está sujo”. 2) ruim. **Vahere** ra hoyeno. “O homem é ruim”

**vaka** *n.* [Do Port.] vaca. Kinatinoe ne **vaka** ovoti ya oyonokutike. “As

vacas da fazenda são gordas”. Eyekoxoatimo nza'a koxe'exayeane ra mbeyo **vaka**. “Meu pai vai receber a notícia que a minha vaca deu cria”. Kotukoti xene **vaka** ra hoyeno. “O homem está tirando leite da vaca”. (mamífero, *Bovinae*)

**vaka vaka** *n.* borboleta. Noxoti hoe ra eno **vaka vaka**. “A borboleta está avisando que tem peixe”. (inseto, *Lepidoptera*)



Fonte: Corrêa, 2011.



De acordo com o conhecimento tradicional, quando tem muitas borboletas na beira do rio, açude ou lagoa é sinal que a pesca será boa.

**vakamoto** *n.* couro. Enepone **vakamoto** ako topi itukovoike koene'eye. “O couro serve pra muitas coisas”. Mekuke enepone onju ahati komovoike **vakamoto**. “Antigamente meu avô gostava de secar couro.”

**vakurexo'o** *n.* curiango (ave, *Nyctidromus albicollis*)

**vama** *n.* jatobá do cerrado. Xunati ihopune ra **vama**. “O cheiro do jatoba é forte”. Koati nikanovo viyeno mekuke ne **vama**. “O jatobá era uma comida preferida dos nossos antepassados”. (planta, *Caesalpiniaceae*)







Fonte: Silva, 2013

Além de seu alimentarem do fruto, a madeira do jatobá é utilizada para fazer caibro, o chá das folhas é usado como depurativo do sangue e as sementes são utilizadas no artesanato, para produção de colares e pulseiras.

**vane** *n.* venda. Ihixoti **vane** xupu ra imonze kaxake. “A minha sogra esta medindo a sua venda de mandioca na caixa”.

**vanexoti** *v.* comprar. **Vanexo** celular ra Liliane. “A Liliane comprou um celular”.

**vanuke'exoti** *n.* subida. Enopo yara xene eno **vanuke'exoti** ya. “Nesta estrada tem muitas subidas”.

**vanuke** *n.* 1) céu. Uhe'ekotine ne eno hekere **vanukeke**. “As estrelas são muitas bonitas no céu. 2) em cima. **Vanuke** imoa enom kaunakea ne nikokonoti. “A minha mãe guardou a comida em cima”.

**vapopo** *n.* urutau (ave, *Nyctibius leucopterus*)

“Enepone vapupu kali ho'openo peyo yoti vo'oku ahati

eneya ya yoti kuane hane oposiko movoiti xuve tikoti kuane tiuti vinixea ya kaxe vo'oku yupihovoti kalihuia ako vinixa ya kaxe kirikuke movoiti kiri tikoti. Kuane kali itovoku kalihaxo itea enepone paho vakuti, enone enepo kamokono eneia ya yoti hime koe pikoati vo'oku koima'iti enei kuti koe vaukoi hoyeno noxoti koima'iti koekuti enomone pikinokono, itea enepo vauko eloketi okovo ihaxikoti po'inu inikoponea vo'oku inixoponoti eno nika”.

O urutau é uma ave muito pequena e de hábitos noturnos, ela come insetos e lagartas que ficam nos ocos dos troncos de árvores secas. Quando canta parece o grito de um homem e pode assutar as pessoas. Quando ele canta a noite está avisando outra ave que onde ela esta tem fartura. (Fonte: Anésio Alfredo Pinto, 2013)

**vapuma** *n.* água pomba, pitomba. (planta, *Talisia*)

**varaka** *n.* aracuã. Honoti emo'u ne **varaka** itukovo yuponiti. “As aracuãs gostam de cantar alto toda manhã”. (ave, *Ortalis canicollis*)



Fonte: Wiki Aves, 2013.

“Mekuke akoinovo ne varaaka iahe Mbokotike yaneko xoenaena 70, 80, 90 simohikea iahe ya xoenaena piati mili, yane opoykone tuku koiti yahe kali ho'openo heru kixo pati'i enepo



eneokexo kuti koe yikexea senohiko, enepone onguikene koiuhoinova akooihea yahe ya Mbokotike, pihainovo ya Ipegueke po'i ovoku kopenoti kuahati varakakoe, enomone koihaino varakakoe vo'oku yonopoku inohikopea ne varaaka enepo ya kihoi kaxe. Enepone varaka hai tikoti niko. Kuanemaka nikokonoti ne varaka koihiko ne onguikene heru kixo naum tapi'i, kuane enepone evoi uhe'ekoti ihohonevo xovi koixoti kipaahi. Koene pia'ti mili treze vovone, heu koiti hiuponiti eneoke koe ne varaka koiukovi ya eney kuane ako navakaxa horana eneope". Antigamente não existia arancuã aqui na nossa aldeia, passou a existir do ano dois mil pra cá. Ela é uma ave muito barulhenta, quando canta parece uma gritaria de mulheres alvoroçadas. Meu avô dizia que essa ave só existia na aldeia Ipegue. Ela se alimenta de sementes e frutas. Nossos antepassados comiam a carne dela e diziam que parece com galinha. As penas são utilizadas para fazer cocar. Todas as manhãs, por volta das cinco horas ela nos desperta com o seu canto, e canta durante o dia e a noite. (Fonte: Anésio Alfredo Pinto, 2013)

**varakakoe** n. Ipegue (nome de uma aldeia do município de Aquidauana-MS). **Varakakoe** yonohiko ko'ovokuti. "Essas pessoas estão indo para Ipegue".

**varututu** n. urubu. Enepora **varututu** yomoti ivokovoti ho'openo xe'okuke xene. "O urubu gosta de bichos mortos na beira da estrada" (ave, *Coragyps atratus*) (→ **moepe**)



"Enepone varututu yomoti nikea imuyukoti naum ho'openo ako, enepo oposiko nika ako malika okoponoku oyea vanukeke yane enepo inixoane enepone imuyukoti inati pahukoa ne hikena poke'eke noxoponea yane inati kaiukopovo eto'okoponea yane inati hayakukoa tuku koeti evesekea yane inati niko."

O urubu é próximo dos gaviões e se alimenta de carne de animais mortos. Para caçar seu alimento ele voa alto e quando vê um animal morto na terra manda a sua mosca ir ver de perto se o animal está morto, ela volta para avisar, então ele desce para comer. (Fonte: Anésio Alfredo Pinto, 2013)

**vateke<sup>1</sup>** n. canoa. Tikoti itukovoye ra **vateke**. "A canoa é feita de madeira". Enepone ihai Lalimake exotihiko itukea **vateke**. "As pessoas da Lalima sabem construir canoa".

**vateke<sup>2</sup>** n. ximbuva (planta, Mimosaceae)

**vatutu** n. seriema (ave, Cariamidae)



Fonte: Souza, 2013.



O canto da seriema perto de casa é aviso de morte na comunidade





**vavira** *n.* guavira. Ako axulina **vavira** yara xoena. “Esse ano deu pouca guavira”. (planta, *Myrtaceae*)



Fonte:

<http://www.riosvivos.org.br/Noticia/E+tempo+de+guavira++E+festa+no+Cerrado/16743>



*De acordo com o conhecimento tradicional, a guavira marca a época de caçar tatu. Segundo os anciãos ao caçar tatu em outras épocas se estará matando mais de um animal pois este estará em período de reprodução.*

**vaxiketa** *n.* cabrito. Ahati kopitukexeovo ne **vaxikita** koene'eye. “A cabra gosta de ficar pulando pra lá e pra cá”. (mamífero, *Capra aegagrus*)

**vayaho** *n.* cervo. Enepone **vayaho** hana'itinoe severeina. “Os servos possuem chifres enormes”. (mamífero, *Mazama gouazoubira*)

**vayau** *n.* 1) lesma. Eno kotoroketi **vayau** yara vovoku. “Estão surgindo lesmas pretas pintadas nesse lugar”. 2) caramujo. Eno hahaketi **vayau** yayeke. “Apareceu bastante caramujo africano aqui”.

**vayo ihe** *n.* carcará (ave, *Falconidae*)

**vekoku emo'uti** *n.* (neo.) celular

**veonoti** *v.* tirar

**veoponoti** *v.* pegar. **Veoponoa** Mari ra caixa. “A Mari pegou a caixa”. (→ **miyoti**, **namukoti**, **nemukoti**, **sipokoti**, **sipone**, **veyoti**)

**verekeke** *n.* perereca. Imako exino apeye uko ne **verekeke** eneonexu. “Como que a perereca prevê a chuva, só com o canto”. Enepo eneo ne **verekeke** noxoti uko. “Quando a perereca canta está prevenendo chuva” (anfíbio, *Anura*)

**verixopeti** *n.* rede de pescar.

**verixoti** *v.* pescar com rede. **Verixoti** ra numikoxoti. “O pescador esta usando rede tarrafa”. **Verixoti** ra hoyeno notuvakake. “O homem está pescando com a rede lá na lagoa” (→ **numikuxoti**)

**vetekeke** *n.* jacaré. Ahati onokeovo ya kaxeke ne **vetekeke**. “O jacaré gosta de se expor ao sol”. (reptil, *Crocodylidae*)



Fonte: Corrêa, 2011.

**veyopeti noneti** *n.* (neo) câmera fotográfica

**veyoti** *v.* 1) pegar. **Veyo** wavira ra Vânia. “A Vânia catou guavira”. 2) tirar. **Veyo** yuku hoikuke ra hoyeno. “O homem tirou lenha no mato”



(→miyoti, **namukoti**,  
**nemukoti**, **sipokoti**, **sipone**,  
**veoponoti**)

**viajaxoti** v. viajar. **Viajaxotimo**  
undi iharotike. "Eu vou viajar  
amanhã"

**vihehe** n. caraguatá (planta,  
*Bromeliaceae*)

**vikovoku** n. lugar onde  
balançamos. Enepora pi'ati xuve  
tikoti **vivikovoku**. "Nós balançamos  
nesses dois pés de árvore".

**visi visi** n. grilo. Enepone **visi visi**  
niko noneti. "O grilo come a  
plantação" (inseto, *Gryllidae*)



Fonte: <http://amarnatureza.org.br/site/grilo-2,67601/>

*Encontrar um grilo dentro de  
casa é sinal de novidade ou de  
dinheiro.*

**viteovoku** n. nossos ancestrais.  
Enepone **viteovoku** koati  
eneko'oviti. "Os nossos ancestrais  
davam muitos conselhos pra nós".

**vitete** n. morcego. Enepone **vitete**  
ahati urukeovo ovokuti. "O morcego  
gosta de entrar dentro da casa".

**vituka** n. bem-te-vi (ave, *Pitangus  
sulphuratus*)



Fonte: <http://suguedes.blogspot.com.br/2012/02/bem-te-vi.html>

*"Enepora ho'openo kuahati  
vituka pia hiha koahamaka peyo  
kamo vo'oku yomoti ivui kixoixoa ne  
kamo kuxeati hikena. Kuanemaka  
ahati eneikoponea ko'ovokuti ya  
hiuponi koeti kuane enepo noxo  
senohiko houxoko koyeti ahati  
eneoponea oukeke ne senohiko  
houxo koieti, koanemaka enepo  
eneo ape maka kixoekeaku  
vahere emouti,ou apemaka  
kixoekeaku apeyamo orixokoti ya  
hieuke ne kopenoti"*

*O bem-te-vi é um pássaro que fica  
em cima do cavalo comendo  
"bichinhos". Ele também é um  
pássaro que dá avisos, quando há  
um grupo de mulheres, ele vem  
bem devagar, pulando de galho em  
galho, ele fica no galho cantando,  
avisando que no meio delas uma  
engravidará. Quando ele canta em  
cima da casa está avisando que  
haverá algum desentendimento na  
casa ou ainda que tem alguém na  
comunidade falando mal deles.  
(Fonte: Anésio Alfredo Pinto, 2013)*

**vitumba** n. pitomba (fruto, *Talisia  
esculenta*)

**vivikovoti** v. balançar. **Vivikovoti**  
evo nje'exa kiyakaxeke. "Nós  
estávamos balançando ontem".

**vivirikoti** v. mexer. **Vivirikoati** ra  
voye'eyu xomoyu. "Estamos





mexendo o mingau que cozinhamos”. (→**ehevokovo**)

**vo'uti** *n.* mão. Konokoti sasa'iyea ne **vo'uti** enepo nika uti. “A mão tem que ficar limpa quando a gente come”.

**vohoho** *n.* gafanhoto grande (inseto, *Romaleidae*)

**voko'o** *n.* acauã. (ave, *Herpetotheres cachinnans*)



Fonte: Wiki Aves, 2013.

“Enepone vokoo ho'openo oti heru kixo peyo kaxe ahati ihamakea xoko movo'oti xuve tikoti oposiko nika, kutiati semu, koexoe. kuanemaka imapeti enepo eneo, akomaka topi inonexoku sairio sairio kixoa ne tuti. Enepo haikopono ouke ovokuti vaere kikoekone eto'okoti koe neko xane meku. Kuane enepo kamokono eneya ya xapa uhiti koima'iti kixoku ne eneya. Kuane akomaka eneohi akoe, kuatione koe okoku enepo eneo, ukeaku yuponiti, ukeaku kassati, ukeako mane koke yoko onomekopoku kiyoi kaxe. Enepo eneo ya ukeaku mane koke kixoikoti keno'okea xunati uko, enepo eneo ya ukeaku kassati, kixoikoti kassati, enepo eneo ya ukeaku yuponiti unati eyekouti, enepo eneo ya onomekopoku kaxe harakene vahere eyekouti. Enepora yutoiti undi yutoxa ngaunae

*yuho xane meku, epoxo kanauti kixoikone.”*

*O acauã é um pássaro da família dos gaviões e se alimenta de insetos e répteis como lagartos, cobras entre outros. É um pássaro muito ágil e usa as suas garras para pegar presas. É uma pássaro muito "agoreiro", segundo os antepassados, quando ele passa cantando em cima de uma casa é sinal que alguma coisa ruim vai acontecer naquela família, como morte por exemplo. Ele canta em quatro sentidos: norte, sul, leste e oeste e para cada canto tem um significado. Quando canta para o norte está avisando que vai chover, para o sul avisa que vai esfriar, para o leste é aviso de que alguma coisa muito boa vai acontecer para quem ouvir, já para o norte está avisando de algo muito ruim, como morte. Esses são os relatos dos antepassados que eu guardo e acredito por que já presenciei muito desses avisos. Fonte: Anésio Alfredo Pinto, 2013)*

**voririkoti** *v.* chuvejar. **Voririkoti** uko yara kaxe. “Está chuvejando hoje”. (~**voriri**)

**voropi** *n.* nome da lenda indígena (mãe d'água). Vahere ipuhiko meukeke ne **voropi** noxoti eno uko xanena ihunovoti. “A mãe d'água quando sai fora da água está prevendo chuva forte com ventos”.

**voso** *n.* linha. Enepora **voso** konokoti kounakeovo pehane. “Tem que guardar a linha pois só tem uma”.

**voyokore** *n.* armal. Eno **voyokore** yara lavonake. “Tem muito peixe armal na lagoa”. (peixe, *Pterodoras granulosus*)



**voyore** *n.* 1) inhame. Itukoa viyeno nika ra **voyore** mekuke. “Os nossos parentes comiam inhame antigamente”. (planta, *Dioscorea*) 2) taioba (planta, *Xanthosoma sagittifolium*)



“FAROFA DE MANDIOCA COM FOLHA DE TAIOBA”  
Fonte: Quintino Mendes, 2010.

**vui** *n.* [Do Port.] boi. Mekuke enepora **vui** mbiu koe mikukoti koreta. “Antigamente o boi era um bom puxador de carreta”.

**vukeaku** *n.* lugar onde moramos, viemos. Enepora **vukeaku** koati akoti omotova vokovo. “Temos orgulho do lugar de onde moramos”.





FONTE: DENISE SILVA

# XOVO'I





**xa'i** *n.* fumo. Eno none **xa'i** ra onze ya akapeteake. “A minha avó tem muitas plantações de fumo no fundo do seu quintal”. Noa vyeno ra **xa'i** mekuke. “Nossos parentes plantavam fumo no passado”.

**xaka xaka** *n.* pacu. Eno **xaka xaka** huveke. “Tem muito pacu no rio”. (peixe, *Chacacidae*) (→ **kotepaka**)

**xaka'iti** *adj.* duro. **Xaka'iti** ra axuka itea itiveti. “A rapadura é doce mas é dura”.

**xalera** *n.* [Do *Port.*] chaleira. Enepora **xalera** hahaha kixoane yuku. “Esta chaleira está bem preta por causa do fogão a lenha”.

**xama'iti** *adj.* torto. **Xama'iti** ra ovokuti ituketi. “Esta casa que está sendo feita está torta”.

**xane** *n.* pessoa. Oposikoti eyekoe ra **xane**. “Aquela pessoa procura informação”. Enepora **xane** kaha'ati ko'itukeyeahiko. “Essas pessoas estão querendo trabalhar”.

**xanena<sup>1</sup>** *n.* companheiro. Ako **xanena** nati. “O líder não tem mais pessoal com ele”.

**xanena<sup>2</sup>** *n.* mistura. Uheti **xanena** ra nikokonoti. “A mistura da comida É muito gostosa”.

**xaneti** *v.* acompanhar. **Xaneti** onju pitivokoke. “Ele acompanha meu avô na cidade”. (→ **evekoti**)

**xapau** *n.* [Do *Port.*] mamão. Enepora **xapau** kararaunati. “Este mamoeiro é mamão macho”. Mbiho kavaneke veyombonoti koitovokone **xapau**. “Eu fui na roça pegar mamão para amadurar”.



“MAMÃO COM FARINHA”. Fonte: Quintino Mendes, 2010.

**xaririkoti** *v.* raspar. **Xaririkoati** hoyeno kalivono ra ivu'eti. “O menino está raspando aquele carro”. **Xarikoti** pu'iti xuruno ra kalivonohiko ike ovine axuka. “As crianças estão raspando o tacho que era usado para preparar rapadura”. **Xaririkoa** teno ra une ya pusuke. “A minha irmã mais velha raspou a água na cacimba que estava secando.” (→ **ehehepixoti**)

**xau xau** *n.* gralha (ave, *Cyanocorax cyanopogon*)

**xava'a** *adj.* bagual. Enepora **xava'a** ipuhokovoti. “O bagual está muito bravo”.

**xe'exa** *n.* 1) filho. Eno **xe'exa** ra evakaxu ikeneke. “A capivara tem muitos filhotes atrás dela”. Levehi koe **xe'a** ra hoyeno. “O filho desse homem é andarilho”. Enepone **xe'exati** akoti akutipo iyeno ako aunati tumune. “O filho que não obedece seus pais não se espera coisa boa com ele”. Hana'itine ra **xi'ixa**. “O seu filho cresceu”. Xo'opeti ra **nje'exa**. “Meu filho foi passear”. Ko'ituketi ne **nje'a** xapa takure'i. “O meu filho está trabalhando no canavial”. 2) filhote. Nikoti **xe'exa** kamo ne sini. “A onça comeu o potrinho”

**xe'exa tapi'i** *n.* ovo. Eno **xe'exa tapi'i** nika ne tamuku. “O cachorro comeu muito ovo de galinha”.





**xe'exe vahati** *n.* bicho da sarna. Ina harara'i ne xipunu **xe'exe vahatimea**. “A sua costas estão avermelhadas, deve ser o bicho da sarna”.

**xe'exe vaka** *n.* bezerro. Enepone **xe'exe vaka** nikoa sini. “A onça comeu o bezerro”.

**xeki xume** *n.* arco de flecha. Enepora **xeki xume** koema'iti kalisoti kiri. “O arco de flecha é perigoso por que tem a ponta bem fina”.



Fonte: Silva, 2010.

**xekie** *n.* estilingue. Unati ra **njeki**. “Meu estilingue é bom”. Eketokoti ra **xekiye**. “O estilingue está arrebitado”.

**xemeketi** *adj.* esperto. **Xemeketi** ra hoyeno kalivono. “O menino é esperto”.

**xene<sup>1</sup>** *n.* seio. Kalihaxo ra **njene**. “O meu seio é pequeno”. Pu'itinoe **xene** ra seno. “A mulher tem seios grandes”.

**xene<sup>2</sup>** *n.* caminho. Akomalika ne **xene** yonoti pitivokoke. “A estrada que vai para cidade é longe”. Enepora **xene** ako malika yonoku. “Esta estrada vai longe”.

**xerere** *n.* lado. Yama'akapa ne **xiririkuke**. “Se apóie em quem está ao seu lado”.

**xeti** *n.* 1) conversa. 2) fofoca. Ako omotova kutipea uti ne **xeti**. “Não

podemos acreditar nas fofocas”. 3) história. Yutoxoti **exetinati** ra Liliane. “A Liliane está fazendo uma história”.

**xikixi** *n.* 1) graxa. 2) banha. Eno **xikixi** vo'okuke ra hoyeno. “O homem tem muita graxa nas mãos”.

**xikiye** *n.* flecha (→**xume**)

**xilora** *n.* pijama. Unze'okopotí **njilorana** ivarereeti. “Estou costurando meu pijama rasgado”.

**xiputrena** *n.* dança das mulheres (~**Siputrena**) (→ **putu putu**)

**xiri xiri** *n.* beija flor. Ahati hiu noneti ne **xiri xiri**. “O beija-flor gosta de flores das plantas”. (ave, *Trochilidae*)



Fonte: Wiki Aves, 2013.



*Quando o beija-flor entra dentro de casa está avisando que vai chegar visita*

**xiripa** *n.* traje típico indígena. Enepora **xiripa** enomonenovo iko'itukexo viyeno mekuke. “Os nossos parentes usavam traje típico indígena no passado chamado xiripa”.



*Os terenas utilizam a palavra xiripá para identificarem as roupas utilizadas pelos seus antepassados, geralmente tecidas*



em teares e também as vestimentas utilizadas nas danças tradicionais, independente do tipo de material que foram confeccionadas, desta forma, atende aos trajes em palha, assim como atende aos trajes atuais confeccionados em tecido.



Fonte: Silva, 2013.



Fonte: Silva, 2013.

**xiripoe<sup>1</sup>** *n.* comida tradicional feita com mandioca descascada exposta ao sol durante por dias e socada no pilão até adquirir consistência de farinha.



Fonte: Quintino Mendes, 2013.

**xiripoe<sup>2</sup>** *n.* saracura. Enepora xiripoe ahati eneyea itukovo

hahameti ya hoikuke. “A saracura gosta de cantar ao entardecer no mato” (ave, *Pardirallus sanguinolentus*)



Fonte: Wiki Aves, 2013.



Quando a saracura canta perto de casa está anunciando luto, quando canta no mato avisa que vai chover

**xiu xiu** *n.* gralha-cancã (ave, *Cyanocorax cyanomelas*)

**xo'opeti** *v.* 1) visitar. Njo'opeti po'ike vipuxovoku. “Vou visitar a nossa outra aldeia”. 2) visita, visitante. Simomeku njo'opetina ko'oyene. “Tive visitas hoje”. 3) *v.* passear. Xo'opeti ra arunoehiko ruake. “As moças estão passeando na rua”.

**xo'oropi** *n.* escama. Eno xo'oropi ra hoe itepone nimikuxi. “Você pegou um peixe de muitas escamas”.

**xoena** *n.* ano

**xokexoti** *v.* debulhar. Xokexoti kareoke ne imonze vane ya pitivokoke. “A minha sogra está debulhando feijão de corda para vender na cidade”.

**xokoro** *n.* nó. Pu'iti xokorona ra etakati. “A taquara tem nó grande”.

**xomoti** *adj.* quando alguma parte do corpo amortece. Xomoti ra njeve



koeku ivandaixea. “As minhas pernas estão amortecidas enquanto estou sentado”.

**xomoyu** *n.* polenta de milho verde. Oye'ekotimo **xomoyu** soporo ra Marlene. “A Marlene fará polenta de milho verde”.



“POLENTA DE MILHO VERDE” Fonte: Quintino Mendes, 2010.

**xopeti** *n.* visita. Aneko **xopeti** yakake. “Tem visita aí”. Simonehiko ra **xopeti**. “As visitas chegaram”. **Xopeti** ra kene. “As visitas estão vindo”. (→**xo'opeti**)

**xopilokoti** *n.* foice. Omexokonone ra **xopilokoti** ya kavaneke. “Roubaram a foice que estava na roça”. Oposikoti okono **xopilokoti** ne nza'a. “Meu pai foi procurar cabo para foice”. Vaxokonotira **njopilokotina**. “A minha foice foi emprestada”.

**xopuxoti** *v.* Sonhar. **Nzopuxoa** numingoxa. “Eu sonhei que estava pescando”.

**xorexo** *n.* sabiá. Uhe'ekoti akene ra **xorexo**. “O canto do sabiá é bonito”. (ave, *Embernagra platensis*)



Fonte: <http://muriqui-lacerda.blogspot.com.br/2011/11/sabia.html>



“Enepone ho'openo kuahati xorexo hime koemaka ekoati yara poke'exa uti enepo eneo ikeneke uko puiakova okovo onze itukovoeko arunoe, imokoikoponoa xeokuke njanelana komomoa onze eneponehiko xuve tikoti inati itomikexo heve uko xapakuke xuve tikoti, kuane enepo imokoikopono xeu vovoku kixoikoti epeiamo xo'opetina uti akoti malika ukeaku, kuane enepo ituko mokohi xeó ovokuti opossiko imea.”

Sabiá é um pássaro tipicamente brasileiro, meu avô dizia que o canto desta ave lembra quando ele era jovem pois a ave cantarolava perto da sua janela depois da chuva e ele observava a paisagem molhada com os pingos da chuva e dizia também que quando o sabiá vem cantar perto da casa esta avisando que vai chegar visita, avisar que vinha pessoas visitar esta casa. Essa ave tem penas marrom e bico pontiagudo, alimentam-se de sementes e lagartas, constrói ninho nos umbrais da casa. (Fonte: Anésio Alfredo Pinto, 2013)

**xoromoni** *n.* brasa (→**monike**)

**xoromonike** *n.* carvão. Enepora **xoromonike** kotutiko nexipa. “Cuidado o carvão está quente”.

**xorono** *n.* cascudo. Eno **xorono** eho ne eungo numikuxea lavonake. “Meu tio pescou muito cascudo na lagoa”. (peixe, *Loricariidae*)

**xovo'iti** *n.* 1) chapéu. Pe'uti ra **xovo'iti** mbiu koe xapa kotuti kaxe. “O chapéu largo é bom no sol quente”. Kayapakoa ihunovoti ra





**njovo'i.** “O vento levou o meu chapéu”. 2) cocar



Fonte: Silva, 2010.



Fonte: Wiki Aves, 2013.

**xovopu'iti** n. (neo.) boné

**xoxe** n. saci



Fonte: Liliane Julio, 2013.

Quando o saci assovia durante o dia e alguém escuta é aviso de morte. Segundo os mais velhos, geralmente o saci assovia nos meses de agosto e setembro por que está triste com as folhas caindo

**xukuli metete** n. andorinha (ave, *Hirundinidae*)

**xukuyo** n. João-de-barro. Exoti itukea peno ne **xukuyo**. “O João de barro é um pássaro que sabe construir sua própria casa” (ave, *Furnarius rufus*)

“Enepora ho'openo kuahati xukuio hime koe ekoati ya kuveu poke'exa uti kali hararapi kixo itukeovo kuane kalihaxo kali kiri enomone huvo'oxoa ne kiri enepo ituko ovoku xoko kavao xuve tikoti enepohiko ne kuxotinoe xane meku kohuhoa enepo imo pahapetea xoko ukeaku kassati kixoekoti enoyeamo uko hiarā xoenae kene enepo imo pahapetea xoko ukeku mane koke kixoekoti enoyieano kassati yara xoenae.”

O João-de-barro é uma pássaro muito conhecido, ele tem penas avermelhadas e um bico pequeno que utiliza para construir sua casa nos galhos das árvores. nossos antepassados diziam que quando ele faz a entrada da casa para o lado sul esta avisando que irá chover muito naquele ano, já quando a porta da casa fica para o lado norte é sinal de frio. Essa ave canta ao amanhecer, e quando canta depois da chuva é sinal que vai parar de chover. (Fonte: Anésio Alfredo Pinto, 2013). Segundo a sabedoria Terena, quando o João-de-barro constrói seu ninho dentro de casa é aviso de separação do casal e canta a noite é sinal que o espírito de alguém que já morreu está passeando pela aldeia.

**xuli xuli** n. jataí, espécie de abelha (inseto, *Tetragonisca angustula*)





**xuluki** *n.* tatu-galinha ou tatu-pelado. Enepora **xuliki** yoti yonea koene'eye. "O tatu pelado anda de noite". (mamífero, *Dasypus novemcinctus*)

**xulukupenouti** *n.* batata doce assada. Enomone itukonovo nika viyeno mekuke ra **xulukupenouti**. "Os nossos parentes no passado só comiam batata doce assada".



Fonte: Quintino Mendes, 2013

*Para fazer batata doce assada levam dois dias, tem que cavar um buraco não muito fundo e fazer uma fogueira até que fiquem apenas as brasas, aí coloca a batata doce na brasa e enterra, tem que fazer tudo ainda de manhã e na manhã do dia seguinte estará pronto. (Fonte: Maísa, 2013)*

**xume** *n.* flecha. Enepone **xume** akone exoati itukea ko'oyene. "Quase ninguém mais sabe fazer flecha hoje em dia".

**xumekevayo** *n.* picão. Unati ipxati ne **xumekevayo** enomonenovo ikoitukexo viyeno xapa mekuke. "O picão é um bom remédio, os parentes usavam muito no passado até hoje". (planta, *Galinsoga parviflora*)

**xumenu** *n.* instrumento indígena para pesca. Enepone **xumenu**

akone exoati itukea ko'oyene. "Atualmente ninguém sabe fazer xumenu".

**xumono** *n.* nome de divisão da tribo. Eno **xumono** viyeno xapa yara vipuxovoku. "Tem muitos parentes que são xumono e vivem aqui". (→ **Sukirikeono**)



*Os xumono usam as cores preto e vermelho, enquanto que os sukirikiono usam as cores azul ou verde e branco. Os xumonó são considerados bravos e gozadores e os sukirikeonos são mansos e sérios.*

**xunako** *n.* força. Enepora **xunako** ne ihunovoti kasa'iriko tikoti. "A força do vento derrubou a árvore".

**xunati** *adj.* forte. **Xunati** ihopune ra hiu noneti. "A flor tem cheiro forte" **Xunati** ihunovoti. "Esta ventando forte".

**xupa** *n.* mandiocal. Kaha'ane unatiyea ra **njupa** kavaneke. "O meu mandiocal já está quase ficando bom".

**xupu** *n.* mandioca. Eno noti **xupu** yara vipuxovoku. "Tem muitas pessoas que plantam mandioca na aldeia". Akone aimake ne oyenaiti **xupu**. "A mandioca não está mais cozinhando". (planta, *Manihot*)



Fonte: Silva, 2013





*Cultura de subsistência e base alimentar do povo terena, a mandioca é consumida assada na brasa, frita, cozida sozinha e em caldos, em forma de hihi (bolacha), poreu (mingau), lapape (beiju) e acompanha quase todos os “pratos” tradicionais do costume alimentar Terena.*



Fonte: Silva, 2013



“SOPA DE MANDIOCA PICADA COM CARNE” Fonte: Quintino Mendes, 2010.



“MANDIOCA ASSADA NA BRASA” Fonte: Quintino Mendes, 2010.

**xurere** *n.* lacraia. Ike uko yonea **xurere**. “A lacraia sai depois da chuva” (→ **hurere**)

**xurokuna** *n.* coxa. Kohoneti ra **njurokuna** ike embo'exine. “A minha coxa está doendo porque estava jogando bola”.

**xurumo** *n.* panela de barro. Vanexo ipuneti **xurumo**. “Eu comprei uma panela de cerâmica”. Enepora **xurumo** hahapu'i koene vo'oku yuku fugaunke. “A panela ficou preta por causa da fogaõ a lenha”.



Fonte: Silva, 2012

**xururuko** *n.* Trovão. Xunati **xururukoti** kiakaxeke. “Tovejou forte ontem”.

**xuve'eti** *n.* primogênito. Enepora homehou enomone **xuve'eti** nje'a. “Este moço é o meu primeiro filho”.

**xuxapati** *adj* rápido. **Xuxapati** ra kamo ehakovo. “O cavalo quando corre é rápido”. (→ **hu koeti, riketi**)

**xuxu koye** *v.* agachar. **Xuxu koye** ne marakaya nenekuke. “O gato está agachado na sua frente”. **Xuxu yakoe** enepone yapasihea hoikuke. “Você tem que se agachar quando você for caçar no mato”.







FONTE: DENISE SILVA

# YUTOETI



**yakuke** *n.* Aqui. Oivotimo **yakuke**. “Eu vou morar aqui”.

**yame** *n.* pessoal. Eno **yame** simoti yara ayuiti. “Tem muita gente nesta festa”.

**yapahi** *n.* capim-carona (planta, *Elionurus muticus*)



Fonte: [http://3.bp.blogspot.com/\\_3lMSXToUMP0/S7td4k5L1FI/AAAAAAAAAE0/ONksgpiWhLY/s400/FA\\_abril\\_09+\(10\).JPG](http://3.bp.blogspot.com/_3lMSXToUMP0/S7td4k5L1FI/AAAAAAAAAE0/ONksgpiWhLY/s400/FA_abril_09+(10).JPG)



*Capim comum na região, utilizado como mistura para fazer o reboque da casa de pau a pique, tijolo artesanal e também para fazer colchão e travesseiro*

**yapene** *v.* 1) chegar (→ **apene**, **seopoti**, **simoti**) 2) parar. **Yapene** yoreki terere hingapo. “Chega de tomar tereré, vamos embora”. (→ **apene**, **okoti**)

**yavau** *n.* caramujo (→ **lo’o**)

**yehi** *num.* dez. **Yehi** koe koputoe ra kipae xoko moko. “A ema tem dez ovos no ninho”.

**yekoteno** *n.* velho. Enepora **yekoteno** akone kama konokotine vaukeokono. “O velho não escuta mais, temos que gritar pra ele ouvir”.

**yeno** *n.* esposa. Enepone **yino** exoti itukea cafe. “A sua mulher

sabe fazer café bem”. Ako exa oye'eka ra **yenom**. “A minha mulher não sabe cozinhar”. (→ **muxone**)

**yetore** *adj.* brincalhão. Nexipa ne arunoe **yetore** ako topi yuhu. “Cuidado com a moça, ela é brincalhona, fala cada coisa”.

**yomomo** *n.* lama. Eno **yomomo** ya xenekuke ike uko. “Tem muita lama na estrada devido a chubarada”.

**yomoti** *v.* gostar (→ **aha’axoti**, **oyokoti**)

**yonoti**<sup>1</sup> *v.* 1) andar. **Yonone** ne kalivono. “A criança já está andando”. 2) viajar. **Yonoti** ra xanehiko ya po'ike vipuxovoku. “As pessoas estão indo pra outra aldeia”. **Yonoti** ne nati. “O cacique está viajando”.

**yonoti**<sup>2</sup> *n.* erisipela, tipo de infecção cutânea. Yuvati **yonoti** ne hoyeno. “O homem pegou (contraiu) erisipela”.

**yoroi** *n.* dobradinha (bucho de vaca).



*A dobradinha está presente na alimentação do povo Terena. Uma das formas mais consumida é o caldo de dobradinha com mandioca.*



“DOBRADINHA”. Fonte: Quintino Mendes, 2010.





**yoti** *n.* noite. Uhe'ekoti hekere ya **yoti**. “À noite a estrela fica bonita”. Haha'iti ne **yoti** ko'oyene. “A noite é escura”. **Yotike** voposiheoti ya hoikuke. “Esta noite a gente vai caçar no mato”.

**yotoke** *v.* ferrear. **Yutokea** kalivono ra hane. “O marimbondo ferrou a criança”.

**you** *n.* neblina. Eno **you** ya yuponiti yara vipuxovoku. “Tem muita neblina bem cedo aqui na nossa aldeia”.

**yovire** *n.* lobo. Enepone **yovire** yomoti taru'uxea xene ya hahame koeti. “O lobo gosta de atravessar a estrada toda tarde”.

**yu'oxoti** *v.* acertar. **Yu'oxoa** kalivono ne yuvoe ho'openo. “A criança acertou no pássaro em que ele atirou”. **Yu'oxoti** yekoteno ne hoyeno kalivono ya epo'e. “O menino acertou o senhor de idade com a bola”.

**yuho'ixoti<sup>1</sup>** *v.* conversar. **Yunzo'ixoa** ra Marlene mbiheamo. “Eu conversei com a Marlene que vou lá”. **Yuho'ixoti** Marli ra Marlene. “A Marlene está conversando com a Marli”.

**yuho'ixoti<sup>2</sup>** *v.* namorar. Inamatiko ra arunoe **yuho'ixoti**. “A moça que está namorando é nova”.

**yuhoikoti** *v.* ler. **Yuhoikoti** koyuhopeti ra seno kalivono. “A menina está lendo livro”.

**yuhumukopeti** *n.* garfo. Enepora **yuhumukopeti** inarakoti. “O garfo está quebrado”.

**yuki** *n.* sal. Enepora **yuki** ako topi ko'iyevovoku iha ya vanexokutike. “O

sal tem vários tipos e nomes no mercado”.

**yukilu** *n.* tartaruga-do-pantanal. Ape **yukilu** ya tangike kiyakaxeke. “Teve tartaruga ontem no açude”. (réptil, *Acanthochelys Macrocephala*)

**yukovoti** *n.* acordar. Oriti **yukeovone** ra Liliane koyene. “A Liliane acordou tarde hoje”. (→**iyukovoti**)

**yuku** *n.* 1) lenha. Metakiku ra **yuku**. “A lenha é de angico”. Veoti **yuku** ne hoyeno ya hoikuke. “O homem foi tirar lenha no mato”. 2) fogo. 3) luz.



Fonte: Silva, 2013

**yukui** *n.* pamonha. Enepone **yukui** uheti xanena orekati yuponiti. “A pamonha é muito gostosa com chá toda manhã”.



“PAMONHA”. Fonte: Quintino Mendes, 2010.

**yukurea** *n.* sombra. Pikopo **yukurea** ne kamo ya itumukoti. “O



cavalo estranhou a sua sombra ao meio dia”.

**yuma** *n.* puvilho. Uheti iropokexovo ra **yuma**. “O polvilho frito é uma delícia”.



“POUVILHO FRITO”. Fonte: Quintino Mendes, 2010.

**yunaem** *n.* teiú, lagarto. Itumukoti kaxe yonea ne **yunaem**. “O teiú só anda ao meio dia”. (réptil, *Teiidae*)

**yunakalu** *n.* ritual de enfrentamento entre pajés durante o ohokoti (ritual de pajelança), consagração do pajé vencedor deste enfrentamento.



*Contam os anciãos que antigamente nas aldeias existiam muitos pajés e que quando as sete estrelas (uve/plêiades) davam início ao ano novo e início da colheita, ocorria um ritual de pajelança, chamado ohokoti (ocorre na mesma data da semana santa). Durante este ritual, os pajés se enfrentavam numa luta espiritual chamada yunakalu onde o perdedor acaba doente por muitos dias e o vencedor é consagrado como yunakalu (grande pajé).*

**yuparaheoti** *v.* remendar. Enepora meme **yuparaheoti** ipovoti. “A vovó está remendendo roupa”.

**yuponi** *n.* 1) Cedo. Eno eneoti ho'openo ya **yuponiti**. “Tem muitos pássaros que cantam bem cedo”. **Yuponi** ko'iko ra akene. “Está cedo ainda”. 2) manhã. 3) *v.* amanhecer lyikapunoe yuponine! “Acordem já amanheceu!”

**yuporo'okoti** *v.* costurar (→ **uhe'oko**, **uhe'okoti**)

**yuremu** *n.* sangue coagulado. Koati timarukoati tamuku ra **yuremu** itina vaka. “O cachorro está lambendo o sangue coalhado da vaca no chão”.

**yurikoyuvakai** *n.* O mito formador dos terena.



*A origem das metades possui várias versões, conforme os relatos do missionário Rattray Hay (1925) e dos antropólogos Cardoso de Oliveira (1976), Altenfelder Silva (1946/1947) e outros. Todos indicam o mesmo mito heróico do civilizador chamado “Yurikoyuvakai”. Cardoso de Oliveira (1976) afirma que o herói tirou os terena do fundo da terra e lhes entregou o fogo e os instrumentos necessários para sua sobrevivência na face da terra. “Yurikoyuvakai”, segundo o mito, era um só individuo. Quando moço, a sua mãe ficou brava, pois ele não queria ir com ela a roça. Como castigo, ela foi a roça, tirou sua foice e cortou “Yurikoyuvakai” ao meio. Como resultado, surgiu dois indivíduos, um saído da metade de Yurikoyuvakai da cintura para cima e o outro, da cintura para baixo. Surgiram, assim, as duas metades*



*terena distintas: os “Sukrikiano” e os “Xumonó”.*

*Existia ligeira superioridade de uma metade sobre a outra, que ficava evidente nos períodos de festas. Os Xumonó saíam pela Aldeia com brincadeiras, provocando algazarra, atirando pedaços de madeira por todo lado; tudo devia ser aceito pelos sukirikiano sem revidar. Esta atitude impávida denotava a sua superioridade sobre a outra metade. (BALTAZAR, 2010)*

**yusaki** *n.* gafanhoto (inseto, *Romaleidae*)

**yutapa** *n.* tesoura. Inarakoti po'i okono ra **yutapa**. “A tesoura está com outro cabo quebrado”.

**yutoeti** *n.* letra, escrita. Yihaika ra **yutoeti** ixeá ne xi'ixa. “Manda seu filho ler aquela escrita”.

**yutokea** *n.* ferroadada de inseto

**yutokoti** *v.* ferroar. **Yutokokoti** ra hane. “O marimbondo ferroa”.

**yutoxoku ihikaxoti** *n.* (neo.) quadro

**yutoxopeti** *n.* (neo) lápis, caneta

**yutoxoti** *v.* escrever. **Yitaxamo** ra koyuhopeti peheopo xoko xi'ixa ya xapa takure'ike. “Depois você escreve a carta que vai enviar pra seu filho no canavial”. Avo **yutaxa** ra nje'exa ihikaxovoti. “O meu filho que estuda ainda não sabe escrever”. **Yutoxoti** ne mbo'inu aneko ovokutike. “Meu irmão está dentro da casa escrevendo”. **Yutoxo** ne xi'ixa ya escolake? “Seu filho escreve na escola?” **Yutoxoti** koyuhopeti ra Liliane. “A Liliane está escrevendo uma carta”. **Yutoxinoti** koyuhopeti yuhoexone ra Liliane. “A

Liliane está escrevendo uma carta para o namorado”.

**yuvokokoti** *v.* atirar. **Yivakane** ne tohe. “Atire no nambu”.

**yuvoti** *n.* joaninha (peixe, *Cichlidae*)

**yu'xa** *n.* ferrão de insetos. Ape **yu'xa** ne hane. “O marimbondo tem ferrão”.

**yuxu** *n.* pilão. Kuxotine veone otu ra **yuxu**. “O pilão é antigo foi avô dele que fez”.



Fonte: Silva, 2010.

**yuxuxukovoti** *v.* agachar. **Yuxuxukovoti** ne kalivono yane ikorokovone. “A criança estava agachando e caiu”. **Yuxuxukovoti** ra Vitoria. “A Vitória está agachada”.







## Apêndice II

# A PESQUISA NO COTIDIANO DA ALDEIA

Este apêndice foi elaborado com a finalidade de ilustrar um pouco do muito que vicenciei, aprendi e compartilhei junto a comunidade indígena Terena de Miranda-MS. As imagens incluem não apenas algumas das etapas da pesquisa, mas o cotidiano das aldeias, os costumes e a fascinante cultura deste povo. Espero que estas imagens possam transmitir a todos, um pouco da felicidade que tive no decorrer desta pesquisa, das amizades que construí e da maneira calorosa que fui acolhida pela comunidade.

PROFA. *RIDELMARA*



# A PESQUISA NO COTIDIANO DA ALDEIA

## DENISE SILVA (2009-2013)



Reunião de professores na antiga escola da Aldeia Cachoeirinha – 2009



Aluna confeccionando cocar para apresentação cultural. Cachoeirinha – 2009



Crianças terena fazendo artesanatos com sementes. Cachoeirinha – 2009



Alunos confeccionando adornos e vestimentas para apresentação cultural. Cachoeirinha – 2009



Sr. Francisco, um dos anciãos consultados na pesquisa, falecido em 2013. Cachoeirinha – 2009



Coleta de dados com funcionária da escola. Cachoeirinha – 2009



# A PESQUISA NO COTIDIANO DA ALDEIA

## DENISE SILVA (2009-2013)



Coleta de dados. Cachoeirinha – 2009



Coleta de dados. Cachoeirinha – 2009



Coleta de dados. Cachoeirinha – 2009



Coleta de dados. Cachoeirinha – 2009



Aluna se preparando para apresentação cultural. Cachoeirinha – 2009



Aula de Terena. Cachoeirinha – 2009



# A PESQUISA NO COTIDIANO DA ALDEIA

## DENISE SILVA (2009-2013)



Coleta de Dados. Babaçu – 2009



Coleta de Dados. Cachoeirinha – 2009



Coleta de dados. Cachoeirinha – 2009



Coleta de Dados. Cachoeirinha - 2009



Artesanatos terena em palha. Centro Referencial da Cultura Terena – Miranda – 2009



Crianças colhendo taboquinha para confecção de vestimentas. Cachoeirinha – 2009



# A PESQUISA NO COTIDIANO DA ALDEIA

## DENISE SILVA (2009-2013)



Papagaio comendo goiaba. Cachoeirinha – 2009



Crianças terena em aula. Cachoeirinha – 2010



Coleta de dados. Cachoeirinha – 2009



Coleta de dados. Cachoeirinha – 2010



Aula de arte e cultura Terena. Cachoeirinha – 2010



Crianças confeccionando artesanatos com sementes. Cachoeirinha – 2010



# A PESQUISA NO COTIDIANO DA ALDEIA

## DENISE SILVA (2009-2013)



Coleta de dados. Cachoeirinha – 2010



Senhora colhendo lenha no açude. Cachoeirinha – 2010



Crianças confeccionando vestimentas. Cachoeirinha – 2010



Confeção de vestimentas típicas. Cachoeirinha – 2010



Apresentação infantil da Dança da Ema – 2010



Coleta da dados. Argola – 2010



# A PESQUISA NO COTIDIANO DA ALDEIA

## DENISE SILVA (2009-2013)



Coleta de dados. Cachoeirinha – 2010



Coleta de dados. Cachoeirinha – 2010



Apresentação cultural Dia do Índio – 2010



Apresentação cultural Dia do Índio – 2010



Coleta de dados. Cachoeirinha – 2010



Apresentação cultural Dia do Índio – 2010



# A PESQUISA NO COTIDIANO DA ALDEIA

## DENISE SILVA (2009-2013)



Coleta de dados. Cachoeirinha – 2010



Coleta de dados. Cachoeirinha – 2010



Coleta de dados. Babaçu – 2010



Ceramista. Cachoeirinha – 2010



Ceramista. Cachoeirinha – 2010



Cerâmica Terena. Cachoeirinha – 2010



# A PESQUISA NO COTIDIANO DA ALDEIA

## DENISE SILVA (2009-2013)



Processo de produção da cerâmica. Cachoeirinha – 2010



Reunião com professores. Argola – 2013



Coleta de dados. Cachoeirinha – 2011



Feira de ciências. Cachoeirinha – 2011



Coleta de dados. Cachoeirinha – 2011



Coleta de dados. Cachoeirinha – 2011



# A PESQUISA NO COTIDIANO DA ALDEIA

## DENISE SILVA (2009-2013)



Coleta de dados. Cachoeirinha – 2011



Coleta de dados. Cachoeirinha – 2011



Coleta de dados. Cachoeirinha – 2011



Criança terena com adornos típicos. Cachoeirinha – 2011



Ceramistas. Cachoeirinha – 2011



Cerâmicas Terena. Cachoeirinha – 2011



# A PESQUISA NO COTIDIANO DA ALDEIA

## DENISE SILVA (2009-2013)



Residência típica construída com taboca. Lalima – 2011



Coleta de dados. Lalima – 2011



Coleta de dados. Lalima – 2011



Fogão de lenha. Lalima – 2011



Aldeia Alves de Barros – 2011



Crianças brincando. Lalima – 2011



# A PESQUISA NO COTIDIANO DA ALDEIA

## DENISE SILVA (2009-2013)



Painel com brincos, ao fundo tapete de palha – 2011



Produção de cestaria – 2012



Produção de cestaria – 2012



Coleta de dados. 2012



Cerâmica Terena. Centro Referencial Cultura Terena. Miranda – 2012



Reunião com professores. Cachoeirinha - 2012



# A PESQUISA NO COTIDIANO DA ALDEIA

## DENISE SILVA (2009-2013)



Escola Municipal Nicolau Horta Barbosa. Cachoeirinha – 2012



Alunos e professoras preparando adornos para festividades da aldeia. Cachoeirinha – 2012



Reunião com professores. Cachoeirinha – 2012



Professores indígenas. Cachoeirinha – 2012



Igreja católica. Cachoeirinha – 2012



Antigo posto da Funai. Cachoeirinha – 2012



# A PESQUISA NO COTIDIANO DA ALDEIA

## DENISE SILVA (2009-2013)



Vestimenta típica com taboca e sementes – 2012



Abobora assada. Lalima – 2012



Lalima – 2012



Casa professor indígena. Lalima - 2012



Coleta de dados – 2012



Processo de produção do hihi. Cachoeirinha – 2012



# A PESQUISA NO COTIDIANO DA ALDEIA

## DENISE SILVA (2009-2013)



Festividades na escola municipal. Cachoeirinha – 2012



Festividades na aldeia – 2012



Dança da Ema – 2012



Dança das mulheres – 2012



Alunos com professor Anésio. Cachoeirinha – 2012



Arara vermelha. Cachoeirinha - 2012



# A PESQUISA NO COTIDIANO DA ALDEIA

## DENISE SILVA (2009-2013)



Produção de vestimentas. Argola – 2012



Produção de vestimentas. Argola – 2012



Mulher terena. Argola – 2012



Quati. Lalima – 2012



Dança das mulheres. Argola – 2012



Dança da Ema. Argola – 2012



# A PESQUISA NO COTIDIANO DA ALDEIA

## DENISE SILVA (2009-2013)



Cozinhando na fogueira. Cachoeirinha – 2012



Coleta de dados. Cachoeirinha – 2013



Crianças escola municipal. Cachoeirinha – 2013



Apresentação alunos. Cachoeirinha – 2013



Apresentação de vídeo terena. Cachoeirinha – 2013



Coleta de dados. Cachoeirinha – 2013



# A PESQUISA NO COTIDIANO DA ALDEIA

## DENISE SILVA (2009-2013)



Escola Estadual Cacique Timóteo. Cachoeirinha – 2013



Professores Indígenas e Prof. Claudete (UFMS). 2013



Dia do Índio. Cachoeirinha – 2013



Dia do Índio. Cachoeirinha – 2013



Batizado – Dia do Índio. Cachoeirinha – 2013



Ana Luisa (Filha da pesquisadora) em vestimenta típica. Cachoeirinha – 2013



# A PESQUISA NO COTIDIANO DA ALDEIA

## DENISE SILVA (2009-2013)



Aula de Meio Ambiente. Cachoeirinha – 2013



Sementes usadas em artesanatos. Cachoeirinha – 2013



Aula de Meio Ambiente. Cachoeirinha – 2013



Aula de Meio Ambiente. Cachoeirinha – 2013



Aula de Meio Ambiente. Cachoeirinha – 2013



Coleta da dados. Cachoeirinha – 2013



# A PESQUISA NO COTIDIANO DA ALDEIA

DENISE SILVA (2009-2013)



Cozinhando abóbora na fogueira. Cachoeirinha – 2013



Hihi. Argola – 2013



Polindo cerâmica. Cachoeirinha – 2013



Polindo cerâmica. Cachoeirinha – 2013



Queimando cerâmica. Cachoeirinha – 2013



Queimando cerâmica. Cachoeirinha – 2013



# A PESQUISA NO COTIDIANO DA ALDEIA

DENISE SILVA (2009-2013)



Pintura da cerâmica. Cachoeirinha – 2013



Pintura da cerâmica. Cachoeirinha – 2013



Pajé. Babaçu – 2013



Produção de cestaria. Babaçu – 2013



Açude. Cachoeirinha - 2013



Pôr-do-sol. Cachoeirinha - 2013